



UNESPAR
Fl. <u>02</u>

RUBRICA

Cadastro:	UNESPAR		
Em:	02/06/2017 09:50		
Assunto:	AREA DE ENSINO		
Protocolo:	Vol.:	Cidade:	PARANAVAI / PR
14.649.816-7	1	Origem:	UNESPAR/PGRA
		Código TTD:	-
Nº/Ano Dcto:	19/2017		
Interessado 1:	PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO		
Interessado 2:	-		
Palavras chaves:	PROJETO		
Complemento:	APROVAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC) DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNESPAR CAMPUS UNIÃO DA VITÓRIA.		
Para informações acesse: www.eprotocolo.pr.gov.br/consultapublica			

18 de Maio de 2017, União da Vitória-PR

Memorando n. 006/2017

De: Centro de Ciências Humanas e Educação – Campus de União da Vitória
Para: Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Assunto: Encaminhamento de nova proposta do PPC-Projeto Pedagógico do Curso de Geografia

Prezada Pró-Reitora Maria Simone,

Encaminhamos a nova proposta do PPC do curso de Geografia para efeitos de renovação junto ao Conselho Estadual de Educação e solicito a inserção da sua aprovação na pauta da próxima reunião do CEPE, a realizar-se no dia 21 de junho de 2017.

Estamos ao seu dispor para eventuais esclarecimentos.

Respeitosamente,



Karim Siebeneicher Brito

**Diretora do Centro de Ciências Humanas e Educação
do campus de União da Vitória**

Profª Dra. Karim Siebeneicher Brito
Diretora do Centro de Ciências Humanas e Educação
Portaria nº 540/2016
UNESPAR - Campus União da Vitória



Universidade Estadual do Paraná
 Credenciada pelo Decreto Estadual nº 9538, de 05/12/2013.
 Campus de União da Vitória

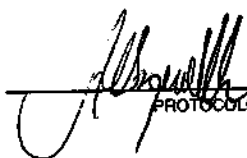


TRÂMITES DE PROTOCOLO

17/05/2017

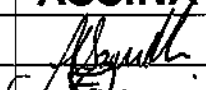

19:13

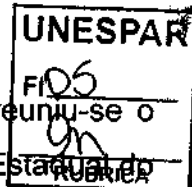
FAFIUV RELATÓRIO DE PROTOCOLO

PROTOCOLO: 2079 DATA: 17/05/2017 NOME: ALCIMARA APARECIDA FOETSCH ASSUNTO: PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DESTINO: CCHE DESCRIÇÃO: ENTREGA DOS DOIS VOLUMES DO PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA PARA ENCAMINHAMENTO A REUNIÃO DO CEPE. CONSTA ATA DE APROVAÇÃO DO COLÉGIADO.	ATENDENTE: GISELI FUNÇÃO: PROFESSORA DATA ENTREGUE DESTINO:	ASSINATURAS:  _____ PROTOCOLO: _____ DESTINATÁRIO
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

DATA	DESCRIÇÃO	SITUAÇÃO	ASSINATURA
17/05/2017			GISELI

DOCUMENTAÇÃO

Nº	DATA	SITUAÇÃO	ASSINATURA
01	17/05/2017	Encaminhado ao CCHE	
02	18/05/17	Encaminhado a PROGRAD	
03			
04			
05			
06			
07			
08			
09			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			

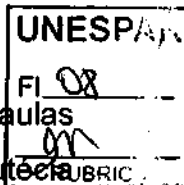


1 Ata 15. Aos vinte dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete, reuniu-se o
2 Conselho do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade Estadual
3 Paraná, Campus de União da Vitória, conforme lista de presença, após convocação
4 datada de 14 de fevereiro de dois mil e dezessete, para deliberar sobre a seguinte
5 pauta, que acompanhou a convocatória: 1) Análise e Aprovação de Relatórios Finais
6 de TIDE; 2) Análise e Aprovação de Novos Projetos de TIDE; 3) Análise e
7 Aprovação de Memoriais Descritivos; 4) Assuntos tratados na reunião do Conselho
8 de Campus; 5) Análise e Aprovação do novo PPC-Projeto Pedagógico do Curso de
9 Geografia para renovação do curso; 6) Datas das reuniões futuras. A professora
10 Helena Edilamar Ribeiro Buch, chefe da Divisão de Ensino do campus, foi convidada
11 a participar da reunião. Com a presença de todos os conselheiros a Diretora do
12 Centro de Ciências Humanas e Educação deu início aos assuntos da pauta. 1) Os
13 relatórios finais de TIDE tiveram a seguinte deliberação: Proponente: Aline Venturini,
14 do colegiado de Letras-Português/Espanhol, projeto intitulado "Os prólogos das
15 traduções brasileiras de Dom Quixote: formação de leitores". O relatório possui os
16 requisitos necessários à aprovação e se refere ao período de setembro de 2015 a
17 dezembro de 2016, tendo em vista a finalização do contrato da professora
18 colaboradora em 31 de dezembro de 2016. O referido projeto foi aprovado pela
19 relatoria e pelo Conselho. Proponente: Sérgio Roberto Ferreira dos Santos, do
20 colegiado de Geografia, projeto intitulado "Pelos trilhos da Geografia: aprendendo
21 geografia física pelos caminhos do contestado". O projeto foi considerado aprovado
22 com ressalvas pela relatoria e pelo conselho. A relatoria solicita que o mesmo revise
23 a bibliografia utilizada no projeto. Proponente: Valéria Aparecida Schena, do
24 colegiado de Pedagogia, projeto intitulado "Histórias e Memórias das Escolas
25 Isoladas da Região de Porto União-SC". A relatoria solicitou que seja anexado o
26 artigo completo e texto com o título do projeto de TIDE. O projeto foi considerado
27 aprovado pelo Conselho. 2) Os novos projetos de TIDE tiveram a seguinte
28 deliberação: Proponente: Helena Edilamar Ribeiro Buch, do colegiado de Geografia,
29 projeto intitulado "Aulas de Geografia: investigando a criatividade e estratégias". O
30 projeto foi considerado aprovado pela relatoria e pelo conselho. Proponente: Sérgio
31 Roberto Ferreira dos Santos, do colegiado de Geografia, projeto intitulado "Abelha
32 não faz mal, faz mel: o ABC das abelhas sem ferrão na construção de leitura de
33 meio ambiente na educação infantil". A relatoria solicitou que o proponente revise a
34 bibliografia do projeto. O projeto foi considerado aprovado pela relatoria e pelo
35 Conselho. Proponente: Silas Rafael da Fonseca, do colegiado de Geografia, projeto

UNE: 11/11
FIOG
RUBRICA

36 intitulado "O estudos da questão agrária na microrregião de União da Vitória a partir
37 da abordagem do conceito de latifúndio". A relatoria solicitou que sejam realizadas
38 algumas adequações no projeto, o que não inviabiliza a proposta. O referido projeto
39 foi considerado aprovado pelo Conselho. Proponente: Valéria Aparecida Schena, do
40 Colegiado de Pedagogia, projeto de pesquisa intitulado "Representações da infância
41 na cultura escolar do ensino fundamental do município de União da Vitória-PR:
42 dialogando com o passado e o presente". O projeto foi considerado aprovado pela
43 relatoria e pelo Conselho. Neste momento a Diretora do Centro informou que está
44 sendo elaborado, em conjunto com a Direção do Centro de Áreas de Ciências
45 Exatas e Biológicas, e as Divisões de Pesquisa e Extensão, um regulamento interno,
46 baseado no regulamento de TIDE da UNESPAR, que deverá abordar todos os
47 detalhes de que o regulamento da UNESPAR não trata. Este regulamento
48 será acompanhado de modelos atualizados de projeto e relatório de TIDE. 3) A
49 comissão para apreciação do Memorial Descritivo de ascensão de nível da docente
50 Diane Daniela Gemelli, do colegiado de Geografia, composta pelos conselheiros
51 Kelen Junges, Karim Siebeneicher Brito e Antonio Charles Santiago, aprovou o
52 memorial, considerando-a apta para ascensão de nível. A comissão para apreciação
53 do Memorial Descritivo de ascensão de nível do docente Sérgio Roberto Ferreira
54 dos Santos, do colegiado de Geografia, composta pelos conselheiros Thiago
55 Stadler, Everton Grein e Caio Ricardo Bona Moreira, aprovou o memorial,
56 considerando-o apto para ascensão de nível. A comissão para apreciação do
57 Memorial Descritivo de ascensão de nível do docente Thiago Stadler, do colegiado
58 de Filosofia, composta pelos conselheiros Everton Grein, Antonio Charles Santiago e
59 Fernanda Rosário de Mello, aprovou o memorial, considerando-o apto para
60 ascensão de nível. Neste momento foi apresentado pelo conselheiro Thiago Stadler
61 um modelo de Memorial Descritivo. O professor Thiago Stadler procurou seguir os
62 pontos solicitados no instrumento de avaliação fornecido pela PROGESP, dando ao
63 documento um caráter mais técnico e objetivo. Os conselheiros sugeriram que no
64 item "Atividades de Pesquisa" sejam incluídas as opções "livro, organização de livro
65 e capítulo de livro". O modelo de Memorial Descritivo apresentado foi aprovado por
66 unanimidade pelo Conselho. Em seguida a conselheira Daniele Simone Bona, da
67 Divisão de Recursos Humanos, esclareceu aos presentes que todos os professores
68 que desejem solicitar ascensão de nível se dirijam à Divisão de Recursos Humanos
69 para retirar documento referente ao período pretendido para a ascensão de nível. O
70 primeiro Memorial Descritivo a ser apresentado será referente aos três anos que

71 correspondem ao período do estágio probatório, sendo que os próximos pedidos de
72 ascensão de nível serão efetuados a cada dois anos. E acrescentou que o Tribunal
73 de Contas solicita alguns Memoriais Descritivos para análise. 4) Os assuntos
74 tratados na reunião do Conselho de Campus foram os seguintes: foi realizado pelos
75 alunos do SISU um pedido de auxílio como material de construção ou mesmo
76 dinheiro para efetuar algumas reformas essenciais no imóvel alugado por eles. O
77 orçamento para esta reforma foi de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais). Na reunião do
78 CAD foi repassada a informação de que o governo do estado está criando uma
79 comissão para avaliar cargos e salários. O observatório pertencente ao campus e
80 coordenado pelo colegiado de Geografia aluga o espaço para empresas instalarem
81 antenas. Foi aprovado um regulamento próprio com intuito de administrar melhor
82 esta questão. A Diretora comunicou que há um espaço reservado de 30 minutos
83 semanais na TV mil para divulgação de informações, eventos e outras
84 necessidades. A proposta de controle de frequência dos professores foi levada e
85 aprovada nesta reunião e terá início a partir do mês de abril de 2017. O professor
86 deverá dirigir-se à sala dos professores para a assinatura de presença do dia que
87 ficará sob a responsabilidade da recepcionista. A lista de frequência somente poderá
88 ser retirada pelo coordenador do curso. O coordenador do curso repassará ao
89 Centro de Área que encaminhará à Divisão de Recursos Humanos. A conselheira
90 Marcia Marlene Stentzler comentou que devido às atividades práticas realizadas por
91 alguns cursos o coordenador deverá ser comunicado com antecedência através de
92 ofício ou memorando. As referidas fichas de controle deverão ser retiradas até dia
93 25 de cada mês, tendo em vista que a folha de pagamento encerra na primeira
94 semana do mês. Deverão ser repassadas para o Centro de Área que em seguida
95 encaminhará à Divisão de Recursos Humanos. A Diretora salientou que o
96 coordenador responderá por negligência e o professor pela sua falta em caso de
97 instauração de sindicância. E ainda solicitou que os conselheiros não falem nas
98 reuniões do Conselho. O regulamento do Centro de Área deverá ser apresentado
99 ao Conselho para análise e deliberará sobre a falta dos conselheiros nas reuniões.
100 Informou também que haverá eleição para compor os membros representantes dos
101 colegiados no Conselho do Centro. O calendário de reposição das aulas referente
102 ao ano letivo de 2016 foi aprovado na reunião do Conselho do Campus e será
103 enviado à PROGRAD. O conselheiro Thiago Stadler relatou que por falta de
104 comunicação entre docentes e responsáveis pela abertura do prédio para as aulas
105 de reposição houve alguns contratemplos que foram solucionados. Nesse sentido a



106 Diretora solicitou aos coordenadores o envio do calendário de reposição de aulas
107 aos sábados para que não ocorram imprevistos. As professoras Karim e Lúcia
108 apresentaram a programação da Semana de Aperfeiçoamento envolvendo
109 professores e agentes universitários no período de 20 a 24 de março de 2017. A
110 agente universitária Elizabete Empinotti, coordenadora da AFATI, solicitou aos
111 colegiados a colaboração para realizarem durante um mês atividades como palestra,
112 curso, atividade lúdica, atividade física e outras no sentido de ter maior diversidade
113 de atividades para os participantes. As reuniões ocorrem toda quarta feira na parte
114 da tarde. A professora Sandra Salete de Camargo Silva, vice-diretora do campus,
115 solicitou que os docentes tenham zelo com o tratamento direcionado aos estagiários
116 e agentes universitários. A Diretora do Centro comunicou que está disponível a
117 Certificação Digital da UNESPAR, tendo como responsáveis Fabiano (Paranavaí) e
118 Edivan (Campo Mourão). Informou-se ainda que nenhum evento terá apoio
119 financeiro se não estiver previsto no PPC do curso; podem-se vincular aos
120 programas das disciplinas nos PPC . Há um edital de fluxo contínuo da UNESPAR
121 que poderá ser utilizado pelos docentes para solicitar ajuda de custo em qualquer
122 momento. A Direção do campus que no dia 08 de março de 2017 haverá uma
123 reunião para elaboração dos novos PDI e PPP. Na reunião do Conselho do Campus
124 o Diretor informou que será liberada pela chefia do Poder Legislativo o valor de R\$
125 1.000.000,00 (um milhão de reais) para este campus. A Direção do Campus dará
126 prioridade à pintura externa do prédio, término da construção das salas, reforma do
127 telhado e troca de calhas, rede WIFI, e aquisição de um veículo para viagens dos
128 professores e direção. Em 2018 está prevista uma verba proveniente de emenda
129 parlamentar de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais) para aquisição de
130 equipamentos. O elevador está instalado e funcionando para uso exclusivo de
131 pessoas com necessidade de locomoção. Com relação à redação dos novos PPC, a
132 conselheira Marcia Stentzler se pronunciou dizendo que para a bibliografia básica
133 são necessários três títulos por disciplina, os quais devem constar na bibliografia da
134 disciplina. A quantidade de exemplares por título, proporcionalmente ao número de
135 ingressantes anualmente por curso, é um dos fatores que determina a nota da
136 avaliação do curso. Para a bibliografia complementar são seis títulos por disciplina,
137 dois exemplares físicos para cada título, ou todos referenciados com acesso virtual.
138 Por exemplo, periódicos cadastrados na biblioteca local do scielo, ou ainda,
139 biblioteca digital "Pearson" com acesso a todos os acadêmicos e docentes, de forma
140 virtual online. Nesse sentido a Diretora do Centro manifestou insatisfação por não

141 termos no campus de União da Vitória acesso ao portal de periódicos da CAPES.
142 conselheiro Thiago Stadler manifestou preocupação sobre o local para armazenar os
143 livros a serem adquiridos pelo fato de que a atual biblioteca encontra-se com o
144 espaço totalmente ocupado. A professora Helena Edilamar Ribeiro Buch demonstrou
145 preocupação no que se refere à ausência de um profissional habilitado para
146 desenvolver o trabalho na biblioteca. O conselheiro Samon Noyama colocou que o
147 curso de Filosofia não tem aparelhos de data-show em funcionamento. Sugeriu que
148 após as aquisições os equipamentos sejam fixados em suportes nas salas de aula.
149 Sugeriu também que cada colegiado disponibilize o valor de R\$ 10.000,00 (dez mil
150 reais) para efetuar a compra de mais um veículo para o campus. 5) O colegiado de
151 Geografia apresentou proposta do novo PPC-Projeto Pedagógico do curso para
152 renovação do curso. A relatoria do projeto apontou algumas alterações, que deverão
153 ser discutidas no colegiado. 6) Em relação as datas das reuniões para o primeiro
154 semestre estão previstas para 24 de abril e 26 de junho de 2017. As demais datas
155 serão definidas posteriormente. Em seguida a Diretora do Centro agradeceu os
156 presentes e deu por encerrada a reunião. Nada mais havendo a tratar e, para
157 registrar, eu, Zeni Cristina Ziemann, secretária *ad hoc*, lavrei a presente ata.

158 Alcimara Aparecida Föestch
159 Aline Izabelle Vera
160 Antonio Charles Santiago
161 Caio Ricardo Moreira Bona
162 Carlos Rafael Schneider
163 Daniele Simone Bona
164 Everton Grein
165 Fernanda Rosário de Mello
166 Ilton Cesar Martins
167 Karim Siebeneicher Brito
168 Kelen dos Santos Junges
169 Marcia Marlene Stentzler
170 Samon Noyama
171 Thiago David Stadler
172 Zeni Cristina Ziemann

Lista de presença da reunião ordinária do Conselho do Centro de Ciências Humanas e Educação, 20 de fevereiro de 2017, 13h45min.

Representantes dos docentes:

Nome	Assinatura
Alcimara Ap. Föetsch	<i>Alcimara Ap. Föetsch</i>
Antonio Charles Santiago	<i>Antonio Charles Santiago</i>
Caio R. Moreira Bona	<i>Caio R. Moreira Bona</i>
Everton Grein	<i>Everton Grein</i>
Fernanda Rosario de Mello	<i>Fernanda Rosario de Mello</i>
Ilton César Martins	<i>Ilton César Martins</i>
Karim Siebeneicher Brito	<i>Karim Siebeneicher Brito</i>
Kelen Junges	<i>Kelen Junges</i>
Marcia Marlene Stentzler	<i>Marcia Marlene Stentzler</i>
Samon Noyama	<i>Samon Noyama</i>
Thiago David Stadler	<i>Thiago David Stadler</i>

Representantes dos agentes universitários

Nome	Assinatura
Daniele Simone Bona	<i>Daniele Simone Bona</i>
Zeni Cristina Ziemann	<i>Zeni Cristina Ziemann</i>

Representantes dos agentes universitários

Nome	Assinatura
Aline Izabelle Vera	<i>Aline Izabelle Vera</i>
Carlos Rafael Schneider	<i>Carlos Rafael Schneider</i>



PARECER N° 019/2017-PROGRAD

PROTOCOLO N.º 14.649.816-7

ASSUNTO: Aprovação do novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Geografia da Unespar – *Campus* União da Vitória.

INTERESSADOS: Pró-reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD) – Centro de Ciências Humanas e da Educação do *Campus* de União da Vitória - Colegiado do Curso de Geografia do *Campus* de União da Vitória.

01 – PRELIMINARES

O Curso de Licenciatura em Geografia da Unespar – *Campus* de União da Vitória teve sua última renovação de reconhecimento de curso aprovada para o período de 10 de novembro de 2014 a 10 de novembro de 2017 e publicada pelo Decreto Estadual nº 2.242/2015. O Conselho Estadual de Educação do Paraná, por meio do parecer nº 019/2015, faz determinações ao curso, a serem cumpridas quando da nova solicitação de renovação de reconhecimento.

Por meio do Memorando 006/2017, a Diretora do Centro de Ciências Humanas e da Educação do *Campus* de União da Vitória, profa. Karim Siebeneicher Brito, encaminhou à PROGRAD a nova proposta de PPC de Licenciatura em Geografia, sendo que esta pró-reitoria dá prosseguimento, enviando o processo a este Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e solicitando a inclusão do mesmo em pauta, com vistas à renovação do reconhecimento do curso junto ao Conselho Estadual de Educação do Paraná.

02 – DESCRIÇÃO

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia da Unespar – *Campus* de União da Vitória.

03 – PARECER CONCLUSIVO

Considerando o Decreto Estadual nº 2.242/2015, o qual estabelecia como prazo de vigência do atual PPC o mês de novembro de 2017, esta pró-reitoria entende a necessidade da aprovação do novo PPC pelo CEPE no mês de junho/2017, tendo em vista as determinações contidas no parecer nº 019/2015 do CEE. Apesar do fato de os cursos da Unespar estarem passando pelo Programa de Reestruturação dos mesmos, sendo que tal programa ainda se encontra em fase de elaboração dos PPC's, entendemos que alguns aspectos já foram contemplados nesta nova proposta aqui apresentada. Por outro lado, esta pró-reitoria destaca

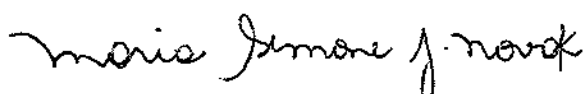
alguns aspectos os quais precisam ser ponderados pelo Colegiado do Curso de Geografia supracitado, antes do envio da presente proposta para a análise pelo Conselho Estadual de Educação do Paraná, quais sejam:

- ✓ Nas páginas 83/84, o documento explicita problemas de infraestrutura, os quais, em nosso entendimento, não precisam ser destacados nesta proposta, mas devem ser tratados internamente;
- ✓ As disciplinas de Estágio Supervisionado do 3º e 4º ano apresentam a mesma nomenclatura e não possuem planos de ensino (sugerimos a mudança nos nomes, bem como a inserção dos planos, já que, acreditamos, tais disciplinas possuem natureza de discussão diferentes, de ambientes de atuação diferentes etc.);
- ✓ Nenhuma das disciplinas componentes da nova matriz curricular apresenta pré-requisitos, ficando nossa dúvida quanto, por exemplo, à disciplina do 3º ano intitulada Estágio Supervisionado, e as do 4º ano intituladas Trabalho de Conclusão de Curso e Estágio Supervisionado (o acadêmico poderá, sem pré-requisitos, cursar estas disciplinas em anos anteriores?);

Apesar destas ponderações, esta pró-reitoria é de parecer favorável à aprovação do projeto, ficando tais apontamentos para uma possível necessidade de adaptações posteriores, as quais não comprometem a análise pelo CEPE, mas que poderão ser reconsideradas pelo Colegiado anteriormente ao envio para o Conselho Estadual de Educação do Paraná, com vistas à renovação do curso.

É o parecer.

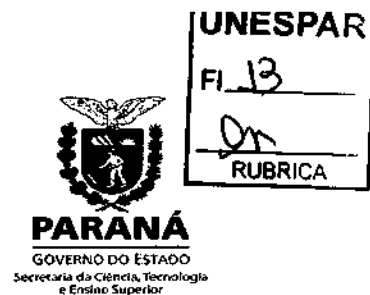
Paranavaí, 30 de maio de 2017.



Maria Simone Jacomini Novak
Pró-reitora de Ensino de Graduação



Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória – PR
COLEGIADO DE GEOGRAFIA



Volume I

(p. 01 até p. 184)

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – 50 anos

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória

Maio de 2017.

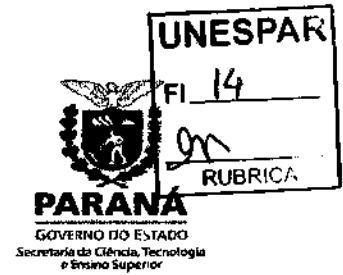
Praça Coronel Amazonas, s/n
União da Vitória- Paraná - Brasil- CEP 84.600-000
Fone (42)3521-9130- www.fafiu.v.br



CCHE
Curso de Geografia



Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória – PR
COLEGIADO DE GEOGRAFIA



PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – 50 anos

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória

Maio de 2017.

Praça Coronel Amazonas, s/n
União da Vitória- Paraná - Brasil - CEP 84.600-000
Fone (42)3521-9130 - www.fafiuv.br



CCHE
Curso de Geografia

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR

ANTONIO CARLOS ALEIXO
Reitor

SYDNEI ROBERTO KEMPA
Vice-Reitor

CAMPUS UNIÃO DA VITÓRIA

VALDERLEI GARCIAS SANCHES
Diretor do *Campus*

SANDRA SALETE DE CAMARGO SILVA
Vice-diretora do *Campus*

HELENA EDILAMAR RIBEIRO BUCH
Chefe da Divisão de Ensino de Graduação do *Campus*

KARIM SIEBENEICHER BRITO
Diretora do Centro de Ciências Humanas e Educação – CCHE

ALCIMARA APARECIDA FÖETSCH
Coordenadora do Curso de Geografia

ELABORAÇÃO: NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO – NDEGeo

Alcimara Aparecida Föetsch
Diane Daniela Gemelli
Gilberto Luís Gonçalves
Helena Edilamar Ribeiro Buch
Marcos Antonio Correia
Paulo Sérgio Meira Rocha
Sérgio Roberto Ferreira dos Santos

Professores Colaboradores:
Elaine Cristina Soares Surmacz
Silas Rafael da Fonseca

REPRESENTANTE DISCENTE
José Augusto Bixi – Presidente do Centro Acadêmico de Geografia – CAGEO

SUMÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.....	6
1.1 DA INSTITUIÇÃO	6
1.2 DO CURSO	6
2. HISTÓRICO DA UNESPAR E DO CURSO DE GEOGRAFIA	7
3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DE INSERÇÃO INSTITUCIONAL	11
4. JUSTIFICATIVA	21
5. OBJETIVOS	26
5.1 OBJETIVO GERAL	27
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
6. REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO.....	28
6.1 PÚBLICO-ALVO	28
6.2 FORMAS DE ACESSO	28
7. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	28
7.1 SABERES DOCENTES	30
8. CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL	30
9. CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS	32
9.1 FUNDAMENTOS LEGAIS.....	43
10. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	46
10.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	46
10.2 ESTRUTURA CURRICULAR – NÚCLEOS DE FORMAÇÃO.....	49
10.2.1 Práticas enquanto componentes curriculares.....	50
10.3 FLUXOGRAMA	53
10.4 SISTEMA ACADÊMICO, DURAÇÃO E NÚMERO DE VAGAS – DIMENSÕES TÉORICA E PRÁTICA.....	53
10.5 MATRIZ CURRICULAR	53
10.6 COMPOSIÇÃO DA FORMAÇÃO.....	58
10.7 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA CARGA HORÁRIA NO DESENHO CURRICULAR.....	59
10.8 COMPONENTES E CARGAS HORÁRIAS POR PERÍODO LETIVO	59
10.9 PRÁTICA PROFISSIONAL	59
10.9.1 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).....	60
10.9.2 Estágio Curricular Supervisionado.....	60
10.9.3 Atividades acadêmicas complementares.....	61



10.9.4 Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Iniciação Científica (IC)	62
10.9.4.1 PIBID	62
10.9.4.2 Iniciação Científica (IC)	63
10.9.5 AULAS DE CAMPO	63
10.9.6 Participação em projetos/atividades dos professores do Colegiado	66
10.9.6.1 Projetos Integradores desenvolvidos pelos professores do curso de Geografia	67
10.9.7 Eventos do Curso	70
10.7.9.1 Semana do Meio Ambiente	71
10.7.9.2 Simpósio de Geografia	72
10.7.9.3 Outros Eventos	74
11. ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ...	74
11.1 O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	76
11.2 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	79
12. INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS	83
12.1 INSTALAÇÕES DOCENTES	83
12.2 LABORATÓRIOS	83
12.3 SALAS DE AULA	84
12.4 BIBLIOTECA	84
12.5 ACESSIBILIDADE	84
13. PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO	84
13.1 PERFIL DA COORDENAÇÃO DO CURSO	84
13.2 COLEGIADO DO CURSO	85
13.2.1 Linhas de Pesquisa dos professores do curso de Geografia	88
13.3 CORPO DOCENTE E NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE	90
13.4 PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO	91
14. DIPLOMAS	91
15. AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	92
15.1 PROPOSTA DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL	93
15.2 AVALIAÇÃO EXTERNA	93
16. ACOMPANHAMENTO DOS EGRESSOS	93
17. REFERÊNCIAS DO PPC	94

ANEXOS	102
Anexo I EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS	103
Anexo II CURRÍCULO DO CORPO DOCENTE.....	110
Anexo III PLANOS DE ENSINO DAS DISCIPLINAS	113
Anexo IV LIVROS DE GEOGRAFIA.....	261
Anexo V DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS DA APROVAÇÃO DO PPC.....	295
Anexo VI REGULAMENTO DE TCC	298
Anexo VII REGULAMENTO DE ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO.....	317
Anexo VIII REGULAMENTO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	324
Anexo IX REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES	350
Anexo X PLANO DE ATIVIDADES DE CAMPO	362

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 DA INSTITUIÇÃO

Mantenedora	Governo do Estado do Paraná
Instituição	Universidade Estadual do Paraná – <i>Campus</i> de União da Vitória
CNPJ	CNPJ da UNESPAR: 05.012.096/0001-42 CNPJ do <i>Campus</i> União da Vitória: 05.012.896/0005-76
Nome fantasia	UNESPAR-FAFIUV
Esfera administrativa	Estadual
Categoria	Pública Estadual
Endereço	Praça Coronel Amazonas, s/nº
Cidade/UF/CEP	União da Vitória, Paraná, 84.600-000
Telefone/fax	(042) 3521-9100
Sites	www.unespar.edu.br www.fafiuv.br www.colegiado-de-geografia.webnode.com

1.2 DO CURSO

Denominação	Curso de Licenciatura em Geografia
Área de conhecimento	Ciências Humanas
Subárea	Geografia
Nível	Graduação – Licenciatura
Centro de Área	Ciências Humanas e Educação – CCHE
Modalidade	Curso presencial
Habilitação ou Ênfase	Licenciatura Plena
Titulação	Licenciado em Geografia
Carga horária total	3.000 horas relógio (equivalentes a 3.600 horas-aula)
Atividades formativas	1.990 horas relógio (equivalentes a 2.388 horas-aula).
CH de práticas como componente curricular	410 horas relógio (equivalentes a 492 horas-aula)
CH de atividades complementares	200 horas relógio (equivalentes a 240 horas-aula)
CH de Estágio Curricular Supervisionado	400 horas relógio (equivalentes a 480 horas-aula)
Formas de acesso	Vestibular e SISU
Número de vagas por turno de oferta	40
Regime de matrícula	Seriado anual
Horário de funcionamento do curso	Noturno – das 07h00min às 22h35min
Início do curso	10/05/1966
Conceito ENADE	3
Legislação suporte ao Projeto Pedagógico	O curso de Geografia da UNESPAR – <i>Campus</i> União da Vitória foi criado na data de 10/05/1966 e reconhecido pelo Decreto Federal nº 74.750, de 24/10/1974, publicado no DOU de 24/10/1974. Teve sua renovação de reconhecimento

	<p>aprovada pelo Decreto Estadual nº 5.678 de 10/11/2009, publicado no DOE de 10/11/2009. A última renovação de reconhecimento do curso foi estabelecida pelo prazo de 03 (três) anos: a partir de 10 de novembro de 2014 até 10 de novembro de 2017, pelo Decreto Estadual nº 2.242, publicado no Diário Oficial do Estado em 24/08/2015, considerando o Parecer 19/2015 do Conselho Estadual de Educação do Paraná e contido no protocolado nº 13.634.899-0, com base no protocolado nº 13.210.893-0.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2. HISTÓRICO DA UNESPAR E DO CURSO DE GEOGRAFIA

A Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) é uma instituição de ensino superior pública e gratuita, com sede no Município de Paranavaí, criada pela Lei Estadual nº 13.283, de 25 de outubro de 2001, alterada pela Lei Estadual nº 13.385, de 21 de dezembro de 2001, Lei Estadual nº 15.300, de 28 de setembro de 2006 e pela Lei Estadual nº 17.590, de 12 de junho de 2013. Está vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, da Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

Constitui-se em uma das sete universidades estaduais públicas do Paraná, abrangendo os seguintes campi: Apucarana, Campo Mourão, Curitiba I, Curitiba II, Paranaguá, Paranavaí, União da Vitória e a Escola Superior de Segurança Pública da Academia Policial Militar de Guatupê, unidade especial, vinculada academicamente à UNESPAR, por força do Decreto Estadual 9.538, de 05 de Dezembro de 2013. Abrange uma área de 150 municípios, alcançando 4,5 milhões de pessoas. O quadro de servidores é composto por 1.077 pessoas que atendem mais de 12 mil alunos em cursos de graduação e pós-graduação.

Oferta 67 cursos de graduação, bacharelados e licenciaturas, distribuídos em seus sete campi e em 15 centros de áreas. Possui três programas próprios de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado) aprovados pela Capes. Oferta ainda 19 cursos de especialização em diversas áreas do conhecimento. O ingresso na UNESPAR acontece via vestibular realizado uma vez ao ano e também pelo Sistema de Seleção Unificado (SiSU). Das vagas existentes, 50% estão reservadas para o SiSU, exceto para os cursos de artes que exigem teste de habilidade específica, e a outra metade pelo modelo tradicional de seleção.

A UNESPAR satisfaz referenciais de qualidade para ensino, extensão e pesquisa em nível superior e tem como missão gerar e difundir conhecimento científico, artístico-cultural,

tecnológico e a inovação, nas diferentes áreas do saber, para a promoção da cidadania, da democracia, da diversidade cultural e do desenvolvimento humano e sustentável, em nível local e regional.

Nos 7 campi que integram a UNESPAR (Apucarana, Curitiba I, Curitiba II, Campo Mourão, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória), estudam, aproximadamente, 12.000 alunos, matriculados em 67 cursos de graduação, sendo 29 cursos de Bacharelado e 37 de Licenciatura. O *Campus* de União da Vitória possui dois Centros de Área: Centro de Ciências Exatas e Biológicas e Centro de Ciências Humanas e da Educação.

As instituições são filhas de seu tempo, são concebidas e construídas a partir das condições concretas e do esforço conjunto de uma determinada formação social, são, portanto, históricas. Deste modo, para serem devidamente entendidas, as instituições clamam pelo contexto que lhes deu origem e apelam para as condições históricas que alicerçam seu caminho, que estimularam ou que frearam o seu desenvolvimento.

Na década de 50, União da Vitória estava entre as maiores e mais prósperas cidades do Estado, era a mais importante cidade do sul e do sudoeste do Paraná, exercendo influência social e cultural sobre toda a região. Nessa conjuntura, começou a ser pensada a possibilidade de criação de curso superior em União da Vitória.

Em 22 de dezembro de 1956, o Governador Moisés Lupion sancionou a Lei n.º 3001, de 22 de dezembro de 1956, criando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, subordinada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Logo no princípio do ano seguinte, pelo Decreto n.º 8474, de 25 de fevereiro de 1957, foi designado para ocupar o cargo de primeiro Diretor da Faculdade o eminente Prof. Dr. Luiz Wolski, de saudosos memórias.

Criada no Governo de Moisés Lupion, a FAFIUV era uma das pioneiras do ensino superior fora da Capital, e ao longo de mais de cinco décadas de atividades vem formando professores que servem ao Sul do Paraná e ao Norte Catarinense. A sociedade de União da Vitória - PR e de Porto União - SC conta com ilustres cidadãos formados pela Instituição que têm desempenhado relevantes funções públicas e na atividade econômica.

Esta Instituição está engajada e articulada em objetivos comuns: geração, preservação e transmissão do saber em todos os seus aspectos, no campo das artes, das ciências, das humanidades e da tecnologia, oferecendo ensino público, gratuito e de qualidade, prestando serviços à comunidade e sustentando o desenvolvimento desta, considera-se que no interior do dinamismo de suas funções a Instituição de ensino superior se constitui como instância crítica

do saber, como palco do debate, do confronto, da busca, ingredientes indispensáveis na formação dos universitários. A Educação Superior se configura, nesta perspectiva, como aquele espaço amplo, capaz de abrigar e administrar uma convivência pluralista em termos de diferentes saberes, diferentes ideologias, diferentes credos e diferentes segmentos.

O *Campus* de União da Vitória assume funções e compromissos de uma instituição universitária: produção, transmissão, disseminação do conhecimento e prestação de serviços à comunidade, tendo por objetivo promover e desenvolver todas as formas de conhecimento, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, compete: a) ministrar o ensino superior visando à formação de profissionais ao exercício da investigação e do magistério em todas as áreas de conhecimento, bem como à sua qualificação para as atividades profissionais; b) estender o ensino, a pesquisa e a extensão à sociedade, mediante cursos e prestação de serviços; c) realizar intercâmbio científico e cultural, bem como participar de programas oficiais de cooperação nacional e internacional.

Objetivamente, esta Instituição de Ensino Superior tem sua missão definida na própria essência da Universidade, que se traduz na produção e disseminação do saber científico, tecnológico, artístico e cultural através de suas funções precípua de ensino, pesquisa e extensão voltados para a formação do profissional-cidadão.

Desde sua origem, o *Campus* da UNESPAR de União da Vitória procurou assumir um compromisso com o desenvolvimento da região, para ser um centro irradiador e transformador da estrutura cultural de sua área de intervenção, encontrou respaldo junto aos municípios que compõem a sua região de abrangência. O compromisso primordial é com o desenvolvimento socioeconômico cultural e científico da região sul do Paraná e do norte de Santa Catarina. Sua área de abrangência compreende 21 municípios com uma população estimada em 300.000 habitantes.

No ano de 1965, foi encaminhada à Secretaria de Educação do Estado do Paraná a documentação que solicitava a abertura do curso de Geografia da então Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – FAFIUV. A criação do curso se deu oficialmente em 1966 quando também foi criado o curso de Letras, pela Lei Estadual nº 5.320, de 10/05/1966. Os cursos foram transformados em Licenciatura Plena pelo Decreto Estadual nº 21.692 de 27/04/1970. O curso de Geografia funcionava inicialmente com seis professores.

O Centro de Estudos Geográficos foi fundado no ano de 1969 promovendo semanas de cursos de extensão universitária, prática adotada até hoje. No ano de 1990 iniciou-se a “Semana do Meio Ambiente” que mescla atividades teóricas (palestras, conferências, exposições, minicursos) com atividades práticas realizadas em campo, normalmente, em dois dias. Ela ocorre, tradicionalmente, na primeira semana de junho em comemoração ao dia Mundial do Meio Ambiente, rememorado no dia 05 do referido mês. A partir do ano de 2006, iniciou-se a programação do Simpósio de Geografia, sendo que o evento integra as atividades letivas do segundo semestre, normalmente, no mês de novembro e visa promover um espaço de discussão e diálogo acerca do Ensino da Geografia e da Ciência Geográfica. Na oportunidade, são abertos outros espaços, como: lançamento de livros, mesas-redondas, oficinas de campo e apresentações de comunicações científicas.

Duas atividades são bem tradicionais no curso: o jantar de recepção aos calouros que é pago pelos acadêmicos veteranos do curso de Geografia e o jantar de confraternização dos alunos egressos que ocorre, normalmente, no mês de outubro de cada ano.

O curso de Licenciatura em Geografia também participa anualmente de chamadas e editais de projetos/programas como os de Iniciação Científica, Universidade sem Fronteiras e Programa de Iniciação à Docência. Tais práticas permitem que o aluno tenha a oportunidade de realizar atividades que visam contribuir com sua formação, isso somado ao fato de que se vinculam a projetos dos professores, culmina com uma contribuição significativa no crescimento intelectual e acadêmico do curso e da Universidade.

O corpo docente do curso está em constante aperfeiçoamento e já conta com um número significativo de doutores e doutorandos, o que só acrescenta na formação acadêmica dos alunos e no desenvolvimento de atividades de qualidade.

Sendo assim, entende-se que as finalidades do curso de Geografia devem estar atreladas aquilo que a UNESPAR entende enquanto finalidades dos cursos de graduação, isso porque, compreende-se que é por meio dos diferentes cursos que a universidade coloca em prática suas concepções, objetivos e finalidades e se fortalece enquanto instituição de ensino.

A universidade tem a finalidade de produzir e difundir conhecimentos múltiplos, no âmbito da graduação e da pós-graduação, visando à formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, para a qualidade de vida humana. Busca também proporcionar à sociedade meios para apropriação, ampliação, conservação, produção, aplicação e difusão do patrimônio do saber humano, capacitando todos os seus integrantes a atuarem como transformadores da realidade social. Tal finalidade se sintetiza na ideia da ação unitária entre o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa, a extensão e a cultura (UNESPAR, 2012, p. 12).

No que se refere ao curso de Geografia, Cavalcanti (1998) contribui ao afirmar que a construção de conhecimentos geográficos é importante tendo em vista que seu papel é “o de prover bases e meios de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade do ponto de vista da espacialidade, ou seja, de compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço” (p. 11). Além disso, o pensar geográfico contribui na contextualização do aluno como cidadão do mundo, capaz de interpretar os fenômenos nas mais diversas escalas, como local, regional, nacional e mundial.

Deste modo, o curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR *campus* de União da Vitória, tem por finalidade:

- 1) Formar profissionais de Geografia que reflitam criticamente sobre a sociedade em que vivem e que em suas práticas sugiram propostas para sua transformação.
- 2) Promover o desenvolvimento e a difusão do conhecimento geográfico através da formação do professor-pesquisador com ética e compromisso com a ciência.
- 3) Formar profissionais conscientes de seu lugar no mundo e que façam da Geografia um instrumento para alcançar a cidadania plena, valorizando as diferentes formas de saber, de cultura e de vida de modo a garantir e respeitar à pluralidade social.

No ano de 2016, o curso completou 50 anos formando professores na região do Contestado. Espera-se que muito mais anos os sigam, sempre com comprometimento e qualidade no Ensino da Geografia.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DE INSERÇÃO INSTITUCIONAL

O *Campus* União da Vitória da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR localiza-se espacialmente na chamada “região” do Contestado, uma porção do espaço geográfico dotada de características físico-naturais e histórico-geográficas únicas e distintas em relação às demais regiões do Estado do Paraná. Isso confere ao *Campus* características diferenciadas em relação aos demais que compõe a Universidade.

Neste sentido, é imprescindível a reflexão e a discussão acerca do processo de formação desta região em seu devir espaço-temporal, com vistas a compreender e definir as características do espaço e da sociedade que o constitui – condição ímpar para a definição do perfil e dos objetivos do curso de Licenciatura em Geografia deste *Campus*. Para tanto, parte-

se do conceito de “região” a partir de uma perspectiva geográfica compreendendo-a como sendo:

[...] uma porção territorial definida pelo senso comum de um determinado grupo social, cuja permanência em uma determinada área foi suficiente para estabelecer características muito próprias na sua organização social, cultural e econômica. Este espaço é, portanto socialmente criado e vai se diferenciar de outros espaços vizinhos por apresentar determinadas características comuns que são resultantes das experiências vividas e historicamente produzidas pelos próprios membros das suas comunidades (RIBEIRO, 1993, p. 214).

Sendo assim, o conceito de região imbrica um caráter de classificação, de agrupamento, neste caso, de municípios que apresentam características próprias e únicas de organização social, cultural e econômica, todas resultantes da vivência destas sociedades neste espaço de constante disputa.

Na mesma perspectiva, Frémont (1980) colabora ao afirmar que a região é “um espaço vivido. Vista, apreendida, sentida, anulada ou rejeitada, modelada pelos homens e projetando neles imagens que os modelam. É reflexo. Redescobrir a região é pois procurar captá-la onde ela existe, vista pelos homens” (p. 17). Portanto, compreender a construção sócioespacial da região do Contestado é tarefa primordial para se pensar sobre a elaboração de um curso de Licenciatura que dê conta de responder aos anseios desta sociedade particular.

Para tanto, se faz necessária uma análise da Guerra do Contestado, acontecimento único e característico, para que, em seguida, se possa definir o perfil e a área de abrangência deste *Campus* da UNESPAR.

A região do Contestado consiste em uma área limítrofe entre os estados do Paraná e de Santa Catarina que foi palco da maior Guerra Civil brasileira entre os anos de 1912 e 1916. Sabe-se que ao longo dos anos esta região vem sendo analisada sob os olhares de uma multiplicidade de perspectivas: do historiador, do geógrafo, do político, do sociólogo, do folclorista, dos artistas, entre outros. Cada um com sua abordagem, referencial conceitual, métodos e contribuição. As análises da Guerra podem ser encontradas através das mais diversas fontes, como, por exemplo, documental oficial, escritos de médicos das forças repressoras, reminiscências, fontes analíticas, narrativas de viajantes, estudos de caso, entre outros. Somam-se a estes, inúmeros outros trabalhos regionais que através do distinto olhar de cada pesquisador buscam explicar as motivações, identificar os atores envolvidos, produzir uma

cronologia dos fatos ocorridos e compreender as consequências na sociedade (FÔETSCH, 2014).

Nesta polissemia, acredita-se que analisar geograficamente a Guerra do Contestado só é possível através da compreensão da mesma enquanto “fenômeno histórico vivo e multifacetado e não como fórmula abstrata morta” (MACHADO, 2004, p. 36). Significa pensa-la a partir de suas motivações, da forma com que se processou e, mais arriscadamente, perceber que as consequências ainda hoje são sentidas não somente dentro do espaço delimitado oficialmente por elementos naturais (rios, serras) e artificiais (ferrovias).

Assim sendo, a Guerra do Contestado pode ser definida como um “episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam, sejam de ordem social, política, econômica, cultural ou religiosa” (FRAGA, 2006, p. 64). Tratou-se de um conflito de ideias, representações e também embates armados. Ainda nas palavras de Fraga (2005), o Contestado reuniu “no mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico, mais de 30 mil pessoas – habitantes da região na época –, desde fazendeiros, em defesa de suas propriedades, até posseiros tentando se manter em terras devolutas” (p. 17) destacando que estes habitantes da região na época “era, na verdade, toda uma população ‘cabocla’, recém-instalada na região, ofendida em seu brio e ameaçada em sua estabilidade, acostumada a lutar mais do que os soldados” (p. 18). De fato, vários foram os motivos que contribuíram para desencadear da Guerra: a índole guerreira do homem local, a estratificação social e os modos de vida, a pregação dos monges, o combate de Irani, a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina e, sobretudo, a invasão estrangeira através da construção da Estrada de Ferro e a instalação da *Lumber* (THOMÉ, 1992).

Acerca das características geográficas da região, tem-se: com altitude oscilante entre 600 e 1.200 metros, na maior porção de solo sílico-argiloso, tipo terra-roxa, “[...] predomina a floresta de araucárias, na qual se intercalam capões, faxinais e taquarais, entre as matas dos pinhais e os campos de gramíneas” (THOMÉ, 1992, p. 14). Este território do Contestado compreendia uma vasta área geográfica que era disputada entre Paraná e Santa Catarina desde 1853 com a criação da Província do Paraná desmembrada de São Paulo, tendo como fronteiras: ao Norte, os rios Negro e Iguaçu; ao Sul, os campos de Curitiba, Lages e Campos Novos; a Leste, a Serra Geral; e a Oeste, os campos de Irani – o que a caracterizou como ‘Região do Contestado’” (THOMÉ, 1992, p. 14).

Vinhas de Queiroz (1981) caracteriza, mais detalhadamente, a extensão espacial do conflito:

[...] no auge do movimento, o território ocupado pelo jaguncismo compreendia 28.000 quilômetros quadrados, ou seja, uma extensão [...] aproximadamente igual a Alagoas; ou, ainda, 0,3% do território nacional. Fazia limites, ao norte, pelo Rio Iguaçu e a Estrada de Ferro de São Francisco, desde perto de União da Vitória, envolvendo Canoinhas, até junto à Vila de Rio Negro; ao sul, inflectia sobre Lages, aproximava-se de Curitiba e de Campos Novos, a leste, compreendia Itaiópolis, Papanduva, as picadas da colônia Moema e Iracema, os contrafortes da Serra do Mirador e as demais cabeceiras da Bacia do Itajaí; a oeste, a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (p.177).

Como destaca Vinhas de Queiroz (1981) esta espacialização física referia-se ao espaço ocupado no auge do movimento. Porém, as consequências do conflito ultrapassaram esses marcos caracterizados por elementos “naturais” como rios, serras e cabeceiras de bacias hidrográficas e elementos “artificiais” como Estradas de Ferro, colônias e vilas. De fato, após o término oficial da guerra em 1916¹ muitas pessoas deslocaram-se para outros lugares, fugindo das consequências do conflito. Compreende-se, portanto, a região do Contestado enquanto uma região fluída, de características físico-naturais e histórico-geográficas comuns.

Em termos demográficos, Vinhas de Queiroz (1977) propõe uma hierarquização social na região do Contestado, tratava-se de um esquema básico expresso numa escala de posições típicas da sociedade. De acordo com a terminologia vulgar assim se escalonava a sociedade sertaneja: a) coronéis, b) fazendeiros, c) criadores ou meio-fazendeiros, d) lavradores, e) agregados, f) peões (p. 43). De acordo com o autor, abaixo “dos criadores, menos considerados que eles, achavam-se os lavradores. Nesta categoria se incluíam os caboclos que viviam de suas roças” (p. 46), estas roças encontravam-se geralmente afastadas dos centros e também se incluíam nessa categoria pequenos plantadores de tabaco, os criadores de porcos e a grande massa de colonos estrangeiros, alemães, polacos e rutenos². No mesmo nível se classificavam os empreiteiros do mate, que dirigiam turmas constituídas por pessoas da própria família ou então peões contratados.

¹ No dia 20 de outubro de 1916 foi assinado o acordo de limites pelo presidente do Paraná, Afonso Alves Camargo, e pelo governador de Santa Catarina, Felipe Schmidt. O Paraná ficou com 20.310 quilômetros quadrados e Santa Catarina com 27.570 quilômetros quadrados. Os paranaenses “cederam” Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas, mas recuperaram Palmas e Clevelândia. E a cidade da margem esquerda do Iguaçu, que havia sido fundada por paulistas, acabou sendo dividida: União da Vitória ficou para o Paraná, e Porto União, para Santa Catarina. (FRAGA, 2005).

² Povo eslavo que habita regiões da Galícia, da Hungria, da Ucrânia e da Lituânia.

Entretanto, antes mesmo do início oficial da Guerra do Contestado, em 1912, topógrafos, agrimensores e agentes da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande iniciaram as medições nas marginais dos trilhos para demarcar os espaços de colonização para os imigrantes estrangeiros. Próximos às estações ferroviárias eram instalados armazéns para atender aos “recém-chegados” (THOMÉ, 1992, p. 78). Através da *Brazil Development and Colonization Company*, que fazia parte da *Holding Brazil Railway Company*, a *Lumber* promoveu a vinda de imigrantes europeus, especialmente da Polônia e da Ucrânia para atuarem no setor agrícola (LIMA, 2007). Nas palavras de Fraga (2005), este território outrora contestado passou a ser rapidamente ocupado por milhares de migrantes europeus e excedentes das colônias do Rio Grande do Sul, ocupando as terras de posse e vivência dos caboclos, sob domínio e direito de colonização da Cia. *Lumber*.

Auras (1995) também narra esta situação:

Visando explorar o vasto potencial madeireiro e promover a colonização das largas terras marginais do leito ferroviário, a *Brazil Railway* cria, em 1909, a subsidiária *Southern Brazil Lumber Company* [...] Colonos de origem alemã e, posterior e secundariamente, italianos e poloneses, oriundos dos Estados do Rio Grande e Paraná, foram atraídos pelas propostas da empresa, fixando residência nas férteis terras ao longo do vale do Rio do Peixe. Vários núcleos coloniais foram ali criados. É claro que, a esta altura, o corpo de segurança da Companhia já havia varrido da região, de forma sumária e definitiva, todos os posseiros, inclusive aqueles mais renitentes (p. 42-43).

Com o fim do conflito do Contestado, restou a muitos se inserirem a um novo molde que se instaurava na região, ou seja, a derrubada da mata e a demarcação e entrega das terras à imigração. Os que não se adaptaram, procuraram novas áreas nos sertões do Paraná. Vinhas de Queiróz (1977) confirma que “a *Lumber* loteou e começou a vender a colonos estrangeiros terrenos ao longo da estrada de ferro, depois que dali tinham sido expulsos os posseiros e antigos proprietários” (p. 74).

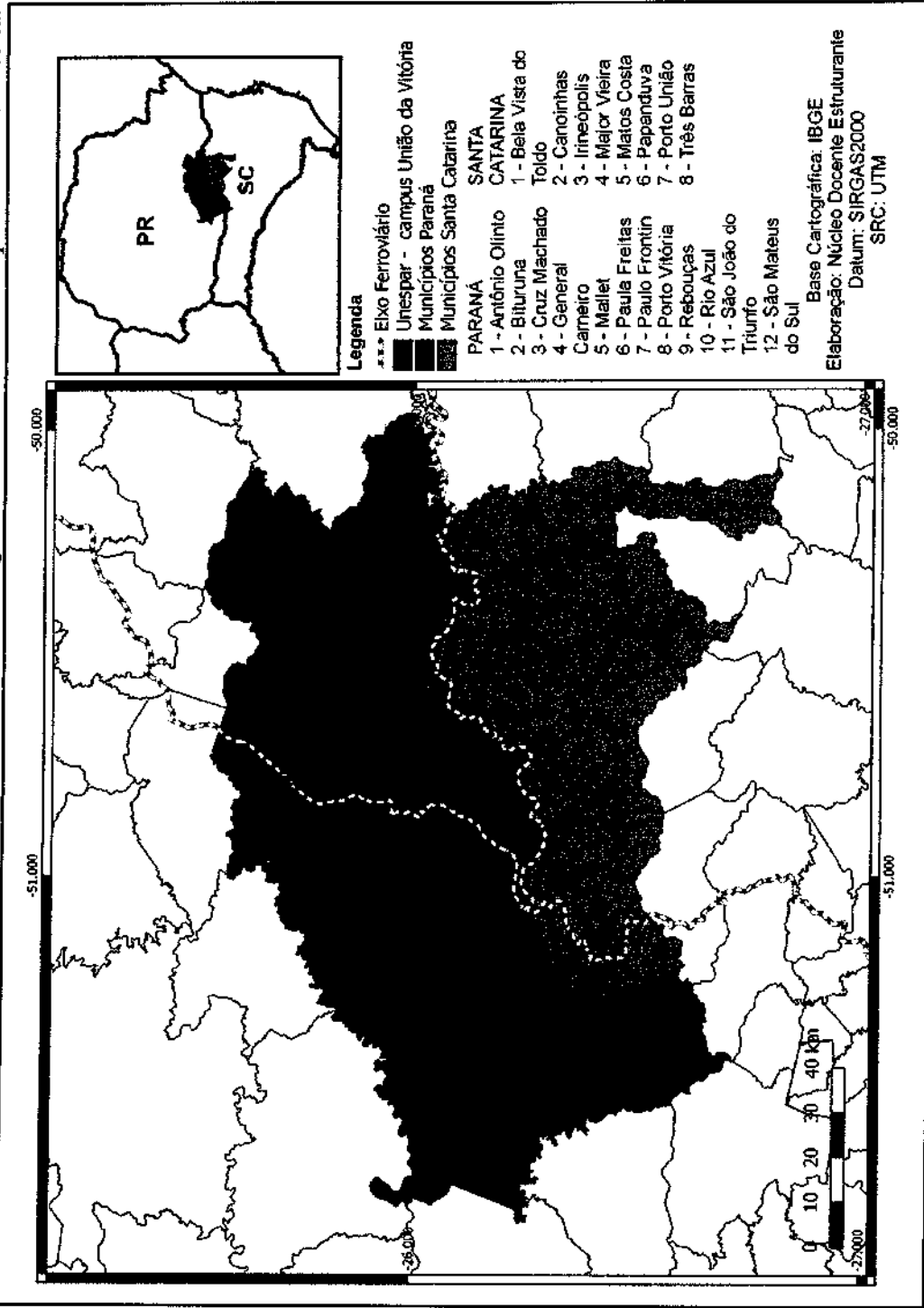
Machado (2004) coloca que os vazios demográficos deixados como resultado do conflito, principalmente em virtude da violência de sua fase final, foram preenchidos por pequenos agricultores de origem europeia, formando algo semelhante a um “*apartheid*” social e étnico entre a recente população migrante (branca, ‘disciplinada’ e economicamente remediada) e a antiga população cabocla (mestiça ou de cor, ‘indolente’, ‘turbulenta’ e pobre) (p. 41).

Ficam visíveis neste cenário duas frentes: a primeira, constituída pela sociedade cabocla já existente que mantinha a preservação de seu território e se destacava pelas formas tradicionais de uso do mesmo e, a segunda, marcada inicialmente pela atuação de companhias colonizadoras (com o amparo do poder político e econômico) que visavam ignorar o território existente e construir um novo território com a contribuição da imigração. Sendo assim, ao longo dos anos, a população indígena e cabocla assistiu a chegada e instalação de diferentes grupos migratórios como os poloneses, ucranianos, alemães, italianos, entre outros. No compasso das atividades econômicas, assistiu à exploração madeireira e do mate e à posterior ocupação das áreas agrícolas, dando à região do Contestado um conjunto único de características físicas e sociais.

E é neste cenário marcado pelo conflito que o curso de Licenciatura em Geografia do *Campus* de União da Vitória da UNESPAR desenvolve suas atividades com vistas a, sobretudo, formar professores. Atende a um número considerável de municípios³ (21) como é possível identificar no Mapa 01, o que só atesta sua importância regional e também destaca os municípios, dos quais, regularmente o curso de Geografia conta com alunos matriculados.

³ Esse levantamento foi realizado tendo como base os municípios de origem dos alunos regularmente matriculados no curso de Licenciatura em Geografia, ao longo dos anos.

Mapa 01 – Área de abrangência do curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR – Campus União da Vitória.



Fonte: Organizado pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Geografia, 2016. Elaborado por Silas Rafael da Fonseca (2016).

A partir da área de abrangência sinalizada no Mapa 01, elaborou-se a Tabela 01, para indicar a população de cada um dos 21 (vinte e um municípios), bem como, o total de habitantes (IBGE, 2010) da região. Trata-se, de quase 370.000 mil habitantes, divididos em pequenos municípios, sendo que, o maior destaque populacional fica por conta das cidades gêmeas, União da Vitória e Porto União, que formam um núcleo de pouco mais de 86.000 mil habitantes, seguidas de Canoinhas (SC) e São Mateus do Sul (PR). Nota-se, que em grande parte, os municípios possuem de pouco mais de dois mil, a menos de vinte mil habitantes, condição que se apresenta como elemento importante para a abordagem geográfica, a medida, que oferece particular condição, no que diz respeito, por exemplo, à dinâmica econômica e à relação campo-cidade etc.

Tabela 01 – Relação dos Municípios de Abrangência do Curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR – Campus União da Vitória e a respectiva população (2010)

Paraná	População	Santa Catarina	População
Antônio Olinto	7.351	Bela Vista do Toldo	6.004
Bituruna	15.880	Canoinhas	52.765
Cruz Machado	18.040	Irineópolis	10.448
General Carneiro	13.669	Major Vieira	7.479
Mallet	12.973	Matos Costa	2.839
Paula Freitas	5.434	Papanduva	17.928
Paulo Frontin	6.913	Porto União	33.493
Porto Vitória	4.020	Três Barras	18.129
Rebouças	14.176	Total	140.085
Rio Azul	14.093		
São João do Triunfo	13.704		
São Mateus do Sul	41.257		
União da Vitória	52.735		
Total	220.245		
População total (Paraná e Santa Catarina) 369.330			

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Núcleo Docente Estruturante, 2016.

Ainda no que se refere a dinâmica dos municípios, é importante a análise da Tabela 02, tanto para a abordagem geográfica, quanto para a inserção da UNESPAR, enquanto universidade pública e comprometida com a transformação social, por meio de sua missão,

visão e objetivos, dispostos nos documentos institucionais e que orientam a atuação dos cursos de graduação. De tal modo, é importante sinalizar que a UNESPAR é a única universidade pública⁴ e com ensino presencial instalada nos municípios indicados.

Tabela 02 – Alguns indicadores dos Municípios de Abrangência do Curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR - Campus União da Vitória

UF	Município	IDH-M	IDH-M educação	Índice de vulnerabilidade à pobreza - %
Paraná	Antônio Olinto	0,656	0,547	48,20
	Bituruna	0,667	0,556	44,51
	Cruz Machado	0,664	0,545	48,91
	General Carneiro	0,652	0,532	48,39
	Mallet	0,708	0,645	30,29
	Paula Freitas	0,717	0,622	36,55
	Paulo Frontin	0,708	0,639	32,03
	Porto Vitória	0,685	0,600	33,92
	Rebouças	0,672	0,576	45,00
	Rio Azul	0,687	0,544	34,35
	São João do Triunfo	0,629	0,475	40,15
	São Mateus do Sul	0,719	0,623	26,67
	União da Vitória	0,740	0,680	24,61
Santa Catarina	Bela Vista do Toldo	0,765	0,598	45,29
	Canoinhas	0,757	0,692	25,87
	Irineópolis	0,699	0,567	31,31
	Major Vieira	0,690	0,617	40,68
	Matos Costa	0,657	0,541	45,37
	Papanduva	0,704	0,603	30,97
	Porto União	0,786	0,724	19,31
	Três Barras	0,706	0,639	34,46

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: Núcleo Docente Estruturante, 2016.

Sobre o IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), nota-se, que dos 21 (vinte e um) municípios, 11 (onze) possuem médio IDH-M (compreende a faixa de 0,600 - 0,699). Quando se compara os indicadores municipais, com os dos estados do Paraná e de

⁴ Na região estão instaladas algumas universidades particulares, caso da UNC – Universidade do Contestado com campi em Porto União e Canoinhas. Em União da Vitória, a UNIGUAÇU – Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu e a UNIUV - Centro Universitário de União da Vitória, esta, conta também com uma unidade em São Mateus do Sul. Em Canoinhas, a FAMEPLAN – Faculdade Metropolitana do Planalto Norte. Alguns municípios ainda registram a atuação de polos de ensino à distância, contudo a única universidade pública que disponibiliza essa modalidade, é a UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa, com um polo em São Mateus do Sul. Ainda existe em União da Vitória, o *campus* do IFPR – Instituto Federal do Paraná, e em Canoinhas, do IFC – Instituto Federal Catarinense, porém, ambos não oferecem cursos de graduação.

Santa Catarina, observa-se, que somente Porto União possui melhor indicador que a média estadual (Santa Catarina possui IDH de 0,774). O IDH do Paraná, é de 0,749, de modo que, nenhum dos municípios de abrangência do curso de Geografia, em território paranaense, possui indicador superior.

A condição se torna ainda mais preocupante, quando se analisa os indicadores do IDH-M, relativos a educação, no que se refere ao acesso à educação, anos de estudo, taxa de analfabetismo. Nota-se que, 10 (dez) municípios possuem baixo IDH-M (compreende de 0,500 – 0,599), outros 10 (dez) possuem médio IDH-M, e somente Porto União, possui indicador, considerado alto.

Há cem anos, o acesso à educação era negado aos moradores da Região do Contestado. E transcorrido, um século, muito ainda precisa ser feito para garantir o direito da população aos bancos escolares. Nossa e Junior (2012) citam um trecho do relatório de Hermínio Castelo Branco (chefe da polícia militar na linha norte), datado de 25 de abril de 1915, que trata da ausência de escolas na região. “Eis aqui um ponto luminoso de todo o Contestado: a ignorância. Uma zona regularmente habitada, numa área de 30 léguas quadradas: nem uma escola, nem um livro”.

O índice de vulnerabilidade à pobreza é outro indicador no contexto regional, que atesta a importância e compromissos da UNESPAR e do curso de Licenciatura em Geografia, com vistas à transformação social, garantindo a cidadania e a dignidade humana. Tal indicador engloba a renda domiciliar, *per-capita*, inferior a meio salário mínimo, e mais uma vez, se observa a caracterização regional, perante o estado do Paraná e de Santa Catarina, que possuem respectivamente, índices de 19,70% e 12,36%. Nessa perspectiva, Nossa; Júnior (2012) aferiram “a região do Contestado é um Nordeste Brasileiro encravado numa Europa”.

Em síntese, a região do Contestado se caracteriza como um enorme bolsão de miséria em Santa Catarina, o que não é diferente na parte que coube ao Paraná depois da “partilha” do território o acordo de 1916, que “colocou fim” a uma genocida de pobres não brancos – a Guerra do Contestado. A guerra foi maldita, ceifou milhares de vidas camponesas por interesses do capital e dos coronéis da época, geando, 100 anos depois do seu início, um território maldito, marcado pela maldição das políticas públicas ineficientes, corruptas e de interesses de pequenos grupos que domina a região em todas as escalas (FRAGA, 2013, p. 387).

É nesse contexto, que se insere a UNESPAR, e o curso de Licenciatura em Geografia. A dinâmica local, indicadores socioeconômicos e as condições de vida da população, são elementos que devem permear/fomentar/intensificar a atuação da instituição na região. No

que se refere ao curso de Geografia, além da preocupação, em possibilitar, por meio da educação e da abordagem Geografia (ensino, pesquisa e extensão) a melhoria na qualidade de vida da população, temos, na complexidade da Região do Contestado, enquanto estrutura social e espacial, fundamento balizador da discussão geográfica e da matriz curricular do curso, nas diferentes perspectivas de análise, política, econômica, cultural e ambiental, que compreendem a totalidade da formação sócioespacial da região em que estamos inseridos.

Por fim e nestas reflexões, usa-se das palavras de Andrade (2012) destacando que o grande dilema da Geografia brasileira é “analisar e procurar soluções para alguns problemas fundamentais, como o da pobreza e o do desnível de desenvolvimento regional” (p. 13).

4. JUSTIFICATIVA

“Através da crítica, é que se produz e reproduz uma ciência viva. Pois ciência que não se renova, não se transforma, é ciência morta, é droga (OLIVEIRA, 2012, p. 140). Portanto, acredita-se que refletir constantemente sobre a estrutura curricular, os conteúdos, os instrumentos metodológicos e a forma como se ensina, sobretudo em um curso de Licenciatura, é fundamental, além de ser uma obrigação, tendo em vista tanto a dinâmica da sociedade contemporânea quanto a própria complexidade da Geografia e o compromisso com o fazer epistemológico da ciência geográfica. Isso permite considerar novas possibilidades, sempre ampliadas, cuja conexão com o mundo vivido passa a ser revista, reinventada e aprimorada.

Como pondera Santos (2008) tudo está sujeito a lei da movimentação e da renovação, inclusive as ciências. Assim, cada vez que as condições de realização da vida se modificam, ou quando se mudam às formas de interpretação dos fatos, as disciplinas científicas precisam realinhar-se para que possam explicar a parcela da realidade total que lhes cabe.

Diante disso indaga-se; qual é o papel dos cursos de Licenciatura em Geografia? A que/quem serve o ensino de Geografia? Que conteúdos ensinar e de que forma? Qual a função e o dever da Geografia e do professor de Geografia na sociedade? Que profissionais queremos formar?

Vesentini (1995) já questionava: “Mas que tipo de Geografia é apropriada para o século XXI?” Certamente não mais a tradicional baseada no modelo “*A Terra e o Homem*” pautada na memorização de informações sobrepostas. A Geografia apropriada para este

século deve deixar o aluno “descobrir” o mundo em que vive, enfocando criticamente a questão sociedade/natureza, indo para além da lógica conteudística. É necessária uma instrumentalização, nas palavras de Pereira (1995), é “possível afirmar que a missão, quase sagrada, da Geografia no ensino é a de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações” (p. 74).

Ainda no sentido de pensar a Geografia que se ensina, Oliveira (2012, p. 142) indica que “cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”.

Para tanto “é preciso entender que o processo de conhecimento se dá de acordo com o processo de socialização pelo qual passam os indivíduos” (OLIVEIRA, 2012, p. 11). Sendo assim, o conhecimento comprometido com a superação das mazelas e contradições de seu tempo, e que sirva para a construção de uma sociedade economicamente mais justa e culturalmente diversa, necessita de uma “nova proposta que permita fazer uma reformulação dos conceitos científicos, não mais na ótica da dominação, mas naquela que propõe uma história viva do homem e de sua criação” (OLIVEIRA, 2012, p. 12).

O maior geógrafo brasileiro, Milton Santos, avalia que uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro do homem. Para o autor, a Geografia deve tentar dominar o futuro para o Homem, isto é, para todos os homens, e não somente para alguns, e afirma que “cabe à Geografia perscrutar e expor como o uso consciente do espaço pode ser um veículo para a restauração do homem na sua dignidade” (SANTOS, 2008, p. 267).

Deste modo, busca-se uma “construção pedagógica da realidade” no sentido de que os encaminhamentos do curso traduzam a relevância e a contribuição da Geografia na formação do cidadão através de Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Esta construção é pautada na busca pela libertação, numa ruptura com o reprodutivismo das relações de poder de uma sociedade expressas no ambiente escolar, historicamente evidentes na região do Contestado. Esclarecendo, de acordo com Vesentini (2012) que:

[...] tanto a educação (entendida como algo que não se resume à escola e sim a todos os meios de aprendizagem: família, mídia, lições dos mais experientes, trocas de ideias com outros etc.) como o ensino (entendido como sistema escolar) possuem simultaneamente essas duas dimensões, ou seja, são ou podem ser ao mesmo tempo instrumentos de dominação e de libertação. (p. 15).

Acredita-se que a escola, apesar de indispensável na reprodução do sistema social vigente, é espaço privilegiado de reflexão, criticidade e libertação, podendo atuar como agente de mudança. Ela contribui para aprimorar ou expandir a cidadania, desenvolver “o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, seja individual ou coletivo” (VESENTINI, 2012, p. 16).

Portanto, estando na escola e trazendo suas próprias e múltiplas vivências espera-se que o educando seja capaz de alfabetizar-se espacialmente, isso porque Segundo Costella e Schäffer (2012), a Geografia:

[...] alfabetiza para a leitura de mundo. Se o aluno souber ler o espaço, saberá como começar a estabelecer relações, como interpretar seus conhecimentos. [...] ao aprender a ler o seu lugar, esta aprendizagem se estenderá a outros lugares, pelo exercício de diferentes habilidades mentais, o que torna o aluno capaz de relacionar seu lugar com o mundo por meio da transposição das aprendizagens construídas em leituras anteriores para novas situações (p. 54).

Cavalcanti (1998) atenta para o fato de que a espacialidade na qual vivemos é bastante complexa, o espaço geográfico diante do processo de mundialização/globalização “extrapola o lugar de convívio imediato, sendo traçado por uma figura espacial fluida, sem limites definidos” (p. 11), sendo, portanto, necessária uma instrumentalização conceitual que torne possível a apreensão articulada deste espaço.

Nesse interim, de acordo com Oliveira (2012) é necessário repensar a relação e entre educador e educando “o professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e do saber” (p. 140), de modo que, “neste caminho é que educador e educando devem estar relacionados e neste sentido, buscar uma compreensão de si e da realidade como algo concreto, que é criado e recriado no cotidiano” (p. 12).

Sendo assim, espera-se que o curso de licenciatura em Geografia da UNESPAR *campus* União da Vitória, contribua para a formação de profissionais críticos e comprometidos com construção de uma sociedade mais democrática, plural, ética e humana até alcançarmos a emancipação social e “colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano” (SANTOS, 2008, p. 267) e ainda:

[...] um espaço que una os homens por e para seu trabalho, mas não para em seguida os separar entre classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço, natureza

social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um artifício; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por uma outra mercadoria, o homem artificializado (p. 267).

É nessa perspectiva que esta proposta de ensino se soma também à construção e consolidação da UNESPAR, enquanto universidade pública e comprometida com os espaços nos quais está inserida. Logo, a reformulação deste projeto pedagógico se justifica pela necessidade de estar em consonância com os documentos institucionais, PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional e PPI – Projeto Político Institucional, e, portanto, com a missão, os objetivos e a concepção de ensino da UNESPAR.

De tal modo, através dos conceitos e categorias de análise geográfica, espera-se contribuir com a missão da universidade de,

Gerar e difundir o conhecimento científico, artístico-cultural, tecnológico e a inovação, nas diferentes áreas do saber, para a promoção da cidadania, da democracia, da diversidade cultural e do desenvolvimento humano e sustentável, em nível local e regional, estadual, nacional e internacional (UNESPAR, 2012, p. 11-12).

No que diz respeito às concepções de ensino, os documentos institucionais atestam a necessidade de que os projetos pedagógicos dos cursos contemplem conteúdos que permitam o desenvolvimento da cidadania. Para tanto, garante-se, por exemplo, nos programas de ensino das disciplinas os conteúdos e abordagens Étnico-Raciais e de Direitos, além da Educação Ambiental. Garante-se também que todos os alunos cursem a disciplina de LIBRAS, que consta na grade curricular do 4º ano.

Trata-se de conteúdos essenciais e que devem ser abordados com seriedade e comprometimento no sentido de representarem um caminho com vistas a alcançar o desenvolvimento pleno da cidadania. Santos (1996) traça uma lista daquilo que chama de cidadanias historicamente mutiladas no Brasil. O trabalho, negado para tantos, a remuneração, melhor para uns que para outros, a cidadania negada, na localização dos sujeitos, na moradia, na circulação, na educação, na saúde. O autor, ainda aponta que a existência das cidadanias mutiladas como, as dos negros, das mulheres, dos pobres, dos trabalhadores, dos portadores de necessidades especiais, de diferente orientação sexual, entre outras tantas, é o que leva a efervescência de preconceitos e intolerâncias.

Santos (1996) ainda enfatiza que a análise das cidadanias mutiladas e do preconceito no Brasil deve passar por um estudo da formação sócio-econômica brasileira, dimensão esta, que é tão cara aos estudos geográficos.

Não há outra forma de encarar o problema. Tudo tem que ser visto através de como o país se formou, de como o país é e de como o país pode vir a ser. Tudo isso se inclui na realidade da formação sócio-econômica brasileira. O passado como carência, o presente como situação, o futuro como perspectiva (SANTOS, 1996, p. 135).

As reformulações apresentadas neste projeto pedagógico também atendem o Parecer CEE/CES N° 19/15. Assim, adequa-se a carga horária do curso, para 3.600 horas/aulas e 3.000 horas/relógio, para que atenda a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Reorganizou-se a distribuição das disciplinas ao longo dos quatro anos para que a construção do conhecimento tenha uma sequência, respeitando-se, o acúmulo de saberes geográficos ao longo do tempo e proporcionando maior qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Ampliou-se a carga horária de diversas disciplinas para que os conteúdos pudessem ser abordados de maneira satisfatória e garantissem a formação necessária aos educandos. Nos programas das disciplinas, foram inseridas as práticas como componentes curriculares, que podem ocorrer de duas formas; atividades que vislumbrem a transposição de conteúdos para o ensino escolar, ou ainda, a realização de aulas/trabalhos de campo que permitam a verificação da teoria discutida em sala de aula.

No que concerne a imprescindibilidade das aulas/trabalhos de campo para a formação do licenciado em Geografia, sinaliza-se que representam “uma alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão intra-sala de aula, como forma de executar/“praticizar” a “leitura” do real, sendo assim, um momento ímpar do exercício da práxis teórica (THOMAZ JUNIOR, 2005, p. 32).

Isso quer dizer, que o trabalho de campo requer a reflexão teórica em três momentos; a) aquela que o antecede, realizada em sala de aula e que permite a explicação dos fenômenos geográficos; b) aquela que o acompanha, no campo, trata-se da teoria se exprimindo no movimento visível do real; c) aquela que o sucede, no retorno à sala de aula, a teoria enquanto explicação da aparência-essência.

Ainda se concorda com Suertegaray (2002, p. 96) ao atestar que é necessário conceber “o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo”.

Além do trabalho de campo ser essencial para a compreensão do fazer do espaço geográfico no que concerne as abordagens realizadas em cada disciplina, ainda é importante enquanto metodologia de pesquisa geográfica.

Assim, para garantir a reflexividade e a formação do professor-pesquisador, inseriu-se, a disciplina de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, no quarto ano. De acordo com Oliveira (2012) existe uma divisão hierárquica do trabalho acadêmico, através da qual, alguns produzem o conhecimento e a teoria, e outros ensinam aquilo que foi produzido. Para o autor, isso gera uma falsa dualidade entre professor e pesquisador. O caminho é juntar a teoria à prática e vice-versa, não há como garantir o ensino, sem a pesquisa, sem isso, a Geografia corre o risco de cair em uma de suas dualidades, que por sinal, só nos enfraquecem enquanto ciência.

Para Suertegaray (2002, p. 98) “pesquisar é o fundamento de nossa busca, particularmente, neste momento histórico, onde a educação defende a tese de que apreendemos o tempo todo e educar é ensinar a apreender”. Assim, ao inserir a disciplina de TCC no curso de Licenciatura em Geografia, espera-se, que pela oportunidade de fazer pesquisa científica, seja possível, estimular a formação do professor-pesquisador, aquele que constrói conhecimento, que formula teorias, que explica a realidade, que sugere possibilidades de ressignificação do espaço, da sociedade e da própria Geografia.

Por fim, espera-se que as mudanças no projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia, possibilitem refletir constantemente a respeito da importância da Ciência Geográfica para explicar e buscar caminhos para superar as contradições que assolam a sociedade contemporânea e que, no mínimo, ao longo do último século, marcaram/marcam o Contestado. Deseja-se, que a reformulação neste projeto também contribua para devolver a cidadania à população dessa região, que por meio da educação e do ensino de Geografia, seja possível transformar e reescrever as espacialidades no sentido da dignidade e da autonomia para todos.

5. OBJETIVOS

Santos (1995) já destaca que não basta apenas uma reestruturação de conteúdos, é necessário propiciar aos alunos o desenvolvimento de um pensar dialético, um pensar em

movimento, significa a “possibilidade de viver a contradição imanente entre a necessidade e a sua superação, no plano da construção intelectual” (p. 56). Neste sentido, também Cavalcanti (1995) insiste na importância dos objetivos de ensino para a Geografia se pautarem na espacialidade de toda a prática social, isso porque entre “o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, com sua intervenção, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço” (p. 24). Sendo assim, o ensino da Geografia deve visar o desenvolvimento da compreensão da realidade do ponto de vista se sua espacialidade, desenvolvendo uma responsabilidade espacial crítica e atuante.

5.1 OBJETIVO GERAL

- Instrumentalizar o acadêmico de Geografia com conhecimentos teóricos e metodológicos para que na sua prática pedagógica como professor garanta o desenvolvimento de capacidades de observação, de interpretação, de análise para pensar criticamente a realidade, para melhor compreendê-la e identificar as possibilidades de transformação no sentido de superar suas contradições.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar, interpretar e representar as diversas manifestações do conhecimento geográfico;
- Articular e contextualizar elementos empíricos e conceituais concernentes ao conhecimento científico;
- Interpretar e discutir as diferentes escalas espaço-temporais relacionadas a eventos e fenômenos geográficos, articulando elementos naturais e sociais;
- Formar profissionais que sejam capazes de produzir projetos de ensino e pesquisa, bem como planos de trabalho referentes a atividades artísticas, culturais e de preservação do patrimônio histórico e ambiental;
- Ser capaz de buscar o trabalho interdisciplinar e a formação de um coletivo para aprofundar a compreensão da realidade;

- Planejar, propor, elaborar e executar projetos de pesquisa e de extensão acadêmica no âmbito da Geografia;
- Dominar métodos e técnicas de laboratório e instrumentos/equipamentos de trabalho de campo relativo à produção e aplicação do conhecimento Geográfico;
- Interpretar e elaborar mapas temáticos e outras representações gráficas e cartográficas.

6. REQUISITOS E FORMAS DE ACESSO

6.1 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo do curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR – *Campus* União da Vitória é oriundo, majoritariamente, do ensino público e se constitui de educandos que buscam atuar, sobretudo, no campo docente. A grande maioria é formada por alunos que acabaram de cursar o ensino médio e/ou profissionalizante/técnico. Entretanto, nos últimos anos, tem se notado a presença de alunos que já possuem uma graduação e também alunos de meia idade que buscam aperfeiçoar seus conhecimentos.

6.2 FORMAS DE ACESSO

O ingresso no Curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória se dá por aprovação em concurso vestibular e por meio do SISU. São ofertadas 40 vagas, sendo que 50% das vagas (20) são preenchidas por meio de concurso vestibular e 50% para os alunos que fizeram o ENEM e solicitaram vaga por meio do SISU. O processo seletivo atende ao Regimento Geral da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.

Embora o vestibular seja o principal mecanismo de ingresso, há também a possibilidade de ingresso através de processo seletivo público para ocupação de vagas remanescentes por candidatos a transferência interna ou externa e por portadores de diploma de nível superior.

7. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

coordenador na área de ensino de escolas; b) diretor de escolas; c) técnico em ensino de secretarias de educação; d) coordenador de projetos na área de ensino; e) consultor na área de educação geográfica; f) capacitação de formadores e instrutores de Geografia; g) assessoramento em órgãos, empresas e instituições na elaboração de projetos e políticas de ensino na área de Geografia; h) projetos interdisciplinares de Educação Ambiental; i) investigação científica sobre ensino e interdisciplinaridade; k) Atuação no meio rural, nas cooperativas agrícolas, entre outros.

Enfim, espera-se como um perfil comum a atuação ética, crítica, autônoma e criativa, respeito à pluralidade inerente aos ambientes profissionais, atuação positiva na busca de soluções de questões colocadas pela sociedade. Também se tem como perfil específico esperado a compreensão dos elementos e processos concernentes ao meio natural e ao construído, com base nos fundamentos filosóficos, teóricos e metodológicos da Geografia e a aplicação desse conhecimento na busca do desenvolvimento social; domínio e permanente aprimoramento das abordagens científicas pertinentes ao processo de produção e aplicação do conhecimento geográfico.

7.1 SABERES DOCENTES

O professor e o pesquisador de Geografia devem ser capazes de realizar uma leitura de mundo através da alfabetização geográfica proporcionada pelo curso. Dessa maneira, ao trabalhar no Ensino Básico e/ou Superior deve buscar refletir e atuar com responsabilidade sobre as questões sociais e ambientais e, em suas pesquisas, deve primar pelo envolvimento crítico e humano visando sempre a qualidade de vida e a cidadania.

8. CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL

O(a) acadêmico(a) regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Paraná, *Campus União da Vitória*, recebe uma base epistemológica, teórica, metodológica e pedagógica para atuar em órgãos e instituições públicas e privadas de forma responsável e crítica, articulando os conhecimentos adquiridos

na Universidade com a prática diária vivenciada através do estágio. O intuito é sempre que o discente prime pelos princípios da cidadania e do equilíbrio socioambiental, bases e concepções defendidas pelo curso na construção dos saberes geográficos.

Sendo assim, é considerado apto para desenvolver atividades nas seguintes dimensões (técnicas, pedagógicas) e locais:

- **Trabalhos Técnicos:** No Instituto Ambiental do Paraná (IAP/PR), na Fundação do Meio Ambiente (FATMA/SC), no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), na Companhia Paranaense de Energia (COPEL), na Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR), Secretarias Municipais e Estaduais de Ação Social, da Saúde, da Cultura e do Meio Ambiente, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e outras instituições similares onde o(a) acadêmico(a) pode desenvolver as seguintes funções: elaboração e organização de cadastros dos espaços em diferentes escalas, auxiliar na construção de pesquisas de mapeamento, recenseador, monitor em trabalhos e atividades ambientais, monitor de eventos (atividades teóricas e práticas de campo), pesquisas de opinião e diagnósticos socioeconômicos, proposição e acompanhamento de roteiros, sistematizar e organizar banco de dados de informações sociais e ambientais, auxiliar na elaboração de projetos, organização de documentação, monitor em atividades que avaliem impactos ambientais, assessoria na elaboração de projetos de turismo/resíduos sólidos/Educação Ambiental em geral.

- **Atividades pedagógicas:** o discente pode atuar ministrando aulas e/ou atividades em Instituições Públicas ou Particulares da Educação Básica (Infantil, Fundamental e Médio), em Casas Familiares Rurais (CFR), na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em cursinhos específicos de formação e reforços de aprendizagem, desenvolvendo, entre outras, as seguintes atividades: aulas temáticas, preparação de material didático, elaboração de provas ou simulados, proposição de atividades de campo, monitor de Educação Ambiental, organizador de gincanas e atividades comemorativas, desenvolvendo pesquisas, levantamento de dados e leituras visando a contribuição para com os Projetos Pedagógicos Escolares, auxiliar pedagógico, hortas e viveiros escolares, montagem e gestão de espaços específicos da Educação Ambiental, organizador de feiras ecológicas, auxiliar no acompanhamento de alunos com necessidades especiais, oficinas temáticas.

9. CONCEPÇÕES E PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

A Geografia surge enquanto ciência no final do século XIX, quando são instituídas as primeiras cadeiras na Alemanha e na França, sobretudo em função da sistematização dos trabalhos de Alexandre von Humboldt e Carl Ritter. Os estudos de ambos buscavam o entendimento de uma visão geral do globo. Humboldt interessou-se em estudar os fenômenos físicos, como; altitude, temperatura e umidade. Para ele, a Geografia representaria a síntese dos conhecimentos relativos à superfície da terra. Ritter, voltava-se para os aspectos humanos, considerava o homem, um agente de transformação e de vida na superfície terrestre. Como método de investigação ambos se valeram do empirismo e da observação.

A partir de sua objetivação enquanto ciência, a Geografia, em busca do estudo e do entendimento dos elementos em torno do objeto geográfico, qual seja, a relação sociedade-natureza e a produção do espaço, passou por mudanças de paradigmas e correntes de pensamento.

Assim, o pensamento geográfico tem sido construído em seu devir histórico e geográfico. Passou de uma Geografia descritiva, naturalista e que buscava o detalhamento da fisionomia da terra à uma ciência marcada pela complexidade das relações sociais e a busca do entendimento do refazer constante do espaço.

A corrente denominada Geografia Tradicional (1870-1950) é tida como a primeira corrente/paradigma geográfica(o). Baseou-se no positivismo como método de investigação e, portanto, na descrição da natureza e dos lugares. A ancorou-se nas ideias de Friedrich Ratzel e em sua teoria Espaço Vital, que defende a influência dos aspectos naturais na evolução das sociedades. Trata-se do determinismo geográfico que entende o espaço geográfico/natureza como determinantes para às condições de vida em sociedade.

O possibilismo geográfico explicado na teoria do Gênero de Vida, de Paul Vidal de La Blache, surge no contexto geopolítico de disputas entre Alemanha e França, em que a França perde territórios nos quais se concentravam reservas de carvão, fundamentais para o desenvolvimento industrial. Pelo possibilismo, busca-se o entendimento, sobretudo das sociedades primitivas e seus costumes; cultura/modo de vida e o reflexo na relação homem/meio. É a partir do possibilismo que se chega à Geografia Regional, grande influenciadora da Geografia brasileira.

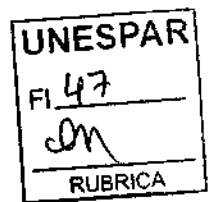
É com base nas teorias de Ratzel e La Blache que se instauram as dicotomias na ciência geográfica, como por exemplo, Geografia x Geografia humana, Geografia geral x regional, sociedade x natureza, campo x cidade, entre outras. Condição que nos acompanha enquanto ciência até a atualidade e por vezes nos fragmenta.

É sob o paradigma da Geografia Tradicional que a Geografia surge no Brasil em 1934, com a implantação do Curso de Geografia na USP – Universidade de São Paulo, com a criação, em 1935, da AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros e em 1939, com a instituição do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A constituição da Geografia brasileira esteve atrelada à Geografia francesa, tendo como forte influência a Geografia Regional e, portanto, muito mais próxima às teorias de La Blache que àquelas de Ratzel.

No período de 1950-1970, destaca-se na Geografia Brasileira a corrente Quantitativa, que representa um processo de renovação em relação à Geografia Tradicional. Tem como método de interpretação o neopositivismo e, no Brasil, esteve atrelada ao processo de industrialização, ao Estado intervencionista/nacional desenvolvimentista, subserviente ao IBGE, ao papel do planejamento e das técnicas matemáticas.

Como a denominação desta corrente sugere, trata-se, da sistematização do conhecimento e da Geografia a partir de técnicas matemáticas/estatísticas, levando em consideração os dados e os números sem perscrutar a complexidade que forma a sociedade e o espaço. No âmbito do entendimento do conceito de paisagem, por exemplo, se conquistam alguns avanços, através, sobretudo, da análise sistêmica, elemento importante para dinamizar à Geografia quantitativa. Entretanto, no que se convencionou chamar de Geografia humana, naquele período histórico, a ciência geográfica ainda carecia do desenvolvimento de novas formas de entender/explicar a realidade apresentada para além do atrelamento ao Estado. De tal modo a ruptura se mostrava necessária para que a Geografia pudesse levar em consideração a complexidade social no processo de transformação do espaço geográfico.

Na década de 1970 surgem os primeiros movimentos em busca da renovação, que culminaram com o movimento Fortaleza 1978. Na oportunidade da realização do ENG - Encontro Nacional de Geógrafos instaurou-se um novo momento no que se refere à mudança do pensamento geográfico. Denominada de Geografia Crítica e tendo como método o materialismo histórico dialético, busca na análise da relação homem – natureza, o enredar das contradições e da trama complexa de fenômenos que se apresenta na realidade espacial e



considera, portanto, a produção do espaço geográfico às esferas da política/economia/cultura e em devir espaço-temporal.

O surgimento da Geografia Crítica insere-se num contexto de grandes transformações, do ponto de vista do espaço e da sociedade. A urbanização se ergue como um modelo de organização da sociedade e tal fenômeno, com suas marcas/expressões/conteúdos, clamava ser entendido em sua complexidade, no que se refere aos efeitos socioespaciais. Do asfalto, às favelas, às ocupações irregulares negligenciadas pelo Estado se estabeleceu uma sociedade urbano-industrial-capitalista, permeada por conflitos, que a Geografia de então começa a desvelar.

No campo também ocorrem grandes transformações, que refletem, por sua vez, no espaço urbano, o que nos reforça a entender que tais formações socioespaciais são complementares, que as fronteiras entre campo e cidade não são rígidas, ou seja, encontram-se imbricadas. Igualmente, às relações sociais não são restritas ao campo ou a cidade, mas permeiam as diferentes formas do espaço geográfico. Da tecnificação/modernização da agricultura, se desenrolam fenômenos geográficos que precisam ser apreendidos para além dos dados, por exemplo, a respeito da dinâmica populacional urbana e rural.

Nesse sentido, a Geografia crítica busca a análise dos números/dados através de sua expressão espacial, por exemplo, quais fenômenos se expressam quando um grande contingente populacional deixa o campo em direção às cidades, é preciso considerar o que, tal fenômeno, representa enquanto organização espacial – conflitos sociais e ambientais, divisão territorial do trabalho, migrações/deslocamentos, ou seja, o espaço geográfico está sendo construído, transformado, transfigurado e coloca-se a necessidade premente de se considerar os sujeitos inseridos nesse contexto de mudanças.

Mudanças que são contínuas, o espaço geográfico é dinâmico, a sociedade está em perpétuo movimento, portanto, a interpretação da realidade também deve ser dinâmica e constantemente renovada.

Assim, não se pode negligenciar a importância de outra corrente. Denominada de Geografia Humanística e Cultural, que adquiriu mais destaque no Brasil, na década de 1990. Baseia-se no método fenomenológico e se mostra importante ao apontar elementos que as nominadas, Geografia humana e Geografia ambiental e/ou sócio-ambiental, por vezes não consideram ou não exploram de maneira aprofundada. Trata-se do entendimento da subjetividade, do indivíduo, da análise do espaço geográfico através do lugar vivido, do

enraizamento e pertencimento dos sujeitos ao lugar da infância, da moradia, da escola, do desenrolar da vida. Assim, enfatiza-se a importância das relações culturais, dos costumes, da religião no lugar vivido. A Geografia humanística tem como grande precursor Y- Fu Tuan e sua obra Topofilia, que se define como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou quadro físico.

Para além das correntes e paradigmas geográficos, entende-se que se deve pensar/estudar/fazer Geografia tendo como premissa os seguintes questionamentos: para que? Para quem? Por quê?, e ancorados no entendimento de objeto de estudo geográfico, a sociedade e suas expressões no espaço geográfico, levando em consideração sua forma, função, processo e estrutura (SANTOS, 2012).

O conhecimento é por si só é de origem positivista, ou seja, compartimentado, daí a existência das diferentes ciências, formas de conhecimento e cada uma dessas ciências possui suas fragmentações, não sendo, portanto, exclusividade da Geografia. O que precisa ser considerado, no caso da Geografia, é a busca da explicação do espaço geográfico a partir da totalidade, ou seja, enquanto síntese de múltiplas determinações, levando em consideração suas particularidades e singularidades. E, é pensando nisso, que a compreensão do espaço geográfico, sua heterogeneidade e multiplicidade de formas e conteúdos necessita da verticalização em termos de diferentes enfoques/leituras, como a Geografia Urbana, Agrária, Regional, Política, Econômica, sem se desvincular da Geologia, Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia e vice e versa, pois os elementos que cada uma dessas especificações aborda encontram-se juntos, integrados, inter-relacionados no processo de transformação do espaço geográfico.

Dito isso, como somos humanos e, portanto, limitados, nem que quiséssemos daríamos conta de estudar tudo. Nesse sentido, é fundamental que convivamos com as diferenças na Geografia, enquanto algo fundamental para a própria continuidade desta ciência.

Como consequência de nossas inquietações a renovação virá. Talvez, esteja em contínuo processo, sendo algo constante em uma ciência que busca interpretar a realidade em movimento.

Mudam-se as técnicas, mudam-se os homens, novos fenômenos se apresentam e a Geografia apresenta-se para desvendá-los, por isso a necessidade de sermos comprometidos com nossas práticas enquanto professores e pesquisadores. Daí a importância da escola pública e da universidade pública alicerçada no ensino, na pesquisa e na extensão. E dada a riqueza da Geografia, sinaliza-se a importância do debate, da interdisciplinaridade da

construção do conhecimento enquanto algo que se processa na coletividade, seja nas discussões em sala, na socialização das pesquisas e/ou na aproximação com a comunidade e assim continuamos no devir espaço-temporal da ciência geográfica, estamos em constante renovação! “Se a Geografia está em crise. Viva a Geografia” (PORTO-GONÇALVES, 1978, p. 27), pois a crise possibilita a mudança, a renovação e o refazer da ciência geográfica.

Portanto, seja como Ciência, seja como matéria no ensino, a Geografia desenvolveu, ao longo do tempo, um corpo conceitual que se constituiu em uma linguagem geográfica. Ela é, de fato, uma Ciência Social.

[...] que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura compreender as causas que deram origem às formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entender essas, faz-se necessário compreender como os homens se relacionam entre si. (CALLAI, 1998, p. 55).

Nessa perspectiva, Andrade (1987, p. 18) enfoca que “a sua preocupação central é a sociedade e os tipos de intervenção que esta sociedade executa na natureza. [...] Esta importância do social é acentuada ao saber que cada sociedade, cada formação social gera um tipo de relação, de espaço”. Para o autor, a Geografia é eminentemente uma ciência social, uma ciência da sociedade, isso significa que, “cabe à Geografia, estudando as relações entre a sociedade e natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social”. (ANDRADE, 1987, p.19)

Assim, tomando a sociedade como objeto de estudo da Geografia, Corrêa (1995) aponta os conceitos fundamentais da Geografia:

Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (p. 16).

Os conceitos geográficos não são harmônicos, isso porque, cada corrente do pensamento e cada paradigma científico construíram uma forma de explicar teórica-conceitualmente a realidade. Para tanto, é preciso ter clareza que os conceitos são intelectualmente produzidos.

Nessa perspectiva, a paisagem enquanto conceito geográfico pode ser natural e/ou cultural.

A paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas a uma dada área e analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural. (SAUER, 1998, p. 09).

Para Bertrand (2004) a paisagem não é a simples soma de elementos geográficos. De modo que, a paisagem “é, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (p. 141). Sendo que, tudo “o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 2008, p. 67-68).

Sobre o conceito de região, Corrêa (2000) destaca que se trata de um conceito complexo devido a diversidade de concepções existentes. Porém, defende que de modo geral a região está atrelada à noção de diferenciação de área, ou seja, a ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si. O que a torna um conceito complexo são as diferentes abordagens paradigmáticas que serão utilizadas para explicar a diferenciação de área, como por exemplo, a noção de região natural construída pela abordagem determinista, e a região geográfica atrelada a corrente possibilista.

A região é então a forma matricial da organização do espaço terrestre e cuja característica básica é a demarcação territorial de limites rigorosamente precisos. O que os geógrafos viam na paisagem era essa forma geral e de longa duração e passaram a concebê-la como uma porção de espaço cuja unidade é dada por uma forma singular de síntese dos fenômenos físicos e humanos que a diferencia e demarca dos demais espaços regionais na superfície terrestre justamente por sua singularidade (MOREIRA, 2007, p. 56).

A partir da região enquanto dimensão territorial aborda-se a regionalização, entendida como ação/processo para criar uma região e as regionalidades/regionalismos, ou seja, as práticas sociais, econômicas, culturais que caracterizam as regiões.

Já o espaço geográfico é produto e ação do movimento da sociedade. Para Santos (2012, p. 30), “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais

e de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. O autor, ainda aponta que o espaço é um conjunto de formas e conteúdo. Sendo que cada forma contém frações da sociedade em movimento, o espaço também é conteúdo, ou seja, a sociedade embutida nas formas e transformada em espaço.

Ruy Moreira interpreta o espaço a partir da materialidade do processo de trabalho, no sentido de que cada forma de sociedade, por meio do trabalho, o constrói. Para o autor, “o espaço é a sociedade pelo simples fato de que é a história dos homens produzindo e reproduzindo sua existência por intermédio do processo de trabalho” (MOREIRA, 1981, p. 90). O espaço,

É a relação homem-meio na sua expressão historicamente concreta. É a natureza, mas a natureza em seu vaivém dialético: ora a primeira natureza que se transforma em segunda, ora mais adiante a segunda que reverte em primeira, para mais além voltar a ser segunda. É a história em seu devir perpétuo. História na sua expressão concreta de dada sociedade. E espaço como resultante/determinante dessas relações (MOREIRA, 1981, p. 86).

Mas e o lugar, o que é? Ao responder essa pergunta Moreira (2007, p. 60) aponta que o lugar pode ser compreendido, numa referência a Milton Santos como “o ponto da rede formada pela conjugação da horizontalidade e da verticalidade”, ou ainda “como espaço vivido e clarificado pela relação de pertencimento” a partir do conceito de Yi-Fu Tuan. Para Moreira (2007, p. 61) é “o lugar que dá o tom da diferenciação do espaço do homem – não do capital – em nosso tempo”.

Podemos, todavia, entender que os conceitos de Santos (1996) e Tuan (1983) não são dois conceitos distintos e excludentes de lugar. Lugar como relação nodal e lugar como relação de pertencimento podem ser vistos como dois ângulos distintos de olhar sobre o mesmo espaço do homem no tempo do mundo globalizado. Tanto o sentido nodal quanto o sentido da vivência estão aí presentes, mas distintos justamente pela diferença do sentido. Sentido de ver que, seja como for, o lugar é hoje uma realidade determinada em sua forma e conteúdo pela rede global da nodosidade e ao mesmo tempo pela necessidade do homem de (re)fazer o sentido do espaço, ressignificando-o como relação de ambiência e de pertencimento (MOREIRA, 2007, p. 61).

Já o conceito de território se fortalece na Ciência Geográfica atrelado a noção de delimitação político-administrativa, o território do Estado-Nação. Porém, para Raffestin (1993), e Andrade (2004), o conceito de território, na atualidade, superou tal engessamento, ou seja, o território delimitado político-administrativamente é apenas uma de suas abordagens

conceituais. Os autores também indicam que o território, não é sinônimo de espaço e/ou de lugar.

Para Andrade (2004, p. 19). “Deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, que se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais”. Assim, “o território, [...] não poderia ser nada mais do que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 07).

A partir do conceito de espaço se analisa os processos de TDR, territorialização, desterritorialização e reterritorialização que estão em constante ação de criar/fragmentar os territórios e as territorialidades.

Dessa forma, compreendendo a definição e os principais conceitos dos quais se vale a Geografia, se torna necessário considerar a relação entre a Ciência Geográfica e a disciplina de Geografia. Estas formam uma unidade, mas não são idênticas. Cavalcanti (1998) assim as diferencia:

A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência [...] convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e de uma organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários à educação geral. (p. 09).

Sendo assim, esta seleção de conteúdos implica ingredientes lógico-formais, pedagógicos, epistemológicos, psicocognitivos e didáticos uma vez que visa a formação dos alunos, sobretudo, porque há “no ensino, uma orientação para a formação do cidadão diante de desafios e tarefas concretas postas pela realidade social” (CAVALCANTI, 1998, p. 09). Esta relação entre conhecimentos científicos e conhecimentos escolares deve ser constantemente discutida e aperfeiçoada com vistas a assegurar a promoção da democracia, da justiça e da igualdade social.

Nesta perspectiva, o curso de Geografia alicerça-se chamada escola de Vygotsky, sobretudo no que concerne à formação de conceitos, onde este autor propõe que o conhecimento escolar só se constrói pelo confronto entre os conceitos cotidianos e os conceitos científicos. Trata-se de uma linha didática Crítico-Social, onde o ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, “mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino” (CAVALVANTI, 1995, p. 25). Sendo assim, e prosseguindo com a tendência

defendida por Vygotski, acredita-se que a formação de conceitos é um processo criativo ao passo que a memorização não propicia a apreensão real.

Nestas colocações, o papel do ensino, sobretudo pela mediação do educador, é o de promover o encontro entre os conceitos científicos e os conceitos espontâneos dos educandos. Ensinar, é uma intervenção intencional que visa à construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno, entretanto, como destaca Libâneo (1995) “trata-se de uma relação bilateral, uma relação de trocas de significados, uma relação dialógica, envolvendo intersubjetividade, afetividade, empatia e, ao mesmo tempo, oposição, confronto de ideias” (p. 05).

Neste processo, aluno e professor são ativos, o primeiro porque é sujeito do processo e, o segundo porque faz a mediação do aluno com o conhecimento. Outro fator importante é o entendimento de que os conhecimentos trabalhados na escola são resultado da cultura da humanidade transformada em Ciência. É a prática do socioconstrutivismo no ensino escolar, sendo que:

É sócio porque compreende a situação do ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como uma relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora, seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com a ajuda do professor. (LIBÂNEO, 1995, p. 06).

Sendo assim, como concepções, finalidade e objetivos, o Curso de Licenciatura em Geografia do *Campus* da UNESPAR de União da Vitória, apresenta os saberes geográficos e sua disseminação no ensino, como basilares na formação do pesquisador e, precipuamente, do professor de Geografia no Ensino Básico Nacional em suas modalidades de Ensino Fundamental e Ensino Médio, como preconiza a Estrutura e Funcionamento legais e político-pedagógicos do Estado Brasileiro, no que tange à educação e o ensino da disciplina escolar de Geografia. Percebe-se que:

O novo milênio, iniciado no século XXI, apresenta tendência à transição, reestruturação e evidente metamorfose no projeto arquitetado pela sociedade, desde os séculos XVI, XVII e XVIII até o presente momento. Por isso, leva o gênero humano a repensar toda sua elaboração nos diversos saberes e instâncias que permeiam sua existência. As alterações ocorreram mediante avanço na ciência, na tecnologia e nos saberes práticos os quais fizeram do homem um ser autômato, ao mesmo tempo em que diminuiu sua capacidade de imaginar, criar e sentir. (CORREIA, 2015, p.13).

Por outro lado, constata-se que a Universidade deve rever seu papel enquanto sistematizadora de conhecimentos teóricos e práticos, no sentido de buscar aproximação com a sociedade, de modo geral, visto que no antanho isto ocorreu de maneira discreta. Agora é momento, pois ela oferece ambiente ideal para as reflexões e formação do cidadão epistêmico, ético, moral, crítico e criativo.

Especificamente, no Curso de Licenciatura o grau de dificuldade aumenta, por se trata de uma das atividades humanas (a pedagogia) mais difíceis, como alerta Immanuel Kant, quando diz que o mais grave dos problemas e o mais árduo que o homem possa propor-se; aliás, ele, além de expoente da filosofia na modernidade, foi um destacado professor de Geografia.

Em seu viés epistemológico, a ciência como um todo e a Geografia em particular, assume papel fundamental no projeto arquitetado pelo ser humano na contemporaneidade. Visto que este conhecimento e suas respectivas tecnologias e instrumentos materiais e imateriais, advindos de suas fontes, podem contribuir na sustentação das demandas atuais. Devido ao seu caráter humano e natural a Geografia chega aos recônditos e anseios da sociedade moderna, em sua verve: ambiental, econômica, cultural, política e social.

A história da Geografia aponta que seu desenvolvimento acadêmico obteve grande avanço devido sua institucionalização no ensino escolar, sobretudo na Alemanha. Consta, na literatura acadêmica, que os franceses em contraponto aos germânicos, estruturam seus ensinamentos geográficos escolares. Do mesmo modus operandi, pode-se observar a institucionalização da ciência geográfica e seu ensino em outros lugares, por ocasião da formação das diversas “Escolas Geográficas Nacionais”.

Outro momento paradigmático na evolução da ciência geográfica, protagonizado por Humboldt e Ritter, destaca, por um lado, a relação entre a superfície terrestre e a atividade humana, ou seja, o foco de estudo mira à relação natureza/homem, e, o caráter do humano, filosófico e educativo da Geografia incentivado por Ritter.

Apesar disso a Geografia acadêmica ficou separada de seu ensino, a ponto de Yves Lacoste destacar que duas são as preponderâncias da Geografia, a saber: a Geografia do Estado Maior e a Geografia praticada nas escolas primárias e secundárias.

No ensino (e também na produção acadêmica) o Brasil, até os anos de 1930, acompanhou o modelo francês lablachiano, regional e monográfico, de perfil pedagógico escolástico e clássico. Na sequência ocorreram algumas mudanças paralelas à Escola Nova e

nos anos de 1970/80, iniciaram-se movimentos radicais críticos consubstanciados no marxismo, sendo que nos anos de 1990, até hoje, notam-se movimentos denominados pós-modernos de feição cultural/fenomenológico, dos quais os saberes geográficos, ao mesmo tempo, se servem e os fomentam.

Por essa grande elasticidade teórico-prática, epistêmico-metodológica, temporo-espacial, local e global da Geografia, alinhada ao substrato contextual atual do relativismo, pluralismo e das diversas possibilidades hodiernas do gênero humano é que se projeta estruturalmente as lidas didático-pedagógicas da disciplina escolar de Geografia no *Campus* de União da Vitória.

Diante de tantas possibilidades, plausíveis e aplicáveis, tem-se como fundamento científico e pedagógico, certo ecletismo, acompanhando a tradição brasileira, quanto a elaboração sistemática do conhecimento, efetivamente, seguindo as manifestações consuetudinária didático-pedagógica da Geografia de pensamento tradicional, neopositivista e crítico. Para tanto, além de todo o arcabouço teórico advindo das ciências das áreas educacionais como; Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e História da Educação, que dão suporte ao ensino da disciplina, busca-se trabalhar os componentes curriculares postos na estrutura legal (LDBEN 9394/96), Orientações Curriculares Nacionais (OCN), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Diretrizes Estaduais do Ensino de Geografia (DCE-PR), entre outros documentos oficiais organizados para atender o ensino desta disciplina.

Nesse sentido pode-se identificar uma sequência geral na elaboração dos estudos curriculares de Geografia nas escolas brasileiras, ou seja, no ensino fundamental e médio. No geral, obedece-se a seguinte sequência curricular: o estudo da Terra (aspectos naturais, humanos, econômicos, culturais, políticos e sociais); O estudo sobre o Brasil (aspectos gerais e geopolíticos) e nas séries/anos subsequentes os continentes (regionalização: aspectos gerais e geopolíticos). Ressalva-se que a ordem acima colocada é genérica, mas na prática é o que vem acontecendo na maioria das escolas brasileiras.

Constata-se que o Curso, para atender o processo ensino-aprendizagem da disciplina escolar de Geografia, insere-se na abrangente teoria pedagógica construtivista (educando centro do processo ensino-aprendizagem), da qual teoricamente, em tese permite contemplar outros matizes didático-pedagógicos, visando atender não somente a produção do conhecimento geográfico, bem como sua respectiva transposição, ou seja, seu ensino,

observando a complexidade e pluralidade da sociedade atual. Pode-se dizer, então, finalmente, que os princípios norteadores do Curso de Licenciatura em Geografia deste *Campus*, pretende atender as necessidades prementes das comunidades local, regional e nacional, vinculadas ao global, ao mesmo tempo em que busca os ditames universais da Ciência e da Pedagogia enquanto níveis e possibilidades de elaboração de uma sociedade mais bem estruturada.

9.1 FUNDAMENTOS LEGAIS

O Currículo do Curso de Licenciatura em Geografia organiza-se em consonância com o Projeto Pedagógico da UNESPAR, tendo como base as seguintes determinações documentais:

- A Lei Federal nº 9.394/1996 – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, orientando os princípios e os fins a educação, do direito e do dever de educar, dos modelos e formas de organização escolar em território nacional, e dos níveis e modalidades de ensino e legislando em específico sobre o ensino superior regulado pelo Art. 43. Encontrando-se o Colegiado de Geografia em acordo e observância a referida Lei;

- O Decreto Federal nº 3.276/1999, de 6 de dezembro de 1999, que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências;

- Deliberação 04/2013, do Conselho Estadual de Educação do Paraná: Normas estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, com fundamento na Lei Federal nº 9.795/1999, Lei Estadual nº 17.505/2013 e Resolução CNE/CP nº 02/2012;

- Parecer CNE/CP nº 28/2001 – Estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena;

- Parecer CNE/CP nº 9/2001 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciaturas, de graduação plena;

- Parecer nº CNE/CES 492/2001, de 03/04/2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Geografia;

- Resolução CNE/CES 14, de 13 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Geografia;

- A Lei nº 10861/2004 – que em seu Art. 1º. Inciso 1º Institui o SINAES, que tem por finalidades a melhoria da qualidade da educação superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e, especialmente, a promoção do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de educação superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção dos valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional. De forma geral a referida lei foi criada com o objetivo de assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes. O Colegiado de Geografia enquadra-se no dispositivo legal ora postulado, inclusive se utilizando de seus resultados na melhoria do projeto pedagógico de curso e em seu corpo discente e docente;

- Decreto nº 5.296/2004 – regulamenta a Lei nº10098/2000, no Art. 1º estabelecendo normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação;

- Portaria MEC nº 4.059/2004 – Regulamenta a oferta de carga horária à distância em componentes curriculares presenciais;

- Deliberação 04/2006, do Conselho Estadual de Educação do Paraná; Resolução CNE/CP nº01/2004 – Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana, resolução que se respalda e dá cumprimento nas Leis nº 10.639, de 2003 e Lei nº 11.645 de 2008. O Colegiado de Geografia encontra-se adequado e em observação a referida resolução, inclusive possuindo em sua matriz curricular, em suas disciplinas específicas atendem paralelamente o requisito;

- Resolução CNE/CP nº01/2005 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores da Educação Básica, em nível superior, cursos de Licenciatura, de graduação. Altera a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura de graduação plena;

- Decreto nº 5.622/2005 – Regulamenta o Art. 80 da Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional em relação à educação e ensino a distância. Caracterizando-se a educação à distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (Art. 1º). O Colegiado de Geografia ainda não oficializou em sua matriz curricular, neste Projeto Pedagógico de 2017, disciplinas ofertadas na modalidade de ensino *à distância* ou na modalidade *semi-presencial*, entretanto, atesta-se que o Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDEGeo) já possui uma discussão avançada nesse sentido e acredita ser esta uma forma viável e necessária no atual contexto educacional local e regional. Assim sendo, de acordo com as condições nos próximos anos, abre-se a possibilidade de inclusão dessas modalidades no curso uma vez que se acredita não haver prejuízos ao processo de ensino/aprendizagem. Tais inclusões podem, preferencialmente, contemplar disciplinas optativas, porém, podendo ser utilizadas também em disciplinas da matriz curricular, se for o caso, decido em consenso pelo Colegiado. Apresentam-se também como uma oportunidade para complementar cargas horárias considerando momentos de greve, ocupações e outras interrupções do ano letivo – nestes casos, previstas até o máximo de 20% das disciplinas.

- Portaria MEC nº40/2007- Institui o e-MEC, como forma de ampliar, agilizar, abreviar e racionalizar o tramite do Cadastro de Instituições e Cursos superiores, Basis e o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), entre outras disposições;

- Lei nº 11.788/2008 – Dispõe sobre o estágio de estudantes, definindo, classificando, regulamentando e fiscalizando o campo do estágio que se apresenta como um direito acadêmico fundamental para o desenvolvimento do processo formativo, alternando teoria e prática, além de possibilitar uma experiência real ao acadêmico. Encontra-se o Projeto Pedagógico do Curso de Geografia de acordo com a Lei específica, tanto no que tange a regulamentação de estágio, como em relação à disciplina específica de estágio, dentro da grade curricular do curso;

- Resolução CONAES 01/2010, que estabelece sobre o Núcleo Docente Estruturante regulada pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). Possui o Colegiado de Geografia um Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo) operante, vindo de encontro ao que determina a referida resolução;

metodológico, cabendo aqui citar Paulo Freire (1996) ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

A organização curricular de cada instituição, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação básica no seu artigo 2º, deverá observar outras formas de orientação para a formação de docentes, entre as quais o preparo para o ensino visando a aprendizagem do aluno, o acolhimento e o trato da diversidade, o exercício de atividades de enriquecimento cultural, o aprimoramento em práticas investigativas, a elaboração e execução de projetos de desenvolvimento de conteúdos curriculares, o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores e o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho de equipe.

De um modo geral, serão estas as formas que nortearão a preparação do acadêmico do curso de Geografia para que possa contribuir para o desenvolvimento humano-social, percebendo-se como cidadão, assumindo a partir daí, uma postura crítica e um compromisso de agente colaborador na interpretação e na explicação para a transformação da realidade.

O papel do professor de Geografia na Educação Básica é o de tornar o aluno capaz de perceber os problemas no espaço geográfico, sejam estes de ordem física, política, social ou ambiental e de levá-lo a encontrar meios para a resolução dos mesmos.

A Geografia como uma área de conhecimento, num processo de desenvolvimento histórico, veio consolidando teoricamente sua posição como uma ciência que busca conhecer e explicar as múltiplas interações entre a sociedade e a natureza. Andrade (1967), esclarece que:

Cabe a Geografia, estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem estar social. Ela é uma ciência eminentemente política, no sentido aristotélico do termo, devendo indicar caminhos à sociedade, nas formas de utilização da natureza. Daí admitirmos que a Geografia é eminentemente uma ciência social, uma ciência da sociedade. (p. 19).

Para tanto, procurarmos valorizar a prática pedagógica na sua totalidade, proporcionando uma sólida fundamentação teórica e metodológica aos acadêmicos, numa perspectiva de construção do conhecimento teórico-científico capaz de interpretar e explicar a realidade dinâmica das transformações pela qual o mundo passa, com as novas tecnologias, novos recortes de espaço e tempo, predominância do instantâneo e do simultâneo e as

complexas interações entre as esferas do local e do global afetando profundamente o cotidiano das pessoas.

A formação do professor investigador se faz necessária para dar conta de uma prática pedagógica que leve seus alunos a desenvolverem capacidades de aprender, refletir e criar, superando a mera reprodução de conhecimentos.

Assim, cabe ao professor, formador de docentes, estar num processo de formação continuada, procurando interagir com outros docentes nas diversas disciplinas do curso como também com outros cursos da instituição.

Para tanto se fará necessário planejar ações voltadas a formação continuada dos docentes para que possam desenvolver uma prática pedagógica com metodologias adequadas à aprendizagem de todos os acadêmicos, onde a avaliação seja diagnóstica e formativa, que conduza à reflexão sobre todo o processo ensino-aprendizagem, para retomadas, onde nenhum acadêmico deixe de se apropriar do conhecimento teórico-científico a que tem direito e que veio buscar no curso, na instituição.

Tendo em vista a complexidade e a diversidade da sociedade atual, este profissional deverá estar preparado para interagir com várias áreas, o que implica necessariamente em um estímulo a leitura interdisciplinar como pressuposto de uma formação sólida e ampla, o que por sua vez constitui-se no fundamento da reconfiguração da atuação deste profissional consoante as exigências contemporâneas que direcionam para outras dimensões, além do ensino e da pesquisa, tais como a assessoria a conservação do patrimônio histórico e ambiental, as quais são cada vez mais demandadas pela sociedade atual que busca profissionais conscientes de seu papel de cidadão.

O Profissional da Geografia deverá saber usar em seu trabalho – Ensino, Pesquisa, e Atividades Práticas de Campo, os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica a partir dos princípios, métodos e técnicas da Ciência Geográfica, onde se estabelece como princípios básicos do Curso de Geografia o compromisso com a construção do conhecimento geográfico, da cultura brasileira e da democracia cidadã.

Juntamente estão o compromisso ético com a vida e suas diferentes manifestações naturais e sociais, o respeito a pluralidade de indivíduos, ambientes, culturas e interações profissionais; o compromisso com a qualificação e competência no profissionalismo da Geografia buscando soluções relativas principalmente as questões ambientais; o envolvimento

permanente com os fundamentos teóricos e metodológicos da ciência Geográfica e finalmente o desenvolvimento das atividades gerais e específicas concernentes à Geografia.

10.2 ESTRUTURA CURRICULAR – NÚCLEOS DE FORMAÇÃO

A carga horária necessária para a integralização do curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR, *Campus* União da Vitória, está distribuída da seguinte forma:

1. Núcleo específico: compreendem os conhecimentos específicos da Licenciatura em Geografia, composto pelas disciplinas: Epistemologia da Geografia, Fundamentos de Geologia; Geografia da População, Hidrogeografia, Biogeografia, Cartografia Geral e Temática, Regionalização do Espaço Mundial, Climatologia, Geografia Econômica, Geomorfologia, Geografia Agrária, Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica, Geografia Urbana, Sociedade e Natureza, Geografia Cultural, Geografia do Brasil, Geografia do Paraná e do Contestado, Geografia Política. Optativas: Astronomia, Geografia do Turismo, Geografia do Trabalho, Antropologia Cultural, Tópicos Especiais em estudos do Quaternário Brasileiro.

2. Núcleo comum: objetiva desenvolver aspectos educativos necessários ao profissional da educação geográfica, fundamenta a prática pedagógica em termos teóricos e práticos, divide-se em:

2.1 Núcleo básico: Produção Textual, Libras;

2.2 Núcleo pedagógico: Psicologia da Educação, Metodologia do Ensino da Geografia (MEG I), Didática e Ensino da Geografia, Metodologia do Ensino da Geografia (MEG II), Metodologia do Ensino da Geografia (MEG III);

3. Prática profissional: compreende as práticas como componentes curriculares; o estágio curricular supervisionado no Ensino Fundamental (200 horas relógio equivalente a 240 horas-aula), o Estágio Supervisionado no Ensino Médio (200 horas relógio equivalente a 240 horas-aula) e atividades complementares (de regulamento próprio, 200 horas relógio equivalente a 240 horas-aula), Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

10.2.1 Práticas enquanto componentes curriculares

As cargas horária previstas para o cumprimento das Práticas de Componentes Curriculares encontram-se distribuídas ao longo das disciplinas que compõe a estrutura curricular e se referem ao exercício de atividades de enriquecimento cultural que se constitui em uma preocupação do curso para elaboração de metas de atuação, que pode promover conferências de encerramento, editais de concursos, viagens de pesquisa de campo que envolvam o curso como um todo, convênios de atuação entre colegiado e poderes públicos para atuação secretaria de Turismo, Piscicultura, Observatório Astronômico de União da Vitória, entre outros.

A experiência dos professores do Curso de Geografia, *Campus* União da Vitória acerca da Prática como Componente Curricular (PCC) no âmbito da Universidade Estadual do Paraná é vivida através do Projetos Integradores, que convergem em aulas de campo, viagens em minas, áreas rurais produtivas e não produtivas, regiões litorâneas, cidades históricas, religiosas, comerciais, acampamentos, espaço Geográfico vivido, problematizando, e construindo atividades práticas referentes ao conteúdos, questões vinculadas à profissionalização do ensino no contexto do espaço Geográfico natural e social (HOLMES GROUP, 1986; TARDIF, 2002; BORGES, 2008), aos saberes docentes (TARDIF, 2002), ao currículo (SILVA, 1999; BORGES, 2008) e à epistemologia da prática (SCHON, 1983, 1992; TARDIF, 2002). Objetivando instaurar uma relação entre a Prática como Componente Curricular (PCC), pensando na epistemologia da prática gestamos propostas que exercitem práticas cognitivas no curso de Geografia da UNESPAR *Campus* União da Vitória.

Os professores do Colegiado assumem a postura de orientadores de seus Projetos Integradores de uma forma prática, oferecendo aos discentes uma proposta de ensino, que concentra várias áreas e seus temas específicos de forma interdisciplinar obtendo-se assim resultados com base em objetivos com base em pressupostos teóricos que articulam teoria e prática, por meio dos quais a PPC pode contribuir para a organicidade do curso, a interdisciplinaridade, o trabalho coletivo, a ampliação da formação para além da sala de aula e para a formação de professores preparados ao enfrentamento dos desafios atuais.

O ponto de partida na Prática dos Componentes Curriculares é gestado com foco em trabalhar temas específicos da grade Curricular do Curso de Geografia em União da Vitória

propondo oportunidades de aperfeiçoamento sustentadas pelo desenvolvimento de competências profissionais práticas, pensando na formação dos alunos universitários como futuros profissionais, que necessitam amarrar seus conhecimentos teóricos com a prática, de forma contribuir para o exercício do magistério superior. Esta prática pedagógica pode ser considerada como um processo onde está intrincada a teoria e a prática na docência.

Com esse propósito os professores do Colegiado e alunos da graduação têm a oportunidade de compartilharem momentos práticos e aperfeiçoar por meio da seleção de temas balizadores da Ciência Geográfica como a Cartografia, Geologia, Climatologia, Hidrografia e Geografia Agrária e outros que se apoiam na didática oferecida pela natureza identificada em aula de campo que extrapolam a sala de aula. (REGO; CASTROGIOVANI; KAERCHER; 2007). Outro aspecto é a busca para resolução dos problemas advindos da realidade socioambiental que emergem no lócus das aulas práticas de campo, produzindo, assim, a ideia de que todo trabalho pedagógico pode partir de pressupostos teóricos da Ciência Geográfica em relação à prática.

A preocupação com a “Prática” como Componente Curricular não é algo recente, desde 1975, Valnir Chagas, já pensava na ideia de uma “prática” que deveria perpassar todo o currículo. Porém se passaram décadas para surgir a proposição da prática de ensino, no Parecer CNE/CP n. 9/2001, foi confirmada e novamente identificada no Parecer CNE/CP n. 21/2001. A Proposta do Colegiado de Geografia UNESPAR *Campus* União da Vitória, através de projetos Integradores de Pesquisa, Ensino e Extensão desenvolvidos desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo.

Ao se considerar o conjunto deste Parecer em articulação com o novo paradigma das diretrizes, com as exigências legais e com o padrão de qualidade que deve existir nos cursos de licenciatura, ao mínimo legal das 300 horas deve-se acrescentar mais 100 horas, que além de ampliar o leque de possibilidades, aumente o tempo disponível para cada forma de prática escolhida no projeto pedagógico do curso (BRASIL, 2001b, p. 10).

Entendemos que é através da prática como componente curricular que os professores dão oportunidade ao aluno universitário ter contato com a realidade do espaço geográfico através de mecanismos de ensino voltados à prática, onde o aluno efetua e pode aplicar seus conhecimentos e recursos assimilados na sala de aula num objeto prático. Neste sentido, pode-se afirmar que se o professor não faz uso dos projetos práticos deixa de possibilitar uma alternativa para aprimorar o conhecimento transmitido por ele. Ou seja, ao não utilizar

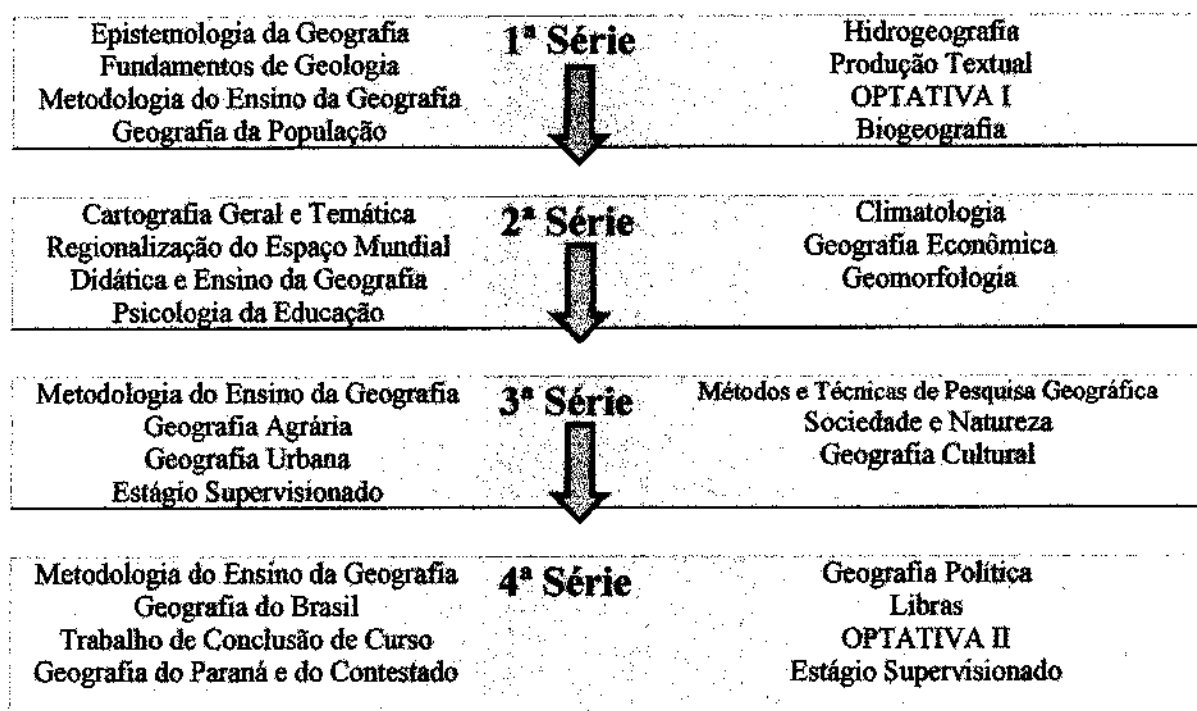
recursos diferenciados, o professor acaba por padronizar o ensino, tornando-o teórico e estático. No Parecer CNE/CP n. 28/2001, por *prática* se entende “o próprio modo como as coisas vão sendo feitas, cujo conteúdo é atravessado por uma teoria” (BRASIL, 2001b, p. 9).

A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente [...] Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo (BRASIL, 2001b, p. 9).

Assim, a Prática como Componente Curricular é uma prática que se propõem produzir algo no âmbito do ensino, podendo ser entendida como: (a) uma estratégia para a problematização e a teorização de questões pertinentes ao campo da educação e à área de ensino de Geografia, oriundas do contato direto com o espaço escolar e educacional e com o espaço das vivências e experiências acadêmicas ou profissionalizantes; e (b) um mecanismo para viabilizar a integração entre os diferentes aportes teóricos que compõem a investigação científica e os campos de conhecimento em educação e ensino de Geografia.

Essa prática, como já mencionado, deverá estar voltada para os procedimentos de observação e reflexão, o registro das observações realizadas e a resolução de situações-problema, sendo, portanto, *direcionadas para o “âmbito do ensino”* (profissão docente). A concepção de prática curricular explicitada nos documentos assim a caracteriza (BRASIL, 2002a, p. 8.). No entendimento dessa proposta, o que se busca é a constituição de Projetos Integradores para as 400 horas, articulados e formalmente explicitados no projeto pedagógico do curso, podendo ser elaborado e desenvolvido numa perspectiva interdisciplinar.

10.3 FLUXOGRAMA



Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

10.4 SISTEMA ACADÊMICO, DURAÇÃO E NÚMERO DE VAGAS – DIMENSÕES TEÓRICA E PRÁTICA

O curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *Campus* União da Vitória oferta anualmente 40 vagas seguindo o sistema acadêmico definido pela instituição que é o seriado anual. A duração do curso é de 4 anos.

10.5 MATRIZ CURRICULAR

A matriz curricular do curso de Licenciatura em Geografia mescla disciplinas do conteúdo específico desta Ciência, com disciplinas do núcleo comum (básico e pedagógico) além de disciplinas da prática profissional. No 1º e no 4º ano do curso, estão previstas disciplinas optativas que são oferecidas com vistas a possibilitar o aproveitamento de discussões contemporâneas e inserções necessárias e pertinentes à grade curricular definidas pelo Colegiado.

Na contabilização da carga horária da matriz curricular do curso, foram consideradas:
hora relógio como 60 (sessenta) minutos e, **hora aula** como 50 (cinquenta) minutos.

MATRIZ CURRICULAR EM ANDAMENTO DESDE 2011

	DISCIPLINA	Séries								TOTAL H/A
		1ª		2ª		3ª		4ª		
		T	*P	T	*P	T	*P	T	*P	
1ª S É R I E	Cartografia	57	15							72
	Metodologia do Ensino da Geografia	57	15							72
	Epistemologia da Geografia	57	15							72
	Geografia da População	57	15							72
	Hidrogeografia	57	15							72
	Métodos e Técnicas de Pesq. Geográfica	57	15							72
	Produção Textual	57	15							72
	Psicologia da Educação	57	15							72
2ª S É R I E	Cartografia			62	10					72
	Metodologia do Ensino da Geografia			62	10					72
	Biogeografia			62	10					72
	Climatologia			62	10					72
	Didática da Geografia			62	10					72
	Fundamentos da Geologia			62	10					72
	Geografia da América			62	10					72
	Geografia Econômica			62	10					72
Libras			62	10					72	
3ª S É R I E	Metodologia do Ensino da Geografia					98	10			108
	Fundamentos da Geologia					62	10			72
	Ciência do Meio Ambiente					62	10			72
	Geografia Agrária					62	10			72
	Geografia da Europa e da Ásia					62	10			72
	Geografia do Brasil					62	10			72
	Geomorfologia					62	10			72
	Prática da Pesquisa Geográfica					36	36			72
4ª S É R I E	Metodologia do Ensino da Geografia							134	10	144
	Ciência do Meio Ambiente							62	10	72
	Geografia do Brasil							62	10	72
	Astronomia							62	10	72
	Geografia África, Oceania e Antártida							62	10	72
	Geografia do Paraná							62	10	72
	Geografia Política							62	10	72
Sub-totais semanais		16		16		16		16		
*Disciplinas Optativas		57	15	62	10	62	10			144
*Estágio Supervisionado						200		200		400
Atividades Complementares										200
Total de Carga Horária do Curso										3156 Horas Aula

NOVA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

	CÓD.	COMPONENTE CURRICULAR	H/A 50 min	H/R 60 min
1º ANO	EPG	Epistemologia da Geografia	144	120
	FG	Fundamentos de Geologia	144	120
	MEG I	Metodologia do Ensino da Geografia	72	60
	GP	Geografia da População	72	60
	HG	Hidrogeografia	72	60
	PT	Produção Textual	72	60
	OPT I	OPTATIVA (*)	72	60
	BG	Biogeografia	72	60
	TOTAL			720
2º ANO	CGT	Cartografia Geral e Temática	144	120
	REM	Regionalização do Espaço Mundial	144	120
	DEG	Didática e Ensino da Geografia	144	120
	PE	Psicologia da Educação	72	60
	CM	Climatologia	72	60
	GE	Geografia Econômica	72	60
	GM	Geomorfologia	72	60
	TOTAL			720
3º ANO	MEG II	Metodologia do Ensino da Geografia	144	120
	GA	Geografia Agrária	144	120
	GU	Geografia Urbana	144	120
	MTP	Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica	144	120
	SN	Sociedade e Natureza	72	60
	GC	Geografia Cultural	72	60
	EST I	Estágio Supervisionado	240	200
TOTAL			960	800
4º ANO	MEG III	Metodologia do Ensino da Geografia	144	120
	GB	Geografia do Brasil	144	120
	TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	144	120
	GPC	Geografia do Paraná e do Contestado	72	60
	GPO	Geografia Política	72	60
	LIB	Libras	72	60
	OPT II	OPTATIVA (*)	72	60
	EST I	Estágio Supervisionado	240	200
TOTAL			960	800
Atividades Acadêmicas Complementares			240	200
Total da carga horária do curso			3600	3000

(*) Disciplinas optativas existentes (podendo ser acrescentadas outras de acordo com as necessidades e apontamentos do Colegiado): Astronomia, Geografia do Turismo, Geografia do Trabalho, Antropologia Cultural, Tópicos Especiais em estudos do Quaternário Brasileiro. As disciplinas optativas podem ser ofertadas com cargas horárias anuais variáveis, entretanto, não inferiores a 36 horas/aula/ano e não superiores a 144 horas/aula/ano. Podem ser oferecidas anualmente, semestralmente ou agrupadas em blocos. É permitido aos acadêmicos cursarem as optativas (total de 144 horas/aula) em outros cursos deste *Campus*.

Proposição e elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

Com vistas a melhor ministrar as disciplinas e mais bem conduzir o trabalho docente em sala de aula, as disciplinas da Grade Curricular acima apresentadas podem ser oferecidas, **levando em consideração a especificidade de cada uma, anualmente, semestralmente ou concentradas em blocos.** Isso não altera o regime de oferta do Curso/Disciplina (que continua sendo anual, obrigatoriamente) apenas modifica a concentração da carga horária – o que, de acordo com o Núcleo Docente Estruturante (NDEGeo), ao permitir o agrupamento, intensifica e fortalece o trabalho em sala de aula, além de diminuir o número de ementas trabalhadas pelos professores durante o ano, permitindo, assim atenção a um número menor de ementas. *Ressalta-se:* as disciplinas continuarão sendo oferecidas todos os anos, apenas modificando sua concentração horária. A definição da forma de oferta, em cada ano, fica a cargo do Colegiado que levará em consideração a conjuntura do momento e a situação do corpo docente.

10.6 COMPOSIÇÃO DA FORMAÇÃO

SÉRIE	CONTEÚDO (NÚCLEO DE FORMAÇÃO)	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA				PRÉ REQUISITO
			CHT		AT (h/a)	PCC (h/a)	
			h/r	h/a			
1º ano	Específico	Epistemologia da Geografia	120	144	132	12	
	Específico	Fundamentos de Geologia	120	144	112	32	
	Pedagógico	Metodologia do Ensino da Geografia	60	72	64	08	
	Específico	Geografia da População	60	72	64	08	
	Específico	Hidrogeografia	60	72	64	08	
	Básico	Produção Textual	60	72	64	08	
	Específico	OPTATIVA I	60	72	64	08	
	Específico	Biogeografia	60	72	64	08	
	CARGA HORÁRIA TOTAL			600	720	628	92
2º ano	Específico	Cartografia Geral e Temática	120	144	112	32	
	Específico	Regionalização do Espaço Mundial	120	144	128	16	
	Pedagógico	Didática e Ensino da Geografia	120	144	128	16	
	Pedagógico	Psicologia da Educação	60	72	64	08	
	Específico	Climatologia	60	72	64	08	
	Específico	Geografia Econômica	60	72	56	16	
	Específico	Geomorfologia	60	72	56	16	
	CARGA HORÁRIA TOTAL			600	720	608	112
3º ano	Pedagógico	Metodologia do Ensino da Geografia	120	144	112	32	
	Específico	Geografia Agrária	120	144	112	32	
	Específico	Geografia Urbana	120	144	112	32	
	Específico	Métodos e Técnicas de Pesquisa Geográf.	120	144	112	32	
	Específico	Sociedade e Natureza	60	72	56	16	
	Específico	Geografia Cultural	60	72	56	16	
	Estágio	Estágio Supervisionado	200	240	-	-	
	CARGA HORÁRIA TOTAL			800	960	560	160
4º ano	Pedagógico	Metodologia do Ensino da Geografia	120	144	112	32	MEG II
	Específico	Geografia do Brasil	120	144	112	32	
	Específico	Geografia do Paraná e do Contestado	60	72	56	16	
	Específico	Geografia Política	60	72	56	16	
	Básico	Libras	60	72	64	08	
	Específico	OPTATIVA II	60	72	64	08	
	TCC	Trabalho de Conclusão de Curso	120	144	128	16	MTPG
	Estágio	Estágio Supervisionado	200	240	-	-	
	CARGA HORÁRIA TOTAL			800	960	592	128
Atividades complementares			200	240	-	-	
TOTAL DA CARGA HORÁRIA DO CURSO			3000	3600	2388	492	

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

10.7 DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA CARGA HORÁRIA NO DESENHO CURRICULAR

CONTEÚDOS CURRICULARES	CARGA HORÁRIA (h/a)	CARGA HORÁRIA (h/r)	CARGA HORÁRIA TOTAL
Formação Específica	1652	1377	46%
Formação Pedagógica	480	400	13%
Formação Básica	128	106	4%
Prática como componente curricular	492	410	14%
Estágio Supervisionado	480	400	13%
Atividades Complementares	240	200	7%
Trabalho de Conclusão de Curso	128	107	3%
Carga Horária Total	3600	3000	100%

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

10.8 COMPONENTES E CARGAS HORÁRIAS POR PERÍODO LETIVO

CONTEÚDOS CURRICULARES	1º Ano		2º Ano		3º Ano		4º Ano		TOTAL	
	CH*	CHT %	CH*	CHT %	CH*	CHT %	CH*	CHT %	CH*	CHT %
Formação Específica	500	64%	416	53%	448	44%	288	28%	1652	46%
Formação Pedagógica	64	8%	192	25%	112	11%	112	11%	480	13%
Formação Básica	64	8%	0	0%	0	0%	64	6%	128	4%
Prática como componente curricular	92	12%	112	14%	160	16%	128	13%	492	14%
Estágio Supervisionado	0	0%	0	0%	240	24%	240	24%	480	13%
Atividades Complementares	60	8%	60	8%	60	6%	60	6%	240	7%
Trabalho de Conclusão de Curso	0	0%	0	0%	0	0%	128	13%	128	3%
CARGA HORÁRIA TOTAL	780	100%	780	100%	1020	100%	1020	100%	3600	100%

(*) Carga horária em horas-aula.

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

10.9 PRÁTICA PROFISSIONAL

As atividades de prática profissional são compostas pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pelos Estágios Supervisionados, pelas atividades acadêmicas complementares, pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID), pelos projetos de Iniciação Científica (IC),

pelas atividades/aulas de campo e pela participação em projetos/atividades dos professores do Colegiado de Geografia.

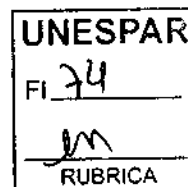
10.9.1 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é um trabalho acadêmico individual, resultante do desenvolvimento de um projeto de pesquisa. É de caráter obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia e deve versar sobre tema relacionado às grandes áreas da Ciência Geográfica. Está vinculado à disciplina de TCC constante no quadro de disciplinas do quarto ano e, também, à disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), no terceiro ano. As orientações dos Trabalhos de Conclusão de Curso serão distribuídas durante o segundo semestre do terceiro ano, na disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), após a ciência dos (as) acadêmicos (as) das áreas de atuação e linhas de pesquisa dos professores do curso. (Regulamento no Anexo VI).

10.9.2 Estágio Curricular Supervisionado

Compreende duas dimensões:

- Estágio Supervisionado não-obrigatório: O Estágio Supervisionado não-obrigatório no Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *Campus União da Vitória*, deverá desenvolver atividades educativas em sintonia com os conhecimentos teórico e práticos recebidos pelo acadêmico durante o período da Graduação em Geografia. O Estagiário deve estar regularmente matriculado e apto ao desenvolvimento das atividades curriculares. A Unidade Conveniada concedente de estágio é a entidade jurídica de direito público ou privado, órgão da administração pública e instituição de ensino superior que apresente condições para o desenvolvimento do estágio, previamente conveniada com a instituição de ensino responsável pelo estágio. Interveniente representada pela UNESPAR, onde o aluno se encontra matriculado, responsável pela homologação do estágio, mediante a avaliação das condições de sua realização. O Estágio não-obrigatório é considerado opcional e não cria vínculo empregatício de qualquer natureza e foi regulamentado no Curso de Geografia (Anexo VII).



- Estágio Curricular Supervisionado obrigatório: O Estágio Curricular Supervisionado compreende aquele de natureza obrigatória para integralização do curso, consoante com o campo de atuação profissional do Licenciado em Geografia, definido no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e de acordo com a legislação vigente. O Estágio obedecerá, no que couber, o disposto nas Resoluções CNE/CP nº. 2/2015 e a Lei nº.11.788/2008. A carga horária do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de licenciatura em Geografia de caráter obrigatório é de 400 (quatrocentas) horas distribuídas nas terceiras e quartas séries do curso, conforme Resolução CNE/CP nº. 2/2015. A distribuição da carga horária total do Estágio Curricular Supervisionado constitui 200 (duzentas) horas relógio no Ensino Fundamental II a serem realizadas na 3ª série do curso, e 200 (duzentas) horas relógio no Ensino Médio realizadas na 4ª série do curso (Regulamento no Anexo VII).

10.9.3 Atividades acadêmicas complementares

As Atividades Complementares (ACs) têm como finalidade oferecer aos acadêmicos a oportunidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, relacionando teoria e prática, possibilitando a ampliação dos conhecimentos didáticos, curriculares, científicos e culturais por meio de práticas realizadas dentro e fora (neste caso, somente até o máximo de 20% da carga horária total, ou seja, máximo de 40 horas) do Colegiado de Geografia da UNESPAR, *Campus* União da Vitória. A exigência das Atividades Complementares se fundamenta no Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 9.394/96, que prevê a estimulação cultural, científica, reflexiva e profissional no Ensino Superior; na Resolução CNE/CP nº. 2/2015, que institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, sendo 200 horas relógio de Atividades Complementares; e no Parecer do CNE/CES nº. 0134/2003, que justifica sua exigência nos cursos de graduação. As Atividades Complementares são parte integrante do currículo do curso de Licenciatura em Geografia e devem ser desenvolvidas dentro do prazo de conclusão do curso, sendo componente curricular obrigatório para a graduação do (a) acadêmico (a). (Regulamento no Anexo IX).

10.9.4 Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Iniciação Científica (IC)

10.9.4.1 PIBID

Desde 2007 essa iniciativa de aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior, IES em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. No Campus da UNESPAR, de União da Vitória com a especificidade de atender cursos de licenciaturas o Projeto Institucional do PIBID contempla a todas as áreas do conhecimento, por meio dos cursos da instituição: Ciências Biológicas, Filosofia, Geografia, História, Letras Português, Espanhol e Inglês, Matemática, Pedagogia e Química. As atividades do Programa são organizadas em grupos de estudos semanais e atividades práticas em salas de aula da Educação Básica.

O *Campus* de União da Vitória, exclusivo em licenciaturas, colhe os frutos do PIBID, no intuito de proporcionar mecanismos de promoção e maior inserção acadêmica desde os primeiros anos de sua formação no projetor político pedagógico das escolas públicas. Destacamos que, essa formação inicial antes de qualquer assertiva, aponta influências de princípios, fundamentos e concepções educacionais contemporâneas na dinâmica formativa das universidades públicas estaduais. Nesse sentido, o PIBID proporciona aos licenciandos menor distância entre a fundamentação teórico-metodológica recebida na universidade com a prática no contexto escolas de Educação Básica, e, com as atividades planejadas e executadas pelos bolsistas evidenciam valiosos processos de formação de professores. O Programa pelo impacto que desempenha na formação docente necessita de constante implementação e manutenção numa perspectiva coletiva, valorizando as experiências (SILVA, 2016). O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID começou a ser desenvolvido nesta Instituição em 2010, integrando o curso de licenciatura com a Educação Básica, em convênio com a CAPES. Atualmente, o Colegiado de Geografia desenvolve o Subprojeto intitulado: “Geografia na Prática: entre as grafias da sociedade e da terra”, contando com 21 bolsistas acadêmicos, 03 professores supervisores da Educação Básica de União da Vitória e Porto União e 02 coordenadores de área do Colegiado.

10.9.4.2 Iniciação Científica (IC)

O Programa de Iniciação Científica (IC) é tido com um dos mais importantes mecanismos para a formação do professor-pesquisador, visa o fortalecimento e difusão das pesquisas dos docentes do curso. É ofertado em duas modalidades: com bolsa e voluntário e tem se mostrado enquanto um instrumento de aprendizado para que os alunos sigam carreira acadêmica, mestrado e doutorado. Prioritariamente é vinculado a um projeto de Pesquisa, Ensino ou Extensão já desenvolvido pelos docentes do curso, o que fortalece as atividades de maneira integrada e coerente.

10.9.5 AULAS DE CAMPO

“Desde os primórdios da Geografia os trabalhos de campo são parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos” (ALENTEJANO; ROCHA LEÃO, 2006, p. 53). A aula de campo, ou trabalho de campo, contribui no despertar de observações, sensações e emoções que não seriam possíveis em uma aula tradicional em sala. As paisagens observadas em campo ampliam os horizontes geográficos para além dos escritos, fotos, gráficos e informações digitalizadas. É uma ferramenta imprescindível ao fazer pedagógico do curso de Geografia da UNESPAR - *Campus* União da Vitória, e vem sendo constantemente evocada e explorada.

O espaço geográfico é, por si, a oficina do geógrafo e o professor de Geografia deve, sempre que possível, fazer uso desse recurso uma vez que só ele oferece a visão holística, uma combinação de elementos físicos e humanos que permite a observação da totalidade, alimentando e fornecendo subsídios para sua discussão completa, palpável e real. Nesse sentido, para Thomaz Junior (2005), no trabalho de campo, é natural que se parta da diversidade da paisagem para compreender a essência da relação sociedade – natureza, pois:

O que se coloca prontamente, é dar conta da diversidade paisagística, de a partir dela, ir além do imediato, do aparente, do empírico, que aliás ela mesma nos indica. Para tanto, é necessário entendê-la como sendo manifestação exterior e referência para o entendimento de um movimento constante, de um conteúdo (sociedade) que a (re)define, e a (re)elabora constantemente (THOMAZ JUNIOR, 2005, p. 34-35).

O autor, ainda indica que no trabalho de campo, a paisagem deve ser o ponto de partida para o entendimento do real, pois representa a primeira aproximação/identificação dos temas/conteúdos discutidos em sala de aula com a realidade espacial. Na sequência é preciso problematizar, no sentido de fazer aproximações teórico-conceituais, que permitam perceber a dimensão e concretude dos fenômenos. A problematização possibilita “recolocar na pauta a questão da apropriação do conhecimento da realidade pelo homem, mas agora, com o intuito de dar vida aos conceitos que passarão a ser as ferramentas de trabalho no exercício da práxis teórica” (THOMAZ JUNIOR, 2005, p. 37) dos educandos e futuros professores de Geografia.

Nessa perspectiva, concorda-se com Dourado (2013, p. 11) quando diz que “em nenhum momento o trabalho de campo deve ter a finalidade de descrever fatos e paisagens de maneira mecânica, isto é, um mero exercício de observação”, ou seja, “o trabalho de campo não deve se reduzir ao mundo do empírico, mas ser um momento de articulação teoria-prática” (ALENTEJANO; ROCHA LEÃO, 2006, p. 65), acrescentando que:

Não se trata de uma abordagem enviesada de enaltecimento da técnica pela técnica. A centralidade é evidenciar as possibilidades de revelar o hibridismo próprio do espaço geográfico, suas particularidades socioculturais, conflitos de classes e problemas ambientais por meio da análise e da observação in lócus dos processos socioespaciais mediante a utilização do trabalho de campo (DOURADO, 2013, p. 03)

Assim, acredita-se que as atividades práticas de campo permitem ao acadêmico o desenvolvimento de habilidades aproximando o conteúdo teórico com a vida em sociedade, trata-se de uma “atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial, realidade social e seu contexto amalgamado material e imaterial de tradições novidades” (OLIVEIRA e ASSIS, 2009, p. 196). “Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos” (ALENTEJANO; ROCHA LEÃO, 2006, p. 57).

Dourado (2013) considera que o trabalho de campo se constitui enquanto ferramenta metodológica para o processo de aprendizagem, isso porque, gera o conflito/desconforto ao colocar o aluno em contato direto com a problemática a ser resolvida e/ou analisada, que por sua vez provoca a reflexão, assim, “quando o embate se instala e desestabiliza a sua percepção em relação a um dado elemento ou fenômeno, tem-se a oportunidade de romper com a

abordagem simplista e simplória dada por muitos teóricos a assuntos demasiadamente complexos” (p. 13).

A realização de trabalho de campo também permite o entendimento e articulação das diferentes escalas de análise que dão forma e conteúdo ao espaço, isso porque “muitos dos processos vistos/observados no campo se complementam com outros processos operantes em distintas escalas espaço-temporais, produzindo a realidade geográfica em questão (ALENTEJANO; ROCHA LEÃO, 2006, p. 63). Além da apreensão das diferentes temporalidades a relação global-local também se projeta como reflexão necessária na realização dos trabalhos de campo, de modo que, “saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas” (LACOSTE, 2006, p. 91)

Ao fazer a reflexão sobre o trabalho de campo no ensino de Geografia Alentejano; Rocha Leão (2006, p. 63) consideram sua relevância ao representar um “momento de integração entre fenômenos sociais e naturais que se entrecruzam na realidade de campo”. Os autores, ainda enfatizam que tal prática pode contribuir para despertar, sobretudo, nas próximas gerações de licenciados em Geografia, o interesse em desvelar e apreender as relações físico-humanas que se cristalizam na formação espacial. Da mesma forma, Serpa (2006) coloca que o trabalho de campo “é um instrumento chave para a superação dessas ambiguidades [física/humana], não priorizando nem a análise dos fatores naturais nem dos fatores humanos” (p. 09-10).

Sendo assim, a realização de aulas e trabalhos de campo, é possível e necessária em todas as disciplinas do currículo pleno e disciplinas optativas, incluindo as disciplinas pedagógicas. Estes se constituem como uma oportunidade oferecida pelo docente para que o educando possa visualizar de maneira mais eficaz os conteúdos trabalhados, para além da sala de aula. Da mesma forma, os estágios obrigatórios, os estudos e pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso, os projetos desenvolvidos pelos professores (TIDE ou não), o PIBID, os projetos de Iniciação Científica, de Ensino, Pesquisa e Extensão, podem oferecer atividades de campo, respaldados pela própria exigência da Ciência Geográfica que é o reconhecimento e a exploração do espaço geográfico *in loco*.

São também saídas de campo as atividades de participação em eventos, desde que acompanhadas por um professor deste Colegiado. Porém, tais atividades devem ser planejadas com critério e cuidado de forma a explicitar a intenção e a contribuição aos objetivos do

curso. O planejamento deve ser antecipado e contemplar todos os detalhes necessários a uma saída de campo, como: datas de saída e retorno, custos, disponibilidades dos lugares, autorizações, deslocamentos, estadias, atividades a serem desenvolvidas, alimentação, garantindo assim o sucesso da atividade e a integridade dos participantes. Obviamente, as saídas de campo oferecem riscos, entretanto, são ferramentas didático-pedagógicas extremamente necessárias ao curso de Licenciatura em Geografia uma vez que oferecem a oportunidade única de contemplar o espaço e suas complexidades, justamente por isso, precisam ser organizadas e planejadas para que signifiquem um momento importante no processo formativo. Entende-se que “o planejamento das ações pré e pós-trabalho de campo são momentos extremamente significativos e necessários para que essa metodologia não seja confundida como passa-tempo recreativo” (DOURADO, 2013, p. 13).

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (MARCOS, 2006, p. 106).

Para tanto, é necessária a apresentação ao Colegiado de Geografia, com registro em ata, de um instrumento que oficialize a saída e relacione as atividades com as temáticas e objetivos do curso (Anexo X: Plano de atividades de campo). Neste instrumento, o docente proponente informa dados essenciais da saída de campo, relacionando os conteúdos com as disciplinas envolvidas e os objetivos do curso. O Colegiado deliberará e formalizará em forma de parecer, constante no mesmo anexo, a ciência e observação quanto às atividades a serem desenvolvidas.

10.9.6 Participação em projetos/atividades dos professores do Colegiado

Também são consideradas atividades da prática profissional a participação de acadêmicos nos projetos e atividades desenvolvidas pelos professores do curso. Tais práticas podem ser vinculadas a projetos, pesquisas e/ou atividades associadas às disciplinas curriculares. Objetivando se enquadrar nas temáticas mais trabalhadas pelos professores do curso, o acadêmico deve observar os projetos desenvolvidos pelos professores.

10.9.6.1 Projetos Integradores desenvolvidos pelos professores do curso de Geografia

DOCENTE – TÍTULO – MODALIDADE	RESUMO DO PROJETO
<p>GILBERTO LUIS GONÇALVES</p> <p><i>“Diagnóstico ambiental da parcela urbana, da microbacia hidrográfica do Rio Vermelho, no município de União da Vitória-PR relacionada com as diferentes formas de uso e ocupação do solo”.</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>As bacias hidrográficas, sempre foram ocupadas pelo homem, mas com o crescimento populacional observado nos últimos séculos, induz o ser humano a ocupar essas áreas, de forma desordenada o que leva há uma situação conflituosa nas relações homem/meio natural, visto que por si só, estes espaços geográficos, já demonstram uma complexidade muito grande nas suas relações, quer de caráter físico e biológico. Diante deste, quadro, atualmente, há um encaminhamento bem fundamentado de que a bacia hidrográfica é a unidade territorial mais adequada para o tratamento dos componentes e da dinâmica das inter-relações concernentes as formas de uso e ocupação desses espaços. Mas o descaso, e as consequências sentidas, apontam para a necessidade da compreensão de como, se processa esses conflitos promovidos pela presença do homem nessas áreas, que são cotidianamente mostrados a sociedade através de alertas e/ou denúncias efetuadas pelo próprio homem, que faz parte desta relação como o meio que esta inserido. Salienta-se que esse pensamento voltado ao entendimento dessas relações, vem ganhado força nas ultimas décadas. Concomitantemente com essa realidade, alguns pesquisadores trabalham para compreender esses processos, bem como para encontrar e apresentar, medidas que minimizem os efeitos negativo considerados pelo homem, partindo de alguns parâmetros estabelecidos pela comunidade científica. Para a compreensão, desses processos, sabemos que é extremamente trabalhoso e cheio de particularidades, mesmo assim, é um trabalho desafiador. Vale ressaltar que atualmente as bacias hidrográficas, independente do seu tamanho, esta recebendo um novo olhar, considerando uma abordagem sistêmica/integradora, isto, é considerando as particularidades de cada um dos seus elementos, das suas relações e de seus atributos, objetivando alcançar a melhor forma de apropriar-se deles. Sendo assim, propomos um novo trabalho, dentro da microbacia hidrográfica do Rio Vermelho, mais precisamente, na área que compreende o perímetro urbano de União da Vitória – PR. Se conseguiremos alcançar os nossos objetivos, considerando as diversas formas de uso e ocupação do solo, mapear o rio considerando a legislação vigente, no tocante a mata ciliar e os impactos ambientais amparados em metodologia reconhecida e poderemos iniciar um banco de dados que auxiliem no planejamento e gestão ambiental, da referida área.</p>
<p>MARCOS ANTONIO CORREIA</p>	<p>O Projeto Canto Coral, uma possibilidade cultural na educação integral</p>

<p><i>"Canto coral: uma possibilidade cultural na educação integral"</i></p> <p>PROJETO DE EXTENSÃO</p>	<p>visa desenvolver os saberes artístico-cultural e didático-pedagógicos na comunidade acadêmica mediante a prática de elementos musicais e do canto coral. Pelo seu espírito inovador e sua abrangência artística e cultural transcende o ambiente acadêmico e chega à comunidade em geral visando a inter-relação e trocas de experiência. Assim como atende as perspectivas do ensino superior, que além da pesquisa e ensino, visa a extensão. Por outro lado, além de suprir as necessidades mencionadas, divulga a instituição por meio de apresentações do Coral Universitário em âmbito local, regional e nacional, quando por ocasião de participações em eventos externos como: encontros de corais, festivais em geral, participação em encontros, festivais universitários, concursos, solenidades e outros eventos.</p>
<p>PAULO SÉRGIO MEIRA ROCHA</p> <p>Projeto 01: <i>"Geografia e Ensino Astronomia no Observatório Astronômico Andrômeda"</i>.</p> <p>PROJETO DE EXTENSÃO</p> <p>Projeto 02: <i>"Difusão de Tecnologias para Sistemas de Criação de Peixes"</i>.</p> <p>PROJETO DE EXTENSÃO</p>	<p>1. Objetiva proporcionar ao aluno a experiência de aprender Geografia fora das quatro paredes de uma sala da aula e ao mesmo tempo perceber a importância de estudar Astronomia (Geociências), para a melhor compreender os fenômenos que ocorrem ao seu redor.</p> <p>2. O objetivo do projeto é a difusão de Tecnologias para sistemas de criação de peixes e produzir alevinos de qualidade adaptados ao clima da região, apoiando o desenvolvimento de projetos e pesquisas voltado para o homem do campo na área de aquicultura e agroecologia. Especificamente com o desenvolvimento do projeto será possível: Produzir e fornecer alevinos para pesquisas na área de piscicultura; promover cursos e palestras na área de piscicultura; realizar cursos de qualificação em piscicultura; orientar a implantação da cadeia produtiva do peixe em União da Vitória e nos municípios com potencial na área de piscicultura e ainda fornecer auxílio técnico para implantação de Unidades demonstrativas (UDs) e promover a educação ambiental no meio rural.</p>
<p>HELENA EDILAMAR RIBEIRO BUCH</p> <p><i>"Aulas de Geografia: investigando a criatividade e estratégias"</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>A investigação desta pesquisa interroga os significados que os docentes do ensino da Geografia atribuem às estratégias utilizadas em uma aula, objetivando investigar o lugar que as estratégias de ensino da Geografia ocupam como elemento componente do processo pedagógico de uma aula. Para viabilizar a temática que se pretende abordar, focamos três aspectos: a) o significado atribuído às estratégias de ensino pelos docentes; b) como os docentes veiculam saberes da ciência geográfica em suas aulas; c) se as estratégias de ensino utilizadas estão vinculadas ao Mecanicismo. A proposta metodológica para desvendar esta investigação segue três etapas: Primeiramente construir uma base teórica acerca dos conceitos-chave ligados às estratégias de ensino, suas ideologias, oscilações e evoluções determinadas pela dinâmica social dentro da história e em trânsito, que sustentam concepções sobre estratégias de ensino; no segundo momento buscar-se-á vincular informações em entrevistas semiestruturadas para 10 professores em exercício experientes no Ensino Médio e Fundamental e 10 acadêmicos no processo de formação, sobre suas estratégias positivas em União da Vitória, PR; e no terceiro momento pretende-se compartilhar experiências positivas ou não, potencializando propostas metodológicas vencedoras no ensino da Geografia. Nossa compreensão inicial, anterior à investigação, identifica que as estratégias de ensino estão conectadas à práxis educativa, entendida na perspectiva intencional, motivadora, criativa e transformadora, com base nas contribuições teóricas de pesquisadores como Saviani (1983;1986), Paulo Freire (1986), Cavalcanti (1995; 2008) e Vygotsky (1993;1988). Por fim, pretende-se publicar práticas pedagógicas vitoriosas no ensino da Geografia, elencadas e sintonizadas durante o contato com os professores e alunos, principais sujeitos desta investigação.</p>

<p>SÉRGIO ROBERTO FERREIRA DOS SANTOS</p> <p><i>"Pelos Trilhos Da Geografia: Aprendendo Geografia Física pelos caminhos do Contestado"</i></p> <p>PROJETO DE EXTENSÃO</p>	<p>As atividades de campo têm representado um elo entre o saber teórico e o saber prático no que tange os centros universitários no Brasil nos dias atuais, pois é a partir dele que ocorre a articulação entre o universo real e os conceitos, permitindo ao professor e aos alunos unir o objeto investigado ao conhecimento adquirido em sala de aula. A importância dos trabalhos de campo é reconhecida entre os professores que atuam, aqui neste caso, na Geografia Física, e aqui podemos citar como um dos incontáveis problemas, o das falhas pedagógicas no ensino de conteúdos geológicos e geomorfológicos no ensino Fundamental e Médio, que responsabilizam e dão peso à disciplina de Fundamentos de Geologia nas universidades, principalmente em cursos onde as geociências são o tema central. O que os diferencia é a disponibilidade para e a forma de fazer esse trabalho de campo. Os conteúdos básicos da disciplina Fundamentos de Geologia I e II são de grande importância para outras disciplinas que seguem no curso de Geografia, tais como Geomorfologia, Ciência do Meio Ambiente e BioGeografia. O trabalho de campo nessa disciplina, por sua vez, contribui para a integração entre os aspectos físicos e sociais, o que é fundamental para uma visão global do objeto investigado. Esta visão encontra-se atualmente em discussão na ciência geográfica. Desta forma, o que se busca, é criar um roteiro de atividades de campo a ser utilizado por alunos da Graduação em Geografia, da UNESPAR, Campus de União da Vitória, com o objetivo de criar elementos que possam ser um fio condutor que propicie o entendimento dos principais processos e conceitos envolvidos e um melhor desenvolvimento das peculiaridades da prática científica geológica, e dos respectivos procedimentos mentais. O roteiro determinado estende-se percorrendo os trilhos da linha férrea que permeiam os interiores do município de União da Vitória, Paulo Frontin, Paula Freitas, Matos Costa, Calmon e Porto União, onde poder-se-á visualizar, interpretar e ensinar acerca dos elementos geológicos visíveis visitados por professores e alunos com a finalidade do entendimento geológico, tais como fácies, diques, contatos geológicos e outros que se possam fazer interessantes a esta pesquisa. A seguir, criar-se-á um roteiro pedagógico que subtraia as informações geológicas destes elementos em cada ponto, criando assim um banco de dados que indique os conteúdos que podem ser trabalhados em cada local.</p>
<p>ALCIMARA APARECIDA FÖETSCH</p> <p><i>"Religiosidade, tradição e identidade: uma abordagem geográfica a partir dos espaços sagrados dos cemitérios no município paranaense de São Mateus do Sul/PR"</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>A presente pesquisa emerge das proposições teórico-metodológicas da Geografia Cultural e das Representações e propõe discutir a relação entre religião, tradição e identidade tendo como espaços simbólicos: os cemitérios. Conceitualmente, analisa-se a forma com que a identidade é construída tendo por base a tradição religiosa. Em seguida, no recorte espacial pretende-se identificar, perceber e compreender momentos históricos, questões sociais, econômicas e culturais das sociedades através do sagrado/profano existente na paisagem (material) e na memória religiosa coletiva (imaterial), formadora da identidade cultural e territorial dos lugares. Para tanto, especializa-se a pesquisa no município paranaense de São Mateus do Sul buscando compreender os vínculos emocionalmente fortes que fazem destes espaços sagrados locais de peregrinação, tradição, religiosidade e, por fim, identidade.</p>
<p>DIANE DANIELA GEMELLI</p> <p><i>"Monocultivo de pinus:</i></p>	<p>A pesquisa propõe fazer uma leitura geográfica do Território Contestado por meio dos significados do monocultivo de pinus, no que tange a degradação da natureza e do trabalho, enquanto condição inerente a</p>

<p><i>degradação da natureza e do trabalho no território contestado”</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>expansão do capital que provoca a busca pela uniformização do espaço geográfico e das condições de existência. Para tanto, nos basearemos em autores como, Nilson Cesar Fraga, Carlos Walter Porto Gonçalves, Vandana Shiva, István Mészáros, Antonio Thomaz Junior. Nos valeremos de metodologias qualitativas de pesquisa em ciências humanas, tais como; análise de imagens, fotografias e material jornalístico, visitas a campo, levantamento e sistematização de dados que se revertam em gráficos, tabelas e mapas.</p>
<p>ELAINE CRISTINA SOARES SURMACZ</p> <p><i>“Estágio curricular supervisionado: a organização e operacionalização no curso Geografia Licenciatura da Universidade Estadual do Paraná- Campus União da Vitória - sob o olhar do professor da escola básica”</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>A proposta de pesquisa busca conhecer como o professor da Escola Básica percebe a organização e a operacionalização do estágio curricular supervisionado do curso de Geografia Licenciatura da UNESPAR – Campus União da Vitória. A pesquisa é do tipo qualitativa, tem como sujeito, professores de Geografia da escola básica, como objeto, o estágio curricular supervisionado do curso de Geografia da instituição supracitada, como recorte espacial tem, o município de União da Vitória, como recorte temporal tem, de agosto de 2016 a 20 de junho de 2017, o universo da pesquisa está em algumas escolas estaduais do município em questão e de cidades de abrangência da instituição. Os dados serão coletados por meio de questionário. Os resultados serão apresentados em forma de artigo.</p>
<p>SILAS RAFAEL DA FONSECA</p> <p><i>“O estudo da questão agrária na microrregião de União da Vitória a partir da abordagem do conceito de latifúndio”</i></p> <p>PROJETO DE PESQUISA</p>	<p>A área estudada tem como principal característica a monocultura de árvores (pinus e eucalipto) gerando desdobramentos sociais, ambientais e econômicos, tanto para populações do campo quanto da cidade. Parte-se do entendimento de que compreender a questão agrária na microrregião de União da Vitória, perpassa pela atualidade do conceito de latifúndio. Para tanto, refuta-se a carga ideológica do discurso de desenvolvimento econômico gerador de divisões da monocultura, isso porque, a agricultura capitalista tem gerado concentração de terra e renda na região, provocando a pobreza e a desagregação de modos de vida. Assim, a pesquisa buscar apontar alguns elementos de como se expressa territorialmente, a monocultura de árvores na microrregião de União da Vitória e quais suas implicações para as populações do campo e da cidade.</p>

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

10.9.7 Eventos do Curso

Tradicionalmente, o curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR *Campus* União da Vitória realiza, por ano, dois grandes eventos. O primeiro, normalmente na primeira semana do mês de junho, é a “*Semana do Meio Ambiente*”; e, o segundo, normalmente no mês de novembro, é o “*Simpósio de Geografia*”. Além destes, estão previstos, mas não em caráter obrigatório, outras atividades em forma de exposições, mostras do curso, palestras e/ou conferências isoladas, jantar dos egressos, confraternização de recepção aos alunos do primeiro ano, entre outros.

10.7.9.1 Semana do Meio Ambiente

Este evento, de cunho acadêmico, ocorre tradicionalmente na primeira semana do mês de junho, próximo ao dia 05, que é quando se comemora o “*Dia Internacional do Meio Ambiente*”. As atividades consistem em uma série de palestras e atividades acadêmicas de segunda à sexta-feira, somente no período noturno, totalizando 20 (vinte) horas complementares. As discussões têm sempre como fio condutor a temática ambiental a partir do olhar da Geografia e contam com a presença de professores, técnicos e profissionais selecionados de acordo com o tema gerador que é definido para cada ano. O intuito consiste em atualizar as discussões e fornecer um ambiente propício para a troca de informação e conhecimento. Participam do evento os acadêmicos do curso de Geografia e de outros cursos afins do *Campus*, além de alunos egressos, professores da Educação Básica, técnicos, profissionais da área e simpatizantes da temática ambiental.

No final de semana do evento, no sábado e no domingo, acontecem as “*Atividades Práticas com Ênfase em Educação Ambiental*”, em forma de acampamento. Estas são caracterizadas por uma série de atividades ao ar livre, em campo, onde se busca um contato direto com a Natureza no desenvolvimento de dinâmicas e ações de conservação e preservação, de responsabilidade ambiental de forma interdisciplinar. Totalizam, durante estes dois dias, 20 horas práticas, sábado nos três períodos e domingo no período matutino e vespertino.

As atividades das palestras ocorrem, normalmente, no Salão Nobre da UNESPAR *Campus* União da Vitória ou no espaço da Fundação Municipal de Cultura de União da Vitória, na Estação Ferroviária. Entretanto, as atividades práticas do acampamento acontecem em espaços ao ar livre, em fazendas da região, no Viveiro Florestal do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), no Centro de Piscicultura da UNESPAR, ou em outros espaços que ofereçam o suporte físico.

Para que estas atividades práticas aconteçam se faz necessário um trabalho prévio de organização que conta com a Coordenação Geral de alguns professores do Colegiado de Geografia e de alguns parceiros de outras instituições e escolas. Esta organização prévia consiste na ida ao local, demarcação dos pontos das Trilhas Ecológicas, desenvolvimento das sub-temáticas a serem trabalhadas, e demais questões logísticas como transporte, alimentação,



área do acampamento, divisão das equipes, entre outros detalhes. Durante todo o processo de organização, os acadêmicos do curso de Geografia são convidados a participar como monitores, o que contribui significativamente para sua formação acadêmica em função do aprendizado prático que o evento oferece. As participações dos acadêmicos são contabilizadas individualmente e os monitores participantes recebem uma certificação de acordo com o total de horas em que participaram dos preparativos e atividades.

Durante o evento também são estabelecidas parcerias com institutos, instituições, escolas, entre outros, com o objetivo de realizar a extensão universitária através do oferecimento à comunidade de atividades teóricas, práticas e lúdicas.

No ano de 2016, foi realizada a XXIV Semana do Meio Ambiente.

Sendo assim, o evento oferece uma combinação de atividades complementares e práticas que permitem não só discutir o meio ambiente em termos teóricos e metodológicos como também possibilita a inserção dos participantes nos espaços físicos de campo. Por vezes, não obrigatoriamente, está prevista a elaboração de anais do evento em formato digital, online ou impresso, dependendo, logicamente do recurso financeiro disponível.

A Coordenação Geral do evento, composta obrigatoriamente por pelo menos um professor do Curso, deve ser definida já no início do primeiro semestre, constando em ata sua indicação e aceitação. A certificação do evento é emitida por este Colegiado de Geografia, sendo que o registro deve ocorrer em livro próprio já existente para este fim. Os certificados poderão ser emitidos em formato digital, minimizando os custos, sendo obrigação do aluno manter sua documentação atualizada e em ordem.

10.7.9.2 Simpósio de Geografia

O segundo grande evento do Colegiado de Geografia ocorre, tradicionalmente, no mês de novembro. Trata-se do “*Simpósio de Geografia*”, onde as temáticas possuem como tema gerador o Ensino de Geografia e da Ciência Geográfica, recebendo, a cada ano, uma nova perspectiva de abordagem, o que possibilita a atualização das discussões. Durante o Simpósio, de segunda à sexta-feira, são oferecidos no período vespertino e noturno uma série de atividades que se resumem a: palestras, conferências, mesas-redondas, lançamentos de livro, apresentações artísticas, sessão de filmes comentados, Mostras do PIBID, Mostras de

Iniciação Científica, exposições, peças de teatro, comunicações científicas, entre outras. Totalizando, durante a semana, 30 horas complementares.

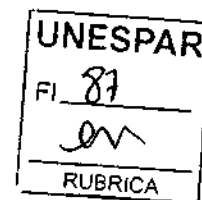
Estão previstos, fazendo parte da programação do Simpósio, trabalhos de campo. Estes ocorrem nos sábados e/ou domingos na sequência da semana das atividades e se constituem de momentos em que o aprendizado complementar é transferido para uma realidade concreta no espaço. Estas atividades devem estar relacionadas ao tema gerador do evento e podem oferecer um total de 16 horas práticas (08 no sábado e/ou 08 no domingo). São considerados trabalhos de campo todos aqueles que possibilitam a oportunidade de um diálogo mais aberto, em forma de oficina, sobre a temática trabalhada, sendo assim, podem ocorrer em outros espaços ou mesmo no *Campus* da Universidade.

Durante o Simpósio, é possível a apresentação de trabalhos em forma de Comunicação Científica dividida em três grandes áreas: Geografia e Ensino, Geografia Física e Geografia Humana – podendo ser esta divisão reajustada considerando a temática anual do evento. Neste momento de troca de experiências, os participantes, na sua maioria, acadêmicos do curso, podem expor seus trabalhos de pesquisa, ensino ou extensão, apresentando as intenções, o desenvolvimento ou o resultado que possuem. Acredita-se que dessa maneira, o educando começa a conhecer a prática dos eventos e as atividades desenvolvidas ganham visibilidade. Devem participar deste momento, apresentando seus trabalhos, os alunos bolsistas, sobretudo do PIBID, Iniciação Científica e programas e projetos similares.

Como parte do processo avaliativo da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Geográfica, os acadêmicos do Terceiro Ano devem apresentar suas propostas de projeto referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso. Dessa maneira, os trabalhos vão ganhando visibilidade e vão sendo aperfeiçoados com as contribuições dos professores e colegas.

O público participante do Simpósio é o mesmo da Semana do Meio Ambiente, a maior parte acadêmicos do curso de Geografia e cursos afins do *Campus*, técnicos e profissionais da área, professores da Educação Básica e simpatizantes das temáticas enfocadas.

A Coordenação Geral do evento, composta obrigatoriamente por pelo menos um professor do Curso, deve ser definida já no início do segundo semestre, constando em ata sua indicação e aceitação. A certificação do evento é emitida por este Colegiado de Geografia, sendo que o registro deve ocorrer em livro próprio já existente para este fim. Os certificados poderão ser emitidos em formato digital, minimizando os custos, sendo obrigação do aluno manter sua documentação atualizada e em ordem.



10.7.9.3 Outros Eventos

Além destes, estão previstos, mas não em caráter obrigatório, outros eventos menores, em datas variáveis a serem definidas, como:

a) *Exposições*: Trata-se de oportunidades a serem definidas de acordo com a existência de materiais didáticos a serem expostos, podendo ou não, estar relacionados com a disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia, estágios e Trabalhos de Conclusão de Curso. Podem também se referir a uma data comemorativa, trabalho de campo ou projeto desenvolvido no Curso.

b) *Mostras do curso*: São momentos de promoção do curso de Geografia onde são expostas, das mais diversas e variadas formas, as atividades desenvolvidas.

c) *Palestras e/ou conferências isoladas*: Podendo ou não estar associadas a datas comemorativas como Dia do Geógrafo, Dia do Professor, entre outros. São espaços a serem abertos para aproveitar a presença de algum professor ou profissional da área. Podem ser planejadas em conjunto com o Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO).

d) *Jantar dos egressos*: Encontro tradicional do curso, normalmente em forma de jantar, quando são reunidos os ex-alunos e os alunos regularmente matriculados no curso para uma confraternização e troca de experiências.

e) *Confraternização de recepção ao primeiro ano*: Uma tradição antiga do Colegiado de Geografia, onde o segundo ano do curso recebe o primeiro ano com um tradicional jantar.

Ressalta-se que tais atividades, em caráter complementar e prático, são essenciais à formação do aluno no curso. As disciplinas regulares do currículo pleno, somadas às disciplinas optativas, aos estágios e ao Trabalho de Conclusão de Curso, devem, obrigatoriamente, ser complementadas por estas atividades descritas acima, só assim o acadêmico será capaz de integralizar o curso com qualidade.

11. ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A organização metodológica do curso de Licenciatura em Geografia considera, inicialmente, a necessidade de se pensar as práticas e ações a partir do tripé “*Ensino, Pesquisa e Extensão*”, bases da Universidade, que, de forma integrada viabilizam a formação do aluno cidadão em sua totalidade. Além disso, é de extrema relevância refletir sobre a forma com que ocorre o processo de ensino/aprendizagem e sua relação com os encaminhamentos metodológicos – base fundamental para a qualidade do curso e o alcance de seus objetivos. Os processos avaliativos são também pensados de forma a contemplar a totalidade da relação: alunos, professores e metodologias didático-pedagógicas. Considera-se também a necessidade constante de aperfeiçoamento e auto-avaliação do curso e do Projeto Pedagógico (PPC), sobretudo, através da atuação do Núcleo Docente Estruturante (NDE).

Ressalta-se inicialmente que o curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR – *Campus* União da Vitória considera, em sua base metodológica e linhas de ação, a indissociabilidade existente entre o tripé que forma a Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Sendo assim, o curso busca promover estas atividades da seguinte maneira:

- **Ensino:** Oferecendo orientações de estágios, Iniciação Científica e Trabalhos de Conclusão de Curso na área da Educação Geográfica, fortalecendo as produções e discussões; promover eventos como o Simpósio de Geografia cuja temática geradora é voltada para o Ensino; possibilitar espaços de diálogos interdisciplinares, oficinas e cursos específicos nesta área; organizar mostras de materiais didáticos e produções acadêmicas; estimular a participação acadêmica em eventos da área; organizar e escrever artigos, resumos e livros sobre o Ensino de Geografia; fortalecer o Programa PIBID através do subprojeto de Geografia; possibilitar a inserção dos acadêmicos na Educação Básica sempre que possível; desenvolver atividades junto às escolas parceiras em datas comemorativas, e afins.

- **Pesquisa:** no curso de Geografia a Pesquisa Científica é promovida, sobretudo, pelos docentes que possuem seus projetos associados ao TIDE. Entretanto, tendo em vista a existência das bolsas de Iniciação Científica (projetos e programas afins) e os Trabalhos de Conclusão de Curso, todos os professores realizam Pesquisa na medida em que orientam os trabalhos de seus alunos. Muitos professores também estão ligados à diferentes Grupos de Pesquisa (CEGeT – Centro de Estudos de Geografia do Trabalho, ver e citar aqui) o que contribui para o aperfeiçoamento pessoal e para a produção científica local e regional, e afins.

- **Extensão:** a extensão universitária é extremamente importante na medida em que possibilita que o fazer geográfico produzido no curso seja levado à comunidade. Acredita-se

que este é um dever dos cursos de Ensino Superior, especialmente, os cursos de Licenciatura. No Colegiado de Geografia, existem projetos de extensão que objetivam realizar essa aproximação. Da mesma maneira, outras atividades desenvolvidas contribuem ao permitir a troca de experiência entre os acadêmicos, docentes e comunidade, como, por exemplo: os eventos, encontros, palestras e oficinas promovidos pelo curso; as parcerias com prefeituras, instituições, associações, escolas e outras entidades; representação estudantil, e afins.

É preciso ressaltar que, por muito tempo, considerou-se que não era função dos cursos de licenciatura realizar pesquisa e extensão. Trata-se, de uma concepção superada de formação docente, de modo, que o curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR *Campus* União da Vitória, entende que a formação alicerçada na indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão é essencial para que os futuros profissionais de Geografia sejam, de fato, capazes de ensinar, mas também de propor e desenvolver projetos de pesquisa e extensão no sentido de entender/analisar e transformar a realidade. Assim, entende-se que não há ensino transformador, sem pesquisa e extensão, ou seja, o conhecimento é construído nesta interação dialética (ensino-pesquisa-extensão), isso significa que nenhuma dessas práticas pode ser negligenciada, assim como, nenhuma é mais ou menos importante, são igualmente necessárias e complementares.

Parte-se do entendimento de que o movimento da sociedade só pode ser compreendido, analisado e interpretado, por meio de uma base teórica e metodológica, que aplicada ao ensino, a pesquisa e a extensão permitem o refazer epistemológico da ciência geográfica, e a produção de conhecimento úteis ao contexto social e espacial no qual se insere.

11.1 O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dada a íntima relação que o ensino possui com o processo de aprendizagem opta-se por discuti-los conjuntamente, até porque trata-se de um binômio inseparável, nas palavras de Oliveira (2002) uma é causa e a outra, consequência. É vital vislumbrá-los enquanto processo, notando seu movimento, seu dinamismo e percebendo que tanto ensinar quanto aprender é uma tarefa constante, diária e perpétua, reforçando que:

O binômio ensino/aprendizagem apresenta duas faces de uma mesma moeda. É inseparável. Uma é a causa e a outra, a consequência. E vice-versa. Isso porque o ensino/aprendizagem é um processo, implica movimento, atividade, dinamismo; é um ir e um vir continuamente. Ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando. (OLIVEIRA, 2002, p. 217).

Concorda-se que esta relação só será bem compreendida se dirigirmos ao aluno um olhar criterioso e considerarmos suas vivências e experiências sociais para além da vida escolar, sobretudo, tendo em vista que o ensino também é pautado na memória do conhecimento adquirido anteriormente e é lapidado na escola.

Milton Santos (1994) já mencionava que para ter eficácia, “o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona” (SANTOS, 1994, p. 121), de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana, só assim, seremos capazes de formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro.

Neste sentido, muitas vezes, ao negar o “*espaço histórico do aluno (e, logo, da Geografia), ela [escola] acaba fatalmente por marginalizar o próprio aluno como sujeito do processo de conhecimento e transforma-o em objeto desse processo*” (RESENDE, 1989, p. 85).

É necessário combater esta des-historização do ensino-aprendizado geográfico, sobretudo porque já se reconhece o saber espacial pré-escolar e seu aproveitamento pedagógico, pois as experiências significativas de aprendizagem, capazes de impactar o desenvolvimento dos estudantes são aquelas que buscam vias de comunicação com as vivências e experiências dos sujeitos. Complementando, Castrogiovanni (2003) acrescenta que o ensino da Geografia deve “*priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço concebido. [...] deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações*” (p. 85).

Sendo assim, concorda-se com Oliveira (2002) quando a autora destaca que o ensino/aprendizagem da Geografia “*deveria ser planejado no todo, compreendendo os diferentes níveis de ensino, atendendo às diferenças, aos interesses e às necessidades das diversas clientela*” (OLIVEIRA, 2002, p. 218), pois, só assim será possível a formação de uma cidadania responsável, consciente e atuante que dê conta de explicar e compreender a dinâmica do espaço geográfico. Acrescenta-se que:

[...] em termos de ensino/aprendizagem, cada estudante constrói (independentemente dos diferentes níveis), e cada conteúdo é construído (neste caso, o geográfico) em sua própria dimensão dos significados e níveis de abstração, sua própria visão de mundo e de homem, seu próprio conhecimento social e ambiental e, por fim, atinge sua própria cidadania. (OLIVEIRA, 2002, p. 219).

De fato, estamos inseridos em um ambiente escolar ainda marcado pelo autoritarismo, por uma estrutura antiquada e um modelo elitizado/conservador. A escola contemporânea assumiu novos significados e, estes passos e descompassos impactam diretamente o processo de ensino/aprendizagem. Atualmente, ensinar tem sido um desafio aos educadores especialmente considerando a indisciplina, o *bullying*, a rotatividade de professores nas escolas, o preconceito e a falta de valorização da sociedade por estes profissionais.

A relação professor X aluno, nesta discussão acerca do processo de ensino e aprendizagem, deve também ser pensada no sentido de refletir sobre a importância do respeito mútuo que permita ao aluno perceber o real papel do professor ao lhe chamar a atenção quando necessário. Isso porque, o processo de ensino/aprendizagem realiza-se apoiado nas *“relações que se estabelecem entre professores, alunos e condições oferecidas ao processo pedagógico, constituindo um tripé que, se não for fortalecido em todas as suas bases, não oferecerá as condições necessárias à melhoria do processo”* (SPÓSITO, 2002, p. 308).

O ato de ensinar é diferente de repassar conteúdos e, dessa maneira, está diretamente ligado com a metodologia empregada. Assim sendo, o professor, mediador privilegiado, é a peça chave no processo uma vez que é o responsável por planejar e fazer uso das mais diferentes formas de ensinar. Neste sentido, destaca-se a importância e a validade do uso das mais variadas tecnologias e didáticas de ensino, como: charges, filmes, aulas de campo, internet, entre outros. Neste sentido, destaca-se que o processo de ensino-aprendizagem supõe *“um determinado conteúdo e certos métodos. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo”* (CALLAI, 2009, p. 92-93).

Nestes aportes metodológicos, destacamos a necessidade primordial para a Ciência Geográfica da utilização dos mapas. Não de forma tradicional sem explorar suas potencialidades, mas objetivando desmistificar os temas, especializar os conteúdos, compreender a distribuição geográfica dos conceitos, alfabetizar espacialmente, sendo que:

Por 'alfabetização espacial' deve ser entendida a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaborada dinamicamente pelas sociedades [...] é fundamental no processo de descentração do aluno facilitando a leitura do todo espacial. (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 11-12).

Assim sendo, acredita-se que o ensino deve partir da consciência da época em que vivemos, considerar o processo histórico da formação do aluno entendendo-o como sujeito no processo, e buscar uma alfabetização espacial. Para tanto, enquanto procedimentos metodológicos, o curso de Geografia faz uso, sobretudo, dos mapas e sua espacialidade, das aulas de campo e suas oportunidades únicas de vivência, da construção de materiais didático-pedagógicos, principalmente.

Além destes, são considerados procedimentos metodológicos de cada professor: leituras orientadas de textos; seminários e debates; elaboração de fichamentos; construção de relatórios; trabalhos de pesquisa individuais e em grupo; desenvolvimento de materiais didáticos; pesquisas bibliográficas; trabalhos de campo; técnicas de ensino individualizado e socializado; produções digitais de vídeos, slides, mapas, *blogs* e textos; dinâmicas de ensino; apresentações de trabalhos; provas escritas e orais; análise de reportagens e documentários; projetos e relatórios de estágio supervisionado; visitas técnicas; elaboração e apresentação de projetos; mini-aulas; apresentações de comunicações científicas em eventos; participação em eventos; exercícios dirigidos.

Frente a tudo isto, devemos buscar um “*ensino dinâmico, atual, criativo e instigante para que nossos alunos percebam a Geografia como um conhecimento útil e presente na vida de todos*” (KAERCHER, 2002, p. 230). De fato, como afirma Callai (2003), a Geografia é uma Ciência Social, sendo assim, ao ser estudada deve “*considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço)*” (p. 57-58), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão.

11.2 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

“Ela [a avaliação] é bússola, pois indica caminhos, corrige rotas, retoma trajetórias. Tem, assim, um caráter construtivo”.
(GOULART, 2007, p. 62).

Como afirma Souza (2003), o desafio de vivenciar a avaliação, “*como meio de aprimoramento do trabalho escolar, coloca-se para a escola em sua totalidade*” (p. 367). A avaliação é parte integrante da vida cotidiana, estamos constantemente avaliando e sendo avaliados, expressamos nossa aprovação ou não por meio de verbalizações, expressões faciais ou corporais, na maior parte das vezes, baseando-se em padrões de julgamento intuitivos ou subjetivos. O consenso é de que, hoje, é preciso superar o modo sistemático com que a avaliação foi tradicionalmente direcionada somente ao aluno.

Nesta visão de superação, Libâneo (2004) entende a avaliação da aprendizagem como “*o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas*” (p. 196), não podendo ser, portanto, direcionada somente ao aluno, devendo ser vista como uma ferramenta essencial no processo educativo. Frisa-se, a avaliação também é para o professor.

A própria Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 da Educação Nacional (BRASIL, 1996), em seu Artigo 24, estabelece que a avaliação do desempenho do aluno deve ser contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. Neste contexto, Filizola (2009) salienta que em primeiro lugar, a “*a avaliação não deve ficar restrita a provas e testes. Ao contrário, é necessário diversificar os instrumentos avaliativos tendo em vista ampliar as possibilidades de avanço dos alunos*” (p. 55-56).

Copatti (2014) já aponta que a avaliação é considerada suporte no processo de ensino-aprendizagem, “*permitindo a análise da ação educativa num processo contínuo, investigando e dando subsídios ao redimensionamento da prática pedagógica*” (p. 170). A autora, ainda destaca que:

Avaliar, num processo de humanização, é considerar o educando um ser em constante descoberta e contínua transformação, o qual necessita de estímulos, confiança e oportunidades. Na disciplina de Geografia, a avaliação precisa considerar os valores culturais, ou seja, não há como homogeneizar os educandos para que aprendam e constituam valores e sentimentos de maneira igualitária, pois cada indivíduo traz consigo suas vivências, suas histórias de vida e a cultura, herdada das experiências no contexto onde vive. (p. 179-180).

Neste sentido, dois questionamentos fundantes balizam nossa reflexão: “**Para que avaliar e como avaliar em Geografia?**”? Buscando responder a estas questões, a autora

apresenta as contribuições da Educação Estética “*como uma possibilidade ao processo avaliativo nessa disciplina, por procurar promover o ensino-aprendizagem voltado para o ser humano, instigando sua capacidade de refletir e sensibilizar-se*” (p. 171).

Segundo Copatti (2014) a Educação Estética surgiu como disciplina ainda no século XVIII, por meio do filósofo alemão Alexander Baumgarten, criador do vocábulo *Aesthetica*, sendo que, etimologicamente “*Aisthesis*” em grego significa sensibilidade, tendo duplo significado: conhecimento sensível (percepção) e aspecto sensível da nossa afetividade. Sua aplicação na avaliação pressupõe que a sensibilidade permita ao professor ouvir o aluno, compreender o que ele pensa e dar credibilidade às hipóteses que ele formula sobre erros e acertos, destacando que “*critérios devem ultrapassar a esfera dos conteúdos de Geografia, considerando os sentimentos, os desejos e as emoções, contribuindo, assim, para a construção significativa da aprendizagem e conseqüentemente do processo avaliativo*” (p. 181). Portanto,

No processo avaliativo em sala de aula, o aluno precisa ser estimulado a apreciar, significar e conscientizar-se a partir de suas próprias reflexões, etapa que vai além da mera observação e análise. Exige do educando uma capacidade de atenção, busca de significados e compreensão, o que irá subsidiar o desenvolvimento da consciência. Por certo, essa é uma construção que demanda tempo e preparo dos educadores a fim de realizar um trabalho profundo e adequado à realidade. (COPATTI, 2014, p. 183).

Concorda-se que a avaliação deve ser **formativa**, ou seja, aquela que “*ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo*” (PERRENOUD, 1999, p.103-104). Esta avaliação exige que o professor colete informações relativas aos saberes cotidianos dos educandos, articule-os com os conhecimentos e conceitos científicos para, só assim, e posteriormente, consolidar as intervenções que são necessárias ao processo de ensino-aprendizagem.

Da mesma forma, Villas Boas (2012), afirma que a avaliação formativa é aquela que:

Usa todas as informações disponíveis sobre o aluno para assegurar sua aprendizagem. A interação entre professor e aluno durante todo um período ou curso é um processo muito rico, oferecendo oportunidade para que se obtenham vários dados. Cabe ao professor estar atento para identificá-los, registrá-los e usá-los em benefício da aprendizagem. (p. 36).

Navas e Campos (2014), ainda colaboram sugerindo outros instrumentos de avaliação formativa para a disciplina de Geografia:

[...] fichas de acompanhamento, autoavaliação, avaliação em grupo, reflexões sobre erros e acertos do aluno e do professor, portfólios, mapas conceituais, croquis, relatórios, diálogos, imagens (fotos e/ou mapas, ilustrações, gráficos) leitura e interpretação de textos, (jornais, revistas e livros seguidos de questões que desenvolvam as habilidades de interpretação, argumentação e método investigativo), infográficos, leitura de imagens, diferentes linguagens (música, poesia, fotografia, quadrinhos, pinturas, entre outros) para desenvolver a observação e a interpretação das informações apresentadas, aula de campo, entrevista com moradores, maquetes, murais, análise de fotos antigas, filmes, trechos de filmes, programas de reportagem e imagens em geral, slides, charges, ilustrações, jogos pedagógicos, recursos áudio visuais, pôsteres, cartões postais, outdoors, cartografia, literatura, obras de arte, dentre outros. (p. 136).

Assim sendo, como é possível perceber, a avaliação em Geografia pode ser feita de várias formas e considerando uma vastidão de atividades.

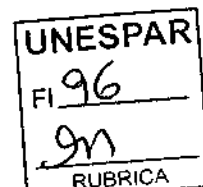
Considerando tais perspectivas teóricas e sugestões, as avaliações no curso de Licenciatura em Geografia são compostas, basicamente, por: prova objetiva, prova dissertativa, seminários, trabalhos em grupo, debates, relatórios individuais, ensaios, autoavaliações, observações e tantos outros instrumentos, como os acima mencionados.

Portanto, usamos das palavras de Callai (2003) para expressar nosso desejo de formação mais humanitária de nossos educandos através da cidadania, pois formar:

[...] cidadão significa dar condições ao aluno de reconhecer-se como um sujeito que tem uma história, que tem um conhecimento prévio do mundo e que é capaz de construir seu próprio conhecimento. Significa compreender a sociedade em que vive, a sua história e o espaço produzido como resultado da vida dos homens. Isso tem de ser feito de modo que o aluno se sinta parte integrante daquilo que ele está estudando. Que o que ele está estudando é sua realidade concreta, vivida cotidianamente, e não coisas distantes e abstratas (p. 78).

Assim concorda-se com Callai (2011), quando afirma que:

As práticas avaliativas são a forma de verificar se há consistência tanto do ensino quanto da aprendizagem. Sendo a forma de verificar a eficácia dos processos é fundamental que se tenha clareza sobre à que estão referidas essas práticas. O processo de avaliação consolida os processos de ensino e de aprendizagem e permite a validação dos mesmos. No caso da formação docente as formas a que foram submetidos os graduandos durante o seu curso passam a se constituir como referência para a avaliação que eles farão na escola. A formação inicial propugna que a avaliação seja instrumento para re-planejamento e reorganização das propostas curriculares no âmbito mais geral e mais especificamente nos planos de ensino, no



decorrer do curso, considerando as disciplinas em seu âmbito e estas nas suas articulações curriculares (CALLAI, 2011, p. 10).

Para finalizar, destaca-se que a avaliação é um processo contínuo que deve fazer parte das atividades docentes de forma a contribuir com a aprendizagem. Deve ser processual na medida em que busca detectar a evolução dos alunos de forma a considerar a Educação Estética, que é justamente, a sensibilidade do professor em perceber que os educandos expressam que aprenderam os conteúdos e conceitos geográficos de formas diferenciadas e distintas.

12. INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

O *Campus* União da Vitória da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná disponibiliza como recurso aos docentes e discentes algumas instalações e equipamentos que atendam a especificidade de cada curso, visando oportunizar aprendizagem na construção dos saberes. Entretanto, há que se registrar que são necessários mais recursos, instalações e equipamentos.

12.1 INSTALAÇÕES DOCENTES

O Colegiado de Geografia possui uma sala de reuniões, uma sala de orientação, uma sala de projetos (PIBID, IC, TIDE, CAGEO), um espaço no Centro de Piscicultura e ainda um espaço no Observatório Astronômico Andrômeda (no Morro do Cristo).

Utiliza em comum com outros colegiados uma sala dos professores, a biblioteca, o laboratório de informática “LIFE” – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores e os demais espaços coletivos.

12.2 LABORATÓRIOS

Embora seja uma necessidade apontada pelo último perito quando da avaliação do curso, ainda não se conta com um espaço próprio para os laboratórios do curso de Geografia. Os espaços físicos e os equipamentos são insuficientes.

12.3 SALAS DE AULA

O curso conta com 04 salas de aula no prédio principal do *Campus*. Entretanto, a infraestrutura é insuficiente para a demanda de trabalho.

12.4 BIBLIOTECA

A biblioteca auxilia de uma forma imprescindível as atividades docentes e acadêmicas, entretanto, ressalta-se a necessidade de melhorias urgentes em seu sistema de empréstimo/devolução de referências além da aquisição de mais bibliografias próprias da Geografia. O acervo da biblioteca é deficitário na área da Geografia e, além disso, não contempla periódicos, necessitando urgentemente de melhorias.

12.5 ACESSIBILIDADE

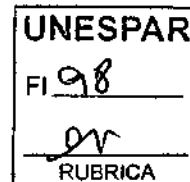
Atualmente o *Campus* conta com rampas e um elevador, entretanto, ainda não se pode considerar que a acessibilidade se dá de forma satisfatória.

13. PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Hierarquicamente constituída por Direção, Coordenação de Curso, Docentes do Colegiado e Núcleo Docente Estruturante, bem como o Centro Acadêmico, constituído por membros do corpo discente, que são geridos pela qualidade do Curso de Geografia oferecido pela instituição.

13.1 PERFIL DA COORDENAÇÃO DO CURSO

O Coordenador do Curso de Geografia atua com atribuições de competência política, gerencial, administrativa e funcional para com a IES e com o Curso de Geografia.



Atualmente, o curso de Geografia é coordenado pela professora Dr^a Alcimara Aparecida Föetsch, estatutária com dedicação exclusiva, e com carreira na área de Geografia. É Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2014) e Professora Adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no *Campus* de União da Vitória-PR. Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - PR (FAFIUV-2004), possui Especialização (*latu sensu*) com ênfase em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (FAFIUV-2007), Mestrado (*strictu sensu*) em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR-2006). É Diretora de Pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico de São Mateus do Sul (IHG-Samas). Coordena o Sub-projeto Pibid-Geografia da UNESPAR - *Campus* de União da Vitória. Atua principalmente com os seguintes temas: Educação do Campo, Metodologia do Ensino da Geografia (Estágios), Geografia Cultural, Geografia do Contestado, Geografia Agrária com ênfase nos estudos sobre populações e comunidades tradicionais, simbolismo, memória, paisagem, religião, ensino e identidade cultural.

13.2 COLEGIADO DO CURSO

A partir da LDB n^o. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, não há mais a exigência da existência de departamentos nas Universidades, cabendo às Direções de Centro e Coordenações de Curso, dentro do redimensionamento de sua função, assumir de forma conjunta a responsabilidade pela gestão e qualidade dos cursos. O colegiado é uma instância coletiva de deliberação e discussão de questões inerentes ao desenvolvimento e qualificação do Curso de Geografia.

O Colegiado do Curso de Geografia está disposto da seguinte forma:

PROFESSOR	COMPONENTES CURRICULARES/ DISCIPLINA QUE MINISTRA	REGIME DE TRABALHO	TITULAÇÃO ACADÊMICA	ANO DE OBTENÇÃO	INSTITUIÇÃO CONCEDENTE	LINK DO CURRÍCULO LATTES	EXPERIÊNCIA MAGISTÉRIO SUPERIOR
Gilberto Luis Gonçalves	- Hidrogeografia; - Climatologia; - Geomorfologia; - Geografia da África, Oceania e Antártida.	T-40	Mestre em Geografia	2007	Universidade Federal do Paraná UFPR	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4164072J3	32 anos
Marcos Antonio Correia	- Epistemologia da Geografia; - Métodos e Técnicas de Pesquisa; - Metodologia do Ensino de Geografia; - Didática da Geografia; - Geografia da América	T-40	Doutor em Geografia	2015	Universidade Federal do Paraná UFPR	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4162428H4	25 anos
Paulo Sergio Meira Rocha	- Astronomia; - Cartografia Geral; - Cartografia Temática.	T-40 TIDE	Mestre	2004	Universidade do Positivo	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4486065P6	25 anos
Helena Editamar Ribeiro Buch	- Metodologia do Ensino da Geografia.	T-40 TIDE	Doutora	2015	Universidade Federal do Paraná UFPR	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4164328Y6	22 anos
Sergio Roberto Ferreira dos Santos	- Fundamentos de Geologia I; - Fundamentos de Geologia II; - Antropologia Cultural; - Geografia do Paraná.	T-40 TIDE	Mestre	2006	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4264317D6	18 anos
Alcimara Aparecida Foetsch	- Metodologia do Ensino da Geografia; - Biogeografia.	T-40 TIDE	Doutora	2014	Universidade Federal do Paraná UFPR	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaacv.do?id=K4167827P3	10 anos
Diane Daniela Gemelli	- Geografia Econômica; - Geografia da População; - Geografia Agrária; - Geografia Política; - Geografia do Trabalho.	T-40 TIDE	Mestra em Geografia (Doutoranda - UNESP)	2011	UNIOESTE - Francisco Beltrão	http://lattes.cnpq.br/8078963067579131	3 anos

PROFESSOR	COMPONENTES CURRICULARES/ DISCIPLINA QUE MINISTRA	REGIME DE TRABALHO	TITULAÇÃO ACADÊMICA	ANO DE OBTENÇÃO	INSTITUIÇÃO CONCEDENTE	LINK DO CURRÍCULO LATTES	EXPERIÊNCIA MAGISTÉRIO SUPERIOR
Elaine Cristina Soares Surmacz	- Cartografia Temática; - Geografia do Brasil; - Ciência do Meio Ambiente; - Mineralogia; - Geografia Urbana.	CRES. T-40 TIDE	Mestre	2015	UNIOESTE – Francisco Beltrão	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4322576D6	03 anos
Silas Rafael da Fonseca	- Ambientes virtuais de aprendizagem; - Geografia da Europa e da Ásia; - Geografia Política; - Geografia da População; - Geografia do Turismo.	CRES. T-40	Mestre em Geografia (Doutorando – UEL)	2014	Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230596Y5	00 anos

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

13.2.1 Linhas de Pesquisa dos professores do curso de Geografia

DOCENTE	TÍTULO/TEMÁTICAS DA LINHA DE PESQUISA
<i>Gilberto Luis Gonçalves</i>	<p align="center">ASPECTOS FÍSICO-NATURAIS DA GEOGRAFIA</p> <p>Dinâmica, Utilização e Preservação do Meio Ambiente. Análise Ambiental. Avaliação de Impacto Ambiental. Geomorfologia Ambiental. Geografia e Meio Ambiente. Políticas Públicas e Impactos Ambientais. Educação Ambiental. Resíduos Sólidos. Climatologia Geográfica. Hidrogeografia: Teoria, Métodos e Aplicações. Bacia Hidrográfica Enquanto Unidade Territorial de Planejamento. Evolução e Dinâmica do Relevo.</p> <p>Geomorfologia. Climatologia. Hidrogeografia. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Marcos Antonio Correia</i>	<p align="center">DIDÁTICA E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>História do Pensamento Geográfico. Evolução Teórico- Metodológica e Didático-Pedagógica da Geografia Escolar Brasileira e Sua Institucionalização no Estado do Paraná. Geografia e Filosofia: Teoria e Método. Geografia e Processos Educativos. Recursos Didáticos e o Ensino da Geografia. Arte, Música e Ensino.</p> <p>Epistemologia da Geografia. Didática e Ensino da Geografia. Metodologia do Ensino da Geografia.</p>
<i>Paulo Sérgio Meira Rocha</i>	<p align="center">ESPAÇO GEOGRÁFICO: MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÃO</p> <p>Impactos Ambientais e Áreas de Risco. Enchentes. Dinâmica Geoambiental. Gestão Ambiental em Áreas de Risco. Áreas de Ocupação Irregular. Planejamento Ambiental. Educação Ambiental. Cartografia de Ambientes no Ensino De Geografia. Cartografia Temática e a Organização da Sociedade. Astronomia e Ensino de Geografia. Sistema De Informações Geográficas (SIG).</p> <p>Cartografia Geral e Temática. Astronomia. Metodologia do Ensino da Geografia. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Helena Edilamar Ribeiro Buch</i>	<p align="center">DINÂMICA DA PAISAGEM, EXCLUSÃO SOCIAL E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Dimensões Sociais, Intersubjetiva e Auto-Reflexiva do Processo Educacional Entendidas como Processo Integral. Representações Gráficas do Ensino. Educação Especial. Educação Geográfica. Espaço, Cultura e Linguagens. Dinâmica e Degradação da Paisagem. Matas Ciliares. Educação Ambiental. Exclusão Social, Catadores de Retornáveis (Lixo) e (In)Visibilidade Social.</p> <p>Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia.</p>

	Sociedade-Natureza.
<i>Sérgio Roberto Ferreira dos Santos</i>	<p align="center">ASPECTOS FÍSICO NATURAIS DA GEOGRAFIA</p> <p>Mapeamento Geológico e Geomorfológico. Espeleogênese Arte Rupestre. Sistema de Informações Geográficas (SIH). Áreas de Ocupação Irregular. Educação Ambiental. Desastres Ambientais. Dinâmica Geoambiental. Ambiente e Saúde. Evolução e Dinâmica do Relevo. Sustentabilidade e Ética Ambiental.</p> <p align="center">Geologia. Geomorfologia. Biogeografia. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Alcimara Aparecida Föetsch</i>	<p align="center">ESPAÇO, CULTURA E IDENTIDADE. ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Cultura, Identidade e Tradição. Cultura e Patrimônio (Material e material). Simbolismo e Memória. Religião e Geografia. Topofilia. Território, Territorialidade e Identidade Territorial. Populações e Comunidades Tradicionais. Modo de Vida e Espaço Agrário. Educação do Campo. Dinâmica da Paisagem. Biogeografia e Ecologia. Educação Ambiental. Ensino da Geografia: Teoria e Metodologia. Educação Geográfica.</p> <p align="center">Geografia Cultural. Geografia Agrária. Geografia do Paraná e do Contestado. Biogeografia. Sociedade-Natureza. Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia.</p>
<i>Diane Daniela Gemelli</i>	<p align="center">RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA E OS PROCESSOS SÓCIO ESPACIAIS</p> <p>Diferentes Grupos Sociais e Suas Compreensões de Natureza. O Trabalho e a Arrumação Espacial. Trabalho, Território e Capital. Os Trabalhadores e os Processos de Trabalho. O Trabalho no Campo e na Cidade. Precarização do Trabalho. Trabalho, Saúde e Doença. Mobilidade Territorial do Trabalho. Povos e Comunidades Tradicionais. Modo de Vida e Territorialidades. As Monoculturas e os Desdobramentos Sociais e Espaciais. Processos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização. O Modo de Produção Capitalista e a Organização do Espaço.</p> <p align="center">Geografia do Trabalho. Geografia do Contestado. Geografia Econômica. Geografia Agrária. Geografia Urbana. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Elaine Cristina Surmacz</i>	<p align="center">DIDÁTICO E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Saberes Docentes do Professor de Geografia. Formação Docente. Estágio Supervisionado. O Papel da Universidade na Formação Pedagógica. Práticas Educativas do Professor de Geografia nas Modalidades de Ensino: Educação Do Campo, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia: Metodologia, Motivação e Aprendizagem. Propostas Metodológicas para o Ensino da Geografia.</p>

	Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia. Ambientes Virtuais de Aprendizagem.
<i>Silas Rafael da Fonseca</i>	<p align="center">EXPRESSÕES TERRITORIAIS CAMPO-CIDADE</p> <p align="center">Territorialidades Urbanas e Rurais. Relação e Contradições Campo-Cidade. Relações Sociais e Econômicas. Território, Conflitos e Resistência. Movimentos Sociais. A Luta pela Terra. Latifúndio. Monocultivo. Tecnificação da Agricultura. Agricultura Familiar Camponesa e Agricultura Capitalista. Povos e Comunidades Tradicionais. Agronegócio e Impactos Ambientais.</p> <p align="center">Geografia Agrária. Geografia Urbana. Geografia Econômica. Geografia da População. Geografia Política.</p>

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

13.3 CORPO DOCENTE E NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE

O Parecer CONAES nº.4 de 17 de julho de 2010, apresenta que o NDE é um conceito criado pela Portaria nº. 147, de 2 de fevereiro de 2007, que visa qualificar o envolvimento docente no processo de concepção e consolidação de um curso de graduação. Portanto, a composição do NDE para o funcionamento do Curso de Geografia é elaborado por todos os professores do Colegiado, visto que consideramos importante a construção do PPP de forma coletiva, sendo assim, integra o NDE, neste ano de 2017:

PROFESSORES	FORMAÇÃO ACADÊMICA	LINK PARA O LATTES
Alcimara Aparecida Föetsch	Doutora	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4167827P3
Diane Daniela Gemelli	Doutoranda	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4268105H2
Gilberto Luís Gonçalves	Mestre	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4164072J3
Helena Edilamar Ribeiro Buch	Doutora	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4164328Y6
Marcos Antonio Correia	Doutor	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4162428H4
Paulo Sérgio Meira Rocha	Mestre	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4486065P6
Sérgio Roberto Ferreira dos Santos	Mestre	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4264317D6

Elaine Cristina Soares Surmacz	Mestre	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4322576D6
Silas Rafael da Fonseca	Doutorando	http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230596Y5

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

13.4 PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

O serviço de registro e controle dos acadêmicos da graduação é realizado na Secretaria Acadêmica do *Campus* de União da Vitória da UNESPAR, através da Seção de Registro e Controle Acadêmico, sendo responsável a Agente Universitária Elizabete de Fatima dos Santos Gomes Empinotti. Todo o corpo técnico administrativo possui formação e competência em realizar suas atividades profissionais na Secretaria Acadêmica, sendo eles:

NOME	TITULAÇÃO	SETOR
Andrea Aparecida Silva de Oliveira	Especialista	Secretaria Acadêmica
Elizabete de Fatima dos Santos Gomes Empinotti	Mestre	Secretaria Acadêmica
Ericson Raine Prust	Especialista	Secretaria Acadêmica/ Divisão de Planejamento
Giseli Batista Sanches	Graduada	Secretaria Acadêmica

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

Nos outros setores do *Campus*, o corpo técnico administrativo efetivo, está distribuído da seguinte maneira:

NOME	TITULAÇÃO	SETOR
Claudemir Odani da Silveira	Graduado	Seção de Apoio e Serviços /Transportes
Daniele Simone Bona	Especialista	Divisão de RH
Sandro Roberto Prado	Especialista	Seção de Patrimônio e Conservação
Sergio Werle	Especialista	Seção de Compras e Licitações
Valderlei Garcia Sanches	Especialista	Direção Geral do <i>Campus</i>
Zeni Cristina Ziemann	Especialista	Secretaria das Direções de Centros de Áreas

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

14. DIPLOMAS

O diploma de conclusão de curso, que confere o título de licenciado em Geografia, é encaminhado para confecção após a colação de grau dos acadêmicos, seja em gabinete ou em evento solene. O trâmite legal para a confecção e registro do diploma pode levar até 6 meses e, depois deste processo, o acadêmico poder retirá-lo na secretaria da instituição.

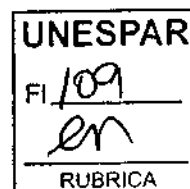
15. AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Como já mencionado anteriormente, o processo de avaliação deve ser contínuo e bem estruturado, capaz de traduzir, da forma mais fiel possível, a realidade do processo de aprendizagem. Dentro dos processos avaliativos, a “*auto-avaliação*” é um mecanismo de extrema importância na medida em que permite um repensar sobre os caminhos e processos.

Cada curso deve prever formas de avaliação que sejam periódicas e sistemáticas, feitas por procedimentos internos e externos e que sejam incidentes sobre processos e resultados. Ou seja, devemos compreender a avaliação como uma atividade educativa, que propicie a identificação de elementos fundamentais para aprimorar concepções e práticas, com intuito de democratizar a instituição e a sociedade. Compreendemos a prática avaliativa como importante no processo de construção do conhecimento, é dessa forma que propiciamos práticas instituidoras e também é uma atividade formadora de cidadãos críticos e democráticos.

O Projeto Pedagógico do Curso de Geografia estará em constante avaliação para análise, tanto do plano curricular, quanto do plano institucional, passando por adequações de acordo com as proposições NDE do curso. Sendo assim, a auto-avaliação do curso de Licenciatura em Geografia deve ocorrer constantemente, sobretudo, considerando a atuação do Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDE). Cabe ao NDE identificar, ao longo do tempo e das práticas educativas, as lacunas, os descaminhos e as fragilidades do curso. Da mesma forma, o Núcleo deve buscar sempre o aperfeiçoamento e atualização tendo em vista a evolução da Ciência Geográfica e das práticas pedagógicas – sempre considerando a realidade vivida.

Espera-se que os alunos do curso também sejam agentes importantes no processo de auto-avaliação, que possam sugerir mudanças, que apresentem propostas de melhoria, tanto da estrutura curricular, como dos conteúdos abordados e dos processos de avaliação. Nesse caso, espera-se que por meio do CAGeo – Centro Acadêmico de Geografia, os alunos



CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave na Geografia. In: CASTRO, I. E. de. (Org.) **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORREIA, Marcos Antonio. **Doutrinação: A Influência do Pensamento Gramsciano na Geografia Crítica Escolar Brasileira**. 233 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra. Curitiba, 2015.

COSTELLA, R. Z.; SCHÄFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

D'ASSUMPCÃO, H. T. **A campanha do Contestado (as operações da Columna do Sul)**. V.1. Belo Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1917.

DOURADO, José Aparecido De Lima. Geografia "fora" da sala de aula: importância do trabalho de campo para Geografia agrária. **Campo-Território**, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 1-22, 2013.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Mensagem apresentada ao Congresso Representativo, em 14 de agosto de 1916, pelo Dr. Felipe Schmidt, governador do Estado de Santa Catharina. p. 46.

FILIZOLA, R. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. **Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC)**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2014.

FOUCHER, M. Lecionar a Geografia, apesar de tudo. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989. (p. 13-29).

FRAGA, N. C. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J.; TRICES, R. I. (Orgs). **Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005. (p. 228-255).

FRAGA, N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: Uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FRAGA, Nilson César. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: WEHLING, Arno (org). **100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. Florianópolis, MPSC, 2013. (p. 369-392).

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

FURLAN, S. A. Técnicas de BioGeografia. In: VENTURE, L. A. B. (Org). **Praticando Geografia: Técnicas de campo e laboratório em Geografia**. São Paulo: Oficina de textos, 2005. (p. 99-130).

GALEFFI, Romano. **A filosofia de Immanuel Kant**. Brasília: UNB (Universidade de Brasília). 1986.

GOULART, L. B. Teorias que (re) produzem espaços: uma proposta para ampliar a inserção de alunos trabalhadores na sociedade. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. KAERCHER, N. A.; REGO, N. (Org.) **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

HERNANDEZ, F. A avaliação como parte do processo dos projetos de trabalho. *In*: **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOLMES GROUP. **Tomorrow's teacher: a report of the Holmes Group**. East Lansing, MI: The Holmes Group, 1986.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. *In*: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. (p. 221-231).

LACOSTE, Yves. **A Geografia Isso Serve, em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra**. Tradução de Maria Cecília França. 4 ed. Campinas/SP: Papirus. 1997.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Apontamentos sobre pedagogia crítico-social e socioconstrutivismo**. Goiânia: Mimeo, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, S. R. **Capital transnacional na indústria da madeira em Três Barras: as companytowns e a produção do espaço urbano**. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 105-136, 2006.

MARTINS, P. **Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuza**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MIRANDA, A. **Contestado**. Curitiba: Lítero: Técnica, 1987.

MONTEIRO, D. T. **Os errantes do novo século**. Série Universidade – 2, Duas Cidades, São Paulo, 1974.

MOREIRA, R. Da região, à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico para o mundo. *In: Revista ETC, Espaço, tempo e Crítica*, nº1(3), v. 1, p. 55-70, junho de 2007.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1981.

NAVAS, C. A. L. G.; CAMPOS, M. de C. Repensar o ensino de Geografia: portfólio como um instrumento de avaliação formativa do processo ensino-aprendizagem. *In: Revista Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 1, número especial, p. 123-139, jul./dez. 2014.

NOSSA, Leoncio, JUNIOR, Celso. Esquecida, região vive em clima de miséria. *In. Meninos do Contestado*, 11 de fevereiro de 2012 – Estado de S. Paulo. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,esquecida-regiao-ainda-vive-em-clima-de-miseria,834527>>

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. **Para onde vai o ensino de Geografia?** – 10. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, B. de. **Planaltos de frio e lama**: os fanáticos do contestado: o meio, o homem, a guerra: ensaio de história. Florianópolis: FCC, 1985.

OLIVEIRA, C. D. M. de.; ASSIS, R. J. S. de. Travessias da aula em campo na Geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 35, nº 01, 2009. (p. 195-209).

OLIVEIRA, L. de. O ensino/aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de Ensino. *In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. (p. 217-231).

PEIXOTO, D. **Campanha do Contestado** – Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916.

PEIXOTO, D. **Campanha do Contestado**. Vol I. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. **Messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, Dominus, 1965.

PEREIRA, D. Geografia escolar: Conteúdos e/ou objetivos? **Caderno Prudentino de Geografia** (17). Presidente Prudente: AGB, jul. 1995.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIAZZA, W. F.; HÜBENER, L. M. **Santa Catarina: história da gente**. 6. ed. Florianópolis: Lunardelli, 2003.

PONTUSCHKA, N. N. Fundamentos para um projeto interdisciplinar: supletivo profissionalizante. *In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. (p. 187-194).

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia está em crise. Viva a Geografia. I; **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, nº55, 1978. (p. 5-30)

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RESENDE, M. O saber do aluno e o ensino de Geografia. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1989. (p. 83-115).

RIBEIRO, L. A. M. Questões regionais e do Brasil. In: RUA, João. (Org.). **Para ensinar Geografia**. Rio de Janeiro: ACCESS Editora, 1993.

SACHET, C.; SACHET, S. A guerra do Contestado. In: SACHET, C.; SACHET, S. **Santa Catarina 100 anos de História**. O livro: do povoamento à guerra do Contestado. v. I. Florianópolis, 2001, (p. 507-525).

SAINT HILAIRE, A. de. **Viagem à Comarca de Curitiba (1920)**. São Paulo, Companhia Nacional, 1964.

SAINT HILAIRE, A. de. **Viagem à Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil**. Província Cisplatina e Missões do Paraguai. São Paulo, Liv. Martins, s/d.

SANTOS, D. Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino de Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia** (17). Presidente Prudente: AGB, jul., 1995.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. – 4. Ed. 7 reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. – 6ª ed., 1ª reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **As cidadanias mutiladas**. In: Julio Lerner. (Org.). O preconceito. São Paulo: IMESP, 1996. p. 133-144.

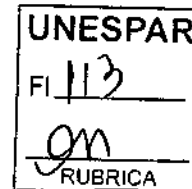
SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SCHON, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In. NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p.78-93.

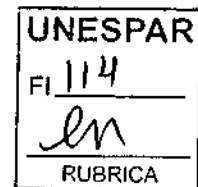
SCHON, D. **The reflective practitioner**. New York: Basic Books, 1983.

SERPA, A. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. In: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 84, julho de 2006. (p. 07-23).

SETEMBRINO DE CARVALHO, F. Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra – 1915. Rio de Janeiro, Imprensa Militar, 1916.



- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SINZIG, Frei P., O. F. M. **Frei Rogério Neuhaus**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1939.
- SOUSA, S. M. Z. E. Avaliação escolar em uma perspectiva participativa. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. (p. 367-371).
- SPÓSITO, M. E. As diferentes propostas curriculares e o livro didático. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. (Org.). São Paulo: Contexto, 2002. (p. 297-311).
- SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e trabalho de Campo. In: **Geografia Física Geomorfologia: uma (re)leitura**. Ijuí: Editora da UNIJUI, 2002.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia** (UFF), Niterói/RJ, v. 7, p. 92-99, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMAZ JUNIOR, Antonio. **Geografia passo-a-passo: ensaios críticos dos anos 90**. Presidente Prudente: Centelha, 2005.
- THOMÉ, N. **Civilizações primitivas do Contestado**. IUL – Impressora Universal Ltda, Caçador – Santa Catarina, 1981.
- THOMÉ, N. **Sangue, suor e lágrimas no Chão Contestado**. Caçador: INCON Edições/Unc, 1992.
- TONON, E. A força da tradição: dos Faxinais às Irmandades Místicas do Contestado. In: OLINTO, B. A.; MOTTA, M. M.; OLIVEIRA, O. de. (Orgs.). **História Agrária: Propriedade e Conflito**. Guarapuava: Unicentro, 2009. (p.319-340).
- TONON, E. **Os monges do Contestado: Permanências, predições e rituais no imaginário**. Palmas: Kaygangue, 2010.
- VESENTINI, J. W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 14-33).
- VESENTINI, J. W. O ensino de Geografia no século XXI. **Caderno Prudentino de Geografia** (17). Presidente Prudente: AGB, jul., 1995.
- VIEIRA DA ROSA, J. Reminiscências da Campanha do Contestado – subsídios para a História. In: **Jornal Terra Livre**. Florianópolis, nº6, ano I, 7 de agosto de 1918, p.01.
- VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.



VINHAS DE QUEIRÓZ, M. **Messianismo e conflito social**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1977.

VINHAS DE QUEIRÓZ, M. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

ANEXOS

Anexo I EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS

PRIMEIRO ANO DE GEOGRAFIA

EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA

Evolução do pensamento geográfico. História e paradigmas: Questões epistemológicas, vertentes geográficas e perspectivas da Ciência Geográfica. Epistemologia, método e metodologia da Geografia: objeto de estudo, princípios, leis, categorias, temas, conceitos e objetivos. Geografia Clássica e escolas. Geografia Contemporânea: teoria e método. Pesquisa e Ensino. Geografia Escolar.

FUNDAMENTOS DE GEOLOGIA

Princípios gerais da Geologia: teoria e método. Geologia e Geografia: relações e similaridades. Escala Geológica do Tempo. Fenômenos diastróficos: epirogênese, perturbações das rochas - inclinação das camadas, diaclasamentos, falhas, dobras, discordâncias. Constituição interna e externa da Terra. Geologia estrutural. Origem e evolução da vida ao longo do tempo geológico. Noções de minerais e rochas: tipos, constituição e aplicações econômicas. Noções de mapas e perfis. Principais aspectos geológicos do território brasileiro e distribuição dos depósitos minerais. Impactos Ambientais. Geologia Escolar.

METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA (MEG I)

Teorias da Educação presentes na estrutura educacional brasileira. O Estado e a educação nacional: fundamentação teórico-metodológica. A Geografia Escolar: Principais abordagens Geográficas e suas aplicações no Ensino. Estrutura e Funcionamento do Ensino. Legislação Educacional - LDBEN nº. 9.394-96. PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais); DCE (Diretrizes Curriculares Estaduais) e Documentos similares.

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

Estudos e abordagens de população na Geografia. Teorias e concepções sobre população. População e classes sociais. A dinâmica populacional. Os processos migratórios e a mobilidade territorial. A população brasileira e as desigualdades regionais. População e diversidade. Diversidade cultural. População e modo de vida. Diversidade religiosa. Diversidade étnico-racial. Diversidade de gênero. Diversidade sexual. População, as políticas de inclusão social o direito à cidadania. População, diversidade e ensino de Geografia.

HIDROGEOGRAFIA

Conceitos e fundamentos de HidroGeografia. Distribuição geográfica das águas pelos continentes e oceanos: Águas continentais superficiais e subterrâneas, águas oceânicas e marítimas. Dinâmica das águas: Ciclo hidrológico, padrões de drenagem e transporte de sedimentos. Água enquanto agente modelador do relevo. Análise sistêmica de Bacias hidrográficas. Legislação Brasileira de Recursos Hídricos. O sistema hidrográfico brasileiro: potencialidades e desafios. Poluição hídrica e importância econômica da água. Políticas públicas, planejamento e gestão de microbacias. Proteção de nascentes. Hidrografia Escolar.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Texto e textualidade. Noções de língua e linguagem. Alfabetização e linguística. Sociolinguística. Leitura e produção de texto. Leitura: níveis de leitura, estratégias de leitura, dificuldades de leitura, segmentação textual. Técnicas de estudo e produção de textos científicos. Noções fundamentais sobre estrutura e conteúdo: coesão, coerência e clareza. Gêneros textuais: resenhas, resumos e artigo. Tipologia textual: narração, descrição e dissertação. Novo acordo gramatical. Aspectos gramaticais relevantes à produção textual: ortografia, pontuação, concordâncias e acentuação. A produção de textos na academia: a redação científica.

ANTROPOLOGIA CULTURAL (OPTATIVA)

Antropologia como campo de conhecimento. Cultura. Origens da humanidade. Passado cultural do homem. Religião e Magia. Artes. Indígena Brasileiro.

GEOGRAFIA DO TURISMO (OPTATIVA)

Aplicação do conhecimento geográfico à atividade turística a partir das categorias e conceitos-chaves de análise da Geografia e sua aplicabilidade ao turismo. A paisagem como recurso turístico. A relação turismo e natureza. Turismo: apropriação e reorganização do espaço. Panorama da Geografia do Turismo no Brasil, no Paraná e no Contestado. Principais centros emissores e receptores do turismo. Turismo: espaço rural e urbano. Turismo e patrimônio histórico. Turismo e desenvolvimento/local e regional. O papel do turismo no cenário da globalização e da mundialização da cultura. Políticas públicas para o turismo. Turismo e educação.

BIOGEOGRAFIA

BioGeografia: conceituação e definição. História geológica da Terra. Origem da vida e evolução biológica (seleção natural e fatores de adaptação). Padrões de distribuição geográfica das espécies: dispersão, migração, especiação e extinção. Endemismo e regionalização: diferenciação geográfica. Regiões fitogeográficas e zoogeográficas do globo. O papel dos fatores ambientais na distribuição dos seres vivos. As grandes formações biológicas do mundo e do Brasil. Ecologia e Geografia. Biodiversidade e BioGeografia da conservação. Educação Ambiental. Ética Ambiental. BioGeografia Escolar.

SEGUNDO ANO DE GEOGRAFIA

CARTOGRAFIA GERAL E TEMÁTICA

Cartografia: conceituação, métodos e aplicações na Ciência Geográfica. Mapas, escalas, coordenadas e projeções. Dados e bases cartográficas. Referências de posicionamento na superfície terrestre. Escala cartográfica e sistema de coordenadas geográficas. Elementos de um mapa. Fusos horários. Medidas de área e distâncias. Pantógrafo e planímetro. Perfis topográficos em escalas diferentes. Noções de Topografia. Cartografia Temática qualitativa e quantitativa e sua aplicação. Cartografia Social. Sensoriamento remoto, a interpretação de gráficos, cores, símbolos e os diversos mapas temáticos. Legislação cartográfica. Cartografia Escolar.

REGIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO MUNDIAL

Região e processos de regionalização e organização do espaço mundial. O espaço mundial em sua totalidade. A relação sociedade-natureza e a produção do espaço mundial. Processos e relações econômicas, culturais e políticas no mundo. O Imperialismo e a expansão geográfica do capital. Os Conflitos nas diversas escalas geográficas. Relação local x global. A nova ordem mundial. Divisão Norte e Sul: mundo desenvolvido e subdesenvolvido. O mundo globalizado inserido no sistema capitalista. Globalização/fragmentação, redes e blocos econômicos de poder na regionalização do mundo contemporâneo. Regionalização e o ensino de Geografia.

DIDÁTICA E ENSINO DA GEOGRAFIA

Estrutura educacional brasileira. Fundamentação teórico-metodológica para o trabalho docente. Organização e práticas didático-pedagógicas e burocráticas docentes. Estrutura e funcionamento do Ensino Básico. Modalidades, regimes e anos. Aplicações e conteúdos dos componentes curriculares da disciplina de Geografia. Tendências atuais do Ensino da Geografia. Interdisciplinaridade. Afazeres docentes. Planos de aula e materiais didáticos. Situações-problema e práticas de Ensino em Geografia.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Origem e conceitos básicos da Psicologia. Concepções de desenvolvimento: correntes teóricas e repercussões na escola. Desenvolvimento humano e aprendizagem. Processos básicos do comportamento. Psicologia da Adolescência. Personalidade. Sistemas teóricos de interpretação do processo ensino-aprendizagem. O professor e o processo ensino-aprendizagem.

CLIMATOLOGIA

Conceitos fundamentais de Climatologia e Meteorologia. Classificação e escalas climáticas. Ar atmosférico: escalas de abordagem, características físico-químicas das suas camadas; circulação e dinâmica. Dimensão espacial dos elementos do clima: Temperatura, Umidade e Pressão do ar. Fatores geográficos do clima. Relações do homem com a atmosfera: fenômenos e efeitos sobre o Planeta. Tipos climáticos do mundo e do Brasil.

GEOGRAFIA ECONÔMICA

A formação socioespacial e a relação sociedade-espaço-economia. O espaço geográfico e as diferentes racionalidades econômicas. Geografia econômica na atualidade: universalidade, particularidade e singularidade. A divisão técnica e territorial do trabalho. O trabalho na sociedade capitalista: questão de gênero e questões étnico-raciais. O processo de territorialização do capital e a desterrização/desterritorialização. A Geografia econômica no Brasil e a reconfiguração do espaço econômico. Contestado e desagregação econômica, cultural e ambiental: modo de vida caboclo e economia madeireira.

GEOMORFOLOGIA

Conceituações e aplicações da Geomorfologia na Geografia. Formas de relevo: evolução e esculturação. Estrutura terrestre: processos endógenos e exógenos. Zonas morfoclimáticas e relevos associados. Formas erosivas. O relevo nas escalas do espaço e do tempo. Unidades morfoestruturais do globo. Geomorfologia fluvial, Geomorfologia litorânea e ações antrópicas. Mapeamento geomorfológico. Monitoramento ambiental e geoindicadores.

TERCEIRO ANO DE GEOGRAFIA

METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA (MEG II)

Educação formal e não-formal. Documentos oficiais, legislações específicas e currículo da Geografia Escolar. Documentos institucionais de estágio da UNESPAR. Função social da Geografia na Educação Básica e Superior. Fundamentos teórico-metodológicos e tendências no Ensino da Geografia. Organização, seleção e transposição didática dos conteúdos. Interdisciplinaridade, educação ambiental, direitos humanos e questões étnico-raciais. Estratégias e metodologias no processo de ensino-aprendizagem. Planos de aula e seus elementos. Cotidiano escolar e seus desafios. Aulas de co-participação e regência. Papel da pesquisa científica na práxis do professor.

GEOGRAFIA AGRÁRIA

O estudo da Geografia Agrária para a compreensão da produção do espaço geográfico. O processo de desenvolvimento do capitalismo no campo, suas contradições e os impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos no campo e na cidade. A permanência histórica da luta pela terra no país e suas consequências no espaço. Renda da terra. Agricultura capitalista x agricultura familiar camponesa. Complexos agroindustriais e a produção agrícola. Movimentos sociais no campo. Trabalho e produção no campo. Povos tradicionais, e a questão agrária no Contestado. A agroecologia. Soberania alimentar. Características atuais do campo no Brasil: estrutura agrária e conflitos sociais. Reforma agrária. Movimentos sociais e violência no campo. Educação no/do campo.

GEOGRAFIA URBANA

O processo de formação das cidades, da urbanização e da metropolização. Diferenciação conceitual entre o urbano e a cidade. As funções da cidade. Processos e agentes na produção do espaço urbano. A produção do espaço urbano e a relação campo-cidade. As diferentes temporalidades/rugosidades do fenômeno urbano. A rede urbana. Territorialidades urbanas. Segregação Socioespacial. Periferização das cidades e a questão ambiental. Movimentos sociais: o direito à cidade e à moradia. A Geografia urbana no Brasil, no Paraná e no Contestado.

MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA GEOGRÁFICA

Fundamentos e características do saber científico. Universidade e conhecimento. Ciência, método e técnica. Tipos de trabalho científico. Normas técnicas do trabalho científico – ABNT. A ciência geográfica e seu objeto de estudo. Concepção intelectual/teórica da pesquisa. A pesquisa em Geografia e seus métodos. Diferentes metodologias de produção de informações para a pesquisa em Geografia. Pesquisas quantitativas e qualitativas: possibilidades e limitações. Metodologia da investigação científica. Construção Intelectual do Projeto de Pesquisa. Elaboração do projeto de pesquisa. Trabalho científico, organização e estrutura do projeto de pesquisa: problema e problematização, revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, objetivos, justificativa, metodologias de pesquisa, cronograma de investigação e aspectos éticos da pesquisa.

SOCIEDADE E NATUREZA

A relação sociedade-natureza na Ciência Geográfica. As diferentes formas de sociedade e suas concepções sobre natureza. A natureza enquanto condição de existência social e a natureza mercantilizada. A questão ambiental e a crise da sociedade. Desenvolvimento sustentável e modelo civilizatório. A necessidade da reunificação orgânica sociedade-natureza. Desenvolvimento de projetos para a educação básica.

GEOGRAFIA CULTURAL

Epistemologia da Geografia Cultural: gênese, renovação e revalorização. Conceitos e temas da Geografia Cultural. Espaço geográfico e manifestações culturais: as formas simbólicas. Território, territorialidade e desterritorialização. Identidade cultural (IC) e Identidade territorial (IT). Topofilia. Paisagem cultural, imaginário e simbolismo. Geografia da religião: espaços sagrados e espaços profanos. Patrimônio material e imaterial. Pesquisa e método na Geografia Cultural. Questões étnico-raciais e direitos humanos. A Geografia Cultural na Educação Básica.

QUARTO ANO DE GEOGRAFIA

METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA (MEG III)

Ensino de Geografia na Educação Básica. Educação e Geografia. Cotidiano escolar: particularidades e desafios da região do Contestado. Práticas pedagógicas em sala de aula. Estratégias e metodologias de aprendizagem dos conteúdos geográficos. Legislação específica da Educação Básica. Planos de trabalho docente. Construção de materiais didáticos. Ensino/aprendizagem e avaliação. Regência de classe supervisionada no Ensino Médio. Projeto, documentação institucional e relatórios de estágio.

GEOGRAFIA DO BRASIL

Formação histórica e territorial do Espaço Brasileiro. Ocupação e Povoamento do território brasileiro. A relação Sociedade-Natureza e a produção do espaço. As paisagens naturais, sociais e culturais. A dinâmica socioeconômica e a diversidade regional do Brasil. A questão ambiental no Brasil: a produção do espaço brasileiro. Regionalização do espaço brasileiro. Reorganização produtiva do território. Domínios Morfoclimáticos: a diversidade do espaço brasileiro. A noção de escala geográfica: o Paraná no contexto brasileiro. Ambiente, cultura, economia e questões étnico raciais no Brasil. Prática do trabalho de campo em Geografia do Brasil. O ensino de Geografia do Brasil na formação escolar.

GEOGRAFIA DO PARANÁ E DO CONTESTADO

A formação histórica do território paranaense e os processos de ocupação. A relação sociedade-natureza e a produção do espaço paranaense. A dinâmica socioeconômica e a diversidade regional paranaense. As Regiões Paranaenses: aspectos físicos, econômicos e culturais. As fronteiras paranaenses e a Guerra do Contestado. A Guerra do Contestado e a formação dos territórios paranaense e catarinense. A Guerra do Contestado: agentes, sujeitos e a produção do espaço geográfico. Contestado: o caboclo e o processo de imigração. O Contestado e a economia madeireira. O Contestado: dinâmica social, econômica, política, cultural e ambiental. Contestado, religiosidade e fé: os monges e a crença num mundo justo e

solidário. O Contestado um século após o término da guerra: desdobramentos geográficos. Geografia do Paraná e do Contestado no ensino de Geografia.

GEOGRAFIA POLÍTICA

Origens da Geografia Política e evolução da Geopolítica. Organização política do espaço mundial: Estado, Nação e Fronteiras. Espaço, poder e identidade. Poder Político: relação centro-periferia, colonialismo e imperialismo. Estado: teorias, modos de produção, sociedade de classes e estrutura(s) política(s). Mundialização e Globalização. Políticas estatais e sociais na produção dos territórios. Direitos Humanos. Escala geográfica: Geopolítica mundial e territórios em disputa e os problemas geopolíticos brasileiros. A Geografia política e a formação territorial do Contestado. A Geopolítica na Educação Básica.

LIBRAS

Conceitos e abordagens de letramento na comunidade surda. Línguas de Sinais e minoria linguística: as diferentes línguas de sinais. Língua de sinais no Brasil. Cultura surda. Organização linguística da LIBRAS para usos informais e cotidianos. Vocabulário: morfologia, sintaxe e semântica. A expressão corporal como elemento linguístico. Legislação específica. Materiais didáticos e o ensino da língua de sinais. Inclusão no Ensino Básico.

ASTRONOMIA (OPTATIVA)

História da Astronomia. A corrida espacial. Origem e composição do Universo e da Terra. Coordenadas geográficas e astronômicas. A Terra e seus movimentos. A medida do tempo. O sistema solar e seus componentes. Astronomia e cotidiano.

GEOGRAFIA DO TRABALHO (OPTATIVA)

A ciência geográfica e a Geografia do Trabalho. O trabalho como relação ontológica do/da homem/mulher com a natureza. O caráter histórico do trabalho no capitalismo. A dinâmica territorial do trabalho engendrada pela subordinação às relações capitalistas de produção. Análise da Geografia do Trabalho no Contestado.

TÓPICOS ESPECIAIS EM ESTUDOS DO QUATERNÁRIO BRASILEIRO (OPTATIVA)

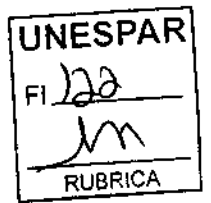
Compreender como ocorrem as alterações do contexto geológico/geomorfológico na evolução do cenário ambiental Brasileiro, com foco no Cenozóico, propiciando desta forma uma visão crítica da posição humana e de suas ações sobre o meio.

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA)

Os AVA como instrumentos para potencializar a aprendizagem: potencial interativo, espaços sociais e contextos educacionais. Diferentes concepções e práticas pedagógicas em AVA. Tecnologias da informação e comunicação. Linguagem e interatividade. Aprendizagem colaborativa no ciberespaço. Plataformas e sistemas de gestão da aprendizagem à distância. Ética e ambientes virtuais.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

A importância da pesquisa para a formação do professor-pesquisador. A pesquisa em Geografia e a reflexão dos projetos individuais: problema de pesquisa, referencial teórico, conceitos e abordagens, prática metodológica. Desenvolvimento da pesquisa e apresentação em banca pública.



Anexo II – Currículo do corpo docente

Anexo II CURRÍCULO DO CORPO DOCENTE

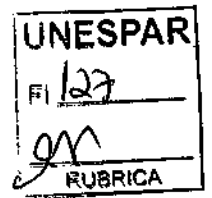
DOCENTE	RESUMO DO CURRÍCULO
<p><i>Prof. Dra. Alcimara Aparecida Föetsch</i></p>	<p>Professora Adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (2004). Especialista com ênfase em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (2007). Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2006). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2014). É Diretora de Pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico de São Mateus do Sul (IHG-SAMAS). Coordena o Subprojeto Pibid-Geografia da UNESPAR - <i>Campus</i> de União da Vitória. Atua principalmente com os seguintes temas: Educação do Campo, Metodologia do Ensino da Geografia (Estágios), Geografia Cultural, Geografia Agrária com ênfase nos estudos sobre populações e comunidades tradicionais, simbolismo, memória, paisagem, ensino e identidade cultural.</p>
<p><i>Prof. Dda. Diane Daniela Gemelli</i></p>	<p>Professora Assistente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon (2008). Mestra em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Francisco Beltrão (2011). Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Presidente Prudente. Atua principalmente nos seguintes temas: Geografia do Trabalho e Geografia Econômica com ênfase nos estudos sobre formação do trabalhador para o capital, mobilidade geográfica do capital, degradação da natureza e do trabalho, concepções de sociedade e natureza e monoculturas no Contestado.</p>
<p><i>Prof. Ms. Gilberto Luís Gonçalves</i></p>	<p>Professor Assistente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduado em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (1981). Especialista em Geografia Rural pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO (1992). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2007). Atua principalmente nos seguintes temas: bacia hidrográfica, paisagem, degradação ambiental e avaliação de impacto ambiental.</p>

<p>Prof. Dra. Helena Edilamar Ribeiro Buch</p>	<p>Professora Adjunta do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduada em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (1978). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (1986). Especialista em Geografia Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1991). Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2007). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2015). Responde pela Chefia da Divisão de Ensino e Graduação da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - <i>Campus</i> de União da Vitória. Coordenadora de Estágio Supervisionado e do Trabalho Final de Estágio Supervisionado. Coordena o Sub-projeto Pibid-Geografia da UNESPAR - <i>Campus</i> de União da Vitória. Atua principalmente com os seguintes temas: educação socioambiental, população em situação de vulnerabilidade social em áreas urbanas, dimensões psicossociais e educativas, ensino da Geografia, exclusão social, educação ambiental e degradação da paisagem.</p>
<p>Prof. Dr. Marcos Antonio Correia</p>	<p>Professor Adjunto do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduado em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (1984). Graduado em Música pela Universidade do Contestado - UNC (2015). Especialista em Geografia Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1991). Especialista em Metodologia da Ciência pelo Centro Integrado de Educação Superior Dr Bezerra Menezes - CIESBM (1994). Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela Faculdade Internacional de Curitiba - FACINTER (2002). Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2009). Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná- UFPR (2015). Professor efetivo na Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Atua principalmente nos seguintes temas: epistemologia e metodologia da Geografia, Geografia regional, Geografia escolar, educação, ensino e música.</p>
<p>Prof. Ms. Paulo Sérgio Meira Rocha</p>	<p>Professor Assistente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduado em Geografia pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (1989). Especialista em Triangulação, Topografia, Fotogrametria e Automação pelo Instituto de Geofísica do Estado de Baden (Württemberg - Alemanha) (1987). Especialista em Geografia Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1991). Mestre em Gestão Ambiental pela Universidade Positivo (2012). Atua principalmente nos seguintes temas: ensino da Geografia, meio ambiente, impactos ambientais,</p>

	cheias, resíduos sólidos e astronomia.
Prof. Ms. Sérgio Roberto Ferreira dos Santos	Professor Assistente do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduado em Geografia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (2000). Especialista em História Social pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória - FAFIUV (2001). Mestre em Geociências pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2006). Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Mapeamento Geológico/Geomorfológico, Sistemas de Carstes (Espeleogênese).
Prof. Ms. Elaine Cristina Soares Surmacz	Professora em Contrato de Regime Especial - CRES do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO/Irati (2012). Especialista em Educação Especial pelo Instituto Educacional Santa Catarina - IESC (2013). Especialista em Docência Universitária pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO (2015). Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE/Francisco Beltrão (2015). Atua principalmente nos seguintes temas: formação docente, saberes docentes, estágio supervisionado, práticas educativas do professor de Geografia nas modalidades de ensino (Educação do Campo, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos).
Prof. Ddo. Silas Rafael da Fonseca	Professor em Contrato de Regime Especial - CRES do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR no <i>Campus</i> de União da Vitória-PR. Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/Três Lagoas (2010). Especialista em História e Sociedade pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/Três Lagoas (2012). Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2014). Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Atua principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, movimentos sociais, luta pela/na terra, camponeses, monoculturas, latifúndio produtivo e improdutivo e questão agrária no Paraná.



Anexo III PLANOS DE ENSINO DAS DISCIPLINAS



PLANOS DE ENSINO
PRIMEIRO ANO DE GEOGRAFIA

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Epistemologia da Geografia	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	132 horas	12 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Evolução do pensamento geográfico. História e paradigmas: Questões epistemológicas, vertentes geográficas e perspectivas da Ciência Geográfica. Epistemologia, método e metodologia da Geografia: objeto de estudo, princípios, leis, categorias, temas, conceitos e objetivos. Geografia Clássica e escolas. Geografia Contemporânea: teoria e método. Pesquisa e Ensino. Geografia Escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Identificar as primeiras manifestações teóricas ligadas ao conhecimento geográfico;
- Caracterizar e compreender a Geografia como ciência;
- Analisar epistemologicamente a Geografia;
- Identificar estruturas epistemológicas geográficas;
- Observar e analisar a Geografia na antiguidade;
- Acompanhar os conhecimentos geográficos na Idade média;
- Analisar a Geografia nos tempos modernos;
- Avaliar o desenvolvimento da ciência geográfica na Idade Contemporânea;

- Identificar e analisar as diversas escolas geográficas;
- Situar e delimitar o conhecimento geográfico;
- Avaliar geograficamente os conhecimentos geográficos;
- Introduzir o acadêmico ao pensamento epistemológico geográfico;
- Preparar o acadêmico pedagógica e cientificamente visando sua prática profissional.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

- Saberes e níveis de conhecimentos: Filosofia e Ciência;
- Geografia como ciência; Geografia Ciência Social; Geografia escolar;
- Método, Metodologia e investigação geográfica/como organizar os estudos na Universidade;
- Introdução ao pensamento epistemológico geográfico;
- Geografia na antiguidade; Geografia entre os povos primitivos;
- Geografia na Grécia antiga; Geografia dos romanos;
- Geografia na Idade Média: contribuição dos árabes;
- Geografia nos tempos modernos; os precursores da Geografia moderna;
- Raízes da Geografia Científica: conhecimento holístico do mundo;
- Humboldt e Ritter entre o racionalismo e o romantismo.

SEGUNDO SEMESTRE:

- Geografia contemporânea; a Geografia clássica;
 - Características das escolas: alemã, francesa, britânica, norte-americana e soviética;
 - Vertentes: clássica, nova, humanistas (crítica, cultural);
 - Geografia Tradicional: três caminhos (regional, físico-humano e diferenciação de áreas);
 - Geografia Ativa: Geografia teórico-quantitativa;
 - Geografia Crítica: Geografia crítica escolar;
 - Geografia Pós-Moderna(s): Geografia humanística, das representações e outras;
- Geografia brasileira;
- Temas transversais: ética, educação ambiental, pluralidade cultural, Questões étnicas, direitos humanos, trabalho e consumo. Obs.: estes últimos componentes curriculares, quando necessário, estarão presentes em vários outros momentos da aplicação dos conteúdos mencionados acima.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Leituras direcionadas de obras clássicas geográficas; Leituras e comentários de textos; Seminários e debates; Construção de fichas; Elaboração de relatórios; Trabalhos individuais e em grupos; Utilização de Materiais Didáticos.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

5.1 AVALIAÇÃO

Provas com e sem consulta; Relatórios e trabalhos; Participação em debates; Testes escritos e orais; Interpretação e produção textual.

5.2 CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

Mediante o desempenho em cada forma de avaliação. As provas terão valores de 0 a 10 (de zero a dez). Outras avaliações receberão valores somatórios, de acordo com grau de dificuldade e performance na apresentação das atividades.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

ANDRADE, M. C. de. **Geografia Ciência da Sociedade**. São Paulo: Atlas, 1992.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4ª ed., São Paulo: Ed. Mc Graw Hill do Brasil, 1996.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

RUIZ, Á. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 3ª ed., São Paulo: Ed. Atlas, 1992.

SANTOS, M. **Por Uma Geografia Nova**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

CAPEL, H. **Filosofia e Ciência na Geografia Contemporânea: Introdução à Geografia.** (Org.) Jorge Guerra Vollaobos. 2.ed. Maringa-PR: Massomi, 2008.

CORREIA, M. A. Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira. 2015. 232 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2015.

CRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia.** 2. ed. Rio Claro SP: Difel, 1982.

DINIZ FILHO, L. L. **Fundamentos Epistemológicos da Geografia.** Curitiba: IBPEX. 2009. (Coleção: Metodologia do Ensino de História e Geografia).

MENDONÇA, F; KOZEL, S. **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea.** Curitiba: Contexto, 2002.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Fundamentos de Geologia	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Princípios gerais da Geologia: teoria e método. Geologia e Geografia: relações e similaridades. Escala Geológica do Tempo. Fenômenos diastróficos: epirogênese, perturbações das rochas – inclinação das camadas, diaclasamentos, falhas, dobras, discordâncias. Constituição interna e externa da Terra. Geologia estrutural. Origem e evolução da vida ao longo do tempo geológico. Noções de minerais e rochas: tipos, constituição e aplicações econômicas. Noções de mapas e perfis. Principais aspectos geológicos do território brasileiro e distribuição dos depósitos minerais. Impactos Ambientais. Geologia Escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Analisar forma e a disposição espacial dos corpos rochosos, suas anisotropias e descontinuidades, bem como uma ideia de sua origem geológica e mecânica;
- Estabelecer uma conexão entre a Geologia e a Geografia;
- Compreender a evolução e a dinâmica da Terra através do tempo geológico;

- Conhecer, distinguir e caracterizar os diferentes tipos de minerais e rochas em seus aspectos ambientais e econômicos;
- Discutir teorias e metodologias próprias da Geologia e seus estudos e aplicações na Ciência Geográfica;
- Possibilitar um espaço de discussão objetivando contribuir com a formação de um profissional que seja capaz de perceber os processos referentes à dinâmica geológica do espaço natural e socioeconômico;
- Estimular a participação acadêmica em seminários, eventos e momentos de socialização das pesquisas envolvendo Geologia e Geografia;
- Elaborar e implementar projetos de ensino de Geografia, com temáticas da Geologia e áreas afins;
- Realizar a transposição didática dos conteúdos para a Educação Básica.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Terra: Constituição Interna
- Objeto e divisão da Geologia
- Tempo Geológico. Éons, Eras, Períodos, épocas e tempo em milhões;
- Corpo geológico, rocha e mineral;
- Sistema cristalino dos minerais. Origem e formação dos Minerais. Clivagem, fratura, dureza, peso específico, diafanidade, brilho e tenacidade;
- Rochas. Origem e formação das Rochas. Ciclo das rochas. Rochas ígneas, metamórficas e sedimentares. Rochas Plutônicas, efusivas, vulcânicas, derrames e *trapp*;
- Fácies estratigráficas, Formação Estratigráfica e Unidade Estratigráfica;
- Intemperismo, desintegração física, decomposição química, decomposição químico-biológica, formação dos solos;
- Cronoestratigrafia, geocronologia, bioestratigrafia e sitoestratigrafia;
- Cavernas, dolinas e solifluxão;
- Bacias sedimentares Brasileiras. Origem e evolução;
- Depósitos arenáceos, sílticos arenáceos e químicos-orgânicos;
- A importância das rochas para a humanidade.

SEGUNDO SEMESTRE

- Águas subterrâneas e os processos geológicos envolvidos;
- Diagênese, desidratação, cimentação, sedimentação e litificação;
- Intemperismo e formação dos solos. Metamorfismo;
- Instabilidades no interior terrestre. Peso, pressão e variação dos componentes fluidos.

- Comportamento mecânico das rochas. Ruptura. Elipsóides e diagramas de deformação;
- Estruturas primárias e secundárias. Juntas, falhas e dobras. Superposição de dobramentos. Clivagem, xistosidade, foliação e lineações;
- Geodinâmica externa e interna da Terra. Falhamentos, feições geológicas decorrentes de falhamentos.
- Dobramentos. Componentes das dobras, classificação, direção e camada;
- Atividades Vulcânicas e sua estrutura;
- Abalos sísmicos. Causas dos abalos sísmicos e sua distribuição no planeta. Ondas sísmicas; Geossinclinal e seu desenvolvimento. Tipos de montanhas e sua origem. Efeitos de um geossinclinal na topografia.
- Aspectos da Geologia do Brasil;
- Esboço Geológico do Brasil;
- Embasamento Brasileiro;
- Bacias Sedimentares;
- Bacias marginais brasileiras;
- Trabalho de campo em Geologia;
- Geologia Escolar.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Exposição oral e escrita de conteúdos; Pesquisa individual e em grupo; Elaboração e apresentação de projetos; Exposição e debate; Aulas teóricas e seminários sobre temáticas referentes à Ciência Geológica; Aulas práticas envolvendo a análise e interpretação do discente, acompanhado de orientação docente; Viagens técnicas que elucidem e ilustrem o conteúdo assimilado em sala de aula; participação de atividades práticas em outras universidades e com outros discentes e docentes, para troca de informações e enriquecimento do saber.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Avaliação (prova escrita) com e sem consulta de cadernos e reprografias de uso individual do aluno; trabalhos de pesquisa prático/teórica; aulas expositivas; participação em debates, construção de material didático; frequência e assiduidade.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

LEINZ, V.; AMARAL, S. E. do. **Geologia Geral**. São Paulo. Cia Editora Nacional. 13ª edição. 1998.

POPP, J. H. **Geologia Geral**. Rio de Janeiro. Livros Técnicos Científicos, 1963.

SUGUIO, K. **Geologia Sedimentar**. Editora. Edgard Blücher Ltda, São Paulo, 1a Ed. 2003.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

PETRI, S. & FÚLFARO, V. J. **Geologia do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1988.

MENDES, J. C. **Elementos de estratigrafia**. T.A Queiroz, São Paulo. 1984.

PRESS, F. SIEVER, R. GROTZINGER, J. JORDAN, T.H. **Para entender a Terra**. Trad Menegat *et al.* IG/UFRGS. Artmed Edit. SA, Porto Alegre. 2006.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Metodologia do Ensino de Geografia (MEG I)	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Teorias da Educação presentes na estrutura educacional brasileira. O Estado e a educação nacional: fundamentação teórico-metodológica. A Geografia Escolar: Principais abordagens Geográficas e suas aplicações no Ensino. Estrutura e Funcionamento do Ensino. Legislação Educacional – LDBEN nº. 9.394-96. PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais); DCE (Diretrizes Curriculares Estaduais) e Documentos similares.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Avaliar as principais teorias educacionais;
- Analisar as principais vertentes geográficas no ensino de Geografia;
- Demonstrar a Sistematização e Estrutura educacional nacional;
- Discutir o papel: da educação, da escola, dos sujeitos educacionais e da prática pedagógica atual;
- Analisar a Geografia e sua Interdisciplinaridade;

- Analisar a organização do trabalho escolar frente as funções do profissional da educação e da escola;
- Sistematizar os elementos de fundamentação do planejamento de educação;
- Vivenciar práticas de ensino;
- Caracterizar os elementos básicos do processo de avaliação;
- Compreender a estrutura da educação nacional brasileira;
- Destacar a Estrutura e funcionamento da educação e ensino de Geografia no Estado do Paraná.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Geografia Escolar: o ensino de Geografia; desenvolvimento epistemológico e teórico metodológico; conceitos e categorias;
- Sistema Educacional Brasileiro e o Ensino de Geografia;
- Elaboração didático-pedagógica (transposição dos conhecimentos geográficos);
- Teorias e Tendências pedagógicas presentes no ensino de Geografia;
- Contribuição das principais vertentes da ciência geográfica ao ensino de Geografia;
- História e filosofia da educação;
- Psicologia e sociologia da educação;
- Fundamentos Teórico-metodológicos da Educação Nacional;
- Estrutura e Funcionamentos do Ensino Nacional.

SEGUNDO SEMESTRE

- Pesquisa, Educação, Ensino de Geografia;
- Documentos norteadores LDB 9394/96, (PCNs 1º e 2º ciclos);
- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); Base Nacional Comum Curricular – BNCC e Diretrizes Curriculares Nacionais e Estaduais (PR e SC);
- A organização do trabalho escolar; Planejamento: fundamentos;
- Seleção e organização dos procedimentos de ensino e dos recursos de ensino;
- Educação: compromisso com a qualidade as novas perspectivas para a educação;
- Estudo dos Temas Transversais (ética, educação ambiental, pluralidade cultural, Questões étnicas, direitos humanos, trabalho e consumo) e a aplicabilidade no Ensino da Geografia;
- A avaliação – seus pressupostos, funções, instrumentos, relação da avaliação com o processo ensino-aprendizagem.

Mares fechados ou isolados;
Mares continentais ou interiores;
Origem e formação das geleiras;
Geleiras continentais;
Legislação dos recursos hídricos;
Geleiras oceânicas.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os conteúdos serão tratados de forma contextualizada, interdisciplinar e transversal, para tornar a aprendizagem significativa associando-a com a experiência da vida cotidiana ou com o conhecimento já adquiridos estabelecendo uma ponte entre teoria e prática onde o raciocínio abstrato, a capacidade de compreensão de situações novas são à base da solução de problemas. Partir sempre do conhecimento espontâneo ao conhecimento abstrato e deliberado e deste para a compreensão e aplicação a situações particulares concretas, é um recurso pedagógico para tornar a constituição de conhecimentos um processo permanente de formação de capacidades intelectuais superiores. As técnicas de ensino a serem adotadas deverão retirar o aluno da condição de espectador passivo para uma relação de reciprocidade entre ele, sujeito, e o objeto de conhecimento. Estratégias diversificadas, que mobilizem menos a memória e mais o raciocínio, a reflexão, a observação ou outras competências cognitivas superiores, promovendo a interação entre aluno-professor e aluno-aluno propiciando formas coletivas de construção do conhecimento, além de aulas práticas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação como um processo será contínua, permanente e cumulativa preponderando os aspectos qualitativos da aprendizagem, dando-se relevância à atividade crítica, a capacidade de síntese e à elaboração pessoal. As técnicas e instrumentos de avaliação serão diversificadas como: desenvolvimento de temas em dinâmicas de grupo, pesquisas bibliográficas segundo a metodologia científica, testes elaborados que levem a reflexão, à crítica, à síntese e à produção pessoal, participação de eventos, etc.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

BRIGANTE, J.; ESPINDOLA, E.L.G.. *Limnologia fluvial*. Rima, São Paulo, 2003.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Técnicas de ensino individualizado e socializado; Reflexões e discussões sobre os temas educacionais; Pesquisa bibliográfica; Estudo de campo - Sala de aula; Aulas expositivas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Técnicas - observação – desempenho – instrumentos. Trabalhos de pesquisa – apresentação e elaboração de trabalhos e textos. Participação efetiva; testes. Miniaulas; Debates; seminários. Elaboração e execução de projetos prática pedagógica. Relatório das atividades realizadas.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO:

Coerência na articulação teoria - prática. Iniciativa e criatividade na organização e participação nas atividades individuais e coletivas. Bom desempenho e participação nos seminários e demais atividades que envolvam o conhecimento assimilado. Atuação e preparo das Miniaulas.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

PONTUSCHKA, N. N. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. Cortez. 2009.

KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico**. Contexto, 2008.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: prática Textualização no cotidiano**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BRASIL. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. V. 3. Capítulo 2 – Geografia. pp. 43-61. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. ISBN 85-98171-44-1.

BRASIL. PCNs - Ensino Médio – MEC. Ministério da Educação, LDBEM (Lei de Diretrizes e Base) 9394/96 - 1999.

BRASIL-MEC. Ministério da Educação e Cultura. LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. 1996. (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional). Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

PARANÁ- Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Diretrizes Curricular de Arte. Ensino Básico. 2008.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN, 1998. Ensino de Geografia p.132-138.

CORREIA, M. A. Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira. 2015. 232 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 2015.

Documento Oficiais Legais Estruturantes da Educação Nacional.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia da População	
SÉRIE:	1ºano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Estudos e abordagens de população na Geografia. Teorias e concepções sobre população. População e classes sociais. A dinâmica populacional. Os processos migratórios e a mobilidade territorial. A população brasileira e as desigualdades regionais. População e diversidade. Diversidade cultural. População e modo de vida. Diversidade religiosa. Diversidade étnico-racial. Diversidade de gênero. Diversidade sexual. População, as políticas de inclusão social o direito à cidadania. População, diversidade e ensino de Geografia.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Estudar as diferentes correntes teóricas da Geografia da População e compreendê-las associadas aos processos sociais historicamente estabelecidos;
- Relacionar a população com as formas de organização do espaço geográfico e de ocupação territorial;
- Discutir criticamente o fenômeno migratório;
- Compreender a mobilidade populacional articulada à dinâmica de trabalho;
- Possibilitar o entendimento da diversidade enquanto característica da pluralidade populacional e identificar seus rebatimentos espaciais;

- Fomentar, por meio do ensino de Geografia, o desenvolvimento da cidadania e o respeito às diversidades.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1- A população na Geografia

- a) Geografia uma ciência da sociedade.
- b) População e demografia: diferenças.
- c) Abordagens de população na ciência geográfica.

2- Teorias e concepções sobre população

- a) A teoria de Malthus: contexto histórico, o homem, a miséria e a fome.
- b) Neomalthusianismo e o controle do crescimento populacional.
- c) A teoria de Marx: população e capitalismo.
- d) Marx e a separação trabalhadores x meios de produção.
- e) População, classe social e Geografia.

3- População e ocupação do território

- a) Dinâmica populacional e processos sociais.
- b) Dinâmica populacional e a heterogeneidade territorial.
- c) População e migrações.
- d) População e mobilidade territorial do trabalho.

SEGUNDO SEMESTRE

4) População e Diversidade: vivemos em mundo plural

- a) Diversidade e diferença: esclarecimentos.
- b) Diversidade de modos de vida e de cultura.
- c) Diversidade religiosa.
- d) Diversidade étnico-racial.
- e) Diversidade de gênero.
- f) Diversidade sexual.

5) População e cidadania

- a) O que é cidadania.
- b) A cidadania no Brasil.
- c) Cidadania e Direitos Humanos.
- d) Cidadania e políticas de inclusão social.

6) População e o ensino de Geografia.

- a) População e diversidade na escola e na sala de aula
- b) Promover a cidadania por meio do ensino de Geografia.
- c) Educação, tolerância e o respeito a diversidade: escola e humanidade.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os procedimentos metodológicos serão baseados em aulas expositivo-interativas e dialogadas, nas quais, por meio dos questionamentos e debates permita-se o desenvolvimento do senso crítico para interpretar e compreender os conteúdos propostos. Além disso, aplica-se: Leitura obrigatória e necessária de textos científicos e reportagens que auxiliem na compreensão das discussões propostas; Utilização de filmes, documentários e músicas que permitam a reflexão sobre as inter-relações entre População e Geografia; Realização de seminários, mini-aulas e simpósios temáticos que estimulem a prática docente; Possibilidade de realização de aulas/trabalhos de campo que auxiliem no entendimento teórico-empírico da disciplina;

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Compreende-se que a avaliação é um processo necessário e constante e que, para ser satisfatório, exige práticas humanas no sentido de identificar às limitações dos alunos e a partir disso, avançar para alcançar a formação plena dos futuros professores. Para tanto, os alunos serão avaliados pela participação, posicionamento e debate em sala de aula. Pelo desenvolvimento da criticidade, por meio da compreensão e referência ao conhecimento geográfico acumulado historicamente, pela capacidade de análise teórica da realidade social e espacial abordada pela disciplina.

Esses pontos serão avaliados por meio de: Debates, seminários, mini-aulas e simpósios temáticos realizados em sala; Avaliação escrita, que pode ser em forma de: ensaios, textos, resenhas, fichamentos, artigos; Participação nos trabalhos de campo e elaboração de relatório em que articule-se teoria-empíria; Produção de material didático, quando for o caso.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

ALEGRE, M. **Estrutura da população brasileira**. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2002.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia: ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

DAMIANI, A. L. **População e Geografia**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEMO, P. **Política social, educação e cidadania**. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

GEORGE, P. **Geografia da População**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

MARTINS, J. de S. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BEUAJEU-GARNIER, J. **Geografia da População**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

BRITO, F. Os Povos em Movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, N. (Coord), **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**, FNUAP, São Paulo, 1996.

HAESBAERT, R.; BÁRBARA, M. de J. S. Identidade e Migração em áreas Transfronteiriças. **GEOgraphia** (UFF), Niterói, v. 5. 2001. (p. 45-65).

HARVEY, D. **Espaços da esperança**. São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, A. U. de O. **Para onde vai o ensino de Geografia?** 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

POVOA NETO, H. Migrações Internas e Mobilidade do Trabalho no Brasil Atual. Novos Desafios para a Análise. **Experimental**, USP, São Paulo, nº. 2. março, 1997. (p. 11-24).

RUA, J. Geografia, Escola e Cidadania. In: Rosa Saete Alba; Cristina Otsuschi; Antonio Francisco Zibordi. (Org.). **O Ensino da Geografia no Novo Milênio**. 1ed. v. 1. Chapecó: Argos, 2002. (p. 59-70).

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. In: Julio Lerner. (Org.). **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1996. (p. 33-144).

SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	HidroGeografia	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 64 horas	Prática: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Conceitos e fundamentos de HidroGeografia. Distribuição geográfica das águas pelos continentes e oceanos: Águas continentais superficiais e subterrâneas, águas oceânicas e marítimas. Dinâmica das águas: Ciclo hidrológico, padrões de drenagem e transporte de sedimentos. Água enquanto agente modelador do relevo. Análise sistêmica de Bacias hidrográficas. Legislação Brasileira de Recursos Hídricos. O sistema hidrográfico brasileiro: potencialidades e desafios. Poluição hídrica e importância econômica da água. Políticas públicas, planejamento e gestão de microbacias. Proteção de nascentes. Hidrografia Escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender os conceitos e fundamentos da HidroGeografia e sua relação com o espaço geográfico;
- Perceber a distinta distribuição das águas pelos continentes e oceanos analisando sua dinâmica e potencialidades;
- Observar as particularidades do ciclo hidrológico e compreender os fenômenos a ele associados;
- Empregar os conceitos sistêmicos nas análises acerca das bacias hidrográficas;

- Notar a ação das águas enquanto agentes modeladores do relevo;
- Discutir a legislação pertinente aos recursos hídricos;
- Analisar as políticas públicas no que tange aos recursos hídricos;
- Conhecer e compreender o sistema hidrográfico brasileiro;
- Realizar a transposição didática dos conteúdos de Hidrografia para a Educação Básica.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

Hidrografia: conceito e abordagens na Geografia;
Ciclo hidrológico;
Bacia hidrográficas;
Ocorrências e demandas;
Consumo;
Ciclo das águas (uso/contaminação);
Águas subterrâneas e superficiais;
Classificação dos cursos d'água;
Padrões de drenagem;
Hierarquia fluvial:
Generalidades de um rio;
Proteção de nascentes;
Erosão fluvial.

SEGUNDO SEMESTRE:

Fases de um rio;
Escoamento superficial;
Transporte de material pelas correntes: suspensão;
Solução;
Arrastamento;
Deltas;
Generalidades e origem dos lagos
Classificação dos lagos;
Generalidades dos oceanos:
Área e topografia submarina;
Ondas/marés;
Correntes;
Mares:
Características;
Mares abertos ou costeiros;

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. Editora Edgard BLUCHER, SP, 2002.

DREW, D. **Processos Interativos Homem - Meio Ambiente**. Ed. Bertrand, RJ, 2004.

REBOLÇAS, A. C. **Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**, Escrituras, São Paulo, 2001.

WENDLAND, E. **Bacia Hidrográfica: diversas abordagens em pesquisa**. Rima, São Paulo, 2001.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BLOOM, A. L. **Superfície da Terra**. Editora Edgard Blucher Ltda, RJ, 1999.

BRANCO, S. M. **Água: Origem, uso e preservação**. Editora Moderna, SP, 2001.

COIMBRA, P.; TIBÚRCIO, J. A. M. **Uma Análise do Espaço Geográfico**. Ed. Harbra, SP, 2005.

KLINK, A. **Mar sem Fim**. Companhia da Letras, SP, 2003.

LEINZ, V.; AMARAL, S. E. **Geologia Geral**. Ed. Comp. Editora Nacional, SP, 2005.

MACHADO, P. J. de O.; TORRES, F. T. P. **Introdução à HidroGeografia**. Cengage Learning, SP, 2000.

NAKATA, H.; COELHO, M. A. **Geografia Geral**. Ed. Moderna, SP, 1998.

PASSOS, M. M. dos. **A Raia Divisória: Geossistema, Paisagem e Eco-Historia**. Editora UEM, PR, 1997.

TOMMASI, L. R. **Meio Ambiente e Oceanos**. Senac, S, 2002.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Produção Textual	
SÉRIE:	1ºano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Texto e textualidade. Noções de língua e linguagem. Alfabetização e linguística. Sociolinguística. Leitura e produção de texto. Leitura: níveis de leitura, estratégias de leitura, dificuldades de leitura, segmentação textual. Técnicas de estudo e produção de textos científicos. Noções fundamentais sobre estrutura e conteúdo: coesão, coerência e clareza. Gêneros textuais: resenhas, resumos e artigo. Tipologia textual: narração, descrição e dissertação. Novo acordo gramatical. Aspectos gramaticais relevantes à produção textual: ortografia, pontuação, concordâncias e acentuação. A produção de textos na academia: a redação científica.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Estimular o pensamento ordenado e lógico, condição primordial para uma exposição clara, precisa e objetiva das ideias;
- Incentivar a leitura enquanto um mecanismo para a interpretação e produção de texto;
- Compreender e interpretar adequadamente diferentes textos;
- Identificar as ideias centrais e secundárias do texto;
- Instrumentalizar o acadêmico para redigir diversos gêneros textuais;

- Perceber os mecanismos de coerência e coesão textual;
- Elaborar textos com coesão, coerência e clareza.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

Conceito de texto;
Conceito e fatores de textualidade;
Noção de língua e definição de linguagem;
Linguagem verbal e não verbal;
Funções da Linguagem;
Conceito de leitura;
A leitura e a produção de textos;
Análise e interpretação de textos;
Técnicas de leitura, interpretação e produção de textos.

SEGUNDO SEMESTRE:

A escrita e a cultura;
Ortografia: a língua padrão;
Revisão das classes gramaticais;
Acentuação Gráfica;
Usos ortográficos especiais e nova ortografia;
Noção de Gêneros Textuais: conceituação e finalidade;
Diferenças entre resenha, resumo e artigo;
Textos narrativos, descritivos e dissertativos;
Argumentação e produção de textos;
Produção de Textos: a escrita de textos acadêmicos.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

- As aulas serão expositivas e dialogadas, contemplando leitura, interpretação e produção de textos, exercícios de fixação, trabalhos individuais e em grupo, apresentação de trabalhos.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Apresentação de trabalhos teóricos e práticos. Produção Textual. Prova escrita. Análise e interpretação de textos. Participação em aula.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

ANDRADE, M. M. de; MARTINS, J. A. de A. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. **Produção de textos e usos da linguagem**. Curso de redação. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CITELLI, A. **O Texto Argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

FARACO, C.A e MOURA, F. M. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

FARACO, C.A, e TEZZA, C. **Prática de Texto**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação** / José Luiz Fiorin. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FREGONEZI, D. E. **O professor a escola e a leitura**. Londrina: Edições Humanidades, 2003.

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K.S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MOTTA-ROTH, Desirée (org.). **Redação Acadêmica: princípios básicos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2001.

PLATAO; FIORIN. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2002.

VAL M. da G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

YAGUELLO, M. **Alice no País da Linguagem: para compreender a lingüística**. Lisboa: Estampa, 1991.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ARAÚJO, Ubirajara Inácio de. **Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade**. 2. ed. São Paulo : Humanitas, 2002.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e atual. pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática**. São Paulo, 1997.

CEREJA, W.R. e MAGALHÃES, T. C. **Texto e Interação**. São Paulo: Atual, 2000.

COLELLO, Silvia M. G. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Summus, 2012.

MANDRYK, D.; FARACO, C. A. **Língua Portuguesa: prática de redação para estudantes universitários**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MOTTA-ROTH, D. e HENDGES, G. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERISSÉ, Gabriel. **A arte da palavra: como criar um estilo pessoal na comunicação escrita**. Barueri: Manole, 2002

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Antropologia Cultural (OPTATIVA)	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 64 horas	Prática: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Antropologia como campo de conhecimento. Cultura. Origens da humanidade. Passado cultural do homem. Religião e Magia. Artes. Indígena Brasileiro.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Conceituar a Antropologia cultural e avaliar seu campo de estudo;
- Analisar a Antropologia cultural como ciência;
- Observar elementos que avaliem as origens da humanidade;
- Analisar o desenvolvimento cultural do homem;
- Compreender a organização social, interpretando os fatores de organização social;
- Discutir a organização econômica e seus fatores;
- Interpretar a organização política, seus elementos e conceitos.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Antropologia como campo de conhecimento;
- Conceituação;
- Antropologia Cultural como Ciência:
- Evolução;
- Emprego antropológico do termo Cultura;
- Relação entre Cultura e Sociedade;
- - Processos culturais;
- Difusão dos elementos culturais;
- As Origens da Humanidade:
- Classificação zoológica do homem;
- A evolução humana;
- Raças humanas;
- Desenvolvimento Cultural do Homem:
- Manifestações culturais;
- Fases da evolução cultural do homem;
- Cultura material: habitação, transportes; entre outros.
- Interpretação antropológica da Organização Social;
- Sistemas de parentesco;
- Família: conceito, tipos e funções;
- Comportamento econômico na perspectiva total da cultura;
- Características econômicas nas sociedades primitivas;
- Conceituação e características;
- Elementos da organização política;
- Tipos de organização política.

SEGUNDO SEMESTRE

- Religião e Antropologia:
- A Religião como elemento ativo da cultura;
- Posição dos antropólogos quanto as origens e funções da religião entre os diversos povos;
- Crenças e rituais;
- Relação entre magia e religião;
- As Artes: Aspecto Estético da Cultura:
- Papel desempenhado pela arte na vida do Homem;
- Origem e evolução da Arte;
- A arte pré-histórica;
- A arte indígena no Brasil;
- Indígena Brasileiro:
- Origem do homem na América;
- Índio e a realidade brasileira;
- Aculturação indígena e política indigenista brasileira.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Exposição oral dos conteúdos por meio de apresentações, exposição escrita, reflexão através de material escrito, pesquisa individual, pesquisa em grupo, interpretação dos conteúdos e seminários, resumos.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação como um processo será contínua, permanente e cumulativa preponderando os aspectos qualitativos da aprendizagem, dando-se relevância à atividade crítica, a capacidade da síntese e à elaboração pessoal. As técnicas e instrumentos de avaliação serão diversificadas como: desenvolvimento de temas em dinâmicas de grupo, pesquisas bibliográficas segundo a metodologia científica, testes elaborados que levem a reflexão, à crítica, à síntese e à reprodução pessoal, participação de eventos, etc.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

HERSKOVITS, M. **Antropologia Cultural**. Man and his Works. São Paulo: Ed. Mester Jou, 1936.

KEESING, F. **Antropologia Cultural: A ciência dos costumes**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

LIMA, C. P. de. **Evolução Humana**. Série Princípios, São Paulo: Ática 1986.

LINTON, R. **O homem: uma introdução a Antropologia**. 4ª edição, São Paulo: Livraria Martins, 1962.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: - Uma Introdução**. Editora Atlas S. A. 1989.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

MONTAGU, A. **Introdução a Antropologia**. 2ª edição, São Paulo: Cultrix, 1977.

RAMOS, A. R. **Sociedades Indígenas**. Série Princípios S/A. Ed. Ática, São Paulo, 1986.

SHAPICO, L. H (org). **Homem Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

SMITH, K. B. **História da Cultura, Origem e Evolução**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

PIAZZA, P. W. O. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia do Turismo (Optativa)	
SÉRIE:	1ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Aplicação do conhecimento geográfico à atividade turística a partir das categorias e conceitos-chaves de análise da Geografia e sua aplicabilidade ao turismo. A paisagem como recurso turístico. A relação turismo e natureza. Turismo: apropriação e reorganização do espaço. Panorama da Geografia do Turismo no Brasil, no Paraná e no Contestado. Principais centros emissores e receptores do turismo. Turismo: espaço rural e urbano. Turismo e patrimônio histórico. Turismo e desenvolvimento/local e regional. O papel do turismo no cenário da globalização e da mundialização da cultura. Políticas públicas para o turismo. Turismo e educação.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Estudar a relação entre a Geografia e o Turismo e a importância da análise geográfica do fenômeno turístico, através das categorias de análise da Geografia seus desdobramentos sociais, econômicos e ambientais, através da relação sociedade/natureza;
- Compreender o turismo como um fenômeno social e seu papel na organização do espaço;
- Analisar a apropriação e reorganização do espaço pelo turismo;

- Perceber as dinâmicas do turismo mundial, brasileiro, paranaense e do Contestado no contexto da globalização;

Identifica através da educação ambiental a importância da Geografia do turismo no ensino de Geografia.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

1-Turismo e Geografia: abordagens teórico-conceituais

- a) Apropriação e reorganização do espaço pelo turismo;
- b) O conceito de paisagem e o turismo;
- c) O turismo e a relação sociedade-natureza;
- d) Turismo e desenvolvimento.

2- A Geografia do Turismo no Brasil

- a) Polos emissores e receptores do turismo no Brasil;
- b) Turismo e patrimônio histórico e natural;
- c) Turismo urbano e turismo rural;
- d) Turismo: globalização e cultura.

SEGUNDO SEMESTRE:

3- Turismo: Estado e capital

- a) O poder público e o turismo;
- c) Políticas públicas para o desenvolvimento do turismo;
- b) O capital e o turismo;
- c) A apropriação de bens naturais e sociais para o turismo.

4- Turismo, ensino de Geografia e desenvolvimento local/regional

- a) Turismo e educação ambiental no ensino fundamental e médio;
- b) O turismo como possibilidade de desenvolvimento local;
- b) A economia do turismo e sua importância para a dinâmica econômica em pequenos municípios;
- c) O turismo no Paraná e no Contestado;
- d) Possibilidades turísticas do Território Contestado;
- e) Poder público e turismo no Contestado.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os procedimentos metodológicos serão baseados em aulas expositivas, a partir de textos-base indicados *a priori* pelo professor (de leitura obrigatória pelos alunos); criação de momentos de debate entre os aluno e o professor, a fim de levar o educando a refletir sobre as inter-relações entre o Turismo e a Geografia; realização de oficinas pedagógicas e/ou seminários temáticos com o objetivo de dar visibilidade ao conhecimento teórico adquirido pelos discentes; debates fomentados, mediante escolha prévia de textos; exibição de vídeos; documentários e filmes; e desenvolvimento de trabalhos de campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação será composta por seminários e debates realizados em sala, elaboração de trabalhos escritos como, relatórios, artigos e provas, além da construção de propostas de roteiros turísticos atreladas ao desenvolvimento local e aos objetivos da disciplina. Os alunos também serão avaliados por meio da participação nos trabalhos de campo, seguida da análise e compreensão da realidade social e espacial, por meio da socialização das apreensões e entrega de relatórios comentados em que se articule teoria-empíria permeadas pelo posicionamento crítico dos estudantes.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Turismo Urbano**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à Geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2001.
- CRUZ, R. de C. A. da. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- FERNANDES, I. P. **Economia do Turismo, teoria e prática**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- RODRIGUES, A. A. B. (Org.). **Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e Geografia - Reflexões Teórica e Enfoques Regionais**. 1. ed. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.
- UNARI, P. P.; ABREU, J. P. (Org.). **Turismo e Patrimônio Cultural**, 4ª.ed. revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2005.
- YÁZIGI, E. A. **Paisagem e Turismo**. São Paulo: CONTEXTO, 2002.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

- BEDIM, B. P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas - um ensaio teórico. **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 7, Nº 3, 2007.
- CASTROGIOVANNI, A. C. O Lugar da Geografia no entre lugar do espaço turístico: uma visão complexa que ainda continua. **Rosa dos Ventos**, v. 1, 2009. (p. 2-13)
- CASTROGIOVANNI, A. C. Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo. **Rosa dos Ventos**, v. 5, 2013. (p. 377-389)
- CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à Geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.
- CRUZ, R. de C. A. da. Patrimonialização do patrimônio: ensaio sobre a relação entre turismo, patrimônio cultural e produção do espaço. **Geosp (USP)**, v. 31, p. 95-104, 2012.
- CRUZ, R. de C. A. da. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul (UFSC)**, Florianópolis, SC, v. 20, n. 40, p. 27-43, 2005.
- CRUZ, R. de C. A. da. Turismo, território e o mito do desenvolvimento. **Espaço e Geografia (UnB)**, Brasília, v. 5, p. 19-26, 2000.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990. 148p.
- LIMA, L. C. (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: Editora Universitária da UFCE, v.2, 1999.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento interdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SILVEIRA, M. L. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org.) **Turismo, modernidade, globalização**, São Paulo: Hucitec, 1997. (p. 36-45)
- SINGER, P. **Introdução à Economia solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002
- YÁZIGI, Eduardo Abdo. Roteiro básico para a incorporação do turismo nas rotinas municipais. **Espaço e Geografia**, Brasília, n.11, 2000. (p. 87-95)
- YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A.; (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	BioGeografia	
SÉRIE:	1º Ano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

BioGeografia: conceituação e definição. História geológica da Terra. Origem da vida e evolução biológica (*seleção natural e fatores de adaptação*). Padrões de distribuição geográfica das espécies: dispersão, migração, especiação e extinção. Endemismo e regionalização: diferenciação geográfica. Regiões fitogeográficas e zoogeográficas do globo. O papel dos fatores ambientais na distribuição dos seres vivos. As grandes formações biológicas do mundo e do Brasil. Ecologia e Geografia. Biodiversidade e BioGeografia da conservação. Educação Ambiental. Ética Ambiental. BioGeografia Escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender teoricamente a construção e aplicação do conceito e das atribuições da BioGeografia na sua relação com a disciplina de Geografia
- Perceber a relação entre a história evolutiva da Terra, a origem da vida e a evolução biológica dos seres vivos;
- Compreender a distribuição dos seres vivos sobre o globo e os fatores geográficos que contribuíram para esta distribuição;
- Analisar as diferentes formas de adaptação dos seres vivos no decorrer do tempo histórico e geológico;

- Relacionar os fatores ecológicos com a distribuição das espécies bem como avaliar estas constantes inter-relações;
- Notar a relação dos fatores ambientais na distribuição das plantas e animais nos diferentes espaços geográficos;
- Estabelecer uma relação entre Ecologia e Geografia percebendo a importância da Biodiversidade e da conservação biológica;
- Discutir e se posicionar acerca das questões que envolvem a Educação Ambiental e a Ética Ambiental, sobretudo, em função da ação humana no meio ambiente;
- Realizar a transposição didática dos conteúdos de BioGeografia para o ambiente escolar.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- A BioGeografia: conceituação, definição e objeto de estudo;
- Ligeiro histórico da BioGeografia e sua relação com a Geografia;
- Origem da vida e processos de seleção natural das espécies;
- Evolução biológica do mundo animal e vegetal;
- Distribuição das espécies pelo globo: distribuição geográfica, ecológica e geológica;
- Regionalização geográfica das espécies: Regiões zoogeográficas e fitogeográficas do globo;
- Biomas do mundo e do Brasil: a dinâmica das paisagens;
- Fatores ambientais: análise da luz, água, umidade do ar, pressão, salinidade, oxigênio, - temperatura, florestas – padrões de distribuição;
- Sustentabilidade ecológica.

SEGUNDO SEMESTRE

- Cadeia alimentar, teia alimentar e ecossistemas;
- Associação entre seres vivos: relações harmônicas e desarmônicas;
- Conceito de comunidade ecológica e fases de uma sucessão;
- Ecologia e Geografia: aproximação e análises para o planejamento ambiental;
- Corredores ecológicos;
- Bioindicadores ecológicos;
- Micro-habitats;
- Educação Ambiental e Ética Ambiental;
- BioGeografia Escolar.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Exposições orais do professor, com o uso de mapas temáticos do mundo e do Brasil (físico, político, histórico, territorial, etc.); Leituras orientadas de apostilas e textos com dinâmicas de grupo e debates; Pesquisas bibliográficas e práticas; Recursos audiovisuais (vídeos, documentários, imagens, etc.); Construção de materiais didáticos; Utilização de maquetes e modelos tridimensionais; Construção de fichas, elaboração de relatórios; Dinâmicas de ensino; Aulas de campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Será avaliado o desenvolvimento teórico-metodológico do(a) acadêmico(a) nas questões descritivas que exigem interpretação e correlação de dados. Da mesma forma, será considerada a participação efetiva e fundamentada nas dinâmicas de grupo e questionamentos levantados nos debates/exposição de seminários, nos trabalhos de leitura e pesquisa extraclasse, na elaboração de pesquisas individuais, construção de material didático, provas semestrais e aulas de campo. Na apresentação oral dos trabalhos solicitados será avaliada a capacidade de expor corretamente (teoria, exemplos e informações) o tema com o auxílio de recursos didáticos. A avaliação formativa atribui notas de 0 a 10, somadas e divididas ao final, considerando a proporcionalidade da importância e profundidade das atividades.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

AB'SABER, Aziz. **Os Domínios da Natureza no Brasil. Potencialidades Paisagísticas.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DAJOZ, R. **Ecologia Geral.** Petrópolis, 1978.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. (et al.) **Geografia e Meio Ambiente no Brasil.** SP: Hucitec, 1995.

DANSEREAU, P. **Introdução à BioGeografia.** Boletim Geográfico n.148,151, IBGE.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental.** Petrópolis, Vozes, 2001.

MARTINS, C. **BioGeografia e Ecologia.** SP. Ed. Nobel, 1985.

ODUM, E. **Ecologia.** Ed. Pioneira/MEC. 2º. Ed. São Paulo, 1977.

BOFF, L. **As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.** Editora Mar de Ideias, 2012.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Ética do humano. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Coordenação de Educação Ambiental. A implantação da Educação Ambiental no Brasil. Brasília, 1998. 166 p.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. São Paulo: Gaia, 1993.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela; revisão de Paulo Freire Vieira. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável**. Editora da FURB: Blumenau, 2000.

MARTINS, Márcio Roberto Costa; SANO, Paulo Takeo. **Biodiversidade Tropical**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MATOS, N. S de. FACHINNI, S. **Terra em Alerta**. Editora Saraiva, 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; PRADO, Laura Rocha. (Orgs.) **História da BioGeografia: do Gênesis à primeira metade do século XIX**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

PENTEADO, H. **Meio Ambiente e formação de professores**. São Paulo: Cortez Editora, 1994. 120 p. (Questões da nossa época v.38)

PRIMACK, R. B. RODRIGUES, E. **Biologia da Conservação**. Editora Efraim Rodrigues, 2001.

RACHEL, C. **Primavera Silenciosa**. Editora Gaia, 2010.



TRAVASSOS, Edson Gomes. **A prática da educação ambiental nas escolas.** Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2.ed., 2006.

TROPMAIR, Helmut. **BioGeografia e Meio Ambiente.** 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2012. – Revisada e atualizada.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANOS DE ENSINO
SEGUNDO ANO DE GEOGRAFIA

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Cartografia Geral e Temática	
SÉRIE:	2ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Cartografia: conceituação, métodos e aplicações na Ciência Geográfica. Mapas, escalas, coordenadas e projeções. Dados e bases cartográficas. Referências de posicionamento na superfície terrestre. Escala cartográfica e sistema de coordenadas geográficas. Elementos de um mapa. Fusos horários. Medidas de área e distâncias. Pantógrafo e planímetro. Perfis topográficos em escalas diferentes. Noções de Topografia. Cartografia Temática qualitativa e quantitativa e sua aplicação. Cartografia Social. Sensoriamento remoto, a interpretação de gráficos, cores, símbolos e os diversos mapas temáticos. Legislação cartográfica. Cartografia Escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Identificar, descrever, compreender, analisar e representar os sistemas naturais e artificiais;
- Compreender, analisar e explicar a distribuição dos recursos naturais através dos mapas e gráfico;
- Analisar informações sobre os componentes do meio e seu grau de degradação;
- Elaborar e implementar projetos de ensino de Geografia;

- Organizar o conhecimento espacial, adequando-o ao processo de ensino-aprendizagem em Geografia e também Conceituar e avaliar a cartografia temática e seus elementos constitutivos;
- Obter noções referentes ao sensoriamento remoto;
- Diferenciar Cartografia Temática Qualitativa e Cartografia Temática Quantitativa;
- Interpretar gráficos de diversos tipos;
- Analisar e utilizar as cores e interpretar seus significados;
- Observar e analisar dados estatísticos;
- Observar, analisar e interpretar símbolos cartográficos;
- Saber usar materiais para desenho;
- Compor desenhos e mapas;
- Identificar e analisar diagramas;
- Analisar e interpretar mapas cartográficos.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

Introdução: Conceitos e objetivos da cartografia;
História da Cartografia e dos Mapas;
Cartografia no Renascimento;
As escolas de Cartografia;
A reforma da Cartografia;
A Cartografia Francesa e Portuguesa;
Os mapas dos Incas, Maias e Astecas;
A Cartografia Chinesa;
Mercator e os mapas.
Escala e projeções: Escalas; Paralelos e Meridianos;
Rumos e Azimutes, Projeções cilíndricas;
Projeções cônicas;
Projeções azimutais e outras;
Planimetria e Altimetria;
Confecções de Mapas: Representação do relevo (principais métodos);
Levantamentos topográficos;
Levantamento do terreno e do solo;

Noções de Levantamentos topográfico.

SEGUNDO SEMESTRE

Princípios Básicos para construção de mapas temáticos;
Cartografia: Cartografia Temática Qualitativa e Quantitativa;
Noções de Sensoriamento Remoto, Aerofotometria SIGs. Tradução gráfica de quantidades;
Gráficos de barras;
Construção de gráficos: Gráficos circulares, quadrados, triangulares;
Cores: Origem; Teoria Sumária das Cores;
Espectro eletromagnético;
Características gerais sobre as cores;
Simbolismo das cores para a cartografia; Colorido das cartas administrativas e especiais;
Simbolismos Cartográficos e os métodos de implantação de símbolos;
Cartografia Especial: Diagramas – Mapas Estatísticos;
Cartogramas;
Globos e modelos;
Mapas Científicos como: mapas econômicos e de uso da terra;
Mapas geológicos e diagrama de bloco;
Mapas geológicos e diagrama de blocos e Mapas científicos diversos.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas expositivas; Leituras e comentários de textos; Demonstração de aplicativos; Vídeos, leitura de mapas, gráficos, cartas, etc. Aulas práticas e expositivas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

As avaliações previstas constarão de resenhas, fichamentos, interpretação de documentos, apresentação de trabalho, produções textuais individuais. Atividades previstas para sala de aula: debates, seminários, resumo de palestras (na Instituição e ou fora dela), relatórios, visitas técnicas, provas escritas e textos acadêmicos ao final do curso. Com relação aos critérios de aplicação de notas nas avaliações temos: Com o objetivo de produzir o conhecimento, para as avaliações orais será levado em conta: preparação anterior, clareza na exposição, capacidade de arguição do tema, justificativa fundamentada segundo a proposta e domínio do conteúdo; para as avaliações escritas: clareza, a narrativa geográfica, coesão textual, fidelidade às leituras, e interpretação dos pressupostos de autores propostos, relevância de argumentações, uniformidade textual, gramática, ortografia, justificativa para as questões objetivas e capacidade de interpretação de textos literários. Mediante desempenho obtido em cada forma de avaliação. As notas variam de 0 (zero) à 10 (dez).

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

Coleção de Mapas (UNESPAR).

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

FONSECA, R. S. **Elementos de Desenho Topográfico**. São Paulo. Mac Graw – Hill, 1977.

JOLY, FERDINAND. **A Cartografia**. Campinas, Papirus, 1990.

MARTINELLI, M. **Curso de Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 1991.

McCOMARK, J. C. **Topografia**. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

NOVO, E. M. L. de M. **Sensoriamento Remoto: princípios e aplicações**. São Paulo: Blucher, 2010.

PARADA, M. de O. **Elementos de Topografia**. São Paulo: Autor, 1978.

SILVA, S. F. da. **A Linguagem do Desenho Técnico**. Rio de Janeiro. LTC. Editora A.A., 1984.

SIMMONS, C.H.; MAGUIRE, D. E. **Desenho Técnico**. São Paulo. Hermus, 1982.

TAISZ, E. **Cartografia Geral**. Ed. Científica. Rio de Janeiro, 1969.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

FITZ, P. R. **Cartografia Básica**. São Paulo: Oficina de Textos: 2008.

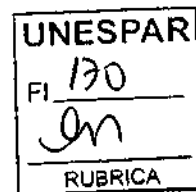
GASPAR, J. A. **Cartas e Projeções Cartográficas**. Lider Edições, LISBOA, 2000.

IBGE. Diretoria de Geociências. **Noções Básicas de Cartografia**, Rio de Janeiro: IBGE 1999.

NOVO, E. M. L. M. **Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações**. 2ed. São Paulo: Edgard, 1992.

OLIVEIRA, C. de. **Curso de Cartografia Moderna**. IBGE, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, C. de. **Dicionário Cartográfico**. IBGE, Rio de Janeiro, 1993.



PAUWELS, P. G. J. **Atlas Geográfico Melhoramentos**. Ed. Melhoramentos - São Paulo, 2003.

SOUZA, J. G. de. **Geografia e conhecimentos Cartográficos: A Cartografia no Movimento de Renovação da Geografia Brasileira e a importância do uso de Mapas**. São Paulo: UNESP, 2001.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Regionalização do Espaço Mundial	
SÉRIE:	2º ano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	128 horas	16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Região e processos de regionalização e organização do espaço mundial. O espaço mundial em sua totalidade. A relação sociedade-natureza e a produção do espaço mundial. Processos e relações econômicas, culturais e políticas no mundo. O Imperialismo e a expansão geográfica do capital. Os Conflitos nas diversas escalas geográficas. Relação local x global. A nova ordem mundial. Divisão Norte e Sul: mundo desenvolvido e subdesenvolvido. O mundo globalizado inserido no sistema capitalista. Globalização/fragmentação, redes e blocos econômicos de poder na regionalização do mundo contemporâneo. Regionalização e o ensino de Geografia.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Discutir o processo de regionalização do espaço mundial segundo as articulações históricas que o determinam;
- Possibilitar a compreensão do caráter universal da sociedade e do espaço para a formação básica do licenciado em Geografia;
- Compreender as diferentes escalas geográficas de regionalização do espaço mundial;
- Analisar a influência da globalização no processo de regionalização do espaço mundial;

- Discutir sobre as redes e fluxos mundiais e inter-relações na produção e (re)organização do espaço geográfico;
- Identificar os principais espaços de exclusão social no mundo contemporâneo;
- Caracterizar os principais blocos e acordos econômicos no mundo contemporâneo;

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

1-Região, regionalização e o espaço mundial

- a) O conceito de região e regionalização na Geografia;
- b) A divisão regional mundial e suas articulações históricas no processo de reprodução do mundo capitalista;
- c) A relação local x global;
- d) O espaço geográfico regionalizado: relação sociedade-natureza.

2) A regionalização do mundo contemporâneo

- a) Imperialismo: processos de regionalização e fragmentação do espaço mundial;
- b) O mundo dividido: o Norte desenvolvido e Sul Subdesenvolvido;
- c) O processo de globalização: unificação x fragmentação;
- d) A dialética da globalização e a regionalização do espaço mundial;
- e) As influências econômicas, políticas, sociais e culturais na regionalização do mundo.

3) Os blocos econômicos e a regionalização do espaço mundial

- a) Os principais blocos econômicos;
- b) Acordos de cooperação econômica e regionalização do espaço mundial;
- c) Impasses e perspectivas dos principais blocos econômicos.

SEGUNDO SEMESTRE:

3) Globalização e exclusão social no mundo contemporâneo

- a) Teorias sobre globalização;
- b) Globalização e exclusão social: as diferentes escalas de análise;
- c) As grandes metrópoles do mundo contemporâneo e a dialética da exclusão social;
- d) África e América Latina no contexto da globalização: as diferentes faces da exclusão social;
- e) Migrações no mundo contemporâneo;
- f) Questões étnico-raciais e direitos humanos no mundo globalizado.

4) Regionalização do espaço mundial na América Latina e no Brasil

- a) O Brasil diante do processo de regionalização mundial;

- b) Crises econômicas mundiais e suas implicações no Brasil;
- c) Regionalização da América Latina;
- d) Mercosul e IRSA e os desafios para a integração latino-americana.

5) Regionalização do espaço mundial e o ensino de Geografia

- a) Regionalização e ensino: um olhar para o Contestado diante do processo de regionalização mundial;
- b) Regionalização, globalização e ensino: o mundo entendido como totalidade.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os procedimentos metodológicos serão baseados em aulas expositivas, a partir de textos-base indicados *a priori* pelo professor (de leitura obrigatória pelos alunos) com fichamento de textos; criação de momentos de debate entre os alunos e o professor, a fim de levar o educando a refletir sobre os processos de regionalização em âmbito mundial, articulando com a realidade latino-americana e brasileira; realização de oficinas pedagógicas e/ou seminários temáticos com o objetivo de dar visibilidade ao conhecimento teórico adquirido pelos discentes; debates fomentados, mediante escolha prévia de textos; exibição de vídeos; documentários e filmes; e desenvolvimento de Trabalhos de campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

- Seminários e debates realizados em sala; Fichamento de textos; Participação nos trabalhos de campo; Prova escrita.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DORATIOTO, Francisco. **Espaços Nacionais na América Latina: da utopia boliviana à fragmentação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HAESBAERT, Rogério da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- HAESBAERT, Rogério. **Blocos Internacionais de Poder**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1993.
- HAESBAERT, Rogério. **China: entre o oriente e o ocidente**. São Paulo: Ática, 1994.
- HAESBAERT. **Globalização e fragmentação do mundo contemporâneo**. Niterói: EDUFF, 1998.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**, São Paulo: Loyola, 1992.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- IANNI, Octávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- Lencioni, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.
- MAGNOLI, Demétrio. **Visões do Mundo**. São Paulo: Moderna, 1998.
- MAGNOLI. **Panorama do Mundo**. São Paulo: Scipione, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- MOREIRA, Ruy. "Desregulação e remonte no espaço geográfico globalizado." in **Ciência Geográfica**, ano IV, nº 10. Bauru: AGB, maio-ago/1998.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

- ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimentismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BECK, Ulrich. **O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato; (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MENDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MOREIRA, Igor. **Construindo o espaço mundial**. São Paulo: Ática, 2004

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter, **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Didática e Ensino da Geografia	
SÉRIE:	2ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 144 HORAS	Teórica: 128 horas	Prática: 16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Estrutura educacional brasileira. Fundamentação teórico-metodológica para o trabalho docente. Organização e práticas didático-pedagógicas e burocráticas docentes. Estrutura e funcionamento do Ensino Básico. Modalidades, regimes e anos. Aplicações e conteúdos dos componentes curriculares da disciplina de Geografia. Tendências atuais do Ensino da Geografia. Interdisciplinaridade. Afazeres docentes. Planos de aula e materiais didáticos. Situações-problema e práticas de Ensino em Geografia.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Preparar o futuro professor em relação aos materiais didático a serem utilizados no ensino de Geografia;
- Perceber as diversas formas de organizar a prática docente;
- Contatar e preencher documentos escolares indispensáveis às práticas escolares;
- Preparar aulas e outras atividades de ensino;
- Utilizar os instrumentos de ensino de Geografia;
- Apreciar os documentos estruturais e legais do ensino formal;

- Preparação de outras atividades e materiais para aplicação nas aulas de Geografia no Ensino Básico.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

1º SEMESTRE

- Ensino de Geografia e a Estrutura Educacional Brasileira;
- Geografia e Ensino: aspectos cognitivos, econômicos, políticos, sociais e culturais;
- Teorias educacionais e suas aplicações no ensino de Geografia;
- O construtivismo no ensino de Geografia;
- Os paradigmas geográficos e suas respectivas aplicações no ensino;
- Alternativas didático-pedagógicas no Ensino de Geografia;
- O ensino tradicional da disciplina;
- O ensino no contexto da Geografia teórica-quantitativa;
- Práticas didáticas críticas e pós-modernas.

2º SEMESTRE

- Estrutura e Funcionamentos escolar: documentos legais (LDBNE 9394/96);
- PCNs, DCEs, Base Curricular Nacional, Plano Político Pedagógico da escola;
- Plano de aula – identificação, objetivos, conteúdos;
- Procedimentos, didáticos pedagógicos;
- Contato com as escolas locais – observação de atividades didático-pedagógicas;
- Documentação: preenchimentos de relatórios, diário de classe e outros;
- Preparação de aulas: métodos e técnicas de aplicação;
- Análise e preparo do material de apoio;
- Estudo dos Temas Transversais (ética, educação ambiental, pluralidade cultural);
- Questões étnicas, direitos humanos, trabalho/consumo e a aplicabilidade no Ensino da Geografia.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Exposições orais do professor, com o uso de mapas do Brasil (físico, político, histórico, territorial, etc.). Leituras orientadas de apostilas, com dinâmicas de grupo e debates. Dinâmica ou técnica de ensino. Recursos Audiovisuais: Retroprojeter, videocassete, videocâmara, flipchart (quadro-papel), álbum seriado, projetor de slides, estudos do meio.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Será formativa e somatória. Avaliado o desenvolvimento e/ou a participação do aluno nas provas, na dinâmica de grupo e questionamentos levantados nos debates na exposição de seminários, nos trabalhos de leitura e pesquisa extraclasse, na elaboração de redação e nas aulas de campo.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO: Serão avaliados os projetos de estágios, trabalhos realizados e aulas ministradas na Instituição e nas escolas conveniadas.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

ALVES, R. **Alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética. 1994.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, A C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS/AGB, 1999. (p. 57-63)

PONTUSCHKA, N. N. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. Cortez, 2009.

KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico**. Contexto; 2008.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2011.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. **Diretrizes Curricular de Geografia. Ensino Básico**, 2008.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais**. Florianópolis: COGEN, 1998. Ensino de Geografia p.132-138.

CORREIA, M. A. **Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira**. 2015. 232 f. Tese (doutorado) – Univ. Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 2015.

Documentos Oficiais Legais, regentes da educação nacional.



Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Psicologia da Educação	
SÉRIE:	2º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Aulas teóricas: 64 horas	Práticas: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Origem e conceitos básicos da Psicologia. Concepções de desenvolvimento: correntes teóricas e repercussões na escola. Desenvolvimento humano e aprendizagem. Processos básicos do comportamento. Psicologia da Adolescência. Personalidade. Sistemas teóricos de interpretação do processo ensino-aprendizagem. O professor e o processo ensino-aprendizagem.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Preparar os profissionais da educação para atuarem frente à realidade educacional do seu aluno e para que saiba situar-se na dimensão educador – educando;
- Propiciar ações de Pesquisa e aprendizagem aos acadêmicos por meio da elaboração de trabalhos científicos em Psicologia da Educação;
- Levar os futuros professores a apropriar-se dos conhecimentos sobre os principais constructos teóricos do processo ensino-aprendizagem e do relacionamento entre o agente cognitivo e o sujeito aprendente;
- Promover a preparação de professores reflexivos que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional;

- Contextualizar diferentes perspectivas teóricas em relação ao processo de aprendizagem;
- Situar o professor como um mediador do processo de aprendizagem do aluno, mapeando as possibilidades de organização das experiências de aprendizagem.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- ORIGEM DA PSICOLOGIA: INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA

- Conceitos de psicologia como ciência do comportamento;
- Objetivos, objetos de estudo e considerações metodológicas;
- Relação da psicologia com outras ciências;
- A evolução da ciência psicológica: antecedentes da psicologia contemporânea;
- A origem da psicologia científica;
- A psicologia científica: o funcionalismo, o estruturalismo e associacionismo.

AS PRINCIPAIS TEORIAS DA PSICOLOGIA NO SÉCULO 20: CORRENTES TEÓRICAS E REPERCUSSÕES NA ESCOLA

- O Behaviorismo: Condicionamento Clássico;
- Skinner e a visão ambientalista: Condicionamento Operante;
- A Gestalt: A Psicologia da Forma;
- A Psicanálise: Sigmund Freud.

SEGUNDO SEMESTRE

- ABORDAGENS UNIDIMENSIONAIS E MULTIDIMENSIONAIS DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

- Aspectos do desenvolvimento humano;
- A teoria do desenvolvimento humano de Jean Piaget: biografia, conceitos e fases de desenvolvimento;
- O enfoque interacionista do desenvolvimento humano – Vygostsky: biografia, conceitos e concepções de desenvolvimento e aprendizagem;
- O desenvolvimento afetivo – Wallon: biografia, conceitos e fases do desenvolvimento.

- PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA

- Fatores do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial;
- O adolescente no contexto familiar e escolar;
- A cultura do adolescente;
- O desenvolvimento da personalidade.

- O PROFESSOR E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

- O papel do professor no processo ensino-aprendizagem;
- Professor e aluno no processo ensino-aprendizagem.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

O desenvolvimento das unidades é estritamente sequencial. Os procedimentos selecionados são: Exposição de temas, pelo professor e pela classe, sob a forma de seminários e painéis, individuais ou em grupo. Utilização crítica de recursos audiovisuais (filmes). Estudos individuais e em grupo na sala de aula e na biblioteca. Situações-problema.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação será concomitante ao desenvolvimento dos conteúdos e demais atividades, observando-se: Frequência, participação e realização das atividades de grupo/classe. Pontualidade e assiduidade nas atividades programadas. Contribuição para o crescimento do grupo. A qualidade e organização dos trabalhos realizados. Produção individual e coletiva de produções escritas. Resultados de avaliações específicas – provas. Realização de leituras e iniciativas de discussão.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO: Senso crítico na organização e expressão de ideias; Coerência na articulação dos conhecimentos; Compreensão, segurança, domínio e objetividade demonstrados quando no tratamento dos conteúdos.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. 13ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

FREIRE, I. **Raízes da Psicologia**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

NOVAES, M. H. **Psicologia Escolar**. São Paulo: Vozes, 1984.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia Escolar**. Lisboa. Moraes, 1988.

DAVIS, C. ; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da Aprendizagem**. 10ed. São Paulo: Ática, 2001.

PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2003.

PETERSON, R.; FELTON-COLLINS, V. **Manual Piagetiano para Pais e Professores: Crianças na idade das descobertas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R; DAVIS, C. **Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais**. 15.ª ed. São Paulo: E.P.U., 2001.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Climatologia	
SÉRIE:	2º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Aulas teóricas: 64 horas	Práticas: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Conceitos fundamentais de Climatologia e Meteorologia. Classificação e escalas climáticas. Ar atmosférico: escalas de abordagem, características físico-químicas das suas camadas; circulação e dinâmica. Dimensão espacial dos elementos do clima: Temperatura, Umidade e Pressão do ar. Fatores geográficos do clima. Relações do homem com a atmosfera: fenômenos e efeitos sobre o Planeta. Tipos climáticos do mundo e do Brasil.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender os conceitos e a diferenciação entre Climatologia e Meteorologia;
- Conhecer a estrutura da atmosfera, compreendê-la e explicá-la em sua dinâmica;
- Analisar as classificações climáticas e suas escalas;
- Notar e compreender a dimensão espacial dos fatores e elementos que influenciam o clima;
- Perceber as relações humanas com a atmosfera compreendendo os efeitos no planeta;
- Discutir a classificação climática do mundo e do Brasil.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Concepções científicas e escalas de abordagem em Climatologia;
- Generalidades da atmosfera terrestre;
- Composição;
- Estrutura;
- Massa;
- Elementos do clima – Radiação solar e insolação;
- Temperatura;
- Umidade do ar;
- Pressão;
- As camadas da atmosfera;
- Movimentos da atmosfera;
- Classificação dos ventos;
- Os aliseos e contra aliseos.

SEGUNDO SEMESTRE

- O homem e a atmosfera;
- Ciclones;
- Brisas;
- Ventos locais;
- Monções;
- Temperaturas
- Nuvens;
- Chuvas/Granizo
- Neve;
- Nevoeiro/Orvalho/Geadas
- Tropical;
- Temperados;
- Polares;
- Tipos climáticos do Brasil e do mundo;

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os conteúdos serão tratados de forma contextualizada, interdisciplinar e transversal, para tornar a aprendizagem significativa associando-a com a experiência da vida cotidiana ou com os conhecimentos já adquiridos estabelecendo uma ponte entre teoria e prática onde o raciocínio abstrato, a capacidade de compreensão de situações novas são a base da solução de problemas. Partir sempre do conhecimento espontâneo ao conhecimento abstrato e deliberado e deste para a compreensão e aplicação a situações particulares concretas, é um recurso pedagógico para tornar a constituição de conhecimentos um processo permanente de

LUCCI, E. A. **O Sistema Terra**. Editora Saraiva, São Paulo, 1996.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia, noções básicas e climas do Brasil**. Oficina de Textos, São Paulo, 2009.

PRETOR-PINNEY, G. **Guia do Observador de Nuvens**. Intrínseca, RJ, 1999.

STRAHLER, A. N.; STRAHLER, A; H. **Geografia Física**. Ed. Omega, Barcelona-Espanha, 2003.

SCHNEIDER, S. H. **Laboratório Terra**. Editora Rocco Ltda, RJ, 2007.

TORRES, F. T. P.; MACHADO, P. J. de O. **Introdução a Climatologia**. Cengage Learning, SP, 2009.

VAREJÃO-SILVA, M. A. **Meteorologia e Climatologia**, Instituto Nacional de Meteorologia, Brasília, 2008.

VIANELLO, R. L.; ALVES, A. R. **Meteorologia básica e Aplicações**. Editora UFV, Viçosa. MG, 2009.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Licenciatura em Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia Econômica	
SÉRIE:	2º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	56 horas	16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

A formação socioespacial e a relação sociedade-espço-economia. O espaço geográfico e as diferentes racionalidades econômicas. Geografia econômica na atualidade: universalidade, particularidade e singularidade. A divisão técnica e territorial do trabalho. O trabalho na sociedade capitalista: questão de gênero e questões étnico-raciais. O processo de territorialização do capital e a desterração/desterritorialização. A Geografia econômica no Brasil e a reconfiguração do espaço econômico. Contestado e desagregação econômica, cultural e ambiental: modo de vida caboclo e economia madeireira.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Analisar os conceitos geográficos à luz da Geografia Econômica;
- Compreender a Geografia Econômica a partir da localização, organização, distribuição das atividades econômicas no espaço e seus desdobramentos socioespaciais;
- Aprender a divisão territorial do trabalho em seu processo de constante transformação e expansão; homogeneização e diferenciação do espaço geográfico;
- Conhecer a formação econômica de território Contestado a partir da expansão geográfica do capital, atravessada pela construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande, pela apropriação privada das terras, pela degradação da natureza e a pelo intuito em aniquilar o caboclo;

- Identificar os significados da reconfiguração do espaço econômico brasileiro a partir processo de territorialização capitalista;
- Entender o processo de expansão das atividades econômicas e os desdobramentos/impactos ambientais, sociais e quanto à desagregação dos modos de vida e de outras racionalidades econômicas.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

1º SEMESTRE

1. A teoria geográfica e a Geografia Econômica.

- a) Espaço, território, região e redes: conceitos chaves na Geografia econômica;
- b) Arranjo espacial e a formação econômica-social;
- c) Espaço e relações econômico-sociais;
- d) Articulação entre desenvolvimento econômico, social e ambiental;
- e) Modelos de desenvolvimento e seus desdobramentos territoriais e espaciais.

2. Geografia econômica: universalidade, particularidade, singularidade.

- a) A economia política na Geografia Econômica: os elementos da totalidade.
- b) Produção e Sociedade: divisão social e territorial do trabalho; questão de gênero e questões étnico-raciais.
- c) A distribuição desigual dos meios de produção.

2º SEMESTRE

3. A Guerra do Contestado e a expansão geográfica do capital.

- a) A racionalidade econômica dos caboclos;
- b) O discurso sobre o "Sertão" Contestado e a política de *modernização* do território;
- c) A apropriação privada da terra e a exploração madeireira no Contestado;
- d) Territorialização do capital e desterritorialização cabocla;
- e) A política da limpeza étnica e os processos de imigração;
- f) O Contestado hoje: a pobreza e a degradação da natureza e do trabalho.

4. A divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro.

- a) A ordem rural e a transição urbano industrial;
- b) O processo de concentração e desconcentração industrial;
- c) O Estado e a reconfiguração do espaço econômico;
- d) A divisão territorial do trabalho no século XXI;
- e) A territorialização e a monopolização do capital e os conflitos sociais: a busca pela homogeneização espacial, desagregação de modos de vida e a degradação ambiental.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas interativas, dialogadas e com o uso de questionamentos que possam auxiliar nas reflexões propostas, objetivando a formação de educandos que em suas práticas profissionais sejam cidadãos comprometidos com a transformação social. Leitura e discussão de textos científicos acerca das diferentes temáticas pertinentes à Geografia Econômica. Utilização de documentários que exemplifiquem os conteúdos discutidos em sala. Uso de reportagens sobre acontecimentos que envolvam a Geografia Econômica. Realização de debates e seminários temáticos. Possibilidade de realização de aulas de campo/trabalhos a serem organizadas juntamente com os discentes, com o intuito de verificar a relação teoria-empíria, por meio da apreensão da realidade espacial.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Os alunos serão avaliados através da participação e discussão em sala de aula, bem como, pela realização de trabalhos (ensaios, seminários, debates) e pela realização de avaliações escritas. Nas avaliações escritas (ensaios e provas) espera-se que os discentes relacionem a teoria discutida em sala, através da utilização correta de conceitos, apresentação do texto (introdução, desenvolvimento, conclusão), utilização de exemplos e posicionamento crítico. Nas avaliações práticas (apresentação de trabalhos/seminários) será avaliado o domínio do conteúdo (forma de apresentação e sistematização das ideias), a coerência teórica, a utilização de materiais e recursos didáticos, o emprego de exemplos e a interação com a turma. Os alunos também serão avaliados pela participação em sala de aula no que tange o posicionamento crítico e responsável diante da leitura de textos e realização de atividades propostas. Será realizada, pelo menos, uma avaliação escrita por semestre (que terá peso 2). Em cada semestre serão realizados, pelo menos, três ensaios (peso 1), sendo que destes, serão contabilizadas apenas as duas maiores notas.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

FRAGA, N. C. Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma análise acerca da formação territorial do Sul do Brasil. (Tese de Doutorado). Curitiba/ PR, UFPR, 2006.

FRAGA, N. C. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). **100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. 1ed., v. 1. Florianópolis, SC: Ministério Público de Santa Catarina, 2013. (369-392).

- FRAGA, N. C.; LUDKA, V. M. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. In: *Anais do XII GeoCrítica*. Barcelona, Espanha: Editora da UB, 2012 (p. 1-22).
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo, Loyola, 2006.
- LACOSTE, Y. **Geografia do subdesenvolvimento**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.
- LACOSTE, Y. **A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, Papirus, 1997.
- MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Editora Abril, 1982.
- MORAES, A. C. R. O Sertão: um outro geográfico. *Revista Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, v. 4/5, 2003. (p. 11-23).
- MOREIRA, R. **O que é Geografia**. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MOREIRA, R. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: Limonad, Ester. Haesbaert, Rogério e MOREIRA, Ruy. (orgs). **Século XXI. Por uma nova regionalização. Agentes, processos e escalas**. São Paulo: Max Limonad, 2004.
- MOREIRA, R. Da região, à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico para o mundo. In: *Revista ETC, Espaço, tempo e Crítica*, nº1(3), v. 1, junho de 2007. (p. 55-70)
- QUEIRÓZ, M. V. de. **Messianismo e Conflito Social**. 2ªed. São Paulo, Ática, 1977.
- RAFFESTEIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil – Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- THOMÉ, N. **Trem de Ferro: a ferrovia no Contestado**. 1ª edição. Caçador: 1980.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ALVES, J.; THOMAZ JÚNIOR, A. **Novo desenvolvimentismo, trabalho e luta pela terra e água no Complexo Hidrelétrico Madeira (RO)**. In: VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária; VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária; 1ª Jornada de Geografia das Águas, 2013, João Pessoa. VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária; VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária; 1ª Jornada de Geografia das Águas. João Pessoa: UFPB, 2013. (p. 1-25).

ANDRADE, M. C. de. **Geografia Econômica**. 12. ed. São Paulo, Atlas, 1987.

ANDRADE, M. C. de. **Uma Geografia para o Século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BECKER, B. **Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

BEZERRA, J. E. **Desenho territorial dos trabalhadores da fruticultura no município de Mossoró (RN)**. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010. (p. 1-10).

BEZERRA, J. E.; ELIAS, D. de S. **Difusão do trabalho agrícola formal no Brasil e sua dinâmica multiescalar**. Investigaciones Geográficas - Instituto de Geografía. Universidad Nacional Autónoma de México, v. 76, p. 104-117, 2011.

CAVALCANTE, M. M. A.; NUNES, D. D.; SILVA, R. G. da C.; LOBATO, L. C. **Políticas Territoriais e Mobilidade Populacional na Amazônia: contribuições sobre a área de influência das Hidrelétricas no Rio Madeira (Rondônia/Brasil)**. Confins (Paris), 2011.
 Domingues, Eliane. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade**, 2005. Memorandum, 8, p. 38-51.

ELIAS, D. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. **Revista NERA (UNESP), Presidente Prudente (SP)**, v. 1, n.8, 2006. (p. 29-51).

FIRKOWSKI, O L. C. F. **A inserção do Estado do Paraná no processo de desconcentração da indústria automobilística brasileira**. Polígonos (León), León - Espanha, v. 11-12, 2003. (p. 75-104).

FRAGA, N. C. **Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira**. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J. e TRICES, R. I. (Orgs). Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p. 228-255.

GALLO, I. C. D'. **O Contestado e seu lugar no tempo**. **Tempo (London)**, Rio de Janeiro, v. 6, 2001. (p. 143-155)

GEMELLI, D. D. **Dinâmica geográfica do trabalho e a expansão do capital: o monocultivo de pinus e seus desdobramentos no Sudeste do Paraná e Norte Catarinense**. Anais da XVI Jornada do Trabalho, Jardim: UFMS, 2015.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 1992.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo, Loyola, 2004.

LUDKA, V. M. **Contestado, a Fome e a Pobreza como Permanência da Guerra: cenários paradoxais no sul do Brasil**. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, 2016.

MATOS, P. A territorialização do capital no espaço agrário do Sudeste Goiano: formação de cidades do agronegócio. **Brazilian Geographical Journal**, v. 3, 2012. (p. 553-570).

MENDONÇA, M. R.; THOMAZ JUNIOR, A. **A modernização da agricultura nas áreas de cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho**. Investigaciones Geográficas. Instituto de Geografía. Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México - México, v. 55, 2004. (p. 97-121).

MOREIRA, R. **Formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à Geografia do Brasil**. 1ª. ed. v. 1 Rio de Janeiro: Consequência, 2012.

MOREIRA, R. **Geografia e praxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. 1ª. ed. V. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. São Paulo, Nobel, 1993.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geomorfologia	
SÉRIE:	2ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teóricas:	Práticas:
72 HORAS	56 horas	16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Conceituações e aplicações da Geomorfologia na Geografia. Formas de relevo: evolução e esculturação. Estrutura terrestre: processos endógenos e exógenos. Zonas morfoclimáticas e relevos associados. Formas erosivas. O relevo nas escalas do espaço e do tempo. Unidades morfoestruturais do globo. Geomorfologia fluvial, Geomorfologia litorânea e ações antrópicas. Mapeamento geomorfológico. Monitoramento ambiental e geoindicadores.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Conhecer, interpretar e explicar a varias expressões espaciais de uma superfície, que compões as diferentes configurações da paisagem morfológica considerando a sua dinâmica representada pelos sistemas e processos;
- Estabelecer uma relação entre os sistemas antecedentes que contribuem para as diferentes formas do relevo, quer sob a ótica geológica, climatologia, biogeográfica e antrópicas;
- Diferenciar e compreender os fatores endógenos e exógenos;
- Relacionar Cartografia e Geomorfologia;
- Analisar as complexas interações entre as esferas, independente de sua escala, mas que afetam profundamente o cotidiano das pessoas;

- Compreender como se dá o monitoramento ambiental através dos biondicadores.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Conceituação e caracterização da Geomorfologia;
- Sistemas em Geomorfologia;
- Processos de esculturação;
- Processos e formas;
- Meteorização ou intemperismo;
- Movimentos do regolito;
- Processo morfogenético pluvial;
- Ação biológica;
- Monitoramento ambiental.

SEGUNDO SEMESTRE

- Formas das vertentes;
- Terminologia;
- Modelos análogos;
- Dinâmica das vertentes;
- Geomorfologia fluvial;
- Hidrologia e geometria fluvial;
- Trabalho dos rios;
- Tipos de leitos fluviais;
- Padrões de drenagem;
- Geomorfologia litorânea;
- Formas de relevo.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os conteúdos serão tratados de forma contextualizada, interdisciplinar e transversal, para tornar a aprendizagem significativa associando-a com a experiência de vida cotidiana ou com os conhecimentos já adquiridos estabelecendo uma ponte entre teoria e prática onde o raciocínio abstrato, a capacidade de compreensão de situações novas são a base da solução de problemas. Partir sempre do conhecimento espontâneo ao conhecimento abstrato e deliberado e deste para a compreensão e aplicação a situações particulares concretas, é um recurso pedagógico para tornar a constituição de conhecimentos um processo permanente de formação de capacidades intelectuais superiores; As técnicas de ensino e serem adotadas deverão retirar o aluno da condição de espectador passivo para uma relação de reciprocidade entre ele, sujeito, e o objeto de conhecimento; Estratégias diversificadas, que mobilizem menos a memória e mais o raciocínio, a reflexão, a observação ou outras competências

BERTONI, J.; LONBARDIN NETO F. **Conservação do Solo**. Editora Icone. SP, 2009.

BLOOM, A. L. **Superfície da Terra**, Editora Edgard Blucher, SP, 2003.

BLOOM, A. L. **Modelagem de sistemas ambientais**. Ed. Edgard Blucher, São Paulo, 2007

CASSETI, V. **Ambiente e Apropriação do Relevo**, Ed. Contexto, São Paulo, 2009.

D'AGOSTINI, L. R. **Erosão o Problema mais que o Processo**, Editora da UFSC, SC, 2008.

GUERRA, N. J. T. **Coletânea de Textos Geográficos**. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2013.

VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. T. **Reflexões sobre a Geografia Física**. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2012.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso



Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória – PR
COLEGIADO DE GEOGRAFIA



Volume II

(p. 185 até p. 362)

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC)

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – 50 anos

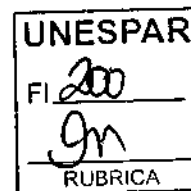
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR
Campus União da Vitória

Maio de 2017.

Praça Coronel Amazonas, s/n
União da Vitória- Paraná - Brasil- CEP 84.600-000
Fone (42)3521-9130- www.fafuv.br



CCHE
Curso de Geografia



PLANOS DE ENSINO
TERCEIRO ANO DE GEOGRAFIA

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Metodologia do Ensino da Geografia (MEG II)	
SÉRIE:	3º Ano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 144 HORAS	Teórica: 112 horas	Prática: 32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Educação formal e não-formal. Documentos oficiais, legislações específicas e currículo da Geografia Escolar. Documentos institucionais de estágio da UNESPAR. Função social da Geografia na Educação Básica e Superior. Fundamentos teórico-metodológicos e tendências no Ensino da Geografia. Organização, seleção e transposição didática dos conteúdos. Interdisciplinaridade, educação ambiental, direitos humanos e questões étnico-raciais. Estratégias e metodologias no processo de ensino-aprendizagem. Planos de aula e seus elementos. Cotidiano escolar e seus desafios. Aulas de co-participação e regência. Papel da pesquisa científica na práxis do professor.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender e valorizar a diferença entre a educação formal e a educação não-formal reconhecendo o valor dos diferentes saberes;
- Inteirar-se da dinâmica estrutural e pedagógica da Geografia Escolar Brasileira assimilando sua evolução ao longo do tempo;
- Constatar a importância da transposição didática da Ciência Geográfica para os conteúdos a serem ensinados na Escola Básica;
- Perceber a necessidade da variedade no uso das metodologias de ensino preparando os educandos para a utilização de diferentes opções e ferramentas de ensino;

- Conhecer, preencher e utilizar os documentos específicos do estágio supervisionado da UNESPAR;
- Oportunizar, através do Estágio Supervisionado, o contato dos acadêmicos com a realidade escolar, suas formas de organização e desafios;
- Problematizar questões de ensino-aprendizagem relacionando os conteúdos aos métodos e à avaliação;
- Enfocar questões acerca da interdisciplinaridade da educação ambiental, dos direitos humanos e das questões étnico-raciais;
- Reforçar a importância do aperfeiçoamento profissional através da pesquisa, da atualização e da produção de conhecimento.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Apresentação e discussão dos instrumentos institucionais que regem o estágio supervisionado no curso de Geografia do *Campus*;
- Saber do aluno (*senso comum*) e o Ensino da Geografia (*conhecimento científico*);
- Contato com as escolas locais, encaminhamento da documentação de Estágio;
- Construção das habilidades e atitudes para desenvolver o Estágio (*co-participação e regência de classe*) no Ensino Fundamental, componentes do projeto de estágio (*textos, planos de aula e documentos*);
- A realidade educacional mundial/brasileira e o Ensino da Geografia;
- As diferentes correntes do Ensino da Geografia – revisão e análise;
- A Geografia como disciplina autônoma e o trato de questões interdisciplinares como Direitos Humanos, Educação Ambiental e Questões Étnico-raciais;
- Diretrizes Curriculares de Geografia (*Paraná/Santa Catarina*) e outros documentos/legislações norteadores do ensino e comuns às Licenciaturas;
- O Ensino da Geografia na Educação Básica – diagnóstico dos conteúdos sistematizados e sua aplicabilidade;
- Simulação de Ensino e posterior prática das habilidades em classe – análise e discussão.

SEGUNDO SEMESTRE

- Pressupostos Teóricos da Geografia e sua implicação no processo educativo;
- Alternativas Metodológicas no Ensino da Geografia;
- Proposição e construção de material didático;
- A Questão do livro didático no Ensino da Geografia e as diferentes metodologias de ensino;
- Proposição e construção de material didático: as miniaulas;

- A questão da avaliação na prática docente;
- Dinâmicas de ensino: uso da música, aula de campo, dramatização, debate, entre outros;
- A pesquisa científica na formação do professor de Geografia;
- Elaboração de resumos/artigos e participação na semana de Iniciação Científica e no evento do Curso de Geografia (*Simpósio de Geografia – comunicação científica*).

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

- Exposição oral e escrita de conteúdos;
- Elaboração de materiais didáticos;
- Reflexão através de material escrito;
- Pesquisa individual e em grupo;
- Construção de fichas, elaboração de relatórios;
- Aulas dialogadas
- Leituras orientadas e reflexão;
- Elaboração e apresentação de projetos de estágio;
- Dinâmicas de ensino: Exposição e debate;
- Trabalhos de campo;
- Participação em eventos do curso;
- Seminário de estágios.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação formativa (*N1 – peso 4,0*) considera testes escritos, apresentações orais, trabalhos individuais e em grupo, provas, elaboração de atividades/projetos, construção de material didático, apresentação de miniaulas, debates, participações em eventos do curso. É a nota atribuída ao desenvolvimento da disciplina anualmente.

A nota do estágio anual (*N2 – peso 6,0*) será atribuída ao desenvolvimento do estágio no Ensino Fundamental, considerando uma média entre as seguintes notas: documentos institucionais, textos, planos de aula, relatórios, aulas de co-participação e regência, nota do professor orientador-supervisor do Colegiado, nota do professor supervisor da escola, cumprimento dos prazos e do Regulamento de Estágio do curso.

A soma das duas notas (*N1+N2*) configuram a nota anual do(a) acadêmico(a) na disciplina.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 7. ed. Porto Alegre, Mediação, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, José William. **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Papyrus Educação).

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.) **Para onde vai o ensino da Geografia?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o ensino).

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

VANCLEAVE, Janice. **Geografia para jovens**. Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA, 1995.

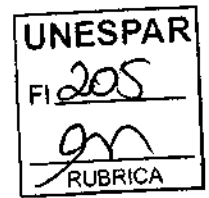
CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

SCHOUMAKER, Bernadette Mérenne. **Didática da Geografia**. 1. ed. Tradução de Celeste Marçal. Portugal: ASA Editores II, S.A.: 1999.

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando o Ensino).

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série: Ensino Fundamental).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. [et al.] **Prática de Ensino e o estágio supervisionado**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).



Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia Agrária	
SÉRIE:	3º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

O estudo da Geografia Agrária para a compreensão da produção do espaço geográfico. O processo de desenvolvimento do capitalismo no campo, suas contradições e os impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos no campo e na cidade. A permanência histórica da luta pela terra no país e suas consequências no espaço. Renda da terra. Agricultura capitalista x agricultura familiar camponesa. Complexos agroindustriais e a produção agrícola. Movimentos sociais no campo. Trabalho e produção no campo. Povos tradicionais, e a questão agrária no Contestado. A agroecologia. Soberania alimentar. Características atuais do campo no Brasil: estrutura agrária e conflitos sociais. Reforma agrária. Movimentos sociais e violência no campo. Educação no/do campo.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Propiciar a apreensão do espaço rural segundo bases teórico-conceituais e práticas da Geografia Agrária;
- Desenvolver a perspectiva da análise territorial por meio do processo de desenvolvimento no capitalismo no campo, suas contradições, conflitos e processos de resistência;
- Identificar as repercussões econômicas, sociais e ambientais da agricultura no âmbito da relação campo-cidade;

- Entender os movimentos sociais do campo e sua importância na produção do espaço agrário brasileiro;
- Compreender a Geografia Agrária no Contestado;
- Diferenciar e identificar a importância da Educação no Campo e do Campo.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1- Concepções teóricas da Geografia Agrária:

- a) Geografia agrária, agrícola e rural.
- b) A questão agrária no Brasil e na América Latina.
- c) A agricultura nos diferentes modos de produção.
- d) Relações de produção e de trabalho no campo sob o capitalismo.
- e) Agricultura camponesa e agricultura capitalista.
- F) Propriedade privada e renda da terra.
- g) Agroecologia e soberania alimentar.
- h) Relação campo-cidade.

2) A Geografia agrária na legislação brasileira:

- a) Lei de terra de 1850.
- b) Função social da terra.
- c) Questão agrária na ditadura militar.
- d) A legislação agrária na atualidade.

3) Agricultura capitalista e as implicações sociais e ambientais.

- a) Expansão agrícola e seus impactos ambientais e sociais.
- b) Novo Código Florestal.
- c) Agricultura e degradação da terra e água.
- d) A problemática dos agrotóxicos e fertilizantes químicos no Brasil.
- e) A agricultura e seus desdobramentos para a saúde do trabalhador.

SEGUNDO SEMESTRE

4) A importância do trabalho de campo na Geografia Agrária.

- a) O que é trabalho de campo?
- b) Metodologia do trabalho de campo.
- c) Importância do trabalho de campo para a pesquisa e ensino em Geografia agrária.

5) Subordinação e resistência no campo no contexto contraditório do modo capitalista de produção.

- a) Direitos humanos e o direito à terra para o trabalho e para a vida.

- b) Movimentos sociais na América Latina.
- c) Luta pela terra e reforma agrária.
- d) Diferentes agentes na luta pela terra no Brasil.
- e) A questão de gênero no campo.
- f) Povos tradicionais e luta pela terra.
- g) Questão indígena no Brasil contemporâneo
- h) Questão agrária e terras tradicionais no Brasil e no Paraná.
- i) A questão agrária no Contestado.
- j) Sementes Crioulas: resistência e autonomia.
- k) A produção agroecológica e as feiras.

5) Educação do campo e no campo.

- a) Importância do ensino da Geografia agrária em escolas rurais e urbanas.
- b) Educação do campo e no campo.
- c) O Estado e a educação no campo: escolas rurais no Brasil.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Os procedimentos metodológicos serão baseados em aulas expositivas, a partir de textos-base indicados *a priori* pelo professor (de leitura obrigatória pelos alunos) com fichamento de textos. Criação de momentos de debate entre os alunos e o professor, a fim de levar o educando a refletir sobre a Geografia Agrária. Realização de oficinas pedagógicas e/ou seminários temáticos com o objetivo de dar visibilidade ao conhecimento teórico adquirido pelos discentes. Debates fomentados, mediante escolha prévia de textos. Exibição de vídeos, documentários e filmes. Desenvolvimento de Trabalhos de Campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação é entendida enquanto um processo, portanto, será contínua, permeando todas as aulas da disciplina. Para tanto, os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula, posicionamento crítico, análise e questionamentos dos conteúdos propostos. Realização de seminários, apresentações de trabalho, simpósios temáticos e mini-aulas. Pela prática de trabalhos escritos, como fichamentos de textos, resenhas, produção de artigos, ensaios e por uma prova escrita no final de cada grande conteúdo. O trabalho de campo é um instrumento essencial para compreender a Geografia agrária e seus rebatimentos na organização do espaço, deste modo, os alunos serão avaliados pela participação na atividade e pela elaboração de um relatório de campo em que articulem a teoria discutida em sala de aula com a realidade apreendida.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

ALMEIDA, Rosemeire A. **(Re) criação do campesinato, identidade e distinção**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **NERA**, Presidente Prudente, ano 13, n. 16, Jan-jun./2010. (p. 22-32)

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Campo Território**, Uberlândia, v. 5, n. 9, 2010. (p. 5-16)

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2009. (p. 35-64)

CARNEIRO, Fernando Ferreira et al (Org.) **Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CPT - Comissão Pastoral da Terra. **Caderno Conflitos no campo Brasil 2015**. Goiânia: CPT, 2015. Disponível em: <<http://cptnacional.org.br/index.php/component/jdownloads/finish/43-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14019-conflitos-no-campo-brasil-2015?Itemid=0>>.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni. (Org.) **Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário**. 1. ed., v. 1. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 9. ed., v. 1. São Paulo: Contexto, 2010.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio; FRANCO GARCIA, Maria; VIANA, Pedro Costa Guedes. **A questão agrária no século XXI: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Geografia das lutas no campo**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. 1ª. ed. São Paulo: FFLCU/Labur Edições, 2007.

PAULINO, Eliane Tomiasi. A mudança do Código Florestal Brasileiro: em jogo a função social da propriedade. **Campo-Território**, Uberlândia, v. 7, n. 13, 2012. (p. 40-64).

_____. Soberania alimentar e campesinato: disputas teóricas e territoriais. **GEOgraphia**, Niterói, v.17, 2015. (p.177-204)

PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. (Org.). **Campeinato e territórios em disputa**. 1. ed., v. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. *INTERthesis*, Florianópolis, v.9, n.1, Jan./Jul. 2012. (p.16-50)

VALVERDE, Orlando. Metodologia da Geografia Agrária. *Campo Território*, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2006. (p. 1-16)

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

BARTRA VERGES, Armando. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BELLO, Walden. **A guerra pelos alimentos**. São Paulo: Leopardo, 2011.

BOMBARDI, Larissa Mies. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil. *Boletim Dataluta*, n. 45, p. 1-21, 2011.

CAMPOS, Janaina Francisca de Souza; FERNANDES, Bernardo Mançano. O conceito de paradigma na Geografia: possibilidades e contribuições para a interpretação da Geografia Agrária. *Campo-Território*, Uberlândia, v.6, n.11, ago. 2011. (p.21-52)

DOURADO, José Aparecido De Lima. Geografia "fora" da sala de aula: importância do trabalho de campo para Geografia agrária. *Campo-Território*, Uberlândia, v. 8, n. 15, 2013. (p. 1-22)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Brasil: 500 anos de luta pela terra. *Cultura Vozes*, VOZES, v. 93, n. 2, 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada - construindo a Educação do Campo. In: Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Mônica Molina. (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 1ed., v 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. (p. 133-146)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Quando a agricultura familiar é camponesa. In: João Pedro Stedile. (Org.). **A questão agrária no Brasil: interpretações sobre o camponês e o campeinato**. 1ed., v. 9. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2016. (p. 309-328)

FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford Andrew; GONÇALVES, Elienai Constantino. **Os usos da terra no Brasil: debate sobre políticas fundiárias.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

GARCIA JUNIOR, Afranio R. **O Sul: caminho do roçado.** São Paulo: Marco Zero, 1989.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária.** 3. ed. São Paulo: Proposta, 1980.

LEITE, Sergio Pereira; AVILA, Rodrigo Vieira de. Reforma agrária e desenvolvimento na América Latina: rompendo com o reducionismo das abordagens economicistas. **RER**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 03, 2007. (p. 777-805)

LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde S. (Orgs). **Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro.** São Paulo: Unesp, 2004.

MARCOS, Valéria de; FABRINI, João Edmilson. **Os Camponeses e a práxis da produção coletiva.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **NERA**, Presidente Prudente, ano 15, edição especial de textos selecionados, p. 41-51, ago. 2012.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso.** São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Mônica Dias (Org.). **O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia.** São Paulo: Viramundo, 2004.

MARX, Karl. **O capital.** Livro 3, Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** São Paulo: UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A apropriação da renda da terra pelo capital na citricultura paulista. **Terra Livre**, AGB, v. 1, n. 1, 1986. (p. 26-38)

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2002. (p. 63-110)

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 21, 2003. (p. 113-156)

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma Geografia dos camponeses**. São Paulo: UNESP, 2006.
 _____. Reforma agrária: o incomodo diálogo. *Agrária*, São Paulo, n. 14, p. 99-120, 2011.

PAULINO, Eliane T.; ALMEIDA, Rosemeire A. **Terra e Território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PINTO JÚNIOR, Joaquim M.; FARIAS, Valdez Adriani. **Função social da propriedade: dimensões ambiental e trabalhista**. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2005.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROSAS, Celso Antonio R.F. (Org.). **Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná**. Ponta Grossa: Estudio Texto, 2015.

SANTOS, José Vicente Tavares. **Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAUER, Sérgio; PEREIRA, João Márcio M. (Orgs.). **Capturando a terra: Banco Mundial, políticas fundiárias neoliberais e reforma agrária de mercado**. São Paulo: Expressão Popular, 2006

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; GONZÁLES DE MOLINA, Manuel. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituação e desconceituação-o velho e o novo em uma discussão marxista. *Estudos Cebrap*, Petrópolis, n.26, 1980. (p.43-79)

SILVA, Ligia Osório. **Terras devolutas e latifúndio**. Campinas: Edunicamp, 1996.

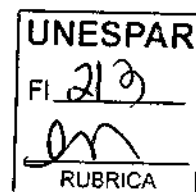
SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Unesp, 1999.

TALASKA, Alcione. **O espaço agrário brasileiro na perspectiva conceitual: dos aspectos legais às implicações territoriais**. Tese (Doutorado em desenvolvimento regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. O agrohídronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. *Campo-Território*, Uberlândia, v.5, n.10, ago. 2010. (p.92-122)

VALVERDE, Orlando. **Estudos de Geografia Agrária brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste**. São Paulo: Hucitec, 1995.



WOORTMANN, Klaas. *Com Parente Não se Neguceia: o campesinato como ordem moral.* *Anuário Antropológico* n. 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Licenciatura em Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia Urbana	
SÉRIE:	3º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

O processo de formação das cidades, da urbanização e da metropolização. Diferenciação conceitual entre o urbano e a cidade. As funções da cidade. Processos e agentes na produção do espaço urbano. A produção do espaço urbano e a relação campo-cidade. As diferentes temporalidades/rugosidades do fenômeno urbano. A rede urbana. Territorialidades urbanas. Segregação Socioespacial. Periferização das cidades e a questão ambiental. Movimentos sociais: o direito à cidade e à moradia. A Geografia urbana no Brasil, no Paraná e no Contestado.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Propiciar a "leitura" geográfica do fenômeno urbano a partir da compreensão dos conceitos basilares da Geografia Urbana como: espaço urbano, urbanização, metropolização, rede urbana, segregação socioespacial, dentre outros;
- Diferenciar a cidade do urbano por meio da análise de suas formas e funções;
- Compreender o processo de urbanização na história e nas distintas escalas geográficas;
- Estudar os conflitos no espaço urbano na relação com o direito à cidade e à moradia;
- Estudar o espaço urbano brasileiro, regional e local e suas distintas formas de apropriação pelos agentes produtores do espaço, os conflitos e os impactos socioambientais.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1- A Geografia Urbana no tempo-espaço

- a) O processo de surgimento e formação das cidades.
- b) A urbanização pré-capitalista, sob o modo de produção capitalista e na era da globalização econômica.
- c) A cidade e o fenômeno urbano: diferenciação.
- d) As diferentes temporalidades materializadas no espaço urbano: as rugosidades enquanto manifestações de diferentes tempos históricos.

2- As cidades e o processo de urbanização no Brasil

- a) O surgimento das cidades no Brasil e o processo de ocupação do território.
- b) O fenômeno urbano e as cidades como *locus* da acumulação capitalista.
- c) Urbanização concentrada e metropolização no Brasil.
- d) A Rede Urbana brasileira.

3- A produção do espaço urbano

- a) Agentes que atuam na produção do espaço urbano: ações e conflitos.
- c) A relação cidade-campo na produção do espaço urbano.
- b) Formas, funções e conteúdos do espaço urbano nas diferentes escalas.
- d) Metrôpoles, cidades médias e pequenas cidades.

SEGUNDO SEMESTRE

4- A produção do espaço urbano e os conflitos sociais

- a) De quem é a cidade?: segregação socioespacial.
- b) O processo de periferização e favelização nas cidades.
- c) Movimentos sociais urbanos: o direito à cidade e à moradia e aos direitos humanos
- c) A produção do espaço urbano e os conflitos socioambientais.

5- O espaço urbano regional

- a) A industrialização e urbanização no Paraná.
- b) Rede urbana no Paraná.
- b) As cidades e o urbano no Contestado: das cidades santas às cidades pobres.

6 - Espaço urbano e conflitos na cidade: Porto União da Vitória

- a) Do surgimento de Porto União da Vitória a separação: a criação de Porto União (SC) e União da Vitória (PR).
- b) A(s) cidade(s) e o urbano: a chegada do trem e a economia madeireira.
- c) Os problemas socioambientais: as enchentes e a produção do espaço urbano.
- d) A produção do espaço urbano e a segregação: de quem é a(s) cidade(s)?
- c) Políticas públicas para fomentar a integração das cidades.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas expositivas dialogadas; Leitura e discussão de textos científicos acerca da temática da disciplina; Utilização de documentários que exemplifiquem os conteúdos discutidos em sala; Uso de reportagens sobre acontecimentos recentes que envolvam a temática da disciplina; Realização de debates e seminários temáticos; Possibilidade de realização de aulas de campo a serem organizadas juntamente com os discentes.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Os alunos serão avaliados através da participação e discussão em sala de aula, bem como pela realização de trabalhos (seminários, relatório de campo etc.) e avaliações escritas. Nas avaliações escritas espera-se que os discentes relacionem a teoria discutida em sala através da utilização correta de conceitos, apresentação do texto (introdução, desenvolvimento, conclusão) utilização de exemplos e posicionamento crítico. Nas avaliações práticas (apresentação de trabalhos/seminários) será avaliado o domínio do conteúdo (forma de apresentação e sistematização das ideias), a coerência teórica e discursiva, bem como a utilização de materiais e recursos didáticos e o emprego de exemplos na interação com a turma. Os alunos também serão avaliados pela participação em sala de aula, leitura de textos e realização de atividades propostas.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 7ªed. São Paulo – SP: 2003.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1994.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios da geopolítica da cidade**. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, do Brasil, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5 ed. 5 Reimp. São Paulo: Centauro, 2011.

MOURA, Rosa. Paraná: meio século de urbanização. **RA'EGA**, n.8, p.33-44, 2004.

RODRIGUES, Arlete Moisés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana de países subdesenvolvidos**. 2ªed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Regina Bega. **Movimentos sociais urbanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 1991.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BRAGA, Rhalf Magalhães. Considerações sobre as principais tendências da Geografia Urbana. **Perspectiva Geográfica**, Francisco Beltrão, n.3, jul. 2007. (p.53-65)

CASTELLAR, S. M. V. A cidade e a cultura urbana na Geografia escolar. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 85, dez. 2006. (p. 95-113)

DAMIANI, Amelia Luisa. A Metrópole e a Indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. **Terra Livre**, São Paulo, v. 15, 2000. (p. 21-37)

DAMIANI, Amelia Luisa. A propósito do espaço e do urbano: algumas hipóteses. **Cidades** (Presidente Prudente), Presidente Prudente, São Paulo, v. 1, n. 1, 2004. (p. 79-95)

DAMIANI, Amelia Luisa. Urbanização Crítica e Produção do Espaço. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 6, 2009. (p. 307-339)

GEMELLI, Diane Daniela; GRANZA, Angela; MOREIRA, Elielthon. Geografia Urbana do Contestado: formas-conteúdo de Porto União da Vitória. In: **Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico**. Curitiba: Íthala, 2016.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, David. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006. (p. 163-191)

IKUTA, Fernanda Keiko. Os momentos sociais da produção da re-produção: uma leitura a partir da questão da moradia. In: THOMAZ JUNIOR, A.; CARVALHAL, M. D.; BRUMATTI CARVALHAL, Terezinha. (orgs) **Geografia e trabalho no século XXI** (volume II). Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2006. (p.71-103)

LENCIONE, Sandra. Algumas observações sobre a construção de conceitos e os conceitos de cidade e urbano. In: SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. (p. 79-98).

MARICATO, Ermínia. Metrôpoles brasileiras: periferia do capitalismo e globalização. **Cadernos do Desenvolvimento**, v. 4, 2008. (p. 129-137)

MARICATO, Ermínia. Globalização e política urbana na periferia do capitalismo. **VeraCidade** (Salvador. Impresso), v. 8, 2009. (p. 89-105)

MARICATO, Ermínia. Para entender a crise urbana. **CaderNAU: Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas**, v. 8, 2015. (p. 9-16)

RODRIGUES, Arlete Moisés. Estatuto da cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço. **Cadernos Metrópole**, n.12, 2004. (p. 9-25)

RODRIGUES, Arlete Moisés. Os geógrafos na luta pela cidade como direito. **Boletim Campineiro de Geografia**, vol. 3, n.1, 2013.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995

ROLNIK, Raquel. Democracia no fio da navalha: limites e obstáculos para a implementação de uma reforma urbana no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (ANPUR), v. 11, 2010. (p. 31-50)

ROLNIK, Raquel. Direito à Moradia. **Desafios do Desenvolvimento**, v. 51, 2009. (p. 41-41)

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 7. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Formas espaciais e papéis urbanos: as novas qualidades da cidade e do urbano. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 7, 2010. (p. 125-147)

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. **Revista de Geografia** (São Paulo), v. 35, 2010. (p. 51-62)

Professor(a) da disciplina

Coordenador(a) do Colegiado do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica	
SÉRIE:	3ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Fundamentos e características do saber científico. Universidade e conhecimento. Ciência, método e técnica. Tipos de trabalho científico. Normas técnicas do trabalho científico – ABNT. A ciência geográfica e seu objeto de estudo. Concepção intelectual/teórica da pesquisa. A pesquisa em Geografia e seus métodos. Diferentes metodologias de produção de informações para a pesquisa em Geografia. Pesquisas quantitativas e qualitativas: possibilidades e limitações. Metodologia da investigação científica. Construção Intelectual do Projeto de Pesquisa. Elaboração do projeto de pesquisa. Trabalho científico, organização e estrutura do projeto de pesquisa: problema e problematização, revisão de literatura e pesquisa bibliográfica, objetivos, justificativa, metodologias de pesquisa, cronograma de investigação e aspectos éticos da pesquisa.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a importância da pesquisa na Ciência Geográfica e os significados da pesquisa na formação do docente;
- Analisar os fundamentos do saber científico por meio da relação universidade e conhecimento.
- Diferenciar método e metodologia;
- Identificar a relação entre pesquisa e método geográfico.

- Apresentar metodologias de pesquisa em Geografia;
- Identificar os elementos formadores de um projeto de pesquisa e de um trabalho final (TCC);
- Possibilitar a organização e sistematização de um projeto de pesquisa;
- Orientar a elaboração de um projeto de pesquisa.
- Contribuir para a construção do objeto de pesquisa, identificar o método e as metodologias que serão utilizadas no desenvolver da pesquisa.
- Utilizar as normas técnicas para trabalhos científicos.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- O que é o conhecimento científico?
- A relação entre universidade e conhecimento;
- O fazer científico e o pressupostos axiológicos: ciência e sociedade; ciência e ideologia.
- Debate sobre a pesquisa Geográfica. Porque fazer pesquisa em Geografia?
- Pesquisa e a prática docente;
- Pesquisa em Geografia: espaço e tempo; sociedade e natureza;
- Os conceitos na pesquisa Geográfica;
- Métodos de pesquisa em Geografia;
- Metodologias de pesquisa em Geografia;
- O método em Geografia e reflexões metodológicas acerca das abordagens geográficas;
- Elementos do projeto de investigação, estratégias metodológicas e técnicas de pesquisa;
- Pesquisa bibliográfica e Pesquisa documental;
- Levantamento de dados primários e secundários;
- Estudo de caso; Observação e pesquisa participante e Pesquisa-ação;
- Instrumentos e técnicas de pesquisa;
- Trabalhos de campo; Observação; Questionários; Entrevistas; História de vida.

SEGUNDO SEMESTRE

- Estrutura e elementos do projeto de pesquisa;
- Escolha do tema/problema para o trabalho;
- Delimitação; Justificativa e Objetivos;
- Construção de hipóteses;
- Estrutura: conceitos básicos. Introdução, Desenvolvimento. Conclusão

- Organização do trabalho (artigo científico) para apresentação no Simpósio de Geografia (conteúdos voltados preferencialmente à Educação)
- Seminário de apresentação e debate dos projetos de pesquisa.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Exposição oral dos conteúdos; Confeção de pré-projetos, orientados pelo professor; Pesquisa individual; Pesquisa em grupo; Utilização de obras clássicas; Apresentação e interpretação de diversas tabelas e gráficos; Aplicação dos passos para a elaboração do projeto; Aplicação das etapas da pesquisa.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

- Os alunos serão avaliados através da participação e discussão em sala de aula, bem como pela realização de trabalhos (ensaios, seminários, debates) e pela realização de avaliações escritas.
- Nas avaliações escritas (ensaios e provas) espera-se que os discentes relacionem a teoria, método e metodologia discutida em sala, por meio da utilização correta de conceitos, apresentação do texto (introdução, desenvolvimento, conclusão) e posicionamento crítico.
- Nas avaliações práticas (apresentação de trabalhos/seminários) será avaliado o domínio do conteúdo (forma de apresentação e sistematização das ideias), a utilização de materiais e recursos didáticos, o emprego de exemplos e a interação com a turma.
- Os alunos também serão avaliados pela participação em sala de aula, leitura de textos e realização de atividades propostas.
- Como avaliação prevista para o segundo semestre, os alunos deverão elaborar um projeto de pesquisa, que deve ser entregue em data estipulada pelo professor em conjunto com a turma. Após a entrega dos projetos de pesquisa, será elaborada uma escala de apresentação e debate dos referidos projetos. A cada projeto apresentado, um aluno da turma (e se possível um professor, seja do colegiado ou externo) terá a responsabilidade de realizar o debate, com o intuito de contribuir com a re-elaboração do mesmo, devendo levar em consideração, na análise, o projeto escrito (problematização, objetivos, referencial teórico, metodologias etc) e a apresentação do aluno. Após o debate e as considerações de todos os projetos de pesquisa, os alunos devem entregar o projeto final que deverá ser utilizado para o desenvolvimento do TCC – Trabalho de Conclusão de Curso vinculado à disciplina de TCC, no quarto ano do curso.
- No segundo semestre os alunos devem submeter a proposta de pesquisa em forma de resumo, resumo expandido ou artigo para apresentação e publicação no Simpósio de Geografia.
- A disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa Geográfica é pré-requisito para cursar a disciplina de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

AB'SABER, A. N. **O Que É Ser Geógrafo**. Record. Rio de Janeiro. 2007.

CASTRO, I. E. (Et Al). **Geografia: Conceitos e temas**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1995.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. Atlas, 1995.

ECO, H. **Como se faz uma tese**. Pioneira, 1979.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo, Cortez. 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Território**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 21-28, jan./jun. 1999.

SPÓSITO, E. S. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4ª ed., São Paulo: Ed. Mc Graw Hill do Brasil, 1996.

CORREIA, M. A.. Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira. 2015. 232 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 13/04/2015.

MICHAELE, F. **Manual de Normalização Bibliográfica para Trabalhos Científicos**. Ponta Grossa: UEPG, 2005.

OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EdUNESP, 1998.

SUERTEGARAY, D. M. A. . O trabalho de campo na Construção do saber geográfico. In: Fioravante, K.E; Pereira, R.; Rogalski, S.R.. (Org.). **Geografia Epistemologia**. Ponta Grossa: UEPG, 2010, v. 1, p. 27-30.

TURRA NETO, N.. Roteiro básico e prático para elaboração de projeto de pesquisa. In: XVI Semana de Geografia da Unicentro? O Mundo Em Movimento: Cidade, Ambiente E Migração, Guarapuava: EDUNICENTRO, 2008.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Sociedade e Natureza	
SÉRIE:	3º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 56 horas	Prática: 16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

A relação sociedade-natureza na Ciência Geográfica. As diferentes formas de sociedade e suas concepções sobre natureza. A natureza enquanto condição de existência social e a natureza mercantilizada. A questão ambiental e a crise da sociedade. Desenvolvimento sustentável e modelo civilizatório. A necessidade da reunificação orgânica sociedade-natureza. Desenvolvimento de projetos para a educação básica.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a discussão teórica, historicamente acumulada, sobre sociedade e natureza na ciência geográfica.
- Analisar a relação dicotômica sociedade x natureza.
- Perceber que cada forma de sociedade produz determinada concepção sobre a natureza e que isso se projeta nas formas de organização social e espacial.
- Identificar possibilidades para superar a fragmentação sociedade x natureza, no sentido da reunificação orgânica homem-mulher-natureza.

- Possibilitar, por meio do ensino de Geografia, o desenvolvimento de ações e propostas que fomentem a relação sociedade-natureza em sentido pleno.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1- Discussão teórica sobre sociedade e natureza na ciência geográfica

- a) A dicotomia sociedade e natureza: um debate histórico.
- b) A relação sociedade e natureza na base dos estudos geográficos.
- c) Os conceitos são produzidos intelectualmente: a sociedade não é homogênea e o conceito de natureza não é natural.

2- A relação sociedade-natureza e a produção do espaço

- a) Das sociedades históricas à sociedade capitalista: diferentes racionalidades na relação sociedade-natureza.
- d) A separação homem/mulher-natureza: os trabalhadores separados dos meios de produção.
- c) A relação sociedade natureza: territorialidade e modos de vida.
- d) A natureza enquanto condição de existência e reprodução social.
- e) A natureza mercadificada enquanto condição para a acumulação capitalista.

SEGUNDO SEMESTRE

3) Questão ambiental e crise da sociedade: das causas à busca de soluções

- a) A questão ambiental é social.
- c) A questão ambiental em decorrência da crise da sociedade: o modo de vida capitalista e seus desdobramentos.
- b) Desenvolvimento sustentável: do discurso às possibilidades sob o atual modelo civilizatório.
- c) Educação ambiental enquanto um ato político: o desenvolvimento humano e cidadão.

4) A superação da dicotomia sociedade – natureza: os caminhos possíveis

- a) A reunificação orgânica entre homem-mulher-natureza.
- b) A natureza como um direito: a democratização no acesso à terra, água e floresta.
- c) Alternativas ao modelo dicotômico e fragmentador de concepção de natureza e sociedade.

5) O desenvolvimento de projetos para a educação básica: o reencontro entre sociedade e natureza

- a) A escola, o ensino de Geografia e a transformação social.

b) Propostas de ações no espaço escolar que permitam refletir sobre a relação sociedade e natureza.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas interativas, dialogadas e com o uso de questionamentos que possam auxiliar nas reflexões propostas, objetivando a formação de educandos que em suas práticas profissionais sejam cidadãos comprometidos com a transformação social, no contexto em que irão se inserir. Leitura obrigatória e necessária de textos científicos e reportagens que auxiliem na compreensão das discussões propostas. Utilização de diferentes materiais didáticos que permitam a reflexão sobre as relação sociedade-natureza. Possibilidade de realização de aulas/trabalhos de campo que auxiliem no entendimento teórico-empírico da disciplina.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

No processo avaliativo espera-se, no que se refere aos objetivos da disciplina, que os alunos consigam sistematizar as leituras e debates teóricos. A avaliação ainda visa a formação de profissionais e cidadãos responsáveis, éticos, solidários e críticos frente a realidade e dinâmica socioespacial. Nesse sentido, a avaliação da disciplina se baseará nos seguintes processos e práticas: Debates, seminários, mini-aulas e simpósios temáticos realizados em sala que estimulem a prática didática dos alunos. Avaliação escrita, que pode ser em forma de: ensaios, textos, resenhas, fichamentos, artigos, que contribuam no processo de formação por meio da sistematização de teorias, concepções e abordagens. Participação nos trabalhos de campo, com vistas a articular a teoria lida e discutida com a realidade conhecida em campo. Produção de material didático, elaboração de propostas, ações e projetos, no âmbito do espaço escolar, que estimulem a reflexão sobre a intrínseca relação sociedade-natureza.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. 5ª ed. São Paulo: Cotez, 2010.

MENDONÇA, Francisco. *Geografia e meio ambiente*. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2010.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Meio ambiente e ciências humanas**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1997.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15ª edição., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. **A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MOREIRA, Ruy. **Para Onde Vai o Pensamento Geográfico**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de; THOMAZ JÚNIOR, Antonio. A Relação Homem/Natureza no Modo de Produção Capitalista. **Revista Pegada Eletrônica** (Online), Presidente Prudente, v. 3, n. especial, 2002. (p. 123-130).

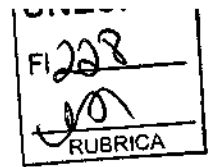
SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gala, 2003.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, Nov. 2007. (p. 71-94).

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia e Interdisciplinaridade. Espaço geográfico: interface natureza e sociedade. **Geosul** (UFSC), v. 18, 2003. (p. 43-54).

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Naturezas: epistemes inscritas nos conflitos sociais. **Terra Livre**, v. 41, 2013. (p. 17-30).



Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia Cultural	
SÉRIE:	3º Ano	
TURMA(S):		
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	56 horas	16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Epistemologia da Geografia Cultural: gênese, renovação e revalorização. Conceitos e temas da Geografia Cultural. Espaço geográfico e manifestações culturais: as formas simbólicas. Território, territorialidade e desterritorialização. Identidade cultural (IC) e Identidade territorial (IT). Topofilia. Paisagem cultural, imaginário e simbolismo. Geografia da religião: espaços sagrados e espaços profanos. Patrimônio material e imaterial. Pesquisa e método na Geografia Cultural. Questões étnico-raciais e direitos humanos. A Geografia Cultural na Educação Básica.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a evolução teórico-epistemológica da Geografia Cultural percebendo sua trajetória e revalorização na Geografia;
- Identificar e conhecer os principais conceitos e temas trabalhados pela Geografia Cultural na perspectiva da construção dos espaços;
- Perceber as manifestações culturais e respectivas formas simbólicas (expressões) dos diferentes povos;
- Analisar a dinâmica do território e dos consequentes processos de territorialização e desterritorialização;

- Diferenciar e caracterizar as identidades culturais e territoriais;
- Discutir a alma dos lugares na perspectiva da Topofilia e da afetividade;
- Compreender a Geografia da Religião através dos espaços sagrados e profanos notando a importância do patrimônio cultural;
- Conhecer e utilizar as diferentes metodologias de pesquisa na Geografia Cultural;
- Debater questões étnico-raciais e direitos humanos na perspectiva cultural sob as lentes da Geografia;
- Realizar a transposição didática dos conteúdos de Geografia Cultural para a Educação Básica.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Geografia Cultural: conceitos e trajetória;
- Teoria, método e pesquisa na Geografia Cultural;
- Conceitos e temas da Geografia Cultural: cultura, paisagem cultural, região cultural, território e territorialidades, ecologia cultural, área cultural, história cultural, entre outros;
- Legado cultural e tradições locais: ritos e rituais;
- A paisagem cultural e seus elementos;
- Espaços simbólicos;
- Topofilia e a alma dos lugares;
- Geografia da Religião: espaços sagrados e espaços profanos;
- Patrimônio Cultural: material e imaterial.

SEGUNDO SEMESTRE

- Identidade Cultural e identidade territorial;
- Questões étnico-raciais e direitos humanos das diferentes culturas do mundo;
- Políticas públicas e cultura – estudos de caso;
- Informação e cibercultura: as redes de comunicação e as mídias;
- Aspectos culturais da região do Contestado;
- Turismo cultural e turismo religioso;
- Cultura e Cartografia: mapas mentais e cartografia dos povos;
- O conceito de cultura nos manuais didáticos.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas expositivas e dialogadas; Leituras e comentários de textos digitais e impressos - discussões em seminários; Pesquisa documental: documentos, imagens, mapas, fotografias e outras ferramentas; Análise de situações contemporâneas; Estudos de caso; Trabalhos em grupo; Projetos e propostas de análise dos espaços culturais; Diálogos com profissionais da área (palestras, rodas de conversa, grupos de discussão); Aula de campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação em Geografia Cultural se dará por meio de provas semestrais, atividades individuais e em grupo, elaboração e análise de estudos de caso, participações em seminários e debates, apresentações de trabalho, entrega de fichamentos e resenhas, elaboração e produção de material didático, frequência e contribuição nas atividades de campo.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação - economia sociedade e cultura**. 2. ed. v. 2. Tradução de Klauss Brandini Gerhard. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Iná Elias de. et al. **Explorações geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias geográficas**. Prefácio de Milton Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: Ed da EDUSC, 2002.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**.

São Paulo: Difel, 1980.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ARANTES, Antonio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução à Geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, R. L.; e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. (p. 169-190). (Série Geografia Cultural).

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B. de.; HAESBAERT, R. (Orgs.) **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Acess, 2007 (a). (p. 33-56).

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). **Geografia cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANOS DE ENSINO
QUARTO ANO DE GEOGRAFIA

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Metodologia do Ensino da Geografia (MEG III)	
SÉRIE:	4º Ano	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 144 HORAS	Teórica: 112 horas	Prática: 32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Ensino de Geografia na Educação Básica. Educação e Geografia. Cotidiano escolar: particularidades e desafios da região do Contestado. Práticas pedagógicas em sala de aula. Estratégias e metodologias de aprendizagem dos conteúdos geográficos. Legislação específica da Educação Básica. Planos de trabalho docente. Construção de materiais didáticos. Ensino/aprendizagem e avaliação. Regência de classe supervisionada no Ensino Médio. Projeto, documentação institucional e relatórios de estágio.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender os procedimentos didático-metodológicos para a prática docente de Geografia no ensino Médio;
- Analisar e discutir o ambiente escolar em suas diversas modalidades, desafios e particularidades;
- Relacionar os conceitos de espaço, paisagem, lugar, território e região nos programas escolares;
- Garantir na proposta de ensino ações que atendam aos critérios teórica-prática, adequação e garantia de preceitos éticos;

- Relacionar o Ensino da Geografia, na perspectiva da epistemologia de Piaget, Vygostky, Bronfenbrenner, Paulo Freire, Rousseau, Walom, Pestalozzi, Sikinner;
- Construir formas de avaliação do processo ensino-aprendizagem em Geografia;
- Refletir e estudar sobre a inserção étnico racial, educação para alunos com necessidades especiais e direitos humanos.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Geografia no Ensino Médio: particularidades e características da região do Contestado;
- Alternativas metodológicas para o Ensino de Geografia;
- Interdisciplinaridade e espaço geográfico: natureza e sociedade;
- Base Nacional Comum, Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares de Geografia: análise de documentos oficiais;
- Geografia e Psicologia: teóricos, perspectivas e aplicações;
- Geografia e Ensino: teoria e método;
- Estágio de coparticipação e regência no Ensino Médio: texto teórico, documentação institucional, planos de aula e metodologias.

SEGUNDO SEMESTRE

- Escola campo de estágio: funcionamento, estrutura e organização curricular;
- Projeto Político Pedagógico da Escola campo de estágio, avaliação uso do tempo/espaço/ e corpos da escola. Os sujeitos da escola e sua dimensão coletiva do trabalho escolar; identidade do trabalho docente;
- Livros didáticos e o cotidiano do professor;
- Tema do estágio: teoria, aplicação, metodologia e planos de aula;
- Eventos do curso e da área: partilha de conhecimentos;
- Relatório Final de estágio supervisionado no Ensino Médio;
- Apresentação em banca examinadora do relatório final de estágio supervisionado.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aula expositiva dialogada e dinâmica de grupos; Confeção de pré-projetos, orientados pelo professor; Pesquisa individual e em grupo; Aplicação dos passos para elaboração do projeto; Instruções sobre encaminhamentos da documentação de estágio; debates e seminários; atividades práticas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação formativa ($N1$ – peso 4,0) considera testes escritos, apresentações orais, trabalhos individuais e em grupo, provas, elaboração de atividades/projetos, construção de material didático, apresentação de miniaulas, debates, participações em eventos do curso. É a nota atribuída ao desenvolvimento da disciplina anualmente.

A nota do estágio anual ($N2$ – peso 6,0) será atribuída ao desenvolvimento do estágio no Ensino Médio, considerando uma média entre as seguintes notas: documentos institucionais, textos, planos de aula, relatórios, aulas de co-participação e regência, nota do professor orientador-supervisor do Colegiado, nota do professor supervisor da escola, cumprimento dos prazos e do Regulamento de Estágio do curso e apresentação oral do relatório final de estágio supervisionado no Ensino Médio.

A soma das duas notas ($N1+N2$) configuram a nota anual do(a) acadêmico(a) na disciplina.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. Ed. Cortez .SP 2007.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

BRONFENBRENNER, U. **A teoria bioecológica do desenvolvimento humano: tornando seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ArtMed. 2011. (Original publicado em 2005)

CALLAI, H. C. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica**. In: MORAIS, E. M.; MORAES, L. B. **Formação de professores: conteúdos e metodologia no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG/Vieira, 2010.

CALLAI, H. C. **A Formação do profissional da Geografia**. Unijuí: Rio Grande do Sul, 1999.

CALLAI, H. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia, GO: Editora Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia**. In: **Educação geográfica e as teorias de aprendizagens**. Cadernos Cedes, nº 66, Campinas, SP: 2005.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, M. I. **Fim de Século – A Escola e a Geografia**. 2. ed. Ijuí: Unijui, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Unesp, 2000a

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Além do latifúndio: Geografia do interesse econômico gaúcho**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

HEIDRICH, A. L. et alli. **“A itinerância e o acampamento, condição e situação para o ensino de Geografia no MST”**. REGO, N., SUERTEGARAY, D. e HEIDRICH, A. L. (Org.) **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p.11-30.

KAERCHER, N. A. **Desafios e Utopias no Ensino da Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

MAFFESOLI, M. **Contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: 1997.

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento na Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PESTALOZZI, J.H. **Antologia de Pestalozzi**. Trad. Lorenzo Luzuriaga. Buenos Aires: Losada, 1946.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa** São Paulo: Contexto, 2002

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André.(Org.s). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação**. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Cortez, 2002. 1973.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo**. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix, 2006.(Trabalho original publicado em 1974).

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Teorias de aprendizagem são necessárias?** Rev. Brasileira de Análise do Comportamento. Vol. 1, nº1, 2005.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, José William. **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

YIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. trad. M. Resende. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo, SP: M. Fontes, 2007.

WALLON, H. **Evolução psicológica da criança**. Lisboa. Edições 70. 1995.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia do Brasil	
SÉRIE:	4ª	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
144 HORAS	112 horas	32 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Formação histórica e territorial do Espaço Brasileiro. Ocupação e Povoamento do território brasileiro. A relação Sociedade-Natureza e a produção do espaço. As paisagens naturais, sociais e culturais. A dinâmica socioeconômica e a diversidade regional do Brasil. A questão ambiental no Brasil: a produção do espaço brasileiro. Regionalização do espaço brasileiro. Reorganização produtiva do território. Domínios Morfoclimáticos: a diversidade do espaço brasileiro. A noção de escala geográfica: o Paraná no contexto brasileiro. Ambiente, cultura, economia e questões étnico raciais no Brasil. Prática do trabalho de campo em Geografia do Brasil. O ensino de Geografia do Brasil na formação escolar.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a formação sócioespacial brasileira no tempo-espaço.
- Identificar as regiões brasileiras, similaridades e contrastes: elementos históricos, econômicos, políticos, culturais e ambientais.
- Analisar os diversos aspectos da sociedade e do espaço geográfico brasileiro: o urbano, o rural e os contrastes regionais.

- Perceber a relação sociedade-natureza, no contexto da formação do espaço geográfico brasileiro, com ênfase no entendimento dos domínios morfoclimáticos.
- Compreender diversidade brasileira em seus aspectos físicos e humanos.
- Verificar a importância do trabalho de campo em Geografia do Brasil.
- Avaliar a importância do ensino de Geografia do Brasil na educação escolar.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1) A formação do Espaço Geográfico brasileiro

- a) O conceito de espaço geográfico: relação sociedade-natureza no tempo-espaço;
- b) História do Brasil e formação territorial;
- c) A ocupação do território brasileiro e os ciclos econômicos;
- d) O processo de ocupação e a importância dos aspectos físicos: clima, relevo e hidrografia;
- e) Povos originários: processo de desterritorialização indígena e de territorialização do português;
- f) Estrutura agrária e formação das cidades no Brasil.

2) Região e regionalização no Brasil

- a) O conceito de região e de regionalização na ciência geográfica;
- b) Regiões naturais, econômicas e culturais;
- c) Propostas de regionalização do espaço brasileiro;
- d) Formação de polos econômicos;
- e) Desigualdades regionais;
- f) Diversidade edafoclimática e morfológica.

SEGUNDO SEMESTRE

3) O povo brasileiro

- a) A formação da população brasileira: indígenas, negros, o português e os imigrantes;
- b) Diversidades cultural, religiosa e étnico racial no Brasil;
- c) Crescimento demográfico, uso da terra e utilização dos recursos naturais;
- d) Relação sociedade-natureza: campo-cidade;
- e) Políticas públicas e políticas de inclusão social.

4) O Estado e o espaço geográfico brasileiro

- a) O processo de urbanização no Brasil: a industrialização e as ações do Estado;
- b) O Estado e os Planos Nacionais de Desenvolvimento;
- c) Programas de incentivo à ocupação territorial e ao desenvolvimento econômico;
- d) Transformações sociais no campo e na cidade;
- e) Ocupações irregulares e em áreas de risco;

4) Trabalho de campo e o ensino de Geografia do Brasil

- a) O trabalho de campo como ferramenta de conhecimento do espaço geográfico brasileiro;
- b) A importância do trabalho de campo para a percepção dos diferentes "Brasis";
- c) O ensino da Geografia do Brasil: em busca da unificação entre a Geografia física e humana;
- d) A Geografia do Brasil para além dos dados quantitativos;
- e) Recursos didáticos e metodologias para o Ensino da Geografia do Brasil.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Técnicas de ensino individualizado e socializado; Reflexões e discussões sobre o espaço geográfico brasileiro; Pesquisa bibliográfica; Estudo de campo; Aulas expositivas e dialogadas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Trabalhos de pesquisa: apresentação e elaboração de trabalhos e textos; Participação efetiva: testes, mini-aulas, debates e seminários; Prova escrita; Relatório das aulas e trabalhos de campo; Produção de material didático.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO:

Coerência na articulação teoria - prática. Iniciativa e criatividade na organização e participação nas atividades individuais e coletivas. Desempenho e participação nos seminários e demais atividades que envolvam o conhecimento assimilado. Atuação e preparo de mini-aulas.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

AB'SABER, A. **Os domínios da natureza no Brasil - Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

ABREU, C. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização, 1975.

ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Moderna, 1995.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no nordeste**. 4. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

AZEVEDO, A. et al. **Brasil: a terra e o homem**. São Paulo: Nacional, 1964.

BICUDO, Hélio. **Violência: o Brasil cruel e sem maquiagem**. São Paulo: Moderna, 1995.

CUNHA, S. B. da & GUERRA, A. J. T. (Org.) (1998). **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

RIBEIRO, Dacy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentimento do Brasil**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo 1996.

ROSS, J. L. S. (Org.) (1995). **Geografia do Brasil**. São Paulo, EDUSP.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENE, Eustáquio. **Geografia Geral e do Brasil**. Espaço Geográfico e Globalização 2ª edição. Ed. Spicione. São Paulo. 2014.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ARAÚJO, R. & MAGNOLI, D. **Paisagem e Território**. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 1995.

BERTRANT, G. **Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico**. Caderno de Ciência da Terra - Revista do DG-FFLCH/USP, n.13. São Paulo, 1972.

BIGARELLA, J. J. **Estrutura e origens das paisagens tropicais e subtropicais: Fundamentos geológicos-geográficos, alteração química e física das rochas, relevo cárstico e dômico**. Florianópolis: UFSC, 2009

BRADFORD, M. G. **Geografia humana**. São Paulo: Gradiva, 1997.

GARCIA, H. C.; GARAVELLO, T. M.; **Dinâmica e Contrastes**. Geografia do Brasil. São Paulo: Scipione, 1995.

GEORGE, P. **Panorama do Mundo Atual**. São Paulo: DIFEL, 1985.

VESENTINI, J. W. **Brasil Sociedade e Espaço**: Geografia do Brasil. 31 ed. Ed. Ática. São Paulo. 2002.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia do Paraná e do Contestado	
SÉRIE:	4º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 56 horas	Prática: 16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

A formação histórica do território paranaense e os processos de ocupação. A relação sociedade-natureza e a produção do espaço paranaense. A dinâmica socioeconômica e a diversidade regional paranaense. As Regiões Paranaenses: aspectos físicos, econômicos e culturais. As fronteiras paranaenses e a Guerra do Contestado. A Guerra do Contestado e a formação dos territórios paranaense e catarinense. A Guerra do Contestado: agentes, sujeitos e a produção do espaço geográfico. Contestado: o caboclo e o processo de imigração. O Contestado e a economia madeireira. O Contestado: dinâmica social, econômica, política, cultural e ambiental. Contestado, religiosidade e fé: os monges e a crença num mundo justo e solidário. O Contestado um século após o término da guerra: desdobramentos geográficos. Geografia do Paraná e do Contestado no ensino de Geografia.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a formação do território paranaense.
- Analisar a ocupação do território paranaense no tempo-espaço.
- Identificar a relação sociedade-natureza na produção do espaço geográfico paranaense.
- Verificar a diversidade regional do Paraná por meio dos aspectos físicos, econômicos e culturais.

- Perceber a importância da Guerra do Contestado para a formação do território paranaense e catarinense.
- Constatar os desdobramentos da Guerra do Contestado na formação socioeconômica, cultural e ambiental do Paraná e de Santa Catarina.
- Delimitar a área de ocorrência da Guerra e relacionar com a formação socioespacial da atualidade.
- Discutir o papel dos monges na formação cultural e indenitária da população da região do Contestado.
- Contribuir para a discussão da Guerra do Contestado no espaço escolar.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Formação do território Paranaense;
- A ocupação e o povoamento do Paraná;
- A relação sociedade-natureza e o espaço geográfico paranaense.
- As fronteiras paranaenses;
- Ciclos Econômicos do Paraná: Tropeirismo, Erva Mate, Madeira, Café, Agricultura, Pecuária, Industrialização;
- A questão regional no Paraná: diversidade e contrastes;
- Questões ambientais locais e regionais;
- População e diversidade cultural;
- O Paraná no contexto do espaço geográfico brasileiro.

SEGUNDO SEMESTRE

- A Guerra do Contestado no tempo-espaço;
- Indígenas, caboclos e imigrantes na região do Contestado;
- A relação sociedade-natureza na região do Contestado;
- A construção da ferrovia, a instalação das madeireiras e desterritorialização cabocla;
- O desenrolar da Guerra: personagens e acontecimentos;
- O processo de limpeza étnica;
- O desmatamento e da "des"culturação pela *Brazil Railway Company*;
- A Geografia do Contestado na atualidade: ações ambientais, sociais e econômicas;
- Contestado: cultura, identidade e diversidade;
- O Contestado no ensino de Geografia.

ROSS, J. L. Sanches. (org.) **Geografia do Brasil**. USP, 2001.

SCALZARETTO, R. **Geografia Geral. Nova Geopolítica**, Editora Scipione. 1993.

THOMÉ, N. **Trem de Ferro: a ferrovia no Contestado**. 1ª edição. Caçador: 1980.

TONON, E. **Os monges do Contestado: Permanências, predições e rituais no imaginário**. Palmas: Kaygangue, 2010.

VINHAS DE QUEIRÓZ, M. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

WONS, I. **Geografia do Paraná, Física - Humana - Econômica**. 1983. Editora Ensino Renovado. Curitiba.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

DOMINGUES, E. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade**, 2005. *Memorandum*, 8, p. 38-51.

FÖETSCH, A. A. Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC). **Tese (Doutorado em Geografia)**. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2014.

FRAGA, N. C. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). **100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. 1ed., v. 1. Florianópolis, SC: Ministério Público de Santa Catarina, 2013. (369-392)

FRAGA, N. C. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma análise acerca da formação territorial do Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba/ PR, UFPR, 2006.

FRAGA, N. C. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J. e TRICES, R. I. (Orgs). **Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p. 228-255.

GALLO, I. C. D. O Contestado e seu lugar no tempo. **Tempo (London)**, Rio de Janeiro, v. 6, 2001. (p. 143-155)

LUDKA, V. M. Contestado, a Fome e a Pobreza como Permanência da Guerra: cenários paradoxais no sul do Brasil. **Tese (Doutorado em Geografia)**. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, 2016.

TONON, E. A força da tradição: dos Faxinais às Irmandades Místicas do Contestado. In: OLINTO, B. A.; MOTTA, M. M.; OLIVEIRA, O. de. (Orgs.). **História Agrária: Propriedade e Conflito**. Guarapuava: Unicentro, 2009. (p.319-340).

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia Política	
SÉRIE:	4º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 56 horas	Prática: 16 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Origens da Geografia Política e evolução da Geopolítica. Organização política do espaço mundial: Estado, Nação e Fronteiras. Espaço, poder e identidade. Poder Político: relação centro-periferia, colonialismo e imperialismo. Estado: teorias, modos de produção, sociedade de classes e estrutura(s) política(s). Mundialização e Globalização. Políticas estatais e sociais na produção dos territórios. Direitos Humanos. Escala geográfica: Geopolítica mundial e territórios em disputa e os problemas geopolíticos brasileiros. A Geografia política e a formação territorial do Contestado. A Geopolítica na Educação Básica.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Distinguir e compreender a diferenciação entre Geografia Política e Geopolítica;
- Discutir a mudança na concepção da geopolítica clássica, como ramo do saber geográfico que se dirigia ao Estado, para a concepção da geopolítica contemporânea, na qual se inclui a participação de vários atores;
- Compreender como as múltiplas e contraditórias formas de poder constroem o espaço, o território e as fronteiras;

- Estudar o contexto atual da Geopolítica mundial por meio dos territórios em disputa;
- Relacionar os processos de mundialização do capital e a globalização;
- Perceber a (des)construção dos territórios em função das diferentes territorialidades;
- Realizar a transposição didática do conteúdo de Geopolítica para a Educação Básica.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

1) Geografia Política e Geopolítica

- a) O contexto histórico e econômico da virada do século XIX/XX e o surgimento da Geopolítica;
- b) A evolução do pensamento em Geografia Política e Geopolítica: Conceituação, o campo de ação e atuação;
- c) Abordagem conceitual: Estado, Nação e fronteiras;
- d) Abordagem conceitual: Espaço, poder e identidade;
- e) O território na Geografia política e na geopolítica.

2) O poder na organização do espaço

- a) Poder, poder político e poder simbólico;
- b) Mundialização: colonialismo e imperialismo;
- c) Geografia e projeto político-territorial do Estado-Nação;
- d) Organização territorial do Estado moderno;
- e) Territorialismo e a ordem estatal contemporânea;
- f) Implicações políticas de mercado: consequências e interesses dominantes.

SEGUNDO SEMESTRE

3) O espaço geográfico e sua representação política

- a) Modos de produção e sociedades de classes;
- b) Globalização: dimensões e organizações supranacionais;
- c) Território, territorialidade e desterritorialização nas diferentes escalas de análise;
- d) Direitos humanos e o acesso ao território;
- e) Movimentos Sociais: surgimento, pautas e ações;

4) Geopolítica no contexto mundial: territórios em disputa

- a) O Brasil no contexto da Geopolítica;
- b) A Geopolítica do Contestado: a formação territorial e a definição de fronteiras;
- c) As disputas por território na atualidade: guerras e conflitos no mundo.

5) A Geografia Política Geopolítica na Educação Básica

- a) A dimensão política do ensino de Geografia: o que é e para que serve?
a) A elaboração de recursos didáticos para discutir e ensinar a Geografia política e a geopolítica na escola.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas expositivas e dialogadas; Leituras e comentários de textos digitais e impressos – discussões em seminários; Utilização de mapas, gráficos e outras ferramentas visuais; Análise de situações contemporâneas; Trabalhos individuais e em grupo; Análise de vídeos, manchetes e documentários atuais acerca da Geopolítica; Diálogos com profissionais da área (palestras, rodas de conversa, grupos de discussão); Aula de campo.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

A avaliação em Geografia Política se dará por meio de provas semestrais, atividades individuais e em grupo, participações em seminários e debates, apresentações de trabalho, entrega de fichamentos e resenhas, elaboração e produção de material didático, frequência e contribuição nas atividades de campo.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

CASTRO, Iná Elia de. **Geografia e Política**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995.

CATAIA, Marcio Antonio. A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. *Scripta Nova* (Barcelona), v. XI, p. 21, 2007

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo, Hucitec, 1992.

COSTA, Wanderley Messias da. Brasil e América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da Integração. In: Oliveira, E. R. (org.). *Segurança & Defesa na América do Sul: da competição à Cooperação*. São Paulo: Fundação Memorial da América do Sul, 2008.

FRAGA, Nilson Cesar **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: Uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil.** (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

HAESBERT, Rogério. **O mito da desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo.** São Paulo: Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. **Para onde vai o ensino de Geografia? – 10. Ed.** – São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização, do pensamento único à consciência universal.** 9a ed. Record, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo, Ática, 1993.

SENE, Eustaquio de. MOREIRA, João Carlos. **Espaço Geografia e Globalização.** In: Geografia Geral. São Paulo, Scipione, 1994.

SHIGUENOLI, Miyamoto. **Geopolítica e poder no Brasil.** São Paulo, Papyrus, 1995.

RATZEL. **Geografia.** São Paulo: Ática, 1990.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas.** São Paulo: Contexto, 2000.

VESENTINI, José William. **Nova Ordem, Imperialismo e Geopolítica Global.** Campinas-SP: Papyrus, 2003.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ALBAGLI, Sarita. **Geopolítica da Biodiversidade.** Brasília: Edições IBAMA, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geopolítica do Brasil.** São Paulo: Papyrus, 2001.

BECKER, Bertha K. **A Geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável.** In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (Orgs.). **A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BECKER, Bertha K. **A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável.** Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

CASTRO, I. Elias de. **Geografia e política: Território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

CATAIA, Marcio Antonio. Território político: fundamento e fundação do Estado. **Sociedade & Natureza** (UFU. Online), v. 23, 2011. (p. 115-125)

CATAIA, Marcio Antonio. Quem tem medo das fronteiras no período da globalização?. **Terra Livre**, v. 1, 2013. (p. 65-80)

CHOSSUDOVSKY, Michel. **A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1999.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Questões e mitos sobre a globalização. In: STROHAECKER, T. et al (org.) **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: ABG – Seção Porto Alegre, 1998.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Nova Des-ordem Mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

LACOSTE, Ives. **A Geografia, Isso Serve Em Primeiro Lugar para fazer a Guerra**. 3 ed. São Paulo, Papius 1993.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, Manoel Itaussu A. **Quem tem medo da geopolítica**. São Paulo, Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos**, Campinas, Papius, 1987.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **Integrar para não entregar. Políticas públicas na Amazônia**, Campinas, Papius, 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: FFLCHUSP, 1983. (p. 93-101)

RIBEIRO, Wagner Costa. A Ordem Ambiental Internacional. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura da. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

- Simular situações e construir materiais didáticos próprios;
- Conhecer e elaborar instrumentos de exploração da Língua de Sinais Brasileira.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE

- Introdução aos conceitos básicos: Surdez; Surdo- mudo; Deficiência auditiva; Mudez.
- Cultura e identidade surda.
- Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conceitos; história da língua de sinais;
- Língua ou linguagem;
- Mitos;
- A língua de sinais na constituição da identidade e cultura surdas.
- Características da língua, seu uso, variações regionais, sociais e históricas.

SEGUNDO SEMESTRE

- Noções básicas da LIBRAS: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, direção, expressões não-manuais, morfologia, sintaxe, números; expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpas, expressões socioculturais negativas: desagrado, verbos e pronomes, noções de tempo, de horas, datilologia, classificadores.
- Prática introdutória em Libras: Diálogo e conversação; Expressão viso-espacial.
- Vocabulário geral e específico;
- Legislação específica;
- Materiais didáticos;
- Simulação de ensino-aprendizagem específicos.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

As aulas serão expositivas dialogadas predominantemente em Língua de Sinais. Quando necessário serão utilizados recursos visuais (slides ou filmes) para facilitar o entendimento do conteúdo. Todos os conteúdos trabalhados serão contextualizados com verbos, pronomes, classificadores viso-espacial, expressões faciais e corporais. Discussão sobre o entendimento e análise das atividades solicitadas: Filmes e leituras bibliográficas.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Serão observadas a participação dos alunos nas discussões presenciais, suas explicações, opiniões e conclusões e a fluência e clareza na exposição em LIBRAS. Nas apresentações de trabalho serão avaliadas a clareza das informações, uso de imagens e explicação em LIBRAS. Serão realizadas provas e simulações de ensino, além da construção de materiais didáticos específicos.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo, Editora Parábola: 2009.

PIMENTA, N. e QUADROS, R. M. **Curso de Libras I.** (DVD) LSBVideo: Rio de Janeiro. 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Estudos Lingüísticos: a língua de sinais brasileira.** Editora ArtMed: Porto Alegre. 2004.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ALMEIDA, E. C. **Atividades ilustradas em sinais da libras.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em contexto.** Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.

LEITE, T. A. A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. **Tese (Doutorado em Letras)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de LIBRAS 1 – Iniciante.** 3 ed. rev. e atualizada. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes.** Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, Carlos B. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Editora Mediação. Porto Alegre. 1998.

FI 258
RUBRICA

--

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Astronomia (OPTATIVA)	
SÉRIE:	4º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 64 horas	Prática: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

História da Astronomia. A corrida espacial. Origem e composição do Universo e da Terra. Coordenadas geográficas e astronômicas. A Terra e seus movimentos. A medida do tempo. O sistema solar e seus componentes. Astronomia e cotidiano.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Discutir a relação entre as forças que regem o Universo e os fenômenos que ocorrem;
- Compreender os fenômenos que ocorrem na Terra em função do sincronismo sideral;
- Proporcionar ao aluno fontes com as quais possa interagir, sendo em aspectos geológicos, astronômicos e paleontológicos;
- Viabilizar subsídios práticos através de elementos regionais (rochas, fosseis, fenômenos astronômicos regionais, confecção de mapas estelares, etc), onde a compreensão da importância desta temática torna-se imprescindível no seu cotidiano.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

- Histórico e evolução da Astronomia;
- Os calendários: lunar, estelar e solar
- A Origem do Universo, teorias;
- Origem do Sistema Solar;
- Sol, Lua, Mercúrio e Vênus, Marte, Júpiter, Saturno e Urano, Netuno e Plutão.
- Os corpos menores do Sistema Solar:
- Os asteróides, Cometas, Meteoros, Meteoritos;
- A lua e sua revolução;
- Os eclipses;
- Os grandes nomes da Astronomia e seus inventos;
- As Técnicas de observação do Universo;
- Os grandes telescópios; As Leis de Kepler;
- Geocentrismo x heliocentrismo.

SEGUNDO SEMESTRE:

- As Estrelas:
- As colorações das estrelas;
- Magnitude das estrelas;
- Estrelas duplas, variáveis;
- Espectros estelares;
- Cor, grandeza e evolução das estrelas;
- Constelações boreais, zodiacais, austrais;
- Sistemas de referencia e suas inter-relações;
- Sistemas de medidas de tempo;
- Movimentos orbitais dos astros;
- Noções de perturbações gravitacionais;
- Deslocamentos dos planos fundamentais de referência.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas expositivas; Comentários de textos; Leituras; Demonstração de aplicativos; Vídeos. Laboratório de Astronomia; Laboratório de Informática; Missões observacionais (observatório Astronômico Andrômeda).

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Licenciatura em Geografia	
DISCIPLINA:	Geografia do Trabalho (OPTATIVA)	
SÉRIE:	4º	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL:	Teórica:	Prática:
72 HORAS	64 horas	08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

A ciência geográfica e a Geografia do Trabalho. O trabalho como relação ontológica do/da homem/mulher com a natureza. O caráter histórico do trabalho no capitalismo. A dinâmica territorial do trabalho engendrada pela subordinação às relações capitalistas de produção. Análise da Geografia do Trabalho no Contestado.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Compreender a dinâmica territorial do trabalho sob o capitalismo;
- Identificar a formação do espaço geográfico a partir da relação homem-natureza mediada pelo trabalho;
- Estudar as relações sociais do trabalho implícitas as territorialidades do capital;
- Desvelar a luta do capital contra a economia natural e camponesa;
- Fazer a leitura geográfica do Contestado a partir do sociometabolismo do capital e os desdobramentos à dinâmica territorial do trabalho;
- Desvelar as mudanças atuais no mundo do trabalho e seus desdobramentos para a territorialidade do trabalho.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

1º SEMESTRE

1) A ciência geográfica e seu objeto de estudo

- a) A Geografia e a sociedade.
- b) A Geografia e o espaço.
- c) Os conceitos geográficos.
- d) A Geografia e a relação tempo-espaço.

2) O trabalho na Geografia: a relação homem-mulher-natureza

- a) O que é o trabalho?
- b) Trabalho e a ontologia do ser social: a existência social.
- c) O trabalho e as mediações de primeira ordem com a natureza.
- d) O trabalho e a força de trabalho: a reprodução do capital.
- e) O trabalho e as mediações alienantes de segunda ordem.
- d) O trabalho e a produção de formas e conteúdos espaciais.

2º SEMESTRE

3) Expansão geográfica do capital e a dinâmica territorial do trabalho

- a) A separação trabalhadores x meios de produção.
- b) A distribuição dos indivíduos em sociedade.
- c) A divisão técnica e territorial do trabalho.
- d) Trabalho, juventude e questão de gênero.
- e) Trabalho, migração e mobilidade.
- f) Plasticidade e capilaridade do trabalho.
- g) Trabalho e saúde.
- i) Trabalho e a relação campo-cidade.

4) Uma leitura da Geografia do Trabalho no Contestado

- a) O mundo caboclo: terra, trabalho e modo de vida.
- b) O capital madeireiro: o trabalho na *Lumber*.
- c) A chegada dos imigrantes e os processos de trabalho e de reterritorialização.
- d) Dinâmica do trabalho no século XXI: degradação e resistência.
- e) A luta pela terra e a negação à acumulação do capital.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas interativas, dialogadas e com a prática do debate e dos questionamentos que possam auxiliar nas reflexões propostas. Leitura e discussão de textos científicos acerca das diferentes temáticas pertinentes à Geografia do Trabalho; Utilização de documentários que exemplifiquem os conteúdos discutidos em sala; Uso de reportagens sobre acontecimentos

recentes que envolvam os mundos do trabalho; Realização de debates e seminários temáticos; Possibilidade de realização de aulas de campo a serem organizadas juntamente com os discentes.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

Os alunos serão avaliados através da participação e discussão em sala de aula, bem como, pela realização de trabalhos (seminários, debates) e pela realização de avaliações escritas. Nas avaliações escritas (ensaios) espera-se que os discentes relacionem a teoria discutida em sala através da utilização correta de conceitos, apresentação do texto (introdução, desenvolvimento, conclusão) utilização de exemplos e posicionamento crítico. Nas avaliações práticas (apresentação de trabalhos/seminários) será avaliado o domínio do conteúdo (forma de apresentação e sistematização das ideias), a coerência teórica, a utilização de materiais e recursos didáticos, o emprego de exemplos e a interação com a turma. Os alunos também serão avaliados pela participação em sala de aula, leitura de textos e realização de atividades propostas. Nos trabalhos de campos os alunos serão avaliados pela participação e elaboração e de uma reflexão em que se articule teoria e empiria.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

FRAGA, Nilson Cesar. A guerra do contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo In. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (org.). **Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico**. Curitiba: Íthala, 2016.

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do capital**. Vol I. 2ª ed. – São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MARX, Karl. **O capital; crítica da economia política: livro I**. 29ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Por uma Geografia do trabalho! (reflexões preliminares). *Revista Tamoios* (Impresso), v. 1, p. 33-51, 2005.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Se camponês, se operário! limites e perspectivas para a compreensão da classe trabalhadora. In: Antonio Thomaz Júnior; Marcelo Dornelis Carvalho; Terezinha Brumatti Carvalho. (Org.). **Geografia e trabalho no século XXI**. 1ed. Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2006, v. 2, p. 130-167.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: Limites explicativos, Autocrítica e Desafios teóricos**. (Tese de Livre Docência em Geografia do Trabalho). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

THOMÉ, Nilson. **Sangue, suor e lágrimas no chão contestado**. Caçador: INCON, Edições UnC, 1992

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **O polvo e seus tentáculos: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940**. (Tese de Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ALVES, Giovanni. Crise da globalização e lógica destrutiva do capital - Notas sobre o sócio-metabolismo da barbárie. *Revista Katalysis*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 31-44, 2004.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariedade: a precariedade do trabalho no capitalismo global**. – Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. – São Paulo: Boitempo, 2005.

BRANDT, Marlon; CAMPOS, Nazareno José de. Costumes e usos da terra pela população cabocla do planalto de Santa Catarina. *Mercator* (Fortaleza. Online), v. 13, p. 193-208, 2014.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. **Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC)**. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, 2014.

FRAGA, Nilson Cesar **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado: Uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil**. (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FRAGA, Nilson Cesar Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In. WEHLING, Arno (org). **100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio**. Florianópolis, MPSC, 2013. p. 369-392

HECK, Fernando Mendonça. Territórios da degradação do trabalho: a saúde do trabalhador em frigoríficos de aves e suínos em Toledo Oeste do Paraná. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde** (Uberlândia), v. 9, 2013. (p. 48-66)

HECK, Fernando Mendonça. Trabalho precário e terceirização na cadeia avícola do Oeste Paranaense. **Revista Tempos Históricos**, v. 19, 2015.)p. 92-110)

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do capital**. Vol II. – São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

MOREIRA, Ruy. A novas noções do Mundo (geográfico) do trabalho. **Ciência Geográfica Ensino – Pesquisa – Método** (Seção Bauru/AGB) Bauru/SP, ano VII. Vol. III. 2001.

MOREIRA, Ruy. Teses para uma Geografia do trabalho. In. **Ciência Geográfica Ensino – Pesquisa – Método** (Seção Bauru/AGB) Bauru/SP, ano VIII. Vol. II. 2002.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

THOMAZ JÚNIOR. Antonio. O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da 'leitura geográfica'. In. **Revista Pegada**. Presidente Prudente-SP, v. 3, 20 p., out. 2002.

THOMAZ JÚNIOR. Antonio. A Geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. In. **Revista Pegada**. Presidente Prudente-SP. v. 4, n. 2, nov. 2003.

THOMAZ JÚNIOR. Antonio. Os limites da teoria, e a plasticidade do trabalho (repensar auto-crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil). **Pegada (UNESP. Impresso)**, v. 7, 2006. (p. 7-40)

THOMAZ JÚNIOR. Antonio. Degradação, resistência e centralidade do trabalho (as contradições do movimento territorial de classe). In: **XIII Jornada do trabalho ? A irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do Trabalho?**, 2012, Presidente Prudente. Anais da XIII Jornada do trabalho. Presidente Prudente: CEGeT - UNESP, 2012. (p. 289-306)

THOMÉ, Nilson. **Trem de Ferro: a ferrovia no Contestado**. 1ª edição. Caçados: 1980.

THOMAZ JÚNIOR. Antonio. **O Ciclo da madeira no Contestado: um retrato do século XX**. Curitiba: MTé Gestão em Comunicação, 2010

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. "O Pessoal da Lumber"! Um estudo acerca dos trabalhadores da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e sua atuação no

planalto norte de Santa Catarina, 1910 – 1929. (Dissertação de Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado 1906 -1916.** (Tese de Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2009.

Professor(a) da disciplina

Coordenador(a) do Colegiado do Curso

PLANO DE ENSINO

CAMPUS:	União da Vitória	
CURSO:	Geografia	
DISCIPLINA:	Tópicos Especiais em Estudos do Quaternário Brasileiro (OPTATIVA)	
SÉRIE:	4	
TURMA(S):	Noturno	
ANO LETIVO:		
PROFESSOR:		
CARGA-HORÁRIA ANUAL: 72 HORAS	Teórica: 64 horas	Prática: 08 horas

1. EMENTA DA DISCIPLINA NO CURSO

Compreender como ocorrem as alterações do contexto geológico/geomorfológico na evolução do cenário ambiental Brasileiro, com foco no Cenozóico, propiciando desta forma uma visão crítica da posição humana e de suas ações sobre o meio.

2. OBJETIVOS DA DISCIPLINA NO CURSO

- Discutir a relação entre as forças geológicas e ambientais que regem o planeta e os seres humanos;
- Tornar compreensível as alterações climáticas globais por intermédio da interpretação dos fenômenos atuais e dos registros paleontológicos e geológicos;
- Compreender o modo com que o planeta se comporta a partir das alterações climáticas ocorridas durante o Terciário, e como as mesmas influenciaram na formação do atual relevo e recobrimento florístico a nível global, regional e local.

- Apontar os possíveis desdobramentos das pesquisas desenvolvidas no que se refere as possibilidades outras investigações.

3. PROGRAMA DA DISCIPLINA

PRIMEIRO SEMESTRE:

- 1) **O regulamento do TCC em Geografia**
 - a) Objetivos, defesa, avaliação e entrega da versão final.
- 2) **A pesquisa em Geografia e a formação do professor-pesquisador**
 - a) Por que pesquisar?: a pesquisa na licenciatura.
 - b) As preocupações de pesquisa e o olhar sobre o espaço vivido.
- 3) **Os projetos de pesquisa**
 - a) Seminários: o debate e a construção coletiva e o olhar do outro.
- 4) **As temáticas pesquisadas e a ciência geográfica**
 - a) Conceitos e categorias de análise.
 - b) Coerência teórica: os autores, suas linhas de pensamento e as pesquisas dos alunos.
- 5) **O debate metodológico**
 - a) As metodologias qualitativas e quantitativas.
 - b) O aporte metodológico utilizado nas pesquisas e as discussões acumuladas
 - c) Troca de saberes e experiências
- 6) **A pesquisa em andamento: dificuldades, imprevistos e a correção de rumos**
 - a) A pesquisa redesenhada.
 - b) As normas de ABNT.
- 7) **A conclusão da pesquisa e a socialização coletiva**
 - a) Debates antes e após as bancas: apreensões das pesquisas desenvolvidas.
 - b) Desdobramentos e perspectivas futuras.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO DO PROFESSOR NA DISCIPLINA

Aulas interativas, dialogadas e com o uso de questionamentos que possam auxiliar nas reflexões dos projetos de pesquisa, objetivando a formação de profissionais críticos e reflexivos. Leitura obrigatória e discussão de textos científicos que contribuam para a reflexão e o desenvolvimento das pesquisas. Realização de seminários temáticos.

5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA NO CURSO

De acordo com o Regulamento de TCC deste colegiado a nota da disciplina de TCC é anual e é assim composta:

Nota 1 = N1 (Peso 4), composta: pela avaliação do Projeto de Pesquisa, seminários acerca da relação entre a temática pesquisada e a epistemologia da Geografia, bem como suas categorias de análise; seminários sobre as metodologias de pesquisa, seminários sobre o andamento e conclusão das pesquisas. Nota 2 = N2 (Peso 6) trabalho escrito, apresentação e defesa pública do TCC.

Se o aluno reprovar no trabalho escrito, na apresentação e defesa pública do TCC será necessário refazer a disciplina de TCC e por consequência o TCC.

Na disciplina de TCC não se aplica as normas referentes ao Exame Final.

6. BIBLIOGRAFIA BÁSICA DA DISCIPLINA

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de.; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BEAUD, Michel. **A arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário**. Tradução de Glória de Carvalho Lins. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BEBBER, Guerino. MARTINELLO, Darcy. **Metodologia Científica; Orientações para projetos, (pesquisa bibliográfica e de campo) – relatórios – monografias**. 3ªed. Caçador (SC). Universidade do Contestado – UnC, 2002.

BOOTH, Wayne C.; GREGORY, G. Colomb; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Ferramentas).

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2ªed. São Paulo: Atlas, 1987.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIA, Sarah Chucid da. **Pesquisa empírica em Ciências Humanas (com ênfase em Comunicação)**. São Paulo: Futura, 2001.

GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de Metodologia Científica**. Curitiba: Editora HD Livros, 1997.

JOHANN, Jorge Renato (Coordenador). **Introdução ao Método Científico: conteúdo e forma do conhecimento**. Canoas: Ed. ULBRA, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** Revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneira, 1997.

PARRA FILHO, Domingos. SANTOS, João Almeida. **Apresentação de trabalhos científicos: monografia, TCC, teses e dissertações.** 3ªed. São Paulo: Futura, 2000.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.** Petrópolis: Vozes, 1986.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 5ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia.** Preparação do original Mitsue Morisawa. 11ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Ferramentas).

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento.** 6ªed. Revisada (Conforme NBR 14724:2002). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica.** – 6ª ed., 1ª reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22ªed.rev. e ampl. De acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia** (UFF), Niterói/RJ, v. 7, 2002. (p. 92-99)

THOMAZ JUNIOR, Antonio. **Geografia passo-a-passo: ensaios críticos dos anos 90.** Presidente Prudente: Centelha, 2005.

UEPG. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Biblioteca Central Prof. Faris Michael. **Manual de normatização bibliográfica para trabalhos científicos.** 2.ed. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 51-68)

COLOGNESE, Sílvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. In. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, 1998. (p. 143-159)

SUGUIO, K. **Geologia Sedimentar**. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1º Ed, 2003.

7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DA DISCIPLINA

TEIXEIRA *et al* (org). **Decifrando a Terra**. São Paulo: Ed. Oficina de Textos. USP, 2000

SANTOS, A. R. dos. **Enchentes e Deslizamentos: causas e soluções**. Editora PINI, 2012.

MENDES, J. C. **Elementos de Estratigrafia**. T.A Queiroz. São Paulo, 1984.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso

DOURADO, José Aparecido De Lima. Geografia "fora" da sala de aula: importância do trabalho de campo para Geografia agrária. **Campo-Território**, Uberlândia, v. 8, n. 15, 2013. (p. 1-22)

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HALL, Michael. História Oral: os riscos da inocência. In: Prefeitura Municipal De São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 77-92)

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 105-136)

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4a. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EdUNESP, 1998. (p. 17-26.)

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, São Paulo, 11 (1), maio de 1999. (p. 189-195)

THOMPSON, Paul. Entrevista. In. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Professor(a) da disciplina

Coordenador do Colegiado(a) do Curso



Anexo IV LIVROS DE GEOGRAFIA



BARROS, C. S. G. Pontos de Psicologia Escolar. Lisboa. Moraes, 1988.

BARTRA VERGES, Armando. Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BAUMAN, Z. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BEAUD, Michel. A arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário. Tradução de Glória de Carvalho Lins. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BEBBER, Guerino. MARTINELLO, Darci. Metodologia Científica; Orientações para projetos, (pesquisa bibliográfica e de campo) – relatórios – monografias. 3ªed. Caçador (SC). Universidade do Contestado – UnC, 2002.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. rev. e atual. pelo novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 2009.

BECK, Ulrich. O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização. São Paulo: Paz eTerra, 1999.

BECKER, B. Brasil: uma nova potência regional na economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

BECKER, Bertha K. A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997.

BECKER, Bertha K. A Geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Mariana (Orgs.). A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BEDIM, B. P. O espaço capitalista da natureza e seu (contra)uso turístico: a dialética da visitação pública em áreas protegidas - um ensaio teórico. Caderno Virtual de Turismo. Vol. 7, Nº 3, 2007.

BELLO, Walden. A guerra pelos alimentos. São Paulo: Leopardo, 2011.

BERTONI, J.; LONBARDIN NETO F. Conservação do Solo. Editora Icone. SP, 2009.

BERTRANT, G. Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico. Caderno de Ciência da Terra - Revista do DG-FFLCH/USP, n.13. São Paulo, 1972.

BEUAJEU-GARNIER, J. Geografia da População. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

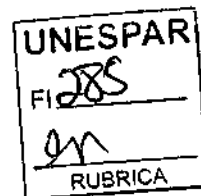
- AB'SABER, A. N. O Que É Ser Geógrafo. Record. Rio de Janeiro. 2007.
- AB'SABER, Aziz. Os Domínios da Natureza no Brasil. Potencialidades Paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ABREU, C. Caminhos antigos e povoamento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização, 1975.
- ALBAGLI, Sarita. Geopolítica da Biodiversidade. Brasília: Edições IBAMA, 1998.
- ALEGRE, M. Estrutura da população brasileira. Presidente Prudente: Unesp/FCT, 2002.
- ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo; ROCHA-LEÃO, Otávio Miguez. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 51-68)
- ALMEIDA, E. C. Atividades ilustradas em sinais da libras. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. O espaço geográfico: ensino e representação. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando o Ensino).
- ALMEIDA, Rosemeire A. (Re) criação do campesinato, identidade e distinção. São Paulo: UNESP, 2006.
- ALTIERI, Miguel. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. NERA, Presidente Prudente, ano 13, n. 16, Jan-jun./2010. (p. 22-32)
- ALVES, Giovanni. A condição de proletariedade: a precariedade do trabalho no capitalismo global. – Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2009.
- ALVES, Giovanni. Crise da globalização e lógica destrutiva do capital - Notas sobre o sócio-metabolismo da barbárie. Revista Katalysis, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 31-44, 2004.
- ALVES, J.; THOMAZ JÚNIOR, A. Novo desenvolvimentismo, trabalho e luta pela terra e água no Complexo Hidrelétrico Madeira (RO). In: VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária; VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária; 1ª Jornada de Geografia das Águas, 2013, João Pessoa. VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária; VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária; 1ª Jornada de Geografia das Águas. João Pessoa: UFPB, 2013. (p. 1-25).
- ALVES, Júlia Falivene. Metrôpoles: cidadania e qualidade de vida. São Paulo: Moderna, 1995.
- ALVES, R. Alegria de ensinar. São Paulo: Ars Poética. 1994.
- ANDRADE, M. C. A terra e o homem no nordeste. 4. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- ANDRADE, M. C. de. Geografia Econômica. 12. ed. São Paulo, Atlas, 1987.

- ANDRADE, M. C. de. Geografia: ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANDRADE, M. C. de. Uma Geografia para o Século XXI. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- ANDRADE, M. M. de; MARTINS, J. A. de A. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o homem no Nordeste. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. Campo Território, Uberlândia, v. 5, n. 9, 2010. (p. 5-16)
- ANDRADE, Manuel Correia de. Geopolítica do Brasil. São Paulo: Papyrus, 2001.
- ANTUNES, C. Geografia e Participação. Ed. Scipione, São Paulo, 1998.
- ANTUNES, E. O Contestado entre Paraná e Santa Catarina. Belém, Imprensa Oficial do Estado, 1918 (64 p.).
- ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. – São Paulo: Boitempo, 2005.
- APPOLINÁRIO, Fabio. Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- ARANTES, Antonio A. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ARAÚJO, R. & MAGNOLI, D. Paisagem e Território. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 1995.
- ARAÚJO, Ubirajara Inácio de. Tessitura textual: coesão e coerência como fatores de textualidade. 2. ed. São Paulo : Humanitas, 2002.
- ARGENTIÈRE, R. A Atmosfera. Col. Ciência e Divulgação, SP, 2002.
- ARRIGHI, Giovanni. A ilusão do desenvolvimentismo. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ASSUMPÇÃO, H. T. d'. A Campanha do Contestado. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Exército de Minas Gerais, 1917.
- AURAS, M. Guerra do Contestado: a organização da Irmandade Cabocla. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995
- AZEVEDO, A. et al. Brasil: a terra e o homem. São Paulo: Nacional, 1964.
- BAGNO, M. Preconceito lingüístico. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de.; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.



- CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. Ensino de Geografia: prática Textualização no cotidiano. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 2003.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. 7. ed. Porto Alegre, Mediação, 2009.
- CATAIA, Marcio Antonio. A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. Scripta Nova (Barcelona), v. XI, p. 21, 2007
- CATAIA, Marcio Antonio. Quem tem medo das fronteiras no período da globalização?. Terra Livre, v. 1, 2013. (p. 65-80)
- CATAIA, Marcio Antonio. Território político: fundamento e fundação do Estado. Sociedade & Natureza (UFU. Online), v. 23, 2011. (p. 115-125)
- CAVALCANTE, M. M. A.; NUNES, D. D.; SILVA, R. G. da C.; LOBATO, L. C. Políticas Territoriais e Mobilidade Populacional na Amazônia: contribuições sobre a área de influência das Hidrelétricas no Rio Madeira (Rondônia/Brasil). Confins (Paris), 2011.
- CAVALCANTI, L. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma
- CAVALCANTI, L. S. Geografia e práticas de ensino. Goiânia, GO: Editora Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- CEGALLA, D. P. Novíssima gramática. São Paulo, 1997.
- CEREJA, W.R. e MAGALHÃES, T. C. Texto e Interação. São Paulo: Atual, 2000.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 4ª ed., São Paulo: Ed. Mc Graw Hill do Brasil, 1996.
- CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1999.
- CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia Fluvial. Ed. Edgard Blucher, São Paulo, 2002.
- CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. Editora Edgard BLUCHER, SP, 2002.

- CHRISTOFOLETTI, Antonio. (et al.) Geografia e Meio Ambiente no Brasil. SP: Hucitec, 1995.
- CITELLI, A. O Texto Argumentativo. São Paulo: Scipione, 1994.
- CLAVAL, P. A Geografia Cultural. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche
- CLAVAL, Paul. Espaço e poder. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.
- COELHO, M. de A. O espaço natural e sócio-econômico. Ed. Moderna, São Paulo, 2002.
- COIMBRA, P.; TIBÚRCIO, J. A. M. Uma Análise do Espaço Geográfico. Ed. Harbra, SP, 2005.
- COLELLO, Silvia M. G. A escola que (não) ensina a escrever. São Paulo: Summus, 2012.
- COLOGNESE, Silvio Antonio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. In. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, 1998. (p. 143-159)
- COMAS SOLA, J. Astronomia. Ed. Ramos Sopena S/A, Barcelona, Espanha, 1997.
- CORRÊA, Roberto L. Trajetórias geográficas. Prefácio de Milton Santos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Introdução à Geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989.
- CORREIA, M. A. Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira. 2015. 232 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 2015.
- CORREIA, M. A. Doutrinação: a influência do pensamento gramsciano na Geografia crítica escolar brasileira. 2015. 232 f. Tese (doutorado) – Univ. Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Pós-Graduação em Geografia. Defesa: Curitiba, 2015.
- COSTA, Wanderley Messias da. Brasil e América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da Integração. In: Oliveira, E. R. (org.). Segurança & Defesa na América do Sul: da competição à Cooperação. São Paulo: Fundação Memorial da América do Sul, 2008.
- COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo, Hucitec, 1992.
- CPT - Comissão Pastoral da Terra. Caderno Conflitos no campo Brasil 2015. Goiânia: CPT, 2015. Disponível em: <<http://cptnacional.org.br/index.php/component/jdownloads/finish/43-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14019-conflitos-no-campo-brasil-2015?Itemid=0>>.
- CRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da Geografia. 2. ed. Rio Claro SP: Difel, 1982.
- CRUZ, R. de C. A. da. Introdução à Geografia do turismo. São Paulo: Roca, 2003.



- CRUZ, R. de C. A. da. Patrimonialização do patrimônio: ensaio sobre a relação entre turismo, patrimônio cultural e produção do espaço. *Geousp (USP)*, v. 31, p. 95-104, 2012.
- CRUZ, R. de C. A. da. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. *Geosul (UFSC)*, Florianópolis, SC, v. 20, n. 40, p. 27-43, 2005.
- CRUZ, R. de C. A. da. Política de turismo e território. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- CRUZ, R. de C. A. da. Turismo, território e o mito do desenvolvimento. *Espaço e Geografia (UnB)*, Brasília, v. 5, p. 19-26, 2000.
- CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. Ed.
- CUNHA, S. B. da & GUERRA, A. J. T. (Org.) (1998). *Geomorfologia do Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- D'AGOSTINI, L. R. *Erosão o Problema mais que o Processo*, Editora da UFSC, SC, 2008.
- DAJOZ, R. *Ecologia Geral*. Petrópolis, 1978.
- DAMIANI, A. L. *População e Geografia*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- DAMIANI, Amelia Luisa. A Metrópole e a Indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. *Terra Livre*, São Paulo, v. 15, 2000. (p. 21-37)
- DAMIANI, Amelia Luisa. A propósito do espaço e do urbano: algumas hipóteses. *Cidades (Presidente Prudente)*, Presidente Prudente, São Paulo, v. 1, n. 1, 2004. (p. 79-95)
- DAMIANI, Amelia Luisa. Urbanização Crítica e Produção do Espaço. *Cidades (Presidente Prudente)*, v. 6, 2009. (p. 307-339)
- DANSEREAU, P. Introdução à BioGeografia. *Boletim Geográfico* n.148,151, IBGE.
- DAVIS, C. ; OLIVEIRA, Z. *Psicologia na Educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- de aprendizagens. *Cadernos Cedes*, nº 66, Campinas, SP: 2005.
- DEMO, P. *Política social, educação e cidadania*. 10ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2ªed. São Paulo: Atlas, 1987.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid da. *Pesquisa empirica em Ciências Humanas (com ênfase em Comunicação)*. São Paulo: Futura, 2001.
- DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 2. ed. São Paulo: Gaia, 1993.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- DINIZ FILHO, L. L. *Fundamentos Epistemológicos da Geografia*. Curitiba: IBPEX. 2009. (Coleção: Metodologia do Ensino de História e Geografia).

DOMINGUES, E. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade, 2005. Memorandum, 8, p. 38-51.

DORATIOTO, Francisco. Espaços Nacionais na América Latina: da utopia boliviana à fragmentação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOURADO, José Aparecido De Lima. Geografia "fora" da sala de aula: importância do trabalho de campo para Geografia agrária. Campo-Território, Uberlândia, v. 8, n. 15, 2013. (p. 1-22)

DREW, D. Processos Interativos Homem-Meio Ambiente. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 1999.

DUARTE, P. A. Fundamentos de Cartografia. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

ECO, H. Como se faz uma tese. Pioneira, 1979.

EICHER, D. L. Tempo Geológico. São Paulo, E. Blucher. USP, 1969.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, D. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. Revista NERA (UNESP), Presidente Prudente (SP), v. 1, n.8, 2006. (p. 29-51).

ENGELBREKSON, S. Estrelas, planetas e galáxias. Ed. Melhoramentos. São Paulo. 1960.

FABRINI, João Edmilson; ROOS, Djoni. (Org.) Conflitos territoriais entre o campesinato e o agronegócio latifundiário. 1. ed., v. 1. São Paulo: Outras Expressões, 2014.

FALCÃO, G. M. Psicologia da Aprendizagem. 10ed. São Paulo: Ática, 2001.

FARACO, C.A e MOURA, F. M. Gramática. São Paulo: Ática, 2000.

FARACO, C.A, e TEZZA, C. Prática de Texto. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. [et al.] Prática de Ensino e o estágio supervisionado. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. LIBRAS em contexto. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Brasil: 500 anos de luta pela terra. Cultura Vozes, VOZES, v. 93, n. 2, 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada - construindo a Educação do Campo. In: Miguel Arroyo, Roseli Caldart, Mônica Molina. (Org.). Por Uma Educação do Campo. 1ed., v 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. (p. 133-146)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Quando a agricultura familiar é camponesa. In: João Pedro Stedile. (Org.). A questão agrária no Brasil: interpretações sobre o camponês e o campesinato. 1ed., v. 9. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2016. (p. 309-328)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão agrária, pesquisa e MST. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford Andrew; GONÇALVES, Elienai Constantino. Os usos da terra no Brasil: debate sobre políticas fundiárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

FERNANDES, I. P. Economia do Turismo, teoria e prática. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIA, A. G. Meteorologia Prática. Oficina de Textos. São Paulo, 2001.

FIORIN, José Luiz. Para entender o texto: leitura e redação / José Luiz Fiorin. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FIRKOWSKI, O L. C. F.. A inserção do Estado do Paraná no processo de desconcentração da indústria automobilística brasileira. Polígonos (León), León - Espanha, v. 11-12, 2003. (p. 75-104).

FITZ, P. R. Cartografia Básica. São Paulo: Oficina de Textos: 2008.

FLORENZANO, G. T. Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais. Editora Oficina de Textos. SP, 2009.

FÖETSCH, A. A. Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC). Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2014.

FÖETSCH, Alcimara Aparecida. Faxinais e caívas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC). (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, 2014.

FONSECA, R. S. Elementos de Desenho Topográfico. São Paulo. Mac Graw – Hill, 1977.

FRAGA, N. C. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). 100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio. 1ed., v. 1. Florianópolis, SC: Ministério Público de Santa Catarina, 2013. (369-392)

FRAGA, N. C. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: SCORTEGAGNA, A.; REZENDE, C. J. e TRICES, R. I. (Orgs). Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005, p. 228-255.

FRAGA, N. C. Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma análise acerca da formação territorial do Sul do Brasil. (Tese de Doutorado). Curitiba/ PR, UFPR, 2006.

FRAGA, N. C. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). 100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio. 1ed., v. 1. Florianópolis, SC: Ministério Público de Santa Catarina, 2013. (369-392).

FRAGA, N. C.; LUDKA, V. M. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. In: Anais do XII GeoCrítica. Barcelona, Espanha: Editora da UB, 2012 (p. 1-22).

FRAGA, Nilson Cesar Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In. WEHLING, Arno (org). 100 anos do Contestado: memória, história e patrimônio. Florianópolis, MPSC, 2013. p. 369-392

FRAGA, Nilson Cesar. A guerra do contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo In. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (org.). Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016.

FREGONEZI, D. E. O professor a escola e a leitura. Londrina: Edições Humanidades, 2003.

FREIRE, I. Raízes da Psicologia. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. São Paulo: Unesp, 2000a

FREITAS MOURÃO, R. R. de. Atlas Celeste. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 1998.

FREITAS MOURÃO, R. R. de. Manual do Astrônomo. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1995.

FURTADO, Celso. Teoria e política do desenvolvimento econômico. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GALEANO, Eduardo. As Veias abertas da América Latina. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GALLO, I. C. D. O Contestado e seu lugar no tempo. Tempo (London), Rio de Janeiro, v. 6, 2001. (p. 143-155)

GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GARCIA JUNIOR, Afranio R. O Sul: caminho do roçado. São Paulo: Marco Zero, 1989.

GARCIA, H. C.; GARAVELLO, T. M.; Dinâmica e Contrastes. Geografia do Brasil. São Paulo: Scipione, 1995.

GASPAR, J. A. Cartas e Projeções Cartográficas. Lider Edições, LISBOA, 2000.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEMELLI, D. D. Dinâmica geográfica do trabalho e a expansão do capital: o monocultivo de pinus e seus desdobramentos no Sudeste do Paraná e Norte Catarinense. Anais da XVI Jornada do Trabalho, Jardim: UFMS, 2015.

GEMELLI, Diane Daniela; GRANZA, Angela; MOREIRA, Elielthon. Geografia Urbana do Contestado: formas-conteúdo de Porto União da Vitória. In: Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016.

GEORGE, P. Geografia da População. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969.

GEORGE, P. Panorama do Mundo Atual. São Paulo: DIFEL, 1985.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo, Editora Parábola: 2009.

GIBBS, Graham. Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, P. C. da C. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. A condição urbana: ensaios da geopolítica da cidade. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand, do Brasil, 2002.

GONÇALVES, C. W. P. Os (des)caminhos do meio ambiente. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990. 148p.

GUEDES, Enildo Marinho. Curso de Metodologia Científica. Curitiba: Editora HD Livros, 1997.

GUERRA, A. J. T. Geomorfologia Ambiental. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2012.

GUERRA, A. J. T. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2006.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia do Brasil Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2009.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. Geomorfologia, uma atualização de bases e conceitos. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2012.

GUERRA, N. J. T. Coletânea de Textos Geográficos. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2013.

HAESBAERT, R. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B. de.; HAESBAERT, R. (Orgs.) Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Acess, 2007 (a). (p. 33-56).

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R.; BÁRBARA, M. de J. S. Identidade e Migração em áreas Transfronteiriças. GEOgraphia (UFF), Niterói, v. 5. 2001. (p. 45-65).

HAESBAERT, Rogério da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A nova des-ordem mundial. São Paulo: Editora UNESP, 200

HAESBAERT, Rogério. Blocos Internacionais de Poder. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1993.

HAESBAERT, Rogério. China: entre o oriente e o ocidente. São Paulo: Ática, 1994.

HAESBAERT, Rogério. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. Niterói: EDUFF, 1998.

HAESBAERT, Rogério. Questões e mitos sobre a globalização. In: STROHAECKER, T. et al (org.) Fronteiras e espaço global. Porto Alegre: ABG – Seção Porto Alegre, 1998.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Nova Des-ordem Mundial. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HAESBAERT. Globalização e fragmentação do mundo contemporâneo. Niterói: EDUFF, 1998.

HALL, Michael. História Oral: os riscos da inocência. In: Prefeitura Municipal De São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

HALL, S. Identidades culturais na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva;

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo, Loyola, 1992.

HARVEY, D. Espaços de esperança. São Paulo, Loyola, 2006.

HARVEY, D. O novo imperialismo. São Paulo, Loyola, 2004.

HARVEY, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, David. Do administrativismo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006. (p. 163-191)

HECK, Fernando Mendonça. Territórios da degradação do trabalho: a saúde do trabalhador em frigoríficos de aves e suínos em Toledo Oeste do Paraná. *Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde (Uberlândia)*, v. 9, 2013. (p. 48-66)

HECK, Fernando Mendonça. Trabalho precário e terceirização na cadeia avícola do Oeste Paranaense. *Revista Tempos Históricos*, v. 19, 2015. (p. 92-110)

HEIDRICH, A. L. et alii. "A itinerância e o acampamento, condição e situação para o ensino de Geografia no MST". REGO, N., SUERTEGARAY, D. e HEIDRICH, A. L. (Org.) *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p.11-30.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Além do latifúndio: Geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

HERSKOVITS, M. *Antropologia Cultural. Man and his Works*. São Paulo: Ed. Mester Jou, 1936.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

IBGE. Diretoria de Geociências. *Noções Básicas de Cartografia*, Rio de Janeiro: IBGE 1999.

IKUTA, Fernanda Keiko. Os momentos sociais da produção da re-produção: uma leitura a partir da questão da moradia. In: THOMAZ JUNIOR, A.; CARVALHAL, M. D.; BRUMATTI CARVALHAL, Terezinha. (orgs) *Geografia e trabalho no século XXI (volume II)*. Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2006. (p.71-103)

JOHANN, Jorge Renato (Coordenador). *Introdução ao Método Científico: conteúdo e forma do conhecimento*. Canoas: Ed. ULBRA, 1997.

JOLY, FERDINAND. *A Cartografia*. Campinas, Papuirus, 1990.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, A C. et al. (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS/AGB, 1999. (p. 57-63)

KAERCHER, N. A. *Desafios e Utopias no Ensino da Geografia*. 3. ed. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2003.

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA B.; BRITO K.S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. 3. ed. São Paulo: Proposta, 1980.

KEESING, F. *Antropologia Cultural: A ciência dos costumes*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1961.

KIMURA, S. *Geografia no Ensino Básico*. Contexto; 2008.

- KIMURA, Shoko. Geografia no ensino básico: questões e propostas. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.
- KLINK, A. Mar sem Fim. Companhia da Letras, SP, 2003.
- LACOSTE, Y. A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, Papyrus, 1997.
- LACOSTE, Y. Geografia do subdesenvolvimento. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.
- LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 77-92)
- LAVINAS, L. et al. Integração Região e Regionalismo. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. A cidade do capital. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5 ed. 5 Reimp. São Paulo: Centauro, 2011.
- LEFF, Enrique. Saber Ambiental. Petrópolis, Vozes, 2001.
- LEFF, Enrique. A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LEFF, Enrique. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.
- LEFF, Enrique. Ecologia, Capital e Cultura: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. Tradução de Sandra Valenzuela; revisão de
- LEINZ, V.; AMARAL, S. E. do, Geologia Geral Ed. Nacional, São Paulo, 2014.
- LEITE, Sergio Pereira; AVILA, Rodrigo Vieira de. Reforma agrária e desenvolvimento na América Latina: rompendo com o reducionismo das abordagens economicistas. RER, Rio de Janeiro, v. 45, n. 03, 2007. (p. 777-805)
- LEITE, Sérgio; HEREDIA, Beatriz; MEDEIROS, Leonilde S. (Orgs). Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro. São Paulo: Unesp, 2004.
- LEITE, T. A. A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LENCIONE, Sandra. Algumas observações sobre a construção de conceitos e os conceitos de cidade e urbano. In: SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. Territorialidades e

diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas. São Paulo: Outras Expressões, 2011. (p. 79-98).

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

LEPESCH, I. F. Formação e conservação dos solos. Oficina de Textos. São Paulo, 2008.

LIMA, C. P. de. Evolução Humana. Série Princípios, São Paulo: Ática 1986.

LIMA, L. C. (org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Editora Universitária da UFCE, v.2, 1999.

LINTON, R. O homem: uma introdução a Antropologia. 4a edição, São Paulo: Livraria Martins, 1962.

LUCCI, E. A. O Sistema Terra. Editora Saraiva, São Paulo, 1996.

LUDKA, V. M. Contestado, a Fome e a Pobreza como Permanência da Guerra: cenários paradoxais no sul do Brasil. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná, 2016.

LUXEMBURG, Rosa. A Acumulação do capital. Vol I. 2ª ed. – São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1985.

LUXEMBURG, Rosa. A Acumulação do capital. Vol II. – São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1984.

MACHADO, P. J. de O.; TORRES, F. T. P. Introdução à HidroGeografia. Cengage Learning, SP, 2000.

MACHADO, P. P. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MAFFESOLI, M. Contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, M. No Fundo das Aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MAGNOLI, Demétrio. Visões do Mundo. São Paulo: Moderna, 1998.

MAGNOLI. Panorama do Mundo. São Paulo: Scipione, 1997

MANDRYK, D.; FARACO, C. A. Língua Portuguesa: prática de redação para estudantes universitários. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. Antropologia: - Uma Introdução. Editora Atlas S. A. 1989.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006. (p. 105-136)

MARCOS, Valéria de; FABRINI, João Edmilson. Os Camponeses e a práxis da produção coletiva. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARICATO, Ermínia. Globalização e política urbana na periferia do capitalismo. VeraCidade (Salvador. Impresso), v. 8, 2009. (p. 89-105)

MARICATO, Ermínia. Metrôpoles brasileiras: periferia do capitalismo e globalização. Cadernos do Desenvolvimento, v. 4, 2008. (p. 129-137)

MARICATO, Ermínia. Para entender a crise urbana. CaderNAU: Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v. 8, 2015. (p. 9-16)

MARQUES, Marta Inez Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. NERA, Presidente Prudente, ano 15, edição especial de textos selecionados, p. 41-51, ago. 2012.

MARTINELLI, M. Curso de Cartografia Temática. São Paulo: Contexto, 1991.

MARTINS, C. BioGeografia e Ecologia. SP. Ed. Nobel, 1985.

MARTINS, J. de S. Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARTINS, José de Souza. A sociedade vista do abismo. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, José de Souza. O cativo da terra. 9. ed., v. 1. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTINS, José de Souza. O poder do atraso. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINS, Márcio Roberto Costa; SANO, Paulo Takeo. Biodiversidade Tropical. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MARTINS, Mônica Dias (Org.). O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia. São Paulo: Viamundo, 2004.

MARX, K. Para a crítica da economia política. São Paulo: Editora Abril, 1982.

MARX, Karl. O capital. Livro 3, Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MARX, Karl. O capital; crítica da economia política: livro I. 29ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATOS, N. S de. FACHINNI, S. Terra em Alerta. Editora Saraiva, 2010.

MATOS, P. A territorialização do capital no espaço agrário do Sudeste Goiano: formação de cidades do agronegócio. *Brazilian Geographical Journal*, v. 3, 2012. (p. 553-570).

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: UNESP, 2010.

McCOMARK, J. C. Topografia. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MEDEIROS, J. B. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 4a. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Manoel Itaussu A. Quem tem medo da geopolítica. São Paulo, Hucitec, 1999.

MENDEL, Ernest. O capitalismo tardio. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MENDES, J. C. Elementos de Estratigrafia. T.A Queiroz. São Paulo, 1984.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. Climatologia, noções básicas e climas do Brasil. Oficina de Textos, São Paulo, 2009.

MENDONÇA, F; KOZEL, S. Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Contexto, 2002.

MENDONÇA, Francisco. Geografia e meio ambiente. 8ªed. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDONÇA, M. R.; THOMAZ JUNIOR, A.. A modernização da agricultura nas áreas de cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho. *Investigaciones Geográficas*. Instituto de Geografía. Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México - México, v. 55, 2004. (p. 97-121).

MÉSZÁROS, István. O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MICHAELE, F. Manual de Normalização Bibliográfica para Trabalhos Científicos. Ponta Grossa: UEPG, 2005.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio; FRANCO GARCIA, Maria; VIANA, Pedro Costa Guedes. A questão agrária no século XXI: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

MONTAGU, A. Introdução a Antropologia. 2a edição, São Paulo: Cultrix, 1977.

MORAES, A. C. R. O Sertão: um outro geográfico. Revista Terra Brasitis, Rio de Janeiro, v. 4/5, 2003. (p. 11-23).

MORAES, Antonio Carlos Robert. Meio ambiente e ciências humanas. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOREIRA, Igor. Construindo o espaço mundial. São Paulo: Ática, 2004

MOREIRA, R. Da região, à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico para o mundo. In: Revista ETC, Espaço, tempo e Crítica, nº1(3), v. 1, junho de 2007. (p. 55-70)

MOREIRA, R. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In. Limonad, Ester. Haesbaert, Rogério e MOREIRA, Ruy. (orgs). Século XXI. Por uma nova regionalização. Agentes, processos e escalas. São Paulo: Max Limonad, 2004.

MOREIRA, R. Formação espacial brasileira - uma contribuição crítica à Geografia do Brasil. 1ª. ed. v. 1 Rio de Janeiro: Consequência, 2012.

MOREIRA, R. Geografia e praxis - a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. 1ª. ed. V. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MOREIRA, R. O que é Geografia. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOREIRA, Ruy. "Desregulação e remonte no espaço geográfico globalizado." in Ciência Geográfica, ano IV, nº 10. Bauru: AGB, maio-ago/1998.

MOREIRA, Ruy. A novas noções do Mundo (geográfico) do trabalho. Ciência Geográfica Ensino – Pesquisa – Método (Seção Bauru/AGB) Bauru/SP, ano VII. Vol. III. 2001.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. 14ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MOREIRA, Ruy. Para Onde Vai o Pensamento Geográfico. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia. São Paulo: Contexto, 2010.

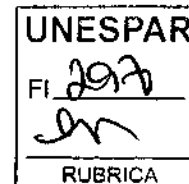
MOREIRA, Ruy. Teses para uma Geografia do trabalho. In. Ciência Geográfica Ensino – Pesquisa – Método (Seção Bauru/AGB) Bauru/SP, ano VIII. Vol. II. 2002.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: 1997.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MOTTA-ROTH, D. e HENDGES, G. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



MOTTA-ROTH, Desirée (org.). Redação Acadêmica: princípios básicos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2001.

MOURA, Rosa. Paraná: meio século de urbanização. RA'EGA, n.8, p.33-44, 2004.

NAKATA, H.; COELHO, M. A. Geografia Geral. Ed. Moderna, SP, 1998.

NICOLINI, J. Manual do Astrônomo Amador. 3ª Ed. Revista e Ampliada. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

NOVAES, M. H. Psicologia Escolar. São Paulo: Vozes, 1984.

NOVO, E. M. L. M. Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações. 2ed. São Paulo: Edgard, 1992.

ODUM, E. Ecologia. Ed. Pioneira/MEC. 2º. Ed. São Paulo, 1977.

OLIVEIRA, A. U. de O. Para onde vai o ensino de Geografia? 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de; THOMAZ JÚNIOR, Antonio . A Relação Homem/Natureza no Modo de Produção Capitalista. Revista Pegada Eletrônica (Online), Presidente Prudente, v. 3, n. especial, 2002. (p. 123-130).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Para onde vai o ensino de Geografia? – 10. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.) Para onde vai o ensino da Geografia? 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Repensando o ensino).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A apropriação da renda da terra pelo capital na citricultura paulista. Terra Livre, AGB, v. 1, n. 1, 1986. (p. 26-38)

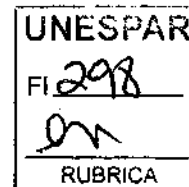
OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2002. (p. 63-110)

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia das lutas no campo. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos, Campinas, Papyrus, 1987.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. Terra Livre, São Paulo: AGB, n. 21, 2003. (p. 113-156)



OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Integrar para não entregar. Políticas públicas na Amazônia, Campinas, Papirus, 1988.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária. 1ª. ed. São Paulo: FFLCU/Labur Edições, 2007.

OLIVEIRA, C. de. Curso de Cartografia Moderna. IBGE, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, C. de. Dicionário Cartográfico. IBGE, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____. (org.). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: EdUNESP, 1998.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: _____. (org.). Metodologia das ciências humanas. São Paulo: EdUNESP, 1998. (p. 17-26.)

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de Metodologia Científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. Revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneira, 1997.

PALHARES, J. M. Paraná Aspectos da Geografia. Grasmil, PR

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; PRADO, Laura Rocha. (Orgs.) História da BioGeografia: do Gênesis à primeira metade do século XIX. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2013.

PARADA, M. de O. Elementos de Topografia. São Paulo: Autor, 1978.

PARANÁ- Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Diretrizes Curricular de Arte. Ensino Básico. 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Diretrizes Curricular de Geografia. Ensino Básico, 2008.

PARRA FILHO, Domingos. SANTOS, João Almeida. Apresentação de trabalhos científicos: monografia, TCC, teses e dissertações. 3ªed. São Paulo: Futura, 2000.

PASSOS, M. M. dos. A Raia Divisória: Geossistema, Paisagem e Eco-História. Editora UEM, PR, 1997.

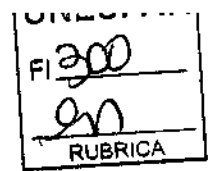
PAULINO, Eliane T.; ALMEIDA, Rosemeire A. Terra e Território: a questão camponesa no capitalismo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PAULINO, Eliane Tomiasi. A mudança do Código Florestal Brasileiro: em jogo a função social da propriedade. Campo-Território, Uberlândia, v. 7, n. 13, 2012. (p. 40-64).

PAULINO, Eliane Tomiasi. Por uma Geografia dos camponeses. São Paulo: UNESP, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. (Org.). Campesinato e territórios em disputa. 1. ed., v. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

- PAUWELS, P. G. J. Atlas Geográfico Melhoramentos. Ed. Melhoramentos - São Paulo, 2003.
- PEIXOTO, D. Campanha do Contestado – Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916.
- PENTEADO, H. Meio Ambiente e formação de professores. São Paulo: Cortez Editora, 1994. 120 p. (Questões da nossa época v.38)
- PERISSÉ, Gabriel. A arte da palavra: como criar um estilo pessoal na comunicação escrita. Barueri: Manole, 2002
- PESTALOZZI, J.H. Antologia de Pestalozzi. Trad. Lorenzo Luzuriaga. Buenos Aires: Losada, 1946.
- PETERSON, R.; FELTON-COLLINS, V. Manual Piagetiano para Pais e Professores: Crianças na idade das descobertas. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PETRI, S. & FÚLFARO, V. J. Geologia do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1988.
- PIAGET, J. A Linguagem e o Pensamento na Criança. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PIAZZA, P. W. O. Religiões da Humanidade. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- PILETTI, N. Psicologia Educacional. 17 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- PIMENTA, N. e QUADROS, R. M. Curso de Libras I. (DVD) LSBVídeo: Rio de Janeiro. 2006.
- PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. Curso de LIBRAS 1 – Iniciante. 3 ed. rev. e atualizada. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).
- PINTO JÚNIOR, Joaquim M.; FARIAS, Valdez Adriani. Função social da propriedade: dimensões ambiental e trabalhista. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2005.
- PLATAO; FIORIN. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2002.
- PONTUSCHKA, N N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para Ensinar e Aprender Geografia. São Paulo, Cortez. 2007.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib. Para ensinar e aprender Geografia. Ed. Cortez .SP 2007.
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa São Paulo: Contexto, 2002
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. Para ensinar e aprender Geografia. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção docência em formação. Série: Ensino Fundamental).



POPP, J. H. Geologia Geral. Rio de Janeiro. Livros Técnicos Científicos, 1963.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. INTERthesis, Florianópolis, v.9, n.1, Jan./Jul. 2012. (p.16-50)

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des)caminhos do meio ambiente. 15ª edição., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

POVOA NETO, H. Migrações Internas e Mobilidade do Trabalho no Brasil Atual. Novos Desafios para a Análise. Experimental, USP, São Paulo, nº. 2. março, 1997. (p. 11-24).

PRADO JÚNIOR, Caio. A questão agrária no Brasil. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRESENKOV, V. G. ABC do Sistema Solar. Ed. Vitória Ltda. Rio de Janeiro.

PRESS, F. SIEVER, R. GROTZINGER, J. JORDAN, T. H. Para entender a Terra. Trad Menegat et al. IG/UFRGS. Artmed Edit. SA, Porto Alegre. 2006.

PRETOR-PINNEY, G. Guia do Observador de Nuvens. Intrínseca, RJ, 1999.

PRIMACK, R. B. RODRIGUES, E. Biologia da Conservação. Editora Efraim Rodrigues, 2001.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. Estudos Lingüísticos: a língua de sinais brasileira. Editora ArtMed: Porto Alegre. 2004.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). – Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S; MENESES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

RACHEL, C. Primavera Silenciosa. Editora Gaia, 2010.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993.

RAMOS, A. R. Sociedades Indígenas. Série Princípios S/A. Ed. Ática, São Paulo, 1986.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais. 15.ª ed. São Paulo: E.P.U., 2001.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. Revista do Departamento de Geografia. São Paulo: FFLCHUSP, 1983. (p. 93-101)

RATZEL. Geografia. São Paulo: Ática, 1990.

REBOLÇAS, A. C. Águas doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação, Escrituras, São Paulo, 2001.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André.(Org.s). Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Dacy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentimento do Brasil. Ed. Companhia das Letras. São Paulo 1996.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. Tempo

RIBEIRO, Wagner Costa. A Ordem Ambiental Internacional. São Paulo: Contexto, 2001.

RODRIGUES, A. A. B. (Org.). Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento interdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1990.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo e Geografia - Reflexões Teórica e Enfoques Regionais. I. ed. SÃO PAULO: HUCITEC, 1996.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2001.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, Arlete Moisés. Estatuto da cidade: função social da cidade e da propriedade. Alguns aspectos sobre população urbana e espaço. Cadernos Metrópole, n.12, 2004. (p. 9-25)

RODRIGUES, Arlete Moisés. Os geógrafos na luta pela cidade como direito. Boletim Campineiro de Geografia, vol. 3, n.1, 2013.

RODRIGUES. Arlete Moisés. Moradia nas cidades brasileiras. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROLNIK, Raquel. Democracia no fio da navalha: limites e obstáculos para a implementação de uma reforma urbana no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 11, 2010. (p. 31-50)

ROLNIK, Raquel. Direito à Moradia. Desafios do Desenvolvimento, v. 51, 2009. (p. 41-41)

ROLNIK, Raquel. O que é cidade? 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995

ROSAS, Celso Antonio R.F. (Org.). Perspectivas da Geografia Agrária no Paraná. Ponta Grossa: Estudo Texto, 2015.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). Geografia cultural: um século (1). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

ROSS, J. L. Sanches. (org.) Geografia do Brasil. USP, 2001.

ROUSSEAU, J J. Emilio ou da educação. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Cortez, 2002. 1973.

RUA, J. Geografia, Escola e Cidadania. In: Rosa Saete Alba; Cristina Otsuschi; Antonio Francisco Zibordi. (Org.). O Ensino da Geografia no Novo Milênio. 1ed. v. 1. Chapecó: Argos, 2002. (p. 59-70).

RUDIO, Franz Victor. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. Petrópolis: Vozes, 1986.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2002.

SACKS, Oliver. Vendo vozes. Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. Preparação do original Mitsue Morisawa. 11ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Ferramentas).

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN, 1998. Ensino de Geografia p.132-138.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN, 1998. Ensino de Geografia p.132-138.

SANTOS, A. R dos. Enchentes e Deslizamentos: causas e soluções. Editora PINI, 2012.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 6ªed. Revisada (Conforme NBR 14724:2002). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SANTOS, José Vicente Tavares. Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, M. As cidadanias mutiladas. In: Julio Lerner. (Org.). O preconceito. São Paulo: IMESP, 1996. (p. 33-144).

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.

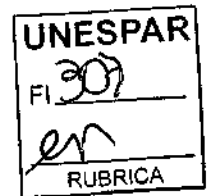
- SANTOS, M. Por Uma Geografia Nova. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana de países subdesenvolvidos. 2ªed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. – 6ª ed., 1ª reimpr. – São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização, do pensamento único à consciência universal. 9a ed. Record, 2002.
- SANTOS, Regina Bega. Movimentos sociais urbanos. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- SAUER, Sérgio; PEREIRA, João Márcio M. (Orgs.). Capturando a terra: Banco Mundial, políticas fundiárias neoliberais e reforma agrária de mercado. São Paulo: Expressão Popular, 2006
- SCALZARETTO, R. Geografia Geral. Nova Geopolítica, Editora Scipione. 1993.
- SCHNEIDER, S. H. Laboratório Terra. Editora Rocco Ltda, RJ, 2007.
- SCHOUMAKER, Bernadette Mérenne. Didáctica da Geografia. 1. ed. Tradução de Celeste Marçal. Portugal: ASA Editores II, S.A.: 1999.
- SCHUSSLER, E. R. Rumo às estrelas. Fundo da Cultura, Rio de Janeiro.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SENE, Eustaquio de. MOREIRA, João Carlos. Espaço Geografia e Globalização. In: Geografia Geral. São Paulo, Scipione, 1994.
- SENE, Eustáquio. Geografia Geral e do Brasil. Espaço Geográfico e Globalização 2ª edição. Ed. Spicione. São Paulo. 2014.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22ªed.rev. e ampl. De acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.
- SEVILLA GUZMÁN, Eduardo; GONZÁLES DE MOLINA, Manuel. Sobre a evolução do conceito de campesinato. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituação e desconceituação-o velho e o novo em uma discussão marxista. Estudos Cebrap, Petrópolis, n.26, 1980. (p.43-79)
- SHAPICO, L. H (org). Homem Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

- SHIGUENOLI, Miyamoto. Geopolítica e poder no Brasil. São Paulo, Papirus, 1995.
- SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gala, 2003.
- SILVA, Lúcia Osório. Terras devolutas e latifúndio. Campinas: Edunicamp, 1996.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Errantes do fim do século. São Paulo: Unesp, 1999.
- SILVA, S. F. da. A Linguagem do Desenho Técnico. Rio de Janeiro. LTC. Editora A.A., 1984.
- SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, M. L. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org.) Turismo, modernidade, globalização, São Paulo: Hucitec, 1997. (p. 36-45)
- SILVEIRA, M. L. Uma situação geográfica: do método à metodologia. Território, Rio de Janeiro, n. 6, p. 21-28, jan./jun. 1999.
- SIMMONS, C.H.; MAGUIRE, D. E. Desenho Técnico. São Paulo. Hermus, 1982.
- SINGER, P. Dinâmica populacional e desenvolvimento. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SINGER, P. Introdução à Economia solidária. 1ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002
- SKINNER, Burrhus Frederic. Ciência e Comportamento Humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, Burrhus Frederic. Sobre o behaviorismo. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix, 2006.(Trabalho original publicado em 1974).
- SKINNER, Burrhus Frederic. Teorias de aprendizagem são necessárias? Rev. Brasileira de Análise do Comportamento. Vol. 1, nº1, 2005.
- SKLIAR, Carlos B. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Editora Mediação. Porto Alegre. 1998.
- SMITH, K. B. História da Cultura, Origem e Evolução. São Paulo: Melhoramentos, 1962:
- SMITH, Neil. Desenvolvimento Desigual. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 79, Nov. 2007. (p. 71-94) .
- SOUZA, J. G. de. Geografia e conhecimentos Cartográficos: A Cartografia no Movimento de Renovação da Geografia Brasileira e a importância do uso de Mapas. São Paulo: UNESP, 2001.

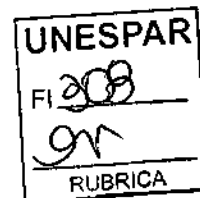


- SPÓSITO, E. S. Geografia e filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004.
- SPOSITO, E. S. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Formas espaciais e papéis urbanos: as novas qualidades da cidade e do urbano. Cidades (Presidente Prudente), v. 7, 2010. (p. 125-147)
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. Revista de Geografia (São Paulo), v. 35, 2010. (p. 51-62)
- SPOSITO, Maria Encarnação. Capitalismo e Urbanização. São Paulo: Contexto, 1991.
- STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.
- STRAHLER, A. N.; STRAHLER, A; H. Geografia Física. Ed. Omega, Barcelona-Espanha, 2003.
- SUERTEGARAY, D. M. A. . O trabalho de campo na Construção do saber geográfico. In: Fioravante, K.E; Pereira, R.; Rogalski, S.R.. (Org.). Geografia Epistemologia. Ponta Grossa: UEPG, 2010, v. 1, p. 27-30.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia e Interdisciplinaridade. Espaço geográfico: interface natureza e sociedade. Geosul (UFSC), v. 18, 2003. (p. 43-54).
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Naturezas: epistemes inscritas nos conflitos sociais. Terra Livre, v. 41, 2013. (p. 17-30).
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. GEOgraphia (UFF), Niterói/RJ, v. 7, 2002. (p. 92-99)
- SUGUIO, K. Geologia do Quaternário e Mudanças Ambientais. 1999.
- SUGUIO, K. Geologia Sedimentar. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1º Ed, 2003.
- TAISZ, E. Cartografia Geral. Ed. Científica. Rio de Janeiro, 1969.
- TALASKA, Alcione. O espaço agrário brasileiro na perspectiva conceitual: dos aspectos legais às implicações territoriais. Tese (Doutorado em desenvolvimento regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015.
- TEIXEIRA et al (org). Decifrando a Terra. São Paulo: Ed. Oficina de Textos. USP, 2000
- THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: Limites explicativos, Autocrítica e Desafios teóricos. (Tese de Livre Docência em Geografia do Trabalho). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

- THOMAZ JUNIOR, Antonio. Geografia passo-a-passo: ensaios críticos dos anos 90. Presidente Prudente: Centelha, 2005.
- THOMAZ JUNIOR, Antonio. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. Campo-Terrítório, Uberlândia, v.5, n.10, ago. 2010. (p.92-122)
- THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Por uma Geografia do trabalho! (reflexões preliminares). Revista Tamoios (Impresso), v. I, p. 33-51, 2005.
- THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Se camponês, se operário! limites e perspectivas para a compreensão da classe trabalhadora. In: Antonio Thomaz Júnior; Marcelo Dornelis Carvalho; Terezinha Brumatti Carvalho. (Org.). Geografia e trabalho no século XXI. 1ed. Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2006, v. 2, p. 130-167.
- THOMAZ JÚNIOR. Antonio. A Geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. In. Revista Pegada. Presidente Prudente-SP. v. 4, n. 2, nov. 2003.
- THOMAZ JÚNIOR. Antonio. Degradação, resistência e centralidade do trabalho (as contradições do movimento territorial de classe). In: XIII Jornada do trabalho ?A irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do Trabalho?, 2012, Presidente Prudente. Anais da XIII Jornada do trabalho. Presidente Prudente: CEGeT - UNESP, 2012. (p. 289-306)
- THOMAZ JÚNIOR. Antonio. O Ciclo da madeira no Contestado: um retrato do século XX. Curitiba: MTé Gestão em Comunicação, 2010
- THOMAZ JÚNIOR. Antonio. O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da 'leitura geográfica'. In. Revista Pegada. Presidente Prudente-SP, v. 3, 20 p., out. 2002.
- THOMAZ JÚNIOR. Antonio. Os limites da teoria, e a plasticidade do trabalho (repensar auto-crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil). Pegada (UNESP. Impresso), v. 7, 2006. (p. 7-40)
- THOMÉ, N. Trem de Ferro: a ferrovia no Contestado. 1ª edição. Caçador: 1980.
- THOMÉ. Nilson. Sangue, suor e lágrimas no chão contestado. Caçador: INCON, Edições UnC, 1992
- THOMPSON, Paul. Entrevista. In. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TOMMASI, L. R. Meio Ambiente e Oceanos. Senac, S, 2002.
- TOMPOROSKI, Alexandre Assis. "O Pessoal da Lumber"! Um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910 – 1929. (Dissertação de Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.



- TOMPOROSKI, Alexandre Assis. O polvo e seus tentáculos: A Southern Brazil Lumber and Colonization Company e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. (Tese de Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- TONON, E. A força da tradição: dos Faxinais às Irmandades Místicas do Contestado. In: OLINTO, B. A.; MOTTA, M. M.; OLIVEIRA, O. de. (Orgs.). História Agrária: Propriedade e Conflito. Guarapuava: Unicentro, 2009. (p.319-340).
- TONON, E. Os monges do Contestado: Permanências, predições e rituais no imaginário. Palmas: Kaygangue, 2010.
- TORRES, F. T. P.; MACHADO, P. J. de O. Introdução a Climatologia. Cengage Learning, SP, 2009.
- TRAVASSOS, Edson Gomes. A prática da educação ambiental nas escolas. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2.ed., 2006.
- TROPPEMAIR, Helmut. BioGeografia e Meio Ambiente. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2012. – Revisada e atualizada.
- TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.
- TURRA NETO, N. Roteiro básico e prático para elaboração de projeto de pesquisa. In: XVI Semana de Geografia da Unicentro? O Mundo Em Movimento: Cidade, Ambiente E Migração, Guarapuava: EDUNICENTRO, 2008.
- UEPG. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Biblioteca Central Prof. Faris Michaelle. Manual de normatização bibliográfica para trabalhos científicos. 2.ed. Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- UNARI, P. P.; ABREU, J. P. (Org.). Turismo e Patrimônio Cultural, 4ª.ed. revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2005.
- VAL M. da G. C. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- VALENTINI, Delmir José. Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado 1906 -1916. (Tese de Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2009.
- VALVERDE, Orlando. Estudos de Geografia Agrária brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.
- VALVERDE, Orlando. Metodologia da Geografia Agrária. Campo Território, Uberlândia, v. 1, n. 1, 2006. (p. 1-16)
- VANCLEAVE, Janice. Geografia para jovens. Portugal: Publicações Dom Quixote LTDA, 1995.



VAREJÃO-SILVA, M. A. Meteorologia e Climatologia, Instituto Nacional de Meteorologia, Brasília, 2008.

VESENTINI, J. W. Brasil Sociedade e Espaço: Geografia do Brasil. 31 ed. Ed. Ática. São Paulo. 2002.

VESENTINI, José William. Nova Ordem, Imperialismo e Geopolítica Global. Campinas-SP: Papirus, 2003.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Contexto, 2000.

VESENTINI, José William. O ensino da Geografia no século XXI. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VIANELLO, R. L.; ALVES, A. R. Meteorologia básica e Aplicações. Editora UFV, Viçosa. MG, 2009.

VINHAS DE QUEIRÓZ, M. Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912 –1916). 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1981.

VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. T. Reflexões sobre a Geografia Física. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo, SP: M. Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. trad. M. Resende. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, H. Evolução psicológica da criança. Lisboa. Edições 70. 1995.

WENDLAND, E. Bacia Hidrográfica: diversas abordagens em pesquisa. Rima,

WONS, I. Geografia do Paraná, Física – Humana – Econômica. 1983. Editora Ensino Renovado. Curitiba.

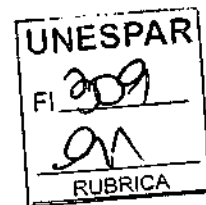
WOORTMANN, Ellen F. Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, Klaas. Com Parente Não se Neguceia: o campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico n. 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

YAGUELLO, M. Alice no País da Linguagem: para compreender a lingüística. Lisboa: Estampa, 1991.

YÁZIGI, E. A. Paisagem e Turismo. São Paulo: CONTEXTO, 2002.

YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A.; (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.



YÁZIGI, Eduardo Abdo. Roteiro básico para a incorporação do turismo nas rotinas municipais. Espaço e Geografia, Brasília, n.11, 2000. (p. 87-95)



Anexo V DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS DA APROVAÇÃO DO PPC

Ata 011/2017 – Colegiado do Curso de Geografia – UNESPAR
Ata de APROVAÇÃO do Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia

Aos nove dias do mês de maio de dois mil e dezessete, reuniram-se na sala de reuniões do Colegiado de Geografia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *Campus* União da Vitória, os professores conforme lista de presença em anexo, para deliberar de assuntos relativos ao Colegiado. A reunião foi conduzida pela Coordenadora do Curso de Geografia, professora Alcimara Aparecida Föetsche teve como pauta única e exclusiva a análise final e APROVAÇÃO do Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia (PPC), que segue agora para tramitação interna no *Campus* e, em seguida, análise junto aos Conselhos Superiores da UNESPAR. Durante a reunião, o Núcleo Docente Estruturante do Curso (NDEGeo) realizou novamente a relatoria dos arquivos que compõe o PPC, enfatizando a atualização teórica, metodológica e pedagógica em conformidade com a legislação vigente, os documentos institucionais e as orientações da Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD. Foi aprovada a nova grade curricular, a atualização da carga horária, os planos de ensino e regulamentos específicos. Dessa maneira, após intensa discussão, este Colegiado de Geografia **APROVA** o Projeto Político Pedagógico do Curso, protocolando o mesmo, na sequência, para a Divisão de Ensino e Graduação do *Campus*, para dar continuidade à tramitação. Nada mais havendo a constar, eu, professora Alcimara Aparecida Föetsch encerro e assino a presente ata, que segue assinada por todos os presentes nesta reunião:

LISTA DE PRESENÇA DA ATA 011/2017

Reunião ordinária do Colegiado do Curso de Geografia
Data: 09/05/2017 Horário: 13h30min
Local: Sala de reuniões do Colegiado de Geografia

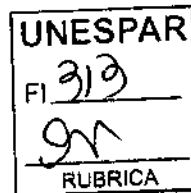
Membros docentes:

Nº	PROFESSOR (A)	ASSINATURA
01	Gilberto Luis Gonçalves	
02	Paulo Sérgio Meira Rocha	
03	Helena Edilamar Ribeiro Buch	
04	Marcos Antonio Correia	
05	Sérgio Roberto Ferreira dos Santos	
06	Alcimara Aparecida Föetsch	Alcimara Aparecida Föetsch
07	Diane Daniela Gemelli	Diane Daniela Gemelli
08	Elaine Cristina Soares Surmacz	
09	Silas Rafael da Fonseca	Silas Rafael da Fonseca
10	Valderlei Garcias Sanches – Diretor	

Membro discente:

Nº	ACADÊMICO (A)	ASSINATURA
01	JOSÉ AUGUSTO BRIXI	José Augusto Brixi

UNESPAR
Fl. 212
[Handwritten Signature]
RUBRICA



Anexo VI REGULAMENTO DE TCC



REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

COLEGIADO DE GEOGRAFIA DA UNESPAR
CAMPUS UNIÃO DA VITÓRIA

**Normatiza a Elaboração, a Orientação e a Defesa do TCC – Trabalho de Conclusão de
Curso deste Colegiado.**

Em conformidade, com o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, PPI – Projeto Político Institucional e com PPC – o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia, este Colegiado estabelece:

Seção I – DISPOSIÇÕES INICIAIS

Art. 1.º - O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é um trabalho acadêmico individual, resultante do desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

Art. 2.º - É de caráter obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia e deve versar sobre tema relacionado às grandes áreas da Ciência Geográfica;

Art. 3.º - Está vinculado à disciplina de TCC constante no quadro de disciplinas do quarto ano e, também, à disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), no terceiro ano;

Parágrafo Único – Preferencialmente, o professor da disciplina de TCC no quarto ano, deve ser o mesmo da disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), no terceiro ano.

Art. 4.º - As orientações dos Trabalhos de Conclusão de Curso serão distribuídas durante o segundo semestre do terceiro ano, na disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), após a ciência dos (as) acadêmicos (as) das áreas de atuação e linhas de

pesquisa dos professores do curso (Anexo I). Na sequência, os (as) acadêmicos (as) devem apresentar suas intenções de pesquisa (Anexo II), com base no Anexo I. Cabe ao Colegiado de Geografia a distribuição das orientações das propostas de pesquisa recebidas.

Art. 5º - Somente poderá cursar a disciplina de TCC no quarto ano e desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso o (a) acadêmico (a) que obtiver aprovação na disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP), que consta na grade curricular do terceiro ano, sendo esta última disciplina, portanto, um pré-requisito.

Seção II – DOS OBJETIVOS

Art. 6.º São objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):

- I – Oportunizar aos acadêmicos (as) o desenvolvimento de uma pesquisa científica;
- II – Estimular a formação do (a) professor (a) pesquisador (a);
- III – Possibilitar uma reflexão teórico-metodológica dos (a) acadêmicos (a) nas diferentes temáticas discutidas ao longo do curso e constantes no Projeto Político Pedagógico (PPC-Geo);
- IV – Viabilizar a contribuição dos (a) acadêmicos (a) no que se refere à abordagem dos fenômenos geográficos que se expressam nas diferentes escalas de análise;
- V – Fortalecer as pesquisas e projetos dos docentes do curso;
- VI – Estimular a participação em projetos e programas de Iniciação Científica bem como a continuidade na formação profissional através dos cursos de especialização e mestrado.

Seção III – DO (A) PROFESSOR (A) DA DISCIPLINA DE TCC

Art. 7º. O (a) docente responsável pela disciplina de TCC no quarto ano é indicado pelo Colegiado de Geografia, assumindo também a função de Coordenador (a) do Trabalho de Conclusão de Curso, e tem a incumbência de:

- I – Elaborar o calendário das atividades da disciplina de TCC;

II – Levar ao conhecimento dos (as) acadêmicos (as) as áreas e linhas de pesquisa trabalhadas pelos professores do curso (Anexo I);

III – Fornecer a documentação necessária para efetivar o processo de aceite de orientação, acompanhamento e defesa final;

IV – Organizar as bancas examinadoras dos TCC's;

V – Emitir os editais de defesa dos TCC's com data, horário, local e membros da banca examinadora;

VI – Entregar à banca examinadora as cópias impressas dos TCC's;

VII – Entregar ao presidente da banca examinadora a “Ata de Defesa Pública do TCC” (Anexo III);

VIII – Receber, após a apresentação e aprovação do TCC, a versão final do mesmo, juntamente com a “Declaração de Correção” assinada pelo orientador do TCC (Anexo IV);

IV – Garantir o cumprimento das normas descritas neste Regulamento.

Parágrafo único - A coordenação de TCC será auxiliada pelos (a) professores (a) orientadores (a) quanto ao cumprimento deste Regulamento.

Seção IV - DA ORIENTAÇÃO

Art. 8º - O (a) acadêmico (a) do quarto ano do curso deve entregar ao (a) professor (a) da disciplina de TCC, na primeira quinzena de aula, formulário (Anexo II) com a temática de pesquisa e indicação do orientador(a) definido pelo Colegiado, com base no/nas:

I – O aceite e o consenso entre os professores do curso pelas orientações;

II – As linhas de pesquisa dos professores;

III – A afinidade das propostas de pesquisa dos (as) acadêmicos (as) com as temáticas desenvolvidas pelos professores, respectivamente, no Doutorado, Mestrado, Especialização e Projetos desenvolvidos na Instituição;

Parágrafo único – O (a) professor (a) da disciplina de TCC informará por meio de edital, a lista dos (a) acadêmicos (a) e seus respectivos orientadores até 30 dias após o início do ano letivo.

Art. 9º - Caberá ao aluno, após a publicação do edital em que conste a indicação da orientação, procurar seu (sua) orientador (a) para a formalização de procedimentos regulamentares, assinatura do termo de compromisso e aceite de orientação (Anexo V).

Art. 10.º - É permitido ao (a) acadêmico (a) a sugestão de um (a) professor (a) co-orientador (a) externo ao Curso, desde que seja aprovado pelo orientador, mediante justificativa, e com devido registro em Ata do Colegiado.

Art.11.º. Cabe ao (a) orientador (a) a entrega do Termo de Autorização para Avaliação do TCC e indicação de Banca de Avaliação (Anexo VI) ao Coordenador do TCC, com o prazo mínimo 45 dias antes do término do período letivo.

Seção V – DA ORGANIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA E DO TCC

Art. 12.º. O projeto de pesquisa, que orientará o desenvolvimento do TCC, deve ser entregue em primeira versão, no final do terceiro ano do curso, como requisito avaliativo na disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Geográfica (MTP). O mesmo projeto deve ser entregue, reformulado ou não, em até 45 dias após o início do ano letivo, ao (a) professor (a) da Disciplina de TCC, e deve conter, necessariamente:

- I – Capa;
- II – Folha de rosto;
- III – Introdução;
- IV – Problematização;
- V – Justificativa;
- VI – Objetivos;
- VII – Metodologia;
- VIII – Cronograma de atividades;
- IX – Referências.

Art. 13.º. O TCC é um trabalho científico resultante de uma pesquisa que deve apresentar:

- I – Embasamento teórico;
- II – Fundamentação metodológica;
- III – Articulação com dados secundários, informações empíricas e trabalhos de campo, quando for o caso;
- IV – Análise crítica e contribuição à Ciência Geográfica.

Parágrafo Único: O desenvolvimento da pesquisa é de responsabilidade do (a) acadêmico (a) com orientação do (a) professor (a) orientador (a).

Art. 14º. Os Elementos pré-textuais e textuais do TCC, são necessariamente:

I – Capa;

II – Folha de rosto;

III – Sumário;

IV – Resumo;

V – Introdução;

VI – Desenvolvimento (com, no mínimo, três capítulos);

VII – Considerações Finais;

VIII – Referências.

Parágrafo Único: É permitida a utilização de demais elementos pré-textuais e textuais, desde que sejam atendidas as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Seção VI – DA DEFESA E AVALIAÇÃO

Art. 15º. - A data da apresentação dos TCC's em banca de defesa pública, no segundo semestre do quarto ano do curso, será definida pelo (a) coordenador (a) de TCC, sendo aprovada pelo Colegiado de Geografia e respeitando o prazo de 40 dias antes do término do ano letivo.

Art. 16º. – O (a) acadêmico (a) deve entregar 15 (quinze) dias antes da defesa pública da primeira banca de TCC do curso no corrente ano letivo, 3 (três) vias impressas do TCC de igual teor ao(a) coordenador de TCC, devidamente encadernadas, bem como, o “Termo de Autenticidade” devidamente preenchido e assinado. (Anexo VII).

Art. 17º. – O Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser defendido perante uma banca composta por três professores, sendo o (a) orientador (a) na condição de presidente e mais dois membros, escolhidos e indicados pelo (a) orientador (a) em consenso com o (a) acadêmico (a) e com o (a) coordenador (a) de TCC.

§ 1º. - Pelo menos um dos membros da banca, além do (a) orientador (a) deve ser professor deste Colegiado de Geografia;

§ 2º. – É permitido que a banca seja composta por um membro externo ao Colegiado de Geografia, não sendo obrigatória a formação em Geografia;

§ 3º. – É necessária a indicação de avaliador suplente.

Art. 18.º - A distribuição do tempo nas bancas se dará da seguinte forma:

I – O (a) acadêmico (a) disporá de 20 a 30 minutos para apresentação pública de seu TCC;

II – Cada membro da banca examinadora, inclusive o(a) orientador(a) disporá de, no máximo, 10 minutos para arguições e considerações sobre o trabalho avaliado;

III - O(a) acadêmico(a) disporá de mais 10 minutos, se desejar, para responder a eventuais perguntas da banca e/ou fazer outros esclarecimentos sobre a TCC.

IV – Logo após a defesa pública, a banca deliberará em reunião particular sobre o resultado da avaliação, preencherá e assinará “Ficha de Avaliação” (Anexo VIII) e a “Ata de Defesa” (Anexo III);

V - A seguir, na presença do(a) acadêmico(a), o(a) presidente tornará público o resultado da avaliação do TCC, em forma de nota de 0 (zero) a 10,0 (dez);

VI - Os membros da banca poderão devolver o TCC com observações e correções a serem realizadas pelo(a) acadêmico(a), a fim de proceder a entrega final.

Art. 19º - A banca avaliará (Anexo VIII):

I - A apropriação e a articulação das ideias dos autores citados com a produção do(a) acadêmico(a).

II - O aprofundamento crítico com que foi desenvolvido o tema;

III - A adequação e fundamentação metodológica da pesquisa;

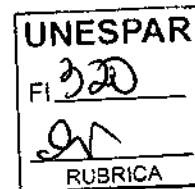
IV - A ortografia e a coerência textual;

V - A apresentação pública, clareza na exposição do trabalho e a relação com o trabalho escrito;

VI - A inexistência de indício de plágio total ou parcial.

Parágrafo Único: No caso da banca constatar que o TCC é decorrente de plágio, o(a) acadêmico(a) será considerado reprovado na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, tendo que responder civil e criminalmente nos termos da Lei.

Art. 20º - A nota do Trabalho de Conclusão de Curso resulta da média aritmética simples das notas atribuídas pelos 3 (três) membros da Banca de Avaliação, considerando tanto o trabalho escrito quanto a defesa pública.



§ 1.º Será considerado(a) aprovado(a) o(a) acadêmico(a) que obtiver, nota igual ou superior a 7,0 pontos;

§ 2.º Será considerado(a) reprovado(a) o(a) acadêmico(a) que obtiver, nota igual ou inferior a 3,9 pontos. Sendo necessário refazer a disciplina de TCC e por consequência o TCC;

§ 3.º Em caso de reprovação, em que a nota obtida esteja entre 4,0 a 6,9 pontos, o(a) acadêmico(a) terá 20 (vinte) dias de prazo para entregar e 30 (trinta) dias para reapresentar o TCC à mesma banca avaliadora, considerando as indicações e reformulações apontadas quando da primeira avaliação;

§ 4.º Quando da reapresentação do TCC, o(a) acadêmico(a) deve alcançar nota igual ou superior a 7,0 pontos.

Art. 21º - Caberá ao(a) presidente da banca entregar uma das vias da ata imediatamente ao(à) acadêmico(a). A segunda via ficará de posse do(a) presidente/orientador e a terceira via deverá ser entregue ao Coordenador de TCC, no prazo máximo de 72 horas da defesa, que arquivará, para registro da nota junto à disciplina.

Art. 22º - A atribuição da nota na Disciplina de TCC é assim composta:

I - Nota 1 = N1 (Peso 4), avaliação do Projeto de Pesquisa, seminários acerca da relação entre a temática pesquisada e a epistemologia da Geografia, bem como suas categorias de análise; seminários sobre as metodologias de pesquisa, seminários sobre o andamento e conclusão das pesquisas. Nota 2 = N2 (Peso 6), trabalho escrito, apresentação e defesa pública do TCC.

Parágrafo único: Na disciplina de TCC não se aplica as normas referentes ao Exame Final.

Seção VII – DA ENTREGA DA VERSÃO FINAL

Art. 23º - O TCC em sua versão final deverá ser entregue ao(a) Coordenador(a) de TCC, 15(quinze) dias após a data da defesa e aprovação em uma via digital (CD-Rom em formato. pdf), devendo anexar, após a folha de rosto, cópia da ata de aprovação seguida da “Declaração de correção” (Anexo IV), devidamente assinada pelo(a) aluno(a) e orientador(a).

Parágrafo único: O(a) aluno(a) somente será considerado aprovado se atender o que consta no **Art. 23º**.

Seção VIII – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 24º - O não atendimento a qualquer um dos artigos deste Regulamento implicará na reprovação do(a) acadêmico(a) na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 25º - Os casos omissos a esse Regulamento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso.

União da Vitória, 08 de fevereiro de 2017.

Aprovado pelo Colegiado de Geografia em 08 de fevereiro de 2017.

Registro na Ata nº. 02/2017 – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Geografia.

Anexo I

LINHAS DE PESQUISA DOS PROFESSORES ORIENTADORES

DOCENTE	TÍTULO/TEMÁTICAS DA LINHA DE PESQUISA
<p><i>Gilberto Luis Gonçalves</i></p>	<p>ASPECTOS FÍSICO-NATURAIS DA GEOGRAFIA</p> <p>Dinâmica, Utilização e Preservação do Meio Ambiente. Análise Ambiental. Avaliação de Impacto Ambiental. Geomorfologia Ambiental. Geografia e Meio Ambiente. Políticas Públicas e Impactos Ambientais. Educação Ambiental. Resíduos Sólidos. Climatologia Geográfica. HidroGeografia: Teoria, Métodos e Aplicações. Bacia Hidrográfica Enquanto Unidade Territorial de Planejamento. Evolução e Dinâmica do Relevo.</p> <p>Geomorfologia. Climatologia. HidroGeografia. Sociedade-Natureza.</p>
<p><i>Marcos Antonio Correia</i></p>	<p>DIDÁTICA E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>História do Pensamento Geográfico. Evolução Teórico- Metodológica e Didático-Pedagógica da Geografia Escolar Brasileira e Sua Institucionalização no Estado do Paraná. Geografia e Filosofia: Teoria e Método. Geografia e Processos Educativos. Recursos Didáticos e o Ensino da Geografia. Arte, Música e Ensino.</p> <p>Epistemologia da Geografia. Didática e Ensino da Geografia. Metodologia do Ensino da Geografia.</p>
<p><i>Paulo Sérgio Meira Rocha</i></p>	<p>ESPAÇO GEOGRÁFICO: MEIO AMBIENTE E REPRESENTAÇÃO</p> <p>Impactos Ambientais e Áreas de Risco. Enchentes. Dinâmica Geoambiental. Gestão Ambiental em Áreas de Risco. Áreas de Ocupação Irregular. Planejamento Ambiental. Educação Ambiental. Cartografia de Ambientes no Ensino De Geografia. Cartografia Temática e a Organização da Sociedade. Astronomia e Ensino de Geografia. Sistema De Informações Geográficas (SIG).</p> <p>Cartografia Geral e Temática. Astronomia. Metodologia do Ensino da Geografia. Sociedade-Natureza.</p>
<p><i>Helena Edilamar</i></p>	<p>DINÂMICA DA PAISAGEM, EXCLUSÃO SOCIAL E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Dimensões Sociais, Intersubjetiva e Auto-Reflexiva do Processo Educacional Entendidas como Processo Integral. Representações Gráficas do Ensino. Educação Especial. Educação Geográfica. Espaço, Cultura e Linguagens. Dinâmica e Degradação da Paisagem. Matas Ciliares. Educação Ambiental. Exclusão Social, Catadores de Retornáveis (Lixo) e (In)Visibilidade Social.</p>

<i>Ribeiro Buch</i>	Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia. Sociedade-Natureza.
<i>Sérgio Roberto Ferreira dos Santos</i>	<p style="text-align: center;">ASPECTOS FÍSICO NATURAIS DA GEOGRAFIA</p> <p>Mapeamento Geológico e Geomorfológico. Espeleogênese Arte Rupestre. Sistema de Informações Geográficas (SIH). Áreas de Ocupação Irregular. Educação Ambiental. Desastres Ambientais. Dinâmica Geoambiental. Ambiente e Saúde. Evolução e Dinâmica do Relevo. Sustentabilidade e Ética Ambiental.</p> <p style="text-align: center;">Geologia. Geomorfologia. BioGeografia. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Alcimara Aparecida Föetsch</i>	<p style="text-align: center;">ESPAÇO, CULTURA E IDENTIDADE. ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Cultura, Identidade e Tradição. Cultura e Patrimônio (Material e material). Simbolismo e Memória. Religião e Geografia. Topofilia. Território, Territorialidade e Identidade Territorial. Populações e Comunidades Tradicionais. Modo de Vida e Espaço Agrário. Educação do Campo. Dinâmica da Paisagem. BioGeografia e Ecologia. Educação Ambiental. Ensino da Geografia: Teoria e Metodologia. Educação Geográfica.</p> <p style="text-align: center;">Geografia Cultural. Geografia Agrária. Geografia do Paraná e do Contestado. BioGeografia. Sociedade-Natureza. Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia.</p>
<i>Diane Daniela Gemelli</i>	<p style="text-align: center;">RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA E OS PROCESSOS SÓCIO ESPACIAIS</p> <p>Diferentes Grupos Sociais e Suas Compreensões de Natureza. O Trabalho e a Arrumação Espacial. Trabalho, Território e Capital. Os Trabalhadores e os Processos de Trabalho. O Trabalho no Campo e na Cidade. Precarização do Trabalho. Trabalho, Saúde e Doença. Mobilidade Territorial do Trabalho. Povos e Comunidades Tradicionais. Modo de Vida e Territorialidades. As Monoculturas e os Desdobramentos Sociais e Espaciais. Processos de Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização. O Modo de Produção Capitalista e a Organização do Espaço.</p> <p style="text-align: center;">Geografia do Trabalho. Geografia do Contestado. Geografia Econômica. Geografia Agrária. Geografia Urbana. Sociedade-Natureza.</p>
<i>Elaine Cristina Surmacz</i>	<p style="text-align: center;">DIDÁTICO E ENSINO DA GEOGRAFIA</p> <p>Saberes Docentes do Professor de Geografia. Formação Docente. Estágio Supervisionado. O Papel da Universidade na Formação Pedagógica. Práticas Educativas do Professor de Geografia nas Modalidades de Ensino: Educação Do Campo, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia: Metodologia, Motivação e Aprendizagem. Propostas Metodológicas</p>

	<p>para o Ensino da Geografia.</p> <p>Metodologia do Ensino da Geografia. Didática e Ensino da Geografia. Ambientes Virtuais de Aprendizagem.</p>
<p><i>Silas Rafael da Fonseca</i></p>	<p>EXPRESSÕES TERRITORIAIS CAMPO-CIDADE</p> <p>Territorialidades Urbanas e Rurais. Relação e Contradições Campo-Cidade. Relações Sociais e Econômicas. Território, Conflitos e Resistência. Movimentos Sociais. A Luta pela Terra. Latifúndio. Monocultivo. Tecnicificação da Agricultura. Agricultura Familiar Camponesa e Agricultura Capitalista. Povos e Comunidades Tradicionais. Agronegócio e Impactos Ambientais.</p> <p>Geografia Agrária. Geografia Urbana. Geografia Econômica. Geografia da População. Geografia Política.</p>

Elaboração: Núcleo Docente Estruturante (NDE-Geo), 2016.

Anexo II
FORMULÁRIO COM A INTENÇÃO DE PESQUISA E INDICAÇÃO DO (A)
ORIENTADOR (A)

Eu, _____, regularmente matriculado(a) na disciplina de TCC, no quarto ano do curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR - *Campus* de União da Vitória e de acordo com o regulamento de TCC, venho por meio deste, indicar a temática de pesquisa, conforme segue.

1. Proposta de tema e área da Geografia:

2. Local onde pretende desenvolver a pesquisa de campo (se houver):

4. Descrição objetiva da proposta da pesquisa:

União da Vitória, ___ / ___ / ____.

(Para uso do Colegiado de Geografia)

Orientador direcionado: _____

Ciência do orientador: _____

Data: ___ / ___ / ____.



Anexo III

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TCC

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) _____ do Quarto ano do Curso de Geografia, turno noturno. Aos _____ dias do mês de _____ do ano de _____, com início às _____ horas, na sala _____ da Universidade Estadual do Paraná - *Campus União da Vitória*, reuniu-se a banca examinadora composta pelos(as) Professores(as) _____ (orientador(a)), sendo membros da presente banca, _____ e _____.

Após a apresentação do TCC, arguições dos membros da banca e defesa do(a) acadêmico(a) o trabalho foi considerado _____, obtendo a nota _____. Sendo a aprovação condicionada a entrega do trabalho final, conforme regulamento do TCC do Curso de Geografia da Unespar – *Campus União da Vitória*. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente Ata, que após lida e aprovada segue assinada pelos membros da Banca Examinadora. Curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná, *Campus União da Vitória*.

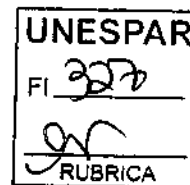
Orientador(a) do TCC

Avaliador(a) 1

Avaliador(a) 2

Aluno(a)

União da Vitória, _____ de _____ de _____.



Anexo IV

DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO

Eu, _____, após a defesa e aprovação do TCC intitulado _____

_____, declaro que realizei, em concordância com o referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa e com a aceitação do(a) orientador(a), as considerações feitas pela banca de avaliação.

Declaro ter conhecimento que a aprovação no TCC está condicionada a entrega da versão final em observância às considerações arroladas na ficha de avaliação.

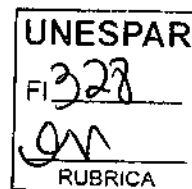
União da Vitória, ____ de _____ de _____.

Aluno(a)

Com a ciência do(a) orientador(a).

Professor(a) Orientador(a)

UNESPAR – Campus União da Vitória



Anexo V

TERMO DE COMPROMISSO E ACEITE DO(A) ORIENTADOR(A)

Eu, _____ acadêmico(a) do Quarto ano do Curso de Geografia, declaro ter pleno conhecimento do Regulamento que normatiza a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Comprometo-me a seguir as regras referentes ao desenvolvimento desta atividade, responsabilizando-me inteiramente pelo cumprimento de todas as etapas do trabalho, comparecendo aos encontros de orientação, atendendo à normatização técnica, respeitando os direitos autorais pertencentes a terceiros.

Pelo exposto assino o presente termo.

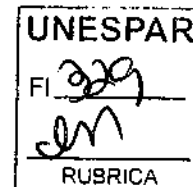
União da Vitória, ____ de _____ de _____.

Acadêmico(a)

Eu, _____, professor(a) do Curso de Licenciatura em Geografia da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná *Campus* União da Vitória aceito orientar o(a) aluno(a) _____, matriculado(a) na Disciplina de TCC, que consta na grade curricular do Quarto Ano do curso de Licenciatura em Geografia, no projeto de Trabalho de Conclusão do Curso previamente intitulado:

União da Vitória, ____ de _____ de _____

Professor(a) Orientador(a) – Colegiado de Geografia
UNESPAR – *Campus* União da Vitória



Anexo VI

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DO TCC DE INDICAÇÃO DE
BANCA DE AVALIAÇÃO**

Eu, _____, professor(a) do Curso de
Licenciatura em Geografia da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná *Campus* União
da Vitória autorizo, que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

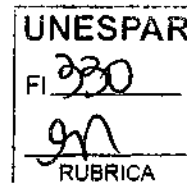
_____ e desenvolvido pelo(a)
orientando(a) _____
seja submetido a banca de avaliação.

Para compor a referida banca indico os(a) professores(a);

avaliador(a) 1 _____
avaliador(a) 2 _____
suplente _____

União da Vitória, ____ de _____ de _____

Professor(a) Orientador(a)
UNESPAR – *Campus* União da Vitória



Anexo VII
TERMO DE AUTENTICIDADE

Eu, _____, acadêmico(a) do Curso de Geografia, declaro, sob as penas da lei e do regulamento que rege o TCC, que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado _____

_____, é de minha total autoria. Sendo que o mesmo não apresenta uso indevido de textos ou qualquer outro material de terceiros.

Declaro ainda, ter conhecimento que configura plágio a utilização, de forma total ou parcial, de qualquer material no qual não seja citada a fonte e/ou o autor. Por fim, declaro ter ciência que a prática do plágio resulta na reprovação na disciplina do TCC, além de responder civil e criminalmente na forma da lei.

Nestes termos assino o presente.

União da Vitória, ____ de _____ de _____.

Aluno(a)

Anexo VIII

FICHA DE AVALIAÇÃO DE TCC

Nome do(a) acadêmico(a): _____

Orientador(a): _____

Título do TCC: _____

Quadro de notas

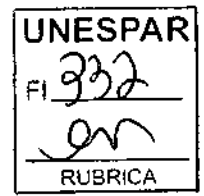
Nota do(a) Orientador(a)		
Nota do(a) Avaliador(a) 1		
Nota do(a) Avaliador(a) 2		
Média		
Resultado		

Indicações da banca a serem incluídas na versão final do TCC:

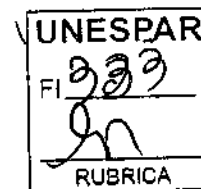
União da Vitória, ____ de _____ de _____.

De acordo com o regulamento de TCC a banca deve avaliar:

- I - A apropriação e a articulação das ideias dos autores citados com a produção do(a) aluno(a).
- II - O aprofundamento crítico com que foi desenvolvido o tema;
- III - A adequação e fundamentação metodológica da pesquisa;
- IV - A ortografia e a coerência textual;
- V - A apresentação pública, clareza na exposição do trabalho e a relação com o trabalho escrito;
- VI - A não existência de indicio de plágio total ou parcial.



Anexo VII REGULAMENTO DE ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO



REGULAMENTO DE ESTÁGIO

SUPERVISIONADO NÃO-OBRIGATÓRIO

- Considerando a Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes.

- Considerando os parágrafos e incisos do Art. 46, 47,49 e a letra (i) do Art. 52 do Regimento Geral da Universidade Estadual do Paraná, assim como os Artigos 24 a 29 sequencialmente da resolução aprovada pelo CEPE, que dispõe sobre os Estágios não obrigatórios dos Cursos de Licenciatura da UNESPAR:

- Considerando as obrigações das instituições de ensino superior de elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos, conforme o artigo 7º, inciso VI da Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008,

O COLEGIADO DE GEOGRAFIA DA UNESPAR

Campus União da Vitória, estabelece:

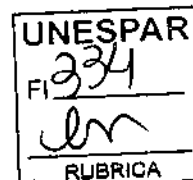
CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS, DEFINIÇÕES E OBJETIVOS

Art. 1º- Este Regulamento estabelece as diretrizes e normas básicas para organização e funcionamento do Estágio Supervisionado não-obrigatório no Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *Campus União da Vitória*.

Art. 2º- Para o funcionamento efetivo deste regulamento consideramos:

I- **O Estágio Supervisionado não-obrigatório** no Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, *Campus União da Vitória*, deverá desenvolver atividades educativas em sintonia com os conhecimentos teórico e práticos recebidos pelo acadêmico durante o período da Graduação em Geografia;



II- O Estagiário deve estar regularmente matriculado e apto ao desenvolvimento das atividades curriculares;

III- A Unidade Conveniada concedente de estágio é a entidade jurídica de direito público ou privado, órgão da administração pública e instituição de ensino superior que apresente condições para o desenvolvimento do estágio, previamente conveniada com a instituição de ensino responsável pelo estágio;

IV- Interveniente representada pela UNESPAR, onde o aluno se encontra matriculado, responsável pela homologação do estágio, mediante a avaliação das condições de sua realização;

V- Coordenador Geral de Estágio: Professor efetivo no *Campus* de União da Vitória, indicado pela Direção do *Campus* e nomeado pelo Reitor da UNESPAR;

VI- Orientador de Estágio: Docente do Colegiado de Geografia, com aulas atribuídas anualmente para acompanhar e orientar o estagiário. Na falta deste, o estagiário será orientado pelo Coordenador do Colegiado;

VII- Supervisor de Estágio: é o profissional corresponsável pelo acompanhamento e supervisão do estagiário remunerado no campo de estágio, representando a unidade concedente.

§1º. O Estágio não-obrigatório é considerado opcional e não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, sendo considerados os seguintes requisitos:

I. Estar matriculado e frequentando o Curso de Geografia, comprovando com declaração de matrícula atualizada;

II. Celebração de Termo de Compromisso entre o estudante, a parte concedente do estágio e a Instituição do Ensino;

III. Existência de compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no Termo de Compromisso.

Art. 3º- O estágio curricular não-obrigatório do Colegiado de Geografia, *Campus* União da Vitória tem como objetivos:

I. Ampliar a possibilidade de estagiar na área de Geografia e vivenciar as atividades da ação docente;

II. Preparar os acadêmicos do Curso de Geografia para a prática de docência na área;

III. Promover a integração social do estudante.

CAPÍTULO II

ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁGIO E AS CONDIÇÕES DE DESENVOLVIMENTO

Art. 4º. Os Estágios não-obrigatórios serão articulados envolvendo uma parte concedente e outra interveniente, conforme segue:

§1º. Parte interveniente:

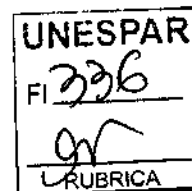
- I. Constar no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia o Estágio não-remunerado;
- II. Atribuir carga horária, duração e jornada de Estágio;
- III. Verificar as condições necessárias para o desenvolvimento do Estágio;
- IV. Organizar, orientar e avaliar o Estágio;
- V. Acompanhar o Estágio, cuidando para que ele se desenvolva dentro do previsto;
- VI. Instituir serviços de acompanhamento assegurando direitos em especial aos alunos portadores de necessidades especiais;
- VII. Reexaminar os Convênios estabelecidos.

§2º. A Unidade Concedente cabe:

- I. Possibilitar a experiência teórica prática no Campo da Geografia;
- II. Elaborar e executar com a interveniente um plano de execução de Estágio;
- III. Propiciar a vivência das situações concretas vividas no chão da escola;
- IV. Designar o Supervisor responsável pelo acompanhamento do plano de atividades do Estagiário;
- V. As atividades do Estágio deverão estar em sintonia com a formação do Licenciado em Geografia;
- VI. Cumprir as normas de estágio da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória, Colegiado de Geografia.

CAPÍTULO III

ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO



Art. 5º- O Colegiado do Curso de Geografia deverá definir e encaminhar ao responsável pelos estágios no *Campus* de União da Vitória, o interesse e o quantitativo de vaga em estágio não-obrigatório para o ano seguinte.

§1º. Para o estabelecimento de convênios de estágio, será considerado:

- I. A concordância com as condições de supervisão e avaliação pelo Colegiado de Geografia do *Campus* de União da Vitória;
- II. A aceitação e acatamento às normas dos estágios da UNESPAR;
- III. A existência dos instrumentos jurídicos formalizados por meio de instrumentos celebrados entre UNESPAR, a unidade concedente de estágio e o estudante;
- IV. A existência, no quadro de pessoal, de profissional que atuará como Supervisor de Campo de Estágio, responsável pelo acompanhamento das atividades do estagiário no local de estágio durante o período de sua realização, observada a legislação profissional pertinente.

Art. 6º- O Estágio deve propiciar a complementação da Licenciatura em Geografia, devendo ser planejado acompanhado e avaliado conforme os objetivos que consta na ementa do Professor orientador.

§1º. O local do estágio será selecionado a partir de cadastro das partes cedentes, sob a organização e autorização do setor responsável pelos estagiários no *Campus* União da Vitória;

§2º. O estágio deve ser realizado em locais compatíveis com os objetivos teóricos práticos do Ensino da Geografia em consonância com o perfil do profissional descrito no projeto pedagógico do curso;

§3º. O acadêmico deve estar segurado contra acidentes pessoais, sob a responsabilidade da unidade concedente do Estágio;

§4º. A jornada para o estágio não pode ser superior a 6 horas diárias e 30 horas semanais considerando que não pode atrapalhar com os horários de funcionamento do Curso.

§5º. Nos períodos de férias escolares, as jornadas de estágio é estabelecida de comum acordo entre estagiário e unidade concedente de estágio.

§6º. A duração do estágio na mesma função e na mesma unidade concedente não poderá ultrapassar dois anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de necessidades especiais. (Lei nº. 11.788, de 25/09/2008).

§7º. O estagiário deverá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, ressalvado o que dispuser a legislação previdenciária.

Art. 7º - O estágio proporcionado alunos com necessidades especiais deve ser realizado em contexto a aqueles que atendem os demais estudantes levando-se em conta os seguintes requisitos:

- I. Compatibilização das habilidades da pessoa com as necessidades educativas especiais às exigências da função;
- II. Adaptação de equipamentos, ferramentas, máquinas e locais de estágio com acessibilidade física garantida.

CAPÍTULO IV

DAS COMPETÊNCIAS E DOS PROCEDIMENTOS

Art. 8º. Em relação aos procedimentos do Estagiários:

- I. Buscar uma entidade concedente, conveniada com a UNESPAR, *Campus* União da Vitória;
- II. Ter assegurado um supervisor de estágios, designado pelo Colegiado do Curso;
- III. Preencher o Termo de Compromisso e o Plano de Estágio não-obrigatório;
- IV. Obter a aprovação do Plano de Estágio não-obrigatório pelo Coordenador do Colegiado do Curso e a assinatura do responsável pelos estágios no *Campus* de União da Vitória;
- V. Após protocolado, o Termo de compromisso deve ser retirado no setor responsável pelos estágios no *Campus* e entregue à unidade concedente por ocasião do início do estágio.

§1º. Se o pedido de estágio for indeferido, o estudante poderá protocolar outro pedido com as adequações necessárias dentro do período definido pelo Colegiado de Geografia.

Art. 9º- O período de prorrogação será concedido mediante pedido formal de Termo Aditivo ao Termo de Compromisso, firmado antes do final da vigência do estágio, juntamente com o plano de Estágio, relativo ao novo período de atividades de estágio e do relatório das atividades já desenvolvidas anteriormente.

Parágrafo Único – O Termo de Compromisso deve ser entregue, obrigatoriamente antes do final da vigência do estágio, sendo anexada ao processo inicial, para a tramitação de aprovação.

Art. 10º- Cabe ao Setor responsável pelos Estágios no *Campus* manter cadastro atualizado de todos os estudantes que estejam realizando Estágio não-obrigatórios e o local onde se encontram.

- I. Cabe ao Coordenador do Curso e de Estágio manter um cadastro organizado de todos os estudantes de seu curso que estão fazendo Estágio, onde, bem como assinar e conhecer o plano de estágio e relatório;
- II. Cabe ao Setor responsável pelos estágios no *Campus* União da Vitória, formalizar e firmar convênios, com análises periódica verificando a necessidade de renovação, juntamente com o Coordenador de Curso ou de Estágio;
- III. Nesta categoria de Estágio, as atividades a serem desenvolvidas pelos estudantes devem constar no plano de Estágio, elaborado pelo estudante e seu supervisor.

CAPÍTULO V

DA AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Art. 11º- A Avaliação de estágio é parte integrante do processo de organização e acompanhamento feito de forma sistemática e contínua.

§1º. O supervisor e o orientador devem avaliar o desempenho do estagiário de acordo com este regulamento de estágio do Curso de Geografia;

§2º. Além da avaliação feita pelo supervisor e pelo professor orientador, o estagiário deverá entregar no final de cada ano um relatório completo sobre suas atividades desenvolvidas que descreva sua relação com o Curso de Geografia.

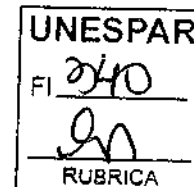
Art. 12º- Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos em conjunto com o Colegiado do Curso de Geografia e o Centro de Área de Ciências Humanas e Educação (CCHE) em conformidade com a legislação pertinente.

União da Vitória, 08 de fevereiro de 2017.

Aprovado pelo Colegiado de Geografia em 08 de fevereiro de 2017.
Registro na Ata nº. 02/2017 – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Geografia.



Anexo VIII REGULAMENTO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO



REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

**COLEGIADO DE GEOGRAFIA DA UNESPAR
CAMPUS UNIÃO DA VITÓRIA**

Em conformidade, com o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, PPI – Projeto Político Institucional e com PPC – o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia, este Colegiado estabelece:

TÍTULO I DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

CAPÍTULO I DA DEFINIÇÃO E DISPOSIÇÕES LEGAIS

Art. 1.º – Em atendimento à Resolução nº. 10/2015 – CEPE/UNESPAR, fica estabelecido o Regulamento de Estágio Curricular (obrigatório) Supervisionado, do Curso de Licenciatura em Geografia, do *Campus* União da Vitória, da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR.

§ 1º: O Estágio Curricular Supervisionado compreende aquele de natureza obrigatória para integralização do curso, consoante com o campo de atuação profissional do Licenciado em Geografia, definido no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e de acordo com a legislação vigente.

§ 2º: O Estágio obedecerá, no que couber, o disposto na Resolução CNE/CP nº. 2/2015 e na Lei nº. 11.788/2008.

Art. 2.º – Para realização dos estágios é necessário que a instituição concedente esteja conveniada com a UNESPAR, bem como, a celebração de Termo de Compromisso específico entre o acadêmico estagiário, a instituição concedente, com a interveniência da Universidade e do professor Orientador-Supervisor do Curso (Anexo I).

§ 1º: Cabe ao acadêmico estagiário interessado verificar junto ao Setor de Estágios do *Campus* se a instituição concedente é conveniada e, caso contrário, fornecer dados e contatos para celebração do referido convênio.

§ 2º: Cabe ao acadêmico estagiário preencher o Termo de Compromisso (Anexo I) e protocolá-lo na Secretaria Geral endereçando-o ao Setor de Estágios do *Campus*, em três vias de igual teor, devidamente assinado pela instituição concedente, pelo professor Orientador-Supervisor do curso, bem como por ele mesmo.

§ 3º: Após o recebimento do Termo de Compromisso, o Setor de Estágios verificará sua adequabilidade e, estando correto, o encaminhará para assinatura diretor do *Campus*. Posteriormente, duas cópias do Termo serão reencaminhadas ao acadêmico estagiário, devendo uma ser entregue ao campo de estágio e outra ser apresentada ao professor da disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia, como requisito exigido para o início das atividades do estágio de regência.

§ 4º: O estágio supervisionado de regência somente poderá ser realizado após o recebimento do retorno do Termo de Compromisso pelo acadêmico, ou seja, após o Termo ter passado pelo Setor de Estágios do *Campus* e pela assinatura da Direção do *Campus*;

§ 5º: É de responsabilidade do Setor de Estágios do *Campus* prestar as orientações técnicas acerca dos procedimentos e instrumentos necessários para celebração de convênios e Termos de Compromisso.

CAPÍTULO II

CAMPOS DE ESTÁGIO

Art. 3.º – Constituir-se-ão campos de Estágio:

I – Estabelecimentos oficiais de Ensino Fundamental e Médio, da rede Municipal, Estadual ou Particular;

Parágrafo Único – O estágio, sendo considerado como ato educativo, deverá ser realizado em área e local compatíveis com o Curso de Licenciatura em Geografia sendo expressamente vedado o exercício de atividades não relacionadas à sua área de formação.

Art. 4.º– As atividades de Estágio Curricular Supervisionado de coparticipação devem ser realizadas, preferencialmente, nas cidades de União da Vitória/PR e Porto União/SC, podendo ser, eventualmente, desenvolvidas em mais de um local, concomitante ou não, desde que compatível com a jornada escolar do aluno e autorizado pelo Colegiado, de forma a não prejudicar suas atividades acadêmicas.

Art. 5.º– O Estágio Curricular Supervisionado de regência de classe deverá necessariamente ser realizado nas cidades de União da Vitória/PR ou Porto União/PR, núcleos urbanos.

CAPÍTULO III

DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Art. 6.º – A organização administrativa referente ao Estágio Supervisionado está assim distribuída:

I – Setor de estágios do *Campus*;

II – Colegiado de curso;

III – Coordenação do curso;

IV – Coordenação de estágios do curso: composta, preferencialmente, pelos docentes responsáveis pelas disciplinas de Metodologia de Ensino de Geografia no 3º ano (MEG II) e Metodologia de Ensino de Geografia no 4º ano (MEG III);

V – Orientador supervisor de estágio do colegiado;

VI – Professor regente do campo de estágio;

VII – Acadêmico estagiário.

CAPÍTULO IV

DAS ATRIBUIÇÕES

Seção I - do Setor de estágio do *Campus*

Art. 7.º – Ao responsável pelo Setor de estágios do *Campus* compete, no que se refere ao curso:

I – Manter contato periódico com o Coordenador de Curso e com a Coordenação de Estágio, para apoiar, subsidiar e discutir questões relativas ao planejamento, organização, avaliação e acompanhamento do estágio supervisionado;

II – Prestar informações à Coordenação de Estágio do curso sobre mudanças nas leis e resoluções que regem o estágio supervisionado;

III – Tomar as providências técnico-administrativas para celebração de convênios junto às Instituições concedentes de estágio;

IV – Manter cadastro atualizado de instituições conveniadas concedentes de estágio;

V – Informar à direção a necessidade de inclusão na previsão orçamentária das despesas relacionadas à supervisão dos estágios, tendo em mãos as previsões apresentadas pela Coordenação do Curso;

VI – Prestar orientações técnicas acerca dos procedimentos e instrumentos necessários para celebração de convênios e termos de compromisso.

Seção II: do Colegiado de Curso

Art. 8.º – Compete ao Colegiado de Curso:

I – Apoiar e subsidiar a Coordenação de Estágio no que diz respeito ao pleno desenvolvimento das atividades de estágio supervisionado;

II – Manifestar-se sobre campos de estágio e professores regentes dos campos de estágio;

III – Decidir sobre o número de horas de estágio de coparticipação, regência de classe e outras atividades pertinentes ao estágio curricular supervisionado obrigatório;

§ 1º: No 3º ano do curso, o acadêmico estagiário deverá cumprir um total de 06 (seis) horas de coparticipação e 10 (dez) horas de regência de classe;

§ 2º: No 4º ano do curso, o acadêmico-estagiário deverá cumprir um total de 06 (seis) horas de coparticipação e 10 (dez) aulas de regência de classe.

IV – Propor mudanças e alterações que se façam necessárias no Regulamento do Estágio Supervisionado do Curso;

V – Deliberar sobre os casos omissos desse edital.

Seção III: Da Coordenação do Curso

Art. 9.º – A Coordenação do Curso terá as seguintes atribuições:

I – Subsidiar os docentes das disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia coordenadores dos estágios, os professores orientadores-supervisores do curso e os professores regentes dos campos de estágio no pleno desenvolvimento de suas atividades;

II – Apresentar ao CCEB – Conselho de Centro de Ciências Humanas e da Educação UNESPAR, *Campus União da Vitória*, o Regulamento proposto pelo Colegiado referente ao Estágio Supervisionado, para análise e aprovação;

III – Elaborar, juntamente com a coordenação de Estágio do curso, uma planilha de custos para a realização das supervisões do Estágio Curricular Supervisionado, quando necessário.

Seção IV: Da Coordenação de Estágio do Curso

Art. 10.º – A coordenação de estágio do Curso deverá ser exercida, preferencialmente, pelos docentes responsáveis pelas disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia (MEG II) no 3º ano e Metodologia do Ensino da Geografia (MEG III) no 4º ano, os quais devem ser membros do Colegiado, com a formação específica do Curso e com experiência docente no Ensino Fundamental, Médio e Superior.

§ 1º – Os coordenadores de Estágios devem, preferencialmente, serem professores efetivos do colegiado em Regime de Tempo Integral (TIDE).

Art. 11.º – À Coordenação de Estágio do Curso compete:

I – Apresentar ao Colegiado de Curso a estrutura de organização e desenvolvimento dos estágios no período letivo corrente, organizando o programa das referidas disciplinas e especificando orientações das atividades de Estágio Curricular Supervisionado;

II – Manter contato com os campos de estágios durante o desenvolvimento das atividades;

III – Coordenar o planejamento, a execução e a avaliação das atividades de estágios, em conjunto com os professores orientadores-supervisores e professores regentes dos estágios;

IV – Manter cadastro atualizado de todos os estudantes do seu curso que estão realizando estágios, com especificação dos locais de estágios;

V – Propor alterações que se façam necessárias no Regulamento de Estágio do Curso;

VI – Apresentar e debater com os acadêmicos matriculados nas disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia, no início do ano letivo, a organização do estágio curricular no curso, bem como o Regulamento;

VII – Verificar a necessidade de alteração do número de horas de estágio de coparticipação, regência de classe e outras atividades pertinentes ao Estágio Curricular Supervisionado, e apresentá-la ao Colegiado de curso para deliberação, análise e aprovação;

VIII – Distribuir as orientações e o acompanhamento dos Estágios Supervisionados do 3º e do 4º ano aos professores orientadores-supervisores do Curso no início dos referidos períodos letivos;

IX – Participar dos encontros e reuniões promovidos pelo Setor de Estágios do *Campus* ou Coordenação do Curso;

X – Prestar informações adicionais, quando solicitadas, e solicitar reuniões quando se fizerem necessárias;

XI – Avaliar os relatórios finais dos estágios de coparticipação e regência, contabilizando nota para as disciplinas de MEG II e MEG III, informando aos alunos as respectivas notas;

XII – Organizar e presidir o seminário de apresentação dos relatórios de estágio supervisionado dos acadêmicos do 3º ano do curso no final do respectivo ano letivo;

XIII – Organizar, divulgar e presidir as bancas finais de estágio supervisionado dos acadêmicos do 4º ano no final do respectivo ano letivo.

Seção V: Dos professores Orientadores-Supervisores de Estágio Supervisionado

Art. 12.º – Os orientadores-supervisores de Estágio Supervisionado devem ser, obrigatoriamente, professores do Colegiado de Geografia.

Art. 13.º – São competências dos Orientadores-Supervisores de Estágio Supervisionado, no que se refere ao estágio curricular obrigatório:

I – Orientar a elaboração do projeto de estágio no que se refere aos planos de aula, textos teóricos, documentos institucionais, atividades e recursos para a realização do Estágio Curricular Supervisionado;

II – Comunicar aos professores de Metodologia do Ensino de Geografia, quando o acadêmico estagiário estiver com o projeto de estágio devidamente concluído e aprovado;

III – Assinar os Termos de Compromisso dos estágios supervisionados obrigatórios;

IV – Visitar os campos de estágios e acompanhar o desenvolvimento das atividades do estágio supervisionado de regência nas escolas parceiras, atuando como supervisor, atribuindo nota final ao desenvolvimento do estágio (Anexo II);

V – Auxiliar na elaboração dos relatórios finais de estágio (coparticipação e regência), proporcionando momentos de reflexão acerca das atividades e experiências;

VI – Prestar aos Docentes das Disciplinas Metodologia do Ensino de Geografia, ou ao Coordenador do Estágio informações adicionais, quando solicitadas;

VII – Participar dos encontros e reuniões promovidos pelo Setor de Estágios do *Campus* ou Coordenação de Curso;

VIII – Emitir relatório circunstanciado quando houver indício de desvirtuamento do estágio e encaminhar ao Coordenador de Estágios para as providências institucionais necessárias.

Art. 14.º – Caso o professor orientador supervisor do curso julgue que o projeto de estágio não está adequado até o prazo estabelecido, ele deverá informar o docente da disciplina Metodologia do Ensino de Geografia a impossibilidade de realização do Estágio de regência.

Seção VI: Do professor Regente do campo de Estágio

Art. 15.º – O professor Regente do campo de estágio deverá ser professor com formação específica no curso de Geografia e ministrar aulas regularmente nas turmas em que os estagiários realizarão o Estágio Curricular Supervisionado obrigatório.

Art. 16.º – São competências do Professor Regente:

I – Ceder espaço em suas aulas para que o acadêmico possa realizar suas atividades de estágio de coparticipação e regência;

II – Informar os conteúdos a serem trabalhados de modo a permitir que o acadêmico estagiário planeje suas atividades;

III – Acompanhar as atividades de planejamento do acadêmico e aprovar o projeto de estágio antes do início das aulas de regência;

IV – Acompanhar as atividades do acadêmico (coparticipação e regência) durante as aulas para assegurar a continuidade da formação dos seus alunos, bem como resguardar os interesses da escola;

V – Atribuir nota ao desenvolvimento do estágio conforme instrumento próprio (Anexo II);

VI – Registrar e encaminhar ao professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Ensino aspectos teóricos e/ou pedagógicos que possam contribuir com a avaliação e formação do acadêmico-estagiário;

VII – Atestar a frequência dos acadêmico-estagiários;

VIII – Solicitar, com anuência da Direção da Escola, o desligamento do estagiário que não apresentar condições mínimas de regência das aulas ou desprezitar as normas do convênio de estágio, deste Regulamento ou da escola concedente;

IX – Participar, quando possível, dos seminários de estágios do 3º ano de Geografia na disciplina de MEG II;

X – Participar da banca final de estágio supervisionado no 4º ano do curso, disciplina de MEG III, contribuindo com informações acerca do desenvolvimento do acadêmico estagiário durante o período das atividades.

Seção VI: Do Acadêmico Estagiário

Art. 17.º – O acadêmico estagiário é aquele que está regularmente matriculado nas disciplinas de: Metodologia do Ensino de Geografia (MEG II) do 3º ano e Metodologia do Ensino de Geografia (MEG III) do 4º ano.

Art. 18.º – São competências do acadêmico estagiário, no que se refere ao estágio curricular:

I – Observar, conhecer e respeitar as normas contidas neste Regulamento;

II – Discutir e definir com o docente responsável pela Disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia períodos e formas para o desenvolvimento das atividades referentes ao Estágio Curricular Supervisionado;

III – Elaborar o projeto de estágio, contendo texto teórico, planos de aula, documentação institucional, atividades e recursos para o desenvolvimento dos estágios;

§ 1º: Os professores orientadores-supervisores do curso devem auxiliar na elaboração do projeto de estágio.

IV – Apresentar o planejamento das atividades de estágio (projeto) ao docente da disciplina Metodologia do Ensino de até a data estabelecida;

V – Iniciar o Estágio Curricular Supervisionado de regência somente após autorização do professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia e do orientador supervisor de Estágio;

VI – Comunicar antecipadamente sua ausência no horário de realização do Estágio Curricular Supervisionado ao docente da disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia e à escola envolvida quando da necessidade de ausentar-se;

VII – Repor as horas-aula de estágio quando a justificativa apresentada, comunicando a ausência, tenha sido aceita pela escola e pelo docente de Metodologia do Ensino de Geografia.

VIII – Desempenhar as atividades de Estágio Curricular Supervisionado com responsabilidade e competência, observando as normas de ética profissional no desenvolvimento das suas atividades, devendo cumprir 100% de frequência;

IX – Entregar ao docente da disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia em data previamente agendada, os Relatórios finais de Estágio Curricular Supervisionado;

X – Participar ativamente do seminário de estágios no 3º do curso e defender o relatório final de estágio supervisionado em banca no 4º ano.

Parágrafo Único – O acadêmico estagiário não poderá ter grau de parentesco com o professor supervisor no campo de estágio na condição de cônjuge, ou até o terceiro grau de ascendentes, descendentes e colaterais, por consanguinidade ou afinidade.

TÍTULO II

DOS ASPECTOS PARTICULARES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 19.º – Nos termos da Resolução CNE/CP nº. 2/2015, o Estágio Curricular Supervisionado constitui etapa obrigatória do Curso de Licenciatura em Geografia.

Art. 20.º – A carga horária do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de licenciatura em Geografia de caráter obrigatório é de 400 (quatrocentas) horas distribuídas nas terceiras e quartas séries do curso, conforme Resolução CNE/CP nº. 2/2015.

§ 1.º: A distribuição da carga horária total do Estágio Curricular Supervisionado constitui 200 (duzentas) horas no Ensino Fundamental II a serem realizadas na 3ª série do curso, e 200 (duzentas) horas no Ensino Médio realizadas na 4ª série do curso (Anexo III).

§ 2.º: O professor da disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia será o responsável pela organização das atividades referentes ao Estágio Curricular Supervisionado.

CAPÍTULO I

OBJETIVOS DO ESTÁGIO

Art. 21.º – São objetivos do Estágio Curricular Supervisionado:

- I – Proporcionar ao acadêmico experiências em sua futura área de atuação profissional;
- II – Viabilizar a elaboração planejamento e análise de sua possível contribuição no contexto escolar escolhido como campo de estágio;
- III – Promover a execução dos planejamentos no campo escolhido para estágio;

IV – Favorecer a reflexão acerca das atividades e experiências relacionadas à prática profissional;

V – Transformar as atividades relacionadas ao Estágio Curricular Supervisionado em oportunidades para estabelecer diálogos entre a IES e os campos de estágio.

CAPÍTULO II

DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 22.º – As atividades de Estágio Supervisionado, no Curso de Licenciatura em Geografia devem abranger as seguintes tarefas: (Anexo III).

I – Atividades de preparação (contato com o supervisor do campo de estágio, estudo do conteúdo que está sendo trabalhado, planejamento de atividades) para a realização do estágio de coparticipação no Ensino Fundamental e Ensino Médio;

II – Estágio de coparticipação no Ensino Fundamental e Médio;

III – Elaboração do planejamento para o estágio de regência;

IV – Pesquisa, confecção e elaboração de recursos didáticos para a realização do estágio de regência;

V – Estágio de regência no Ensino Fundamental e no Ensino Médio;

VI – Elaboração dos Relatórios Finais de Estágio Curricular Supervisionado;

VII – Socialização das experiências do Estágio Curricular Supervisionado.

Parágrafo Único – As atividades a serem desenvolvidas pelo estagiário, bem como as respectivas cargas horárias, devem constar em Plano de Estágio assinado pelo acadêmico estagiário, pela unidade concedente e pelo Coordenador de Estágio do Curso.

Art. 23.º – O Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio, no 4º ano do curso, através da Disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia (MEG III) só poderá ser realizado se o acadêmico tiver concluído a disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia (MEG II), no 3º ano, sendo, portanto, um pré-requisito.

CAPÍTULO III

DA AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 24.º – A Avaliação será parte integrante do processo de formação devendo ser de forma sistemática, contínua e formativa durante a elaboração dos planejamentos, da realização do estágio, dos relatórios e da socialização das experiências do Estágio Curricular Supervisionado.

Art. 25.º – A sistemática de avaliação será desenvolvida cooperativamente pelos docentes da disciplina de Metodologia do Ensino de Geografia, pelo professor orientador-supervisor do curso, pelo professor regente do campo de estágio e pelos demais professores do curso que acompanharam o estágio de regência do acadêmico;

Art. 26.º – A nota dos estágios de coparticipação e regência é uma média aritmética simples das notas atribuídas pelo professor regente do campo de estágio, pelo professor orientador-supervisor do curso e pelos demais professores do colegiado que acompanharam as atividades de estágio (Anexo II);

Art. 26.º – A média final anual da disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia será calculada de forma ponderada, considerando os seguintes pesos:

§ 1.º: Atividades da disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia, peso de 2 (dois) pontos: atividades desenvolvidas durante o período letivo em sala de aula. Trata-se da nota atribuída pelo docente da disciplina em função das atividades desenvolvidas;

§ 2.º: Aulas de estágio de regência de classe, peso 4 (quatro) pontos: Considera a média aritmética simples entre as notas do professor regente do campo de estágio, do professor orientador supervisor do curso e dos demais professores do Colegiado que acompanharam os estágios;

§ 3.º: Relatório Final do estágio de coparticipação e regência, peso 4 (quatro) pontos:

Parágrafo Único – A nota referente ao relatório do estágio de coparticipação e regência será distribuída entre trabalho escrito (peso 2) a ser avaliado pelo docente responsável pela disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia; e apresentação oral (peso 2), com nota atribuída considerando o seminários de estágios no 3º ano e a média aritmética simples atribuída pela banca Final de estágio supervisionado no 4º ano (utilizando, este último, instrumento próprio, o Anexo IV);

Art. 27.º – Considerar-se-á aprovado na disciplina de Metodologia do Ensino da Geografia o estagiário que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete) no estágio de

coparticipação e regência de classe e média final da disciplina também igual ou superior a 7,0 (sete).

Art. 28.º – Se a nota na coparticipação e regência de classe for inferior a 7,0 (sete), o estagiário deverá realizar novo estágio, podendo ou não ser na mesma instituição e com os mesmos conteúdos. De qualquer forma, fica mantida a nota mínima 7,0 (sete) para aprovação.

§ 1º: – O estagiário deverá realizar, antes da regência, a elaboração dos planos de aula e reorganizar o projeto de estágio. Poderá ser designado outro professor orientador supervisor ou mantido o mesmo, dependendo da disponibilidade do Colegiado.

§ 2º: – Caso haja mudança de local ou regente no campo de estágio, o acadêmico estagiário deve observar a necessidade de estabelecimento de convênio e/ou novo Termo de Compromisso.

§ 3º: – À disciplina de Estágio Curricular Supervisionado não se aplica as normas referentes ao Exame Final.

§ 4º: – O aluno, quando aprovado na disciplina Metodologia do Ensino da Geografia, mas não aprovado no Estágio Curricular Supervisionado, deve realizar novamente todas as atividades vinculadas ao estágio e à disciplina.

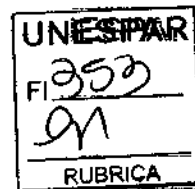
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 29.º – O seguro de acidentes pessoais em favor do estagiário será providenciado pela UNESPAR, *Campus* União da Vitória, quando do estágio curricular e pela Instituição concedente, quando do estágio extracurricular.

Art. 30.º – O cumprimento das horas de Estágio Supervisionado será em horário contrário ao funcionamento do Curso, salvo exceções, decididas pela Coordenação de Estágios do Curso juntamente com a Coordenação de Curso.

Art. 31.º – O acompanhamento e o registro das atividades previstas neste documento será efetuado em fichas próprias elaboradas pelo Colegiado de Curso de Geografia e disponibilizadas em anexo.

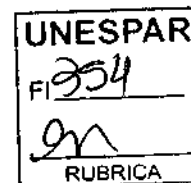
Art. 32.º – Os casos omissos neste documento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso e o responsável pelo Setor de Estágios da IES, neste *Campus*.



Art. 33.º – As atividades de estágio do curso de licenciatura em Geografia obedecerão, no que couber, às disposições da Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 e na Resolução nº 10/2015-CEPE/UNESPAR.

União da Vitória, 08 de fevereiro de 2017.

Aprovado pelo Colegiado de Geografia em 08 de fevereiro de 2017.
Registro na Ata nº. 02/2017 – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Geografia.



Anexo I

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO

A UNIDADE CONVENIADA, concedente do estágio: XXXX, com sede XXXX, CEP: XXXX, estado do XXXX, com CNPJ nº XXXX, neste ato representado pelo Sr. XXXX, portador do RG nº XXXX SSP/XX e CPF nº: XXXX e o ESTAGIÁRIO(A) XXXX, portador do RG nº: XXXX SSP/XX e CPF nº: XXXX, aluno do curso de Geografia sob a orientação do(a) Professor(a) XXXX. O estagiário atuará na área de Geografia, com interveniência da UNESPAR – UNIDADE CONVENIENTE *CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA*, com sede à Praça Coronel Amazonas, S/N, no município de União da Vitória – Paraná, CNPJ n.º05.012.896/0005-76, neste ato representada, por delegação do Senhor Reitor Antonio Carlos Aleixo, pelo Diretor(a) VALDERLEI GARCIAS SANCHES, do Campus de União da Vitória, portador do RG 2.042.410-9 SSP/PR, inscrito no CPF 439.387.529-04, nomeado pela Portaria 450, de 20 de junho de 2016, celebram entre si este Termo de Compromisso de Estágio, mediante as seguintes cláusulas e condições:

CLÁUSULA 1ª – Este termo de compromisso reger-se-á pela legislação vigente em relação aos estágios obrigatórios e não obrigatórios, em especial pela Lei nº 11.788/2008 e pela Resolução nº 10/2015 – CEPE/UNESPAR e pelo Termo de Convênio celebrado entre a UNIDADE CONVENIADA e a UNIDADE CONVENIENTE considerando o estágio como ato educativo, desenvolvido no ambiente de trabalho, sob a orientação e supervisão de docentes, objetivando a formação profissional e humana.

CLÁUSULA 2ª – O estágio será realizado no horário e dias normais de funcionamento da UNIDADE CONCEDENTE, no período ___/___/___ a ___/___/___ totalizando ___ horas.

CLÁUSULA 3ª – O estágio, obrigatório ou não obrigatório, não poderá ter jornada superior a 06 horas diárias ou 30 horas semanais, exceto os realizados na condição de imersão, que poderão ter carga horária de 08 horas diárias ou 40 horas semanais, desde que previsto no Projeto Pedagógico do Curso, nos termos do § 1º do Art. 10 da Lei nº 11.788/2008.

CLÁUSULA 4ª – As atividades do ESTAGIÁRIO(A) na Unidade CONCEDENTE não configurarão a existência de vínculo empregatício, de acordo com o artigo 6º do Decreto 87.497/82.

CLÁUSULA 5ª – O ESTAGIÁRIO(A), no local, período e horário de atividades, estará seguro contra acidentes pessoais, conforme apólice nº 8200578 da Metropolitan Life Seguros e Previdência Privada (no caso de estágio curricular obrigatório).

CLAUSULA 6ª – O ESTAGIÁRIO(A) se compromete a observar o regulamento disciplinar da UNIDADE CONCEDENTE e a atender as orientações recebidas na mesma.

CLÁUSULA 7ª – O Estágio poderá ser interrompido pela UNIDADE CONCEDENTE ou pelo ESTAGIÁRIO(A), mediante comunicação por escrito, feita com 5 (cinco) dias de antecedência, no mínimo, não implicando em indenização de qualquer espécie, para qualquer uma das partes.

CLÁUSULA 8ª – Durante o período de estágio, o ESTAGIÁRIO(A) receberá a título de gratificação a remuneração de R\$ 00,00 (zero) (no estágio não obrigatório especificar o valor a receber) mensalmente.

CLÁUSULA 9ª – A UNIDADE CONCEDENTE fornecerá ao ESTAGIÁRIO(A), ao final do estágio, Declaração de Atividades, a fim de que este possa comprovar a sua experiência.

CLÁUSULA 10ª – Fica eleito o foro da Comarca de _____, Estado do Paraná, para dirimir as questões porventura oriundas deste Termo de Compromisso, com renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem assim justos e compromissados, assinam o presente Termo de Compromisso em 03 (três) vias de igual teor e forma.

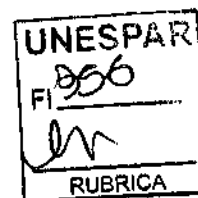
União da Vitória, XX de XX de XXXX.

Estudante

Representante da Unidade
Concedente (CARIMBO)

Orientador do Colegiado do Curso ou
Coordenador de Estágio

Valderlei Garcias Sanches
Diretor do Campus
Portaria nº 450 de 20/06/2016



Anexo II

**INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE
REGÊNCIA**

Acadêmico Estagiário: _____

Prof. Supervisor/regente: _____

Escola: _____

Série: _____

Data: _____

1. Motivação e incentivo	Motivação inicial durante as aulas. Participação ativa, correlação com o real. Introdução ao assunto da aula a partir do conhecimento do aluno, interagindo com a turma.	0 a 2 ptos.
2. Plano de aula e conteúdo	Valor e propriedade dos objetivos. Seleção e organização dos conteúdos. Correção, precisão e atualização desses dados. Dosagem e adequação ao nível. Seleção dos procedimentos e dos recursos.	0 a 2 ptos.
3. Métodos e Habilidades	Variedade e propriedade dos procedimentos e dos recursos audiovisuais. O uso do quadro de giz, habilidade de olhar, perguntar e fazer participar.	0 a 2 ptos.
4. Postura ética/profissional	Relação de respeito e compromisso com o aluno professores, corpo administrativo e ambiente escolar.	0 a 2 ptos.
5. Atitude Manejo, voz e linguagem	Altura, variação, ritmo, expressividade, clareza, correção, fluência, segurança liderança, eficiência no tempo, domínio de classe.	0 a 2 ptos.
Nota Final:		

Comentários:

União da Vitória, XX de XX de XXXX.

Professor Supervisor/Regente na escola

Anexo III

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO POR TURMA, PARA 3º E 4º ANO

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NÚMERO DE HORAS	DATA	VISTO DO COORD. ESTÁGIO
1. CAMPO DE ESTÁGIO	30 HORAS		
Ida ao campo de estágio (contato inicial e organização da documentação).	06		
Encontros com professor Regente (elaboração de planos de aula e atividades).	08		
Leitura e análise dos documentos institucionais do campo de estágio.	10		
Coparticipação junto ao docente regente da escola onde será desenvolvido o projeto de estágio.	06		
2. PRODUÇÃO DO PROJETO DE ESTÁGIO	80 HORAS		
Elaboração do projeto de estágio (planos de aula, texto teórico, documentação) para aplicação no Ensino Fundamental/Médio.	40		
Encontros com o professor orientador supervisor e o professor regente do campo de estágio para discussão do projeto de estágio.	20		
Pesquisa teórica, produção de material didático, organização das aulas, seleção dos instrumentos de avaliação.	20		
3. ESTÁGIO DE REGÊNCIA	10 HORAS		
Regência com acompanhamento do professor da escola campo de estágio e supervisão do professor orientador supervisor do estágio.	10		
4. RELATÓRIO FINAL	30 HORAS		
Organização da produção escrita, fundamentando a teoria e a prática. Relato das atividades realizadas. Anexos necessários que promovem o relato da vivência.	30		
5. SEMINÁRIO/BANCA	50 HORAS		
Produção e apresentação de seminários e bancas finais de estágio supervisionado. Participação ativa nos seminários e bancas.	50		
TOTAL: 200 HORAS POR ANO			



Anexo IV

ENCAMINHAMENTO DOS ACADÊMICOS AOS CAMPOS DE ESTÁGIO

Direção e/ou Equipe Pedagógica

O Colegiado de Geografia da UNESPAR, o Coordenador de Estágio e o Orientador de Estágio e do Trabalho Final de Estágio Supervisionado do *Campus* de União da Vitória, solicitam sua autorização para que Acadêmico (a) _____ 3^a/4^a série 20____, realize suas atividades de Estágio Curricular Supervisionado prevista na Resolução CNE/CP n.º. 2/2015 e na Lei n.º. 11.788/2008 e que estão contempladas no Regulamento de Estágio do Colegiado de Geografia, perfazendo 20h das Atividades do Estágio Supervisionado a ser realizadas em sua Instituição, descritas abaixo.

Para isso contamos com seu apoio, pedindo a gentileza de encaminhar o acadêmico (a) ao Professor responsável na área em sua instituição, a fim de desenvolver suas atividades descritas a seguir:

- Contato com a escola e com professor regente da disciplina de Geografia da Instituição. Observação coparticipativa junto à classe nas aulas.
- Observação, análise dos espaços da escola, para conhecer a estrutura, Projeto Político Pedagógico Escolar, diálogo com os sujeitos da escola, equipe pedagógica, direção, funcionários. Conhecer, o horário, o planejamento do professor de Geografia nas Escolas, os livros didáticos utilizados, biblioteca da escola, laboratório de informática, entre outros.
- Estágio de coparticipação e Regência, conforme Resolução n.º. 010/2015-CEPE/UNESPAR, acompanhado do professor orientador-supervisor e do professor regente na escola.

Autorizo o acadêmico a realizar seu estágio nesta Instituição:

Diretor da Escola Campo de Estágio (carimbo)

Orientador Supervisor de Estágio 3^o/4^o ano

Acadêmico(a)

União da Vitória, ____/____/20____.

Anexo V

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE APRESENTAÇÃO ORAL DO RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nome do(a) acadêmico(a): _____

Orientador-Supervisor(a) de estágio: _____

Professor Regente: _____

Temática do Projeto de estágio: _____

Quadro de notas

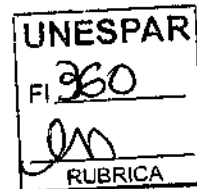
Nota do(a) Docente da Disciplina – MEG III:	
Nota do(a) Professor(a) Regente:	
Nota do(a) Avaliador(a) 2, caso haja.	
Média	
Resultado	

Indicações da banca a serem incluídas na versão final do Relatório de Estágio:

União da Vitória, ____ de _____ de _____.

De acordo com o regulamento de Estágio Supervisionado a banca deve avaliar:

- I - A apropriação e a articulação das ideias dos autores citados com a produção do(a) aluno(a).
- II - O aprofundamento teórico e crítico com que foi desenvolvido o tema de estágio;
- III - A adequação e fundamentação metodológica do estágio;
- IV - A apresentação pública e a clareza na exposição das atividades.



Anexo VI

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ata de apresentação do Trabalho Final do Estágio Supervisionado do(a) acadêmico(a) XXXX do 4º ano do Curso de Geografia. Aos XXXX dias do mês de XXXX de dois mil e XXXX, com início às XXXX horas, na sala XXXX, da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória, reuniu-se a banca examinadora composta pelos seguintes professores: Presidente: XXXX, Coordenador de Estágio: XXXX, Professor Orientador Supervisor: XXXX, Professor regente na escola de estágio: XXXX para a apresentação pública e avaliação do relatório. Os trabalhos foram abertos pelo presidente da sessão de defesa pública XXXX, que saudou os membros da banca e aos presentes, passando a palavra ao (a) acadêmico (a) XXXX para que expusesse o seu Relatório do Trabalho Final de Estágio Supervisionado intitulado: XXXX. A seguir, os membros da banca iniciaram as arguições. Terminados os questionamentos, a comissão reuniu-se para avaliar e deliberar sobre o trabalho. O (a) acadêmico (a) obteve a nota (XXXX) XXXX sendo considerado (a) XXXX. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente Ata, que após lida e aprovada segue assinada pelos membros da Banca Examinadora do Curso de Geografia da UNESPAR – *Campus* União da Vitória.

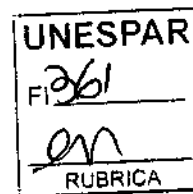
União da Vitória, XX de XX de XXXX.

Coordenador de Estágio do Curso de Geografia

Orientador e supervisor do estagiário na IES

Professor Regente na Escola

Acadêmico (a)



Anexo VII

DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO

Para os diferentes fins e de acordo com o disposto na Lei nº. 7, de 12/02/2009, na Lei nº. 11.788, de 25/09/2008 e na Lei nº. 8.112, 11/12/1990, DECLARAMOS que o(a) acadêmico(a) XXXX CPF Nº XXXX, regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Geografia desta instituição, nos termos do Projeto Político Pedagógico de Curso, esteve realizando atividades de estágio obrigatório, no(s) dia(s) XXXX. Nos termos da legislação vigente, salientamos que o referido estágio foi devidamente acompanhado pelo supervisor do campo de estágio e pelo orientador do Colegiado.

Por ser verdade, subscrevemos.

União da Vitória, XX de XX de XXXX.

Coordenador/Responsável pelos Estágios
Curso de GEOGRAFIA
UNESPAR – *Campus* União da Vitória

Anexo VIII

ROTEIRO DE PROJETO DE ESTÁGIO

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome do(a) estudante:

1.2 Turma e turno:

1.3 Número de matrícula:

1.4 Período/ano de estágio:

1.5 Campo de estágio:

1.6 Endereço do campo de estágio (setor ou unidade operacional onde o estágio está sendo realizado):

1.7 Nome do professor supervisor/orientador de estágio da IES:

1.8 Nome do orientador do campo de estágio:

1.9 Carga Horária do Estágio:

2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

Detalhar informações acerca do local em que está sendo desenvolvido o estágio, nome da escola e seu histórico, endereço, município se é de natureza pública, privada, objetivos e missão no Projeto Político da Escola, qual a população atendida, turno.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO PROFISSIONAL

Quais os objetivos do Campo Profissional; atribuições do profissional, práticas desenvolvidas e instrumentos técnicos mais utilizados na sua ação profissional; formas de registro, análise e avaliação.

4. TEMA DESENVOLVIDO NO ESTÁGIO

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

5.2 Objetivos Específicos

6. METODOLOGIA

6.1 Planos de aula

7. DETALHAMENTO DAS AÇÕES E INSTRUMENTOS DIDÁTICOS UTILIZADOS

7.1 Atividade

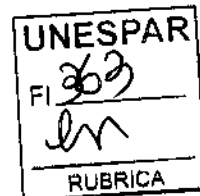
7.2 Operacionalização

8. AVALIAÇÃO

9. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

10. REFERÊNCIAS

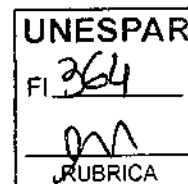
União da Vitória, XX de XX de XXXX.



Estudante

Supervisor/Orientador de estágio da IES

Professor regente na escola



Anexo IX

ROTEIRO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO
(FINAL – 3º e 4º Anos)

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome do(a) estudante:

1.2 Turma e turno:

1.3 Número de matrícula:

1.4 Período/ano de estágio:

1.5 Campo de estágio:

1.6 Endereço do campo de estágio(setor ou unidade operacional onde o estágio foi realizado):

1.7 Nome do professor supervisor/orientador de estágio da IES:

1.8 Nome do orientador do campo de estágio:

1.9 Carga Horária do Estágio:

2. INTRODUÇÃO

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA COM BASE NA EDUCAÇÃO E EM RELAÇÃO AO ENSINO DA GEOGRAFIA

4. PLANOS DE AULA E TODAS AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

5. CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

6. REFLEXÕES E SUGESTÕES

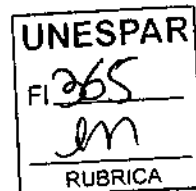
7. CONCLUSÃO

8. REGISTROS (IMAGENS, FOTOS, DEMAIS DOCUMENTOS)

9. ASSINATURAS DO ESTUDANTE, PROFESSOR ORIENTADOR DA IES E ORIENTADOR DO CAMPO DE ESTÁGIO

10. REFERÊNCIAS

11. ANEXOS



Anexo IX REGULAMENTO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)
CURSO DE GEOGRAFIA DA UNESPAR
CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA – PR

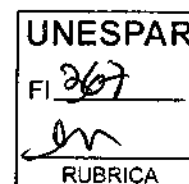
Define, distribui e normatiza as Atividades Complementares (ACs) a serem realizadas no curso de Geografia.

Em conformidade, com o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, PPI – Projeto Político Institucional e com PPC – o Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia, este Colegiado estabelece:

Seção I – DAS DISPOSIÇÕES INICIAIS

Art. 1º - As Atividades Complementares (ACs) têm como finalidade oferecer aos acadêmicos a oportunidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, relacionando teoria e prática, possibilitando a ampliação dos conhecimentos didáticos, curriculares, científicos e culturais por meio de práticas realizadas dentro e fora do Colegiado de Geografia da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória. A exigência das Atividades Complementares se fundamenta no Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 9.394/96, que prevê a estimulação cultural, científica, reflexiva e profissional no Ensino Superior; na Resolução Conselho Nacional de Educação - CNE/CP nº. 02/2015, que institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, sendo 200 horas de Atividades Complementares; e no Parecer do CNE/CES nº. 0134/2003, que justifica sua exigência nos cursos de graduação. As Atividades Complementares são parte integrante do currículo do curso de Licenciatura em Geografia e devem ser desenvolvidas dentro do prazo de conclusão do curso, sendo componente curricular obrigatório para a graduação do (a) acadêmico (a).

Seção II – DOS PRINCÍPIOS GERAIS



Art. 02 - Atividades Complementares (ACs) são todas as atividades de natureza acadêmica, científica, artística e cultural que buscam a integração entre o Ensino, a Pesquisa, a Extensão e a Representação Estudantil e que não estão compreendidas nas práticas pedagógicas previstas no desenvolvimento regular das disciplinas obrigatórias ou optativas do currículo pleno. Sendo, portanto, um instrumento para o aprimoramento e o desenvolvimento de conhecimentos inerentes à prática profissional da Geografia. Constituem elementos enriquecedores e implementadores do próprio perfil do profissional.

Parágrafo único – Fica estabelecido o cumprimento da carga-horária mínima de 200 horas de Atividades Complementares fixadas no currículo deste Curso de Licenciatura em Geografia, sendo requisito legal e indispensável à conclusão do mesmo e à colação de grau. A carga horária atribuída deve ser cumprida pelo (a) acadêmico (a) durante a graduação, não havendo um limite máximo de atividades a serem desenvolvidas.

Art. 3º - As Atividades Complementares constituem-se de atividades inseridas nas seguintes dimensões (Anexo I):

§1º. Atividades vinculadas ao ENSINO, mínimo de 40 horas: são aquelas que estimulam e favorecem o aprendizado de práticas inerentes a docência. São consideradas como atividades dessa dimensão: as monitorias de atividades acadêmicas no curso de Geografia; estágio extracurricular não-obrigatório; observação/acompanhamento de aulas nas escolas; produção de material didático; participação em mostras e exposições da área; participação em projetos e programas como o PIBID – Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência e similares; disciplinas acadêmicas cursadas como enriquecimento curricular em cursos afins; participação em grupos de estudo coordenados por professores do Colegiado.

§2º. Atividades vinculadas à PESQUISA, mínimo de 40 horas: são todas as atividades em que o discente participa diretamente em projetos científicos de pesquisa, sendo orientado pelo professor-pesquisador. Compõe essa dimensão: participação em projeto de pesquisa de Iniciação Científica como bolsista ou voluntário; publicação de artigos científicos completos em periódicos ou anais de evento da área; publicação de resumos, resumos expandidos ou painéis em eventos científicos da área; apresentação de comunicação oral, palestra ou similar em evento científico da área; autoria ou co-autoria de livro ou capítulo da área; participação em eventos científicos, seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área; visitas técnicas, excursões

científicas ou aulas de campo na área das pesquisas; participação em grupo de estudos coordenado pelo professores do Colegiado.

§3º. Atividades vinculadas à EXTENSÃO, mínimo de 40 horas: são aquelas ações voltadas à comunidade que contribuem para a consolidação dos princípios contidos no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia e na política acadêmica da UNESPAR. São consideradas como atividades dessa dimensão: participação em projetos de extensão como bolsista ou voluntário; visitas técnicas e excursões científicas referentes aos projetos de extensão; realização de estágio extracurricular não-obrigatório na área; participação em programas de voluntariado na área; participação em atividades artísticas e culturais ligadas à temática do curso; criação e manutenção de *home page*, *blog*, peças publicitárias, jornal impresso ou similares, de interesse do curso de Geografia; monitoria acadêmica na organização de atividades práticas nos eventos do curso; participação em grupo de estudos coordenados por professores do Colegiado.

§4º. Atividades vinculadas à REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL: São atividades que visam contribuir no aperfeiçoamento profissional e na formação pessoal do discente com estímulo a docência. São consideradas como atividades dessa dimensão: participação e atuação como membro no Diretório Estudantil do Campus (DCE); participação no Centro Acadêmico do Curso de Geografia (CAGEO); participação como Representante de Turma e representatividade nas comissões da UNESPAR.

Seção III – DAS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR DO CURSO

Art. 04º: Ao Coordenador de Curso compete:

I. Orientar os alunos quanto ao desenvolvimento das Atividades Complementares levando ao conhecimento o presente Regulamento;

II. Propiciar condições para o desenvolvimento do processo de avaliação e acompanhamento das Atividades Complementares;

III. Constituir comissão avaliadora de Atividades Complementares, composta por no mínimo 2 (dois) professores indicados pelo Colegiado de Curso. A referida comissão considerará como base de análise e validação o Anexo I.

IV. Elaborar e divulgar edital específico com prazo para a entrega do “Requerimento para análise e avaliação das Atividades Complementares” (Anexo II), juntamente com o “Formulário para validação das Atividades Complementares” (com documentos comprobatórios) (Anexo III);

§1º. O Requerimento e o Formulário acima mencionados deverão ser encaminhados no último ano da graduação como requisito indispensável à conclusão do curso;

§2º. Serão considerados documentos comprobatórios: certificados, declarações, anais de evento, periódicos, livros, documento de nomeação, portarias, ou o “Relatório de Participação e Realização de Atividades Complementares” (Anexo IV). Deverão ser encaminhadas cópias simples (frente e verso, se houver) dos documentos originais.

V. Encaminhar à Secretaria Acadêmica os resultados da validação das Atividades Complementares, bem como as cópias dos documentos comprobatórios, para o devido registro em histórico escolar e arquivamento.

DO ACADÊMICO

Art. 5º. Ao acadêmico da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória, regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Geografia, compete:

- I. Conhecer o Regulamento das Atividades Complementares e seus anexos;
- II. Inscrever-se nos projetos, programas e propostas, participando efetivamente das atividades oferecidas;
- III. Providenciar, arquivar e controlar a documentação comprobatória, relativa à sua participação efetiva nas Atividades Complementares realizadas, atestando sua veracidade;
- IV. Respeitar os prazos e os procedimentos determinados em editais para a validação das Atividades Complementares;
- V. Cumprir a carga horária estabelecida na matriz curricular deste curso para as Atividades Complementares, ou seja, 200 horas.

Seção IV – DA AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 06º: As Atividades Complementares serão validadas se compatíveis e relevantes para a formação do aluno no curso de Licenciatura em Geografia, ou seja, se atenderem aos objetivos do curso.

Art. 07: As Atividades Complementares deverão ser cumpridas considerando as propostas e ofertas do Colegiado de Geografia da UNESPAR – *Campus* de União da Vitória, sendo permitido ao aluno a possibilidade de cumprir 20%, ou seja, 40 horas, em Atividades Complementares em outras instituições, desde que, na área da Geografia ou afins.

Art. 08: Somente será considerada a participação em atividades desenvolvidas a partir do ingresso do aluno no curso.

Art. 09: O aluno deve completar, obrigatoriamente, atividades nas seguintes dimensões: Ensino (mínimo de 40 horas), Pesquisa (mínimo de 40 horas) e Extensão (mínimo de 40 horas); sendo as atividades vinculadas à Representação Estudantil, opcionais.

Art. 10: Para a avaliação das Atividades Complementares, será aberto um edital público que definirá as datas da entrega do “Requerimento para análise e avaliação das Atividades Complementares”, juntamente com o “Formulário para validação das Atividades Complementares” (com documentos comprobatórios); pelos alunos concluintes.

§1º: O Colegiado de Geografia definirá uma comissão avaliadora a ser composta por pelo menos dois professores do curso que farão a avaliação destas Atividades Complementares informando, posteriormente, via edital, as horas validadas.

Art. 11º: Os casos omissos deste Regulamento serão resolvidos pelo Colegiado de Geografia da UNESPAR, *Campus* de União da Vitória, considerando o Projeto Político Pedagógico vigente e os objetivos do curso.

União da Vitória, 08 de fevereiro de 2017.

Aprovado pelo Colegiado de Geografia em 08 de fevereiro de 2017.

Registro na Ata nº. 02/2017 – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Geografia.

Anexo I

DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

1. ATIVIDADE DE ENSINO – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA	C/H MÁXIMA
1.1 Monitoria de disciplinas acadêmicas no curso de Geografia.	10 horas por ano	20 horas
1.2 Estágio extracurricular não-obrigatório.	05 horas por ano	20 horas
1.3 Aulas de observação/acompanhamento nas escolas.	05 horas por ano	20 horas
1.4 Produção de material didático.	04 horas por produção	16 horas
1.5 Participação em Mostras e Exposições da área.	04 horas por participação	16 horas
1.6 Participação em Projetos e Programas como PIBID e similares no Ensino.	10 horas por ano	20 horas
1.7 Disciplinas acadêmicas cursadas como enriquecimento curricular em cursos afins.	20 horas	20 horas
1.8 Participação em grupo de estudos coordenados por professores do Colegiado.	20 horas	20 horas
1.9 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.	02 horas por participação	16 horas
1.10 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de ensino.	05 horas por apresentação	25 horas

2. ATIVIDADE DE PESQUISA – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA	C/H MÁXIMA
2.1 Participação em projetos de pesquisa de Iniciação Científica como bolsista ou voluntário.	10 horas por projeto/ano	20 horas
2.2 Publicação de artigo científico completo em periódico ou anais de evento da área.	04 horas por artigo	16 horas
2.3 Publicação de resumo, resumo expandido ou painel em evento científico da área.	02 horas por produção	10 horas
2.4 Apresentação de comunicação oral, palestra ou similar em evento científico da área.	04 horas por apresentação	16 horas
2.5 Autoria ou co-autoria de livro ou capítulo de livro na área.	10 horas por produção	20 horas
2.6 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.	02 horas por participação	16 horas
2.7 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de pesquisa.	05 horas por apresentação	25 horas
2.8 Visitas técnicas, excursões científicas ou aulas de	05 horas para cada saída	20 horas

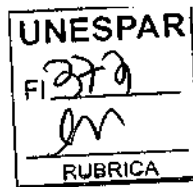
campo na área das pesquisas.		
2.9 Participação em grupos de estudos coordenados por professores do Colegiado.	20 horas	20 horas

3. ATIVIDADE DE EXTENSÃO – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA	C/H MÁXIMA
3.1 Participação em projetos de extensão como bolsista ou voluntário.	10 horas por projeto	20 horas
3.2 Visitas técnicas e excursões científicas referentes aos projetos de extensão.	05 horas para cada saída	20 horas
3.3 Realização de Estágio Extracurricular não-obrigatório na área de Geografia.	10 horas por ano	20 horas
3.4 Participação em programas de voluntariado na área da Geografia.	04 horas por programa	16 horas
3.5 Participação em atividades artísticas e culturais assistidas e ligadas à temática do Curso.	02 horas por participação	14 horas
3.6 Criação e manutenção de <i>home page</i> , <i>blog</i> , peças publicitárias, jornal impresso e ou outros, de interesse do curso de Geografia.	02 horas por criação	10 horas
3.7 Monitoria acadêmica na organização de atividades práticas nos eventos do curso.	10 horas/ano	30 horas
3.8 Participação em grupos de estudos supervisionados por professores do Colegiado.	20 horas	20 horas
3.9 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.	02 horas por participação	16 horas
3.10 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de extensão.	05 horas por apresentação	25 horas

4. ATIVIDADE DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA	C/H MÁXIMA
4.1 Participação como membro do Diretório Estudantil (DCE).	05 horas por ano	10 horas
4.2 Participação como membro do Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO).	05 horas por ano	10 horas
4.3 Participação como representante de turma.	05 horas por ano	10 horas
4.4 Participação como membro nas comissões e conselhos da UNESPAR.	05 horas por ano	15 horas



Anexo II

**REQUERIMENTO PARA ANÁLISE E VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES
COMPLEMENTARES**

Eu, _____,
aluno (a) regularmente matriculado no Curso de Geografia, matrícula n. _____,
venho através deste requerer a análise e validação das Atividades Complementares listadas no
formulário das Atividades Complementares (Anexo III), conforme estabelece o Projeto
Político Pedagógico do Curso de Geografia.

Em Anexo, fotocópias dos comprovantes, as quais atesto veracidade e fidedignidade.

União da Vitória, ____ de _____ de _____.

Assinatura do requerente

PROTOCOLO DE ENTREGA DE DOCUMENTOS DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Acadêmico (a): _____

Data da entrega da documentação: ____/____/____.

Recebido por: _____

Assinatura do (a) recebedor (a): _____



Anexo III

FORMULÁRIO PARA VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

(Anexar cópias dos documentos comprobatórios)

Acadêmico (a): _____

Matrícula n°: _____

1. ATIVIDADE DE ENSINO – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA APRESENTADA	C/H VÁLIDA
1.1 Monitoria de disciplinas acadêmicas no curso de Geografia.		20 horas
1.2 Estágio extracurricular não-obrigatório.		20 horas
1.3 Aulas de observação/acompanhamento nas escolas.		20 horas
1.4 Produção de material didático.		16 horas
1.5 Participação em Mostras e Exposições da área.		16 horas
1.6 Participação em Projetos e Programas como PIBID e similares no Ensino.		20 horas
1.7 Disciplinas acadêmicas cursadas como enriquecimento curricular em cursos afins.		20 horas
1.8 Participação em grupo de estudos coordenados por professores do Colegiado.		20 horas
1.9 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.		16 horas
1.10 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de ensino.		25 horas
TOTAL		

2. ATIVIDADE DE PESQUISA – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA APRESENTADA	C/H MÁXIMA
2.1 Participação em projetos de pesquisa de Iniciação Científica como bolsista ou voluntário.		20 horas
2.2 Publicação de artigo científico completo em periódico ou anais de evento da área.		16 horas
2.3 Publicação de resumo, resumo expandido ou painel em evento científico da área.		10 horas
2.4 Apresentação de comunicação oral, palestra ou similar em evento científico da área.		16 horas
2.5 Autoria ou co-autoria de livro ou capítulo de livro na área.		20 horas
2.6 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.		16 horas
2.7 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de pesquisa.		25 horas
2.8 Visitas técnicas, excursões científicas ou aulas de campo na área das pesquisas.		20 horas

2.9 Participação em grupos de estudos coordenados por professores do Colegiado.		20 horas
TOTAL		

3. ATIVIDADE DE EXTENSÃO – MÍNIMO DE 40 HORAS

ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA APRESENTADA	C/H MÁXIMA
3.1 Participação em projetos de extensão como bolsista ou voluntário.	10 horas por projeto	20 horas
3.2 Visitas técnicas e excursões científicas referentes aos projetos de extensão.	05 horas para cada saída	20 horas
3.3 Realização de Estágio Extracurricular não-obrigatório na área de Geografia.	10 horas por ano	20 horas
3.4 Participação em programas de voluntariado na área da Geografia.	04 horas por programa	16 horas
3.5 Participação em atividades artísticas e culturais assistidas e ligadas à temática do Curso.	02 horas por participação	14 horas
3.6 Criação e manutenção de <i>home page</i> , <i>blog</i> , peças publicitárias, jornal impresso e ou outros, de interesse do curso de Geografia.	02 horas por criação	10 horas
3.7 Monitoria acadêmica na organização de atividades práticas nos eventos do curso.	10 horas/ano	30 horas
3.8 Participação em grupos de estudos supervisionados por professores do Colegiado.	20 horas	20 horas
3.9 Participação de eventos científicos; seminários, jornadas, fóruns, encontros, cursos, oficinas, congressos, conferências, simpósios, palestras da área.	02 horas por participação	16 horas
3.10 Apresentação de trabalhos científicos em eventos de extensão.	05 horas por apresentação	25 horas
TOTAL		

4. ATIVIDADE DE REPRESENTAÇÃO ESTUDANTIL

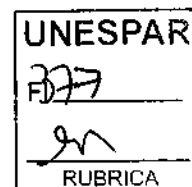
ATIVIDADE DESENVOLVIDA	CARGA HORÁRIA APRESENTADA	C/H MÁXIMA
4.1 Participação como membro do Diretório Estudantil (DCE).		10 horas
4.2 Participação como membro do Centro Acadêmico de Geografia (CAGEO).		10 horas
4.3 Participação como representante de turma.		10 horas
4.4 Participação como membro nas comissões e conselhos da UNESPAR.		15 horas
TOTAL		

Total de horas cumpridas: _____

Total de horas validadas: _____

Comissão avaliadora do Colegiado de Geografia:

União da Vitória, ____ de _____ de _____



Anexo X PLANO DE ATIVIDADES DE CAMPO
PLANO DE ATIVIDADES DE CAMPO

(Conforme previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Geografia da UNESPAR – *Campus* União da Vitória).

1. INFORMAÇÕES GERAIS

- 1.1 Professor (a):
- 1.2 Disciplina:
- 1.3 Data e horário da saída:
- 1.4 Data e horário da chegada:
- 1.5 Número de alunos participantes:
- 1.6 Forma de deslocamento:

2. SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

- 2.1 Local a ser visitado (descrever todos):
- 2.2 Objetivos do trabalho de campo:
- 2.3 Carga horária total destinada:
- 2.4 Relação com as atividades do curso:
- 2.5 Resultados esperados:

Observação: Realizar relatoria do trabalho de campo na reunião seguinte de Colegiado, com registro em Ata.

União da Vitória, ___/___/_____.

Assinatura do Professor Responsável pela atividade de campo

PARECER DO COLEGIADO SOBRE SOLICITAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO:

I - Parecer do Colegiado:

Registro na Ata: _____ **De:** ___/___/_____.

União da Vitória, ___/___/_____.

Visto da Coordenação do Curso de Geografia
UNESPAR – *Campus* União da Vitória/PR